



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO BRASILEIRA**

RODRIGO DE SOUZA OLIVEIRA

**PRÁXIS EMANCIPATÓRIA E ORGANIZAÇÃO DA CULTURA:
O QUE DIZEM OS SUJEITOS QUE FAZEM O COMITÊ DE CULTURA DE
MARACANAÚ (CE)**

**FORTALEZA
2023**

RODRIGO DE SOUZA OLIVEIRA

PRÁXIS EMANCIPATÓRIA E ORGANIZAÇÃO DA CULTURA:
O QUE DIZEM OS SUJEITOS QUE FAZEM O COMITÊ DE CULTURA DE
MARACANAÚ (CE)

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Educação Brasileira, na área de concentração Movimentos Sociais.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Ângela Maria Bessa Linhares

FORTALEZA
2023

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Universidade Federal do Ceará
Sistema de Bibliotecas

Gerada automaticamente pelo módulo Catalog, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

O51p Oliveira, Rodrigo de Souza.
PRÁXIS EMANCIPATÓRIA E ORGANIZAÇÃO DA CULTURA : O QUE DIZEM OS SUJEITOS QUE FAZEM O COMITÊ DE CULTURA DE MARACANAÚ (CE) / Rodrigo de Souza Oliveira. – 2023.
208 f. : il. color.

Dissertação (mestrado) – Universidade Federal do Ceará, Faculdade de Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação, Fortaleza, 2023.

Orientação: Prof. Dr. Ângela Maria Bessa Linhares.

1. POLÍTICA CULTURAL. 2. EDUCAÇÃO. 3. EDUCAÇÃO POLÍTICA. 4. EDUCAÇÃO PARA CIDADANIA. 5. DIVERSIDADE CULTURAL. I. Título.

CDD 370

RODRIGO DE SOUZA OLIVEIRA

PRÁXIS EMANCIPATÓRIA E ORGANIZAÇÃO DA CULTURA:
O QUE DIZEM OS SUJEITOS QUE FAZEM O COMITÊ DE CULTURA DE
MARACANAÚ (CE)

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Educação Brasileira, na área de concentração Movimentos Sociais.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Ângela Maria Bessa Linhares

Aprovada em 21/11/2023.

BANCA EXAMINADORA

Ângela Maria Bessa Linhares
Universidade Federal do Ceará (UFC)

João Batista de Albuquerque Figueiredo
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Alexandre Almeida Barbalho
Universidade Estadual do Ceará (UECE)

Ao povo da cultura, que trabalha, pensa, estuda, experimenta, encanta, enfrenta, cuida, cura, traga, traduz e reinventa a cidade.

Especialmente às trabalhadoras e aos trabalhadores da cultura de Maracanaú, Ceará, lugar que me acolheu como morador e pesquisador e onde meus filhos também crescem fazendo parte da cultura.

Ao meu pai, Dium, (*in memoriam*), que logo cedo me instigou a perguntar “por quê?” pra tudo. E é assim que é.

Saravá!

AGRADECIMENTOS

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001.

Agradeço a todas as pessoas que colaboraram com esta pesquisa, especialmente artistas, produtora(e)s culturais, professora(e)s, técnicos(a)s, pesquisadore(a)s do patrimônio histórico-cultural e demais trabalhadoras e trabalhadores da cultura de Maracanaú que contribuíram neste processo com seus pensamentos, sua sensibilidade, fotografias, ilustrações, textos e tantas outras contribuições para este trabalho. Ao todo, foram 35 pessoas escutadas, com o coração atento e com o compromisso de fazer a escuta virar saber e prática.

Agradeço à Isabel Eickmann, pessoa que eu amo, mulher-parceira, luz e provocação que me faz pensar e repensar todo dia sobre ser homem e quanta missão tem nisso. Minha interlocutora em todo o processo do mestrado. E em tanto mais. Agradeço de coração!

Agradeço aos meus filhos/enteados: Zek, Uirá, Pedro e Eliot, que estão sempre por perto e se dispuseram a embarcar nessa frequência comigo, considerando algumas ausências devido ao furacão que foi tocar esta pesquisa. Gente que eu amo e que vou amar sempre. Filhos-escola!

Agradeço à minha mãe Itacira e a meus irmãos Daniel e Rafael, que montaram comigo uma base para fazer virar esse caminho que foi a nossa família. Que a gente possa sempre aprender com esse caminho e fazer dele algo sem fim, que se ressignifique e siga sempre regido pelo afeto, pela crítica e pela eterna transformação. Agradeço ao povo Lameu, que me inspirou sempre e que é base da minha rasura, da minha poesia, da minha indignação e dessa coisa de interferir, intervir, para construir o sonho.

Agradeço à Maria Lúcia, Aldenora e a todos os Encangalhados, que formam uma coletividade incrível, que aprendi com gosto a chamar de família.

Agradeço à Associação Cearense de Medicina de Família e Comunidade, onde trabalho, na pessoa de seu presidente Bob Maranhão, que me foi muito solidária na reta final do mestrado, flexibilizando o horário do meu expediente (depois levo o atestado...). Também aos meus parceiros do Choro Cabuloso, grupo musical que integro e que nos últimos tempos estive ausente. Mas já que eu volto.

Agradeço por toda música que ouvi enquanto escrevia e revisava esta dissertação. A música é o ambiente que me faz potente, cenário de tantos discursos e provocações que me ensinam a olhar o mundo e ver eu mesmo.

Agradeço à equipe de funcionária(o)s do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal, dentre professore(a)s e técnica(o)s, que contribuíram profundamente para minha formação integral oferecida pela universidade pública do Brasil, bem como para que os procedimentos administrativos fossem realizados de acordo. Agradeço também às/aos colegas estudantes do PPGE, com quem partilhei esse caminho de aprendizado e construção da pesquisa.

Agradeço pela gente querida que me ajudou a pensar no projeto de mestrado, ainda antes da inscrição: Edneia Tutti, Ninno Amorim, Francirene Sousa Paula, Jair Soares e, naturalmente, Gigi Castro, amada que é sempre uma heroína.

Agradeço a toda(o)s o(a)s estudantes que tenho e tive nas minhas rodas de conversa, aulas e experimentos pedagógicos. Fundamental essa troca para a formação multilateral e multidimensional da gente. Ensino-aprendizagem: partilha, experimento, descoberta, invenção, história, luta e construção coletiva, afetiva, ética-estética e política.

Agradeço à professora Celecina de Maria Veras Sales e ao professor Tyrone Apollo Pontes Cândido, que estiveram generosamente na minha banca de qualificação, bem como aos professores Alexandre Barbalho e João Figueiredo, que estiveram, também generosamente, na banca de defesa. Ambos colaboraram a valer com a leitura atenta e a crítica propositiva para este trabalho se encaminhar durante a pesquisa de campo e após a defesa.

Agradeço com tudo que eu posso à Ângela Linhares, que foi a maior entusiasta deste meu trabalho. Há uns 15 anos que ela me provoca a estudar na universidade e fazer mestrado. Há 3 anos me inscrevi e agora concluo, muito devido às orientações de Ângela, minha mentora, luz de caminho, força das madrugadas, do dia e da noite. Sempre presente e com um coração maior que o mundo. Agradeço com tudo, Ângela.

A Ogum

A Xangô

A Oxóssi

A toda ancestralidade Pitaguary, que imprime na história o primeiro registro de cultura em Maracanaú e que está presente neste momento na luta de seu povo em retomada de uma área tradicional Pitaguary, na localidade da Aldeia Olho D'Água do Pitaguary. Diga ao povo que avance!

*Em uma cultura democrática,
é preciso que cada um exerça seus direitos,
a tal ponto que se sedimente o que nós chamamos no direito
de sentimento constitucional democrático.
Quando uma sociedade acredita nisso,
ela é a própria barreira contra investidas autoritárias.*

(Ministra Carmem Lúcia)

*Pensar é uma ação.
Para todas as pessoas que pretendem ser
intelectuais, pensamentos são laboratórios
onde se vai para formular perguntas e
encontrar respostas, o lugar onde se unem
visões de teoria e prática.
O cerne do pensamento crítico é um anseio
por saber — por compreender o
funcionamento da vida.*

(bell hooks)

RESUMO

Em tempos de retomada dos processos democráticos na política brasileira, mostra-se fundamental repensarmos as formas de constituição de políticas públicas, considerando os diferentes sujeitos que compõem a malha social e, para isso, constituindo mecanismos de participação popular nas definições de interesse público. No universo das políticas culturais, essa escuta à população se faz ainda mais urgente, visto que nessa seara específica a participação de trabalhadoras e trabalhadores da cultura representa um conjunto de significados partilhados que têm impactos reais na vida social, pois regulam e mediam as práticas coletivas. A presente pesquisa traz uma abordagem qualitativa e vem sendo organizada e realizada em um contexto de desafios prementes trazidos pelos sujeitos da cultura em Maracanaú, município cearense da Região Metropolitana de Fortaleza, em meio aos quais eu me implico. Assim é que o caráter de intervenção dessa pesquisa me fez avançar na reflexão teórico-prática e no compromisso com os sujeitos da cultura. Desse modo, busco realizar uma escuta do que dizem os sujeitos partícipes do Comitê de Cultura de Maracanaú no contexto de uma discussão sobre práxis emancipatória e organização da cultura. Nesse movimento de construção de um espaço de discussão e participação direta dos trabalhadores da cultura, guio-me por duas questões iniciais: como se faria uma composição para intervir na política municipal de cultura de Maracanaú? E em que medida essa luta pela cultura se apresenta como um processo formativo e de fortalecimentos dos sujeitos coletivos?

Palavras-chave: práxis emancipatória; organização da cultura; educação emancipatória.

ABSTRACT

In times of resumption of democratic processes in Brazilian politics, it is essential to rethink the ways in which public policies are constituted, considering the different subjects that make up the social fabric and, to this end, constituting mechanisms of popular participation in the definitions of public interest. In the universe of cultural policies, this listening to the population becomes even more urgent, since in this specific area the participation of cultural workers represents a set of shared meanings that have real impacts on social life, as they regulate and mediate collective practices. This research takes a qualitative approach and has been organized and carried out in a context of pressing challenges brought by cultural subjects in Maracanaú, a municipality in Ceará in the Metropolitan Region of Fortaleza, in which I am involved. This is how the intervention nature of this research made me advance in theoretical-practical reflection and commitment to the subjects of culture. In this way, I seek to listen to what the participants of the Maracanaú Culture Committee say in the context of a discussion about emancipatory praxis and the organization of culture. In this movement to build a space for discussion and direct participation of cultural workers, I am guided by two initial questions: how would a composition be created to intervene in Maracanaú's municipal culture policy? And to what extent does this fight for culture present itself as a formative process that strengthens collective subjects?

Keywords: emancipatory praxis; organization of culture, emancipatory education.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Roda de Conversa e processo histórico das lutas pela cultura	53
Figura 2 – Capas das duas edições da Revista Rasura	57
Figura 3 – A frase da professora Ângela Linhares está num muro	107
Figura 4 – Roda de conversa na sede do Grupo Garajal sobre a Lei Paulo Gustavo	131
Figura 5 – Mesa da plenária geral da cultura em Maracanaú	136
Figura 6 – O artista Igone P2K escreve: “Maracanaú me paga + [sic] me apaga”	145
Figura 7 – Cartaz da Semana Juventude Cultura Crítica Maracanaú 2022	152
Figura 8 – Cenas de “Cortejo Crítico-fúnebre – Pêsames às Maracanãs”	157
Figura 9 – Imagens do mural com a linha histórica gerada na Conferência	159
Figura 10 – Entrega do documento colaborativo	165
Figura 11 – Momentos de fala de diversos agentes culturais de Maracanaú no evento	166
Figura 12 – Momentos de fala de diversos agentes culturais de Maracanaú no evento	166
Figura 13 – Cena final da plenária geral da cultura, em 14/04/2023	167
Figura 14 – Série de cartazes digitais para promoção dos agentes culturais	169
Figura 15 – Momentos da votação no dia da eleição do Conselho de Cultura	170
Figura 16 – Momento da Posse de Conselheiras e Conselheiros de Cultura	178
Figura 17 – Críticas diretas sobre o desajuste	179
Figura 18 – Duas produções sobre a política cultural	179
Figura 19 – Crítica elaborada a partir dos valores de cachês	180
Figura 20 – Muro como lousa; cidade como território discursivo	185

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Listagem de entrevistas realizadas.....	61
Tabela 2 – Sequência de atividades citadas pelo autor no percurso prévio de formação do Comitê de Cultura de Maracanaú	132

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	12
1.2	Objetivos da Pesquisa	16
1.3	Justificativa	16
1.3.1	<i>Da história pessoal à construção da pesquisa – uma trajetória de estudante que se descobre educador. E pesquisador</i>	16
1.3.2	<i>Delimitação do objeto da pesquisa</i>	24
1.4	Metodologia	36
1.5	Referencial teórico	63
2	DILEMAS E ESTRATÉGIAS DO SETOR CULTURAL DE MARACANAÚ A PARTIR DA FALA DOS SUJEITOS DO CAMPO	68
2.1	Dilema 1 – ficar ou migrar?	69
2.2	Dilema 2 – interesse particular X luta coletiva	80
2.3	Dilema 3: Falsa Escuta – quando a escuta desmobiliza?	97
3	A DIMENSÃO FORMATIVA ADVINDA DA LUTA	116
3.1	O Comitê de Cultura de Maracanaú: uma polifonia que se prepara	118
3.2	Percursos de práxis como ação-reflexão emancipatória e organização da cultura	135
4	APOSTAS CONCLUSIVAS	181
	REFERÊNCIAS	186
	APÊNDICE A – INICIATIVAS CULTURAIS INDEPENDENTES ENTRE 2022 E 2023	192
	APÊNDICE B – LINHA HISTÓRICA DAS INICIATIVAS CULTURAIS INDEPENDENTES (ANOS 1980 ATÉ 2023)	194

1 INTRODUÇÃO

“Essa é a nossa revolução,

O gueto em ação, o gueto em ação!”

(JR Metal, cantor e compositor do grupo Sertão Rap,

Lado Sul, Maracanaú)

A pesquisa de mestrado aqui apresentada é um processo que se integra a uma prática pessoal que trago desde meus 16 anos, aproximadamente. Sempre observei e fiquei intrigado com o espaço que o poder público, no geral, destina aos públicos de suas políticas. Um espaço mínimo, sob desconfiança, como se os cidadãos fossem incapazes de falar por eles mesmos – ainda que do jeito deles, é bem certo – ou de participar de situações de tomada de decisões que se relacionam diretamente a eles. Até certo ponto, cheguei a pensar que esse espaço restrito de decisão é sinal de uma cultura de cessão de responsabilidades a quem faz a gestão pública, como se ela pudesse funcionar sem bases sociais. O que poderia significar que há uma visão bastante arraigada de que a organização do setor cultural se faz fora da ação dos próprios sujeitos que produzem arte e cultura. Por outro lado, cheguei a pensar também que havia uma forma de operar com cultura que nega reflexividade às ações públicas e dá ênfase às decisões que hipertrofiam o caráter de evento, reproduz a burocratização e invisibiliza o que é feito ou o que fica lacunar no setor público. Jogado a perplexidades dessa natureza, eu me percebia desde muito cedo no coro das múltiplas vozes cuja participação era cerceada.

Conforme ia me tornando adulto, amadurecia esse olhar e buscava me questionar mais detidamente sobre a participação social na concepção de políticas públicas e nos ambientes formativos da área da cultura. Em que medida esses processos consideram e contemplam a diversidade que compõe a coletividade? Até que ponto o sistema que conduz a sociedade cria e garante mecanismos de escuta com a intenção de, a partir do diálogo, definir diretrizes e políticas? Seria possível considerar que a luta pela afirmação das vozes dissonantes a esse sistema se configura como um processo de formação e fortalecimento dos sujeitos? Em que medida essa formação transforma o sujeito e a sociedade? Questões como essas e uma prática sempre instigante me levaram ao objetivo dessa pesquisa, que envolve a escuta dos sujeitos partícipes do Comitê de Cultura de Maracanaú, no contexto de uma discussão sobre práxis emancipatória e organização da cultura.

Questionar-me sobre cultura em meio à vida social foi forjando em mim a consciência de que pensar a organização da cultura envolve enfrentar a discussão do poder de

decisão do setor público na área, especialmente sobre quem fica excluído e quem é incluído, com quais motivações e por quais métodos isso se dá.

Tornar-me educador e trabalhar na formação de adolescentes e jovens – e mais tarde, tornar-me pai de crianças que agora já se apresentam nas formas da adolescência e juventude – foi o processo que me conduziu mais a fundo nessa questão. Com o tempo percebi que ela poderia se tornar o ponto de partida para uma pesquisa acadêmica e meu trabalho contribuir para o pensamento crítico sobre a participação de trabalhadores da cultura, com quem quase sempre trabalhei. Contudo, a tônica das perguntas frisava a organização da cultura e a necessidade de identificar suas matrizes emancipatórias. Foi o que me moveu para elaborar este projeto de pesquisa e entrar no mestrado em Educação Brasileira pela Universidade Federal do Ceará, em meados de 2020.

Nessa caminhada, durante as disciplinas do mestrado e os preciosos encontros com minha orientadora Ângela Linhares, pude revisitar na memória as diversas experiências profissionais que tive em educação com jovens e como artista e produtor cultural. Venho acumulando saberes e interrogações, pois, ao longo de uma trajetória de mais de 20 anos de experiências, seria necessário rever o que trazia daí que alimentaria o presente e o levaria a prosseguir esperando.

Assim, ajustei meus questionamentos e decidi focar esta investigação acadêmica nas falas de quem atua no setor cultural no que diz respeito à organização da cultura no município de Maracanaú, Ceará. Movimentei-me, então, no sentido de identificar ambiências e sujeitos que se reconhecem fazendo a cultura de Maracanaú, onde vivo com minha família e onde atuo como artista, produtor cultural e pesquisador. Parti para um movimento inicial, objetivando investigar a participação direta de trabalhadores da cultura na composição da política municipal de cultura de Maracanaú. Eu visava perceber o que diziam esses trabalhadores e me situava também junto a uma provocação que me mobilizava: essa pesquisa poderia contribuir para o fortalecimento dos coletivos de cultura?

O lócus da pesquisa é um contexto muito específico e contemporâneo à própria pesquisa, pois trata-se do momento presente no justo local onde me encontro – pesquisador e sujeito participante em congruência. Refiro-me ao coletivo de agentes culturais que se formou em agosto de 2022 em Maracanaú com a intenção de mobilizar o setor cultural da cidade e dialogar com a gestão municipal de cultura; o nosso sentido era promover uma política de cultura para o município. “Agentes culturais” é um termo bastante recorrente na seara cultural para designar a categoria de trabalhadoras e trabalhadores que atuam nesse setor, portanto

ocasionalmente usarei também esse termo ao longo do texto, assim como “sujeitos da cultura”.

Esse grupo, de início informal, ao longo dos meses de julho a setembro de 2022 foi se reunindo com mais regularidade e se fortalecendo enquanto coletivo, alinhando suas intenções e abrindo o diálogo formal com a gestão municipal de cultura de Maracanaú. Assim se formalizou, em assembleia oficial chamada pela Secretaria de Cultura e Turismo de Maracanaú (SECULT/Mc), o Comitê de Cultura de Maracanaú, como grupo de trabalhadores da cultura que, a partir dali, dialogariam com o governo municipal no sentido de pensar formas de participação popular e colaborar na constituição de uma política pública de cultura para o município, de acordo com o que fora anunciado durante a assembleia como objetivo do grupo – e consta na ata da reunião.

Desde então instaurou-se esse grupo de trabalho, formado por artistas, produtores culturais, arte-educadores, integrantes de coletivos culturais, trabalhadoras e trabalhadores da cultura que atuam na pesquisa, na formação em artes, na compreensão do patrimônio histórico-cultural, na produção cultural e no fazer artístico em várias linguagens (dança, música, audiovisual, artes visuais, literatura, teatro, hip-hop, circo...). Sujeitos de diferentes territórios de Maracanaú com trajetórias individuais as mais diversas, se encontram, pois, numa luta coletiva por melhores condições de atuação no setor cultural, seja como possibilidade de geração de trabalho e renda para esses agentes, seja como ampliação do acesso à cultura para a população do município.

Ao construir a sua presença no mundo, o ser-humano, em relação aos outros, produz sua existência material e simbólica. A cultura expressa e é expressão das formas e condições de se produzir a existência humana em tempo e espaço dados. Nesse sentido, todas as pessoas fazem cultura.

Nesse espaço devo contextualizar os estudos sobre cultura considerando as categorias de *práxis emancipatória* e *organização da cultura*, bem como proceder a uma descrição sócio-histórica do município de Maracanaú, considerando, em seus 40 anos de emancipação (completados em 2023), a sua trajetória política e sociocultural. Nessa descrição, busco problematizar meu recorte, considerando a escuta aos sujeitos da cultura. Para nos contextualizarmos no território concreto e contraditório eleito, devo situar indicadores de minha investigação que dizem respeito à composição das forças políticas na gestão do município, bem como a mobilização da sociedade civil e a luta política, concepções e práticas de políticas públicas na área da cultura e a participação social nesses processos.

Venho reunindo e analisando documentos oficiais da Prefeitura Municipal de Maracanaú e, principalmente, depoimentos ou falas dos sujeitos que produzem a cultura, como também dos gestores da secretaria de cultura e de outros órgãos do governo, estadual e federal, além de militantes da cultura de outros municípios que também buscam a organização do setor mobilizando a sociedade civil. Participando ativamente de reuniões, produção editorial, atividades formativas, artísticas, políticas e de realizações de eventos culturais no município, também resultei por integrar o Comitê de Cultura de Maracanaú, atuando em suas mobilizações e reflexões. Daí ao acento colaborativo de minha pesquisa foi um passo. Julguei que seria um desafio ler uma experiência em curso onde estou implicado e a colaboração se torna uma forma de viver e pensar o cotidiano partilhado.

As descobertas, dificuldades, conquistas, inquietações e afirmações aqui colocadas ao longo da pesquisa contam com minha implicação, daí o constante exercício de autorreflexão que faço em meio aos acontecimentos que se sucedem, em um diário de bordo ininterrupto.

Uma forma de organização das ideias, concepções e visões de mundo que, em diálogo com a prática profissional de estudante e de militante, construíra na minha trajetória e indicia boa parte do que sou hoje e do que trago para esta pesquisa. O caráter de implicação pessoal, como indico, abarca motivações que extrapolam a prática acadêmica – e, no entanto, é a partir dela que me oriento para aprofundar os conhecimentos circunscritos entre a ação educativa e a reflexão (práxis) e a organização da cultura como emancipação diante das hegemonias.

Assim é que este sujeito *que pesquisa* se encontra com os sujeitos *da pesquisa* ou trabalhadores da cultura, com suas histórias de vida e lutas, em um território discursivo: o da construção do Comitê de Cultura de Maracanaú. Nesse sentido, tenho de tematizar com os sujeitos da pesquisa, a quem escutei e com quem convivo, o contexto referido, o que envolve a composição das políticas públicas de cultura para o município de Maracanaú, e em que medida sua atuação pode se dar como processo formativo ao tempo em que se fortalece o setor cultural. Para alcançar esse desiderato, tenho como pergunta de pesquisa: **O que dizem os agentes culturais envolvidos no Comitê de Cultura de Maracanaú sobre sua participação na política municipal para o setor, num contexto de discussão sobre práxis emancipatória e organização da cultura?**

1.2 Objetivos da Pesquisa

Objetivo geral:

Analisar a experiência dos sujeitos da cultura envolvidos no Comitê de Cultura de Maracanaú sobre sua práxis emancipatória e organização da cultura no contexto do município de Maracanaú (CE).

Objetivos específicos:

- 1) Identificar e refletir sobre os dilemas e estratégias dos trabalhadores da cultura em Maracanaú (CE) através de suas trajetórias, histórias de luta e participação na política pública para o setor.
- 2) Discutir o caráter formativo das mobilizações no setor cultural que aconteceram em Maracanaú (CE) a partir da criação do Comitê de Cultura de Maracanaú, em agosto de 2022.

1.3 Justificativa

1.3.1 Da História Pessoal à Construção da Pesquisa – Uma Trajetória de Estudante que se Descobre Educador. E Pesquisador

Durante minha passagem pelo Ensino Médio, precisei começar a trabalhar cedo e antes de concluir o 2º ano, com 15 anos, já cumpria um expediente de 44 horas semanais como empacotador; ir para a escola à noite era a melhor parte do dia. Identificava-me muito com o estudo e com os professores. Admirava-os pelo fato de se dedicarem até tarde da noite ensinando para nós, jovens estudantes. Vi nisso uma perspectiva de atuação no mundo. Referências de educadora(e)s não me faltavam e vieram de berço, já que venho de uma família de professores, dos quais destaco Tingó, Beta, Lela, Rita da Zainha, Mô, Nana... Família essa que traz também a presença de uma escola de samba, a *G.R.E.S. Três Apitos* (em Poço Fundo, sul de Minas), com seus mestres, contramestres, ritmistas, passistas e demais produtores de cultura ensinando seus fazeres e saberes para novas gerações.

Já se vê aqui a presença da cultura como interface para a educação na formação das identidades de um educador. E aqui já estamos utilizando a ideia de identidade como um

conceito plural, como percebia Hall (2006, p. 75): “Somos confrontados por uma gama de diferentes identidades (cada qual nos fazendo apelos, ou melhor, fazendo apelos a diferentes partes de nós), dentre as quais parece possível fazer uma escolha”.

Nesse universo rico das tradições e expressões do meu povo, aprendi sobre geração e troca de conhecimentos de maneira saborosa e impregnada de sentido. Aprender os fazeres das práticas culturais é uma maneira de se incluir no círculo produtor de cultura, sendo que no ambiente das expressões tradicionais isso ganha proporções ainda mais significativas. Uma criança que aprende com o avô, ou com um tio ou um primo mais velho a tocar seu instrumento na escola de samba, por exemplo, insere-se no seletivo grupo familiar dos que “fazem a tradição”, ou seja, aqueles que tocam, cantam ou dançam e que, desse modo, perpetuam a poética familiar e comunitária ligada àquele fazer/saber popular. Sobre saberes e fazeres sociais, Brandão (2009) aponta que “Culturas são panelas de barro ou de alumínio, mas também receitas de culinária e sistemas sociais indicando como as pessoas de um grupo devem proceder quando comem (...) São mapas simbólicos que guiam participantes de um mundo social entre seus espaços e momentos”. Assim fui me guiando por esses *mapas-raízes* do meu lugar, sabendo-me parte de um sistema que ao passo que se firma no tempo, é reelaborado pelos próprios sujeitos que ensinam e aprendem.

Inspirado por essas experiências de aprender e de ensinar e construindo os primeiros passos da minha atuação na juventude, comecei a me preparar para o vestibular em alguma área ligada ao magistério. E fui estudar no curso de Letras da USP, tendo ingressado no ano de 1996. A descoberta do meu tino pela educação veio durante o curso de Licenciatura na Faculdade de Educação da USP, especialmente nas aulas com Marília Sposito, Moacir Gadotti e Nelson Piletti, que me inspiraram muito a conectar o pensamento e a prática educativa na dinâmica real da sociedade da qual faço parte e a não ter medo de ousar na criação de metodologias e políticas para a educação. A própria ideia de “esperançar” surgiu para mim naquela ocasião e fez-se luz presente na visão de um jovem sonhador e trabalhador que passou a compor seu caminho na educação junto a descobertas e aprendizados sobre Pedagogia e transformação do mundo a partir do conhecimento, da crítica e do trabalho.

Em 1998, aos 20 anos, no segundo ano da faculdade, iniciei minhas primeiras experiências profissionais em educação. A primeira, como orientador de estudos para turmas de 5ª a 8ª séries numa escola particular de São Paulo, com alunos oriundos de tradicionais colégios paulistanos. Ali elaborei meu primeiro material pedagógico, com conteúdos para aulas de redação e interpretação de texto, tomando como base letras de rock, rap, material publicitário, charges, grafites, pichações e poesia concreta. Naquele mesmo ano, reuni-me a

um grupo de educadores do Conjunto Residencial da USP (CRUSP), onde morei por cinco anos, que vinha implantando um cursinho popular para estudantes de baixa renda. Era o *Cursinho Experimental do CRUSP*, que tinha e tem como objetivo ampliar as chances de jovens pobres das adjacências da USP a passarem no vestibular. Lá fui professor de redação e coordenador da elaboração de todo o material didático dos cursos de redação, colaborando ainda com os de língua portuguesa e literatura. A dimensão do ensino se articulava intimamente com a reflexão, tomando corpo concretamente até mesmo na didática, onde era preciso ser junto aos estudantes um colaborador prático e teorizador de minha ação.

Ainda em 1998, fui contemplado com uma bolsa-Trabalho e me tornei bolsista da extensão universitária da USP. Dividindo o tempo com os outros dois trabalhos, nessa ocupação pude desenvolver atividades educativas em comunidades distintas e experimentar o diálogo entre universidade e sociedade, a partir da troca de conhecimentos, prestação de serviços e interação com diferentes realidades sociais. Dentre elas, participei como bolsista do projeto *Universidade Solidária* (ligado ao programa *Comunidade Solidária* do Governo Federal), quando pude desenvolver atividades educativas e culturais no contexto do Semiárido, no sertão de Traipu (Alagoas), junto a professores da rede municipal, agentes comunitários de saúde e artistas da cidade. Nessa experiência a educação como cultura já me desafiava a pensar situando-me de pontos de vista voltados a matrizes culturais reflexivas, que na educação do campo são definidoras de posicionamentos políticos nítidos. Sobre essa relação entre campo, cultura e educação, tenho observado que: “A dimensão cultural está associada ao sentido político-estético da Educação do Campo (...), que constrói padrões de pensar, sentir e fazer, visando às modificações das condições de vida em comum” (OLIVEIRA, et al, 2022, p. 211).

Essas três experiências me possibilitaram especialmente duas descobertas que marcaram minha trajetória: elaborar material didático autoral e sentir a responsabilidade de interferir diretamente na vida das pessoas a partir da política e de seus modos de vida. Seja no espaço escolar, seja nas ações comunitárias, eu descobria ali que a educação era um caminho de criar situações para que as pessoas, através do encontro e do conhecimento, partissem de um ponto a outro da experiência humana, com mais reflexividade e potência transformadora. Essa transição seria resultado de uma ação responsável, planejada e apontada para um fim determinado. Ia ganhando forma para mim a dimensão política da prática educativa, na linha de como afirma Demerval Saviani (1983, p.92), que a define sobretudo em sua “função de socialização do conhecimento”. E continua o autor: “É, pois, realizando-se na especificidade que lhe é própria, que a educação cumpre sua função política. (...) [Por outro lado], ao se

dissolver a especificidade da contribuição pedagógica anula-se, em consequência, a sua importância política” (*idem*, p. 92).

Assim é que ao passo que eu desenvolvia meus primeiros trabalhos na educação, percebia minha identificação com essa área e mergulhava nos estudos e experimentos. Na paralela disso, criei o *Núcleo Base – Cultura e Arte no CRUSP*, uma iniciativa que alimentei até eu sair da universidade, em 2001, em que fomentava a produção e difusão de expressões artísticas dos moradores do CRUSP, moradia estudantil que reúne cerca de 2 mil estudantes oriundos de diversas partes do mundo.

Com o *Núcleo Base* criado tornava-se possível realizar mostras artísticas, semanas de arte, saraus, lançamentos de livros e um programa de formação em artes que envolvia centenas de moradores, funcionários e comunidade ao redor da USP. Uma iniciativa que estimulava e organizava as produções artísticas e criativas dos sujeitos que ali viviam, funcionando como uma produção cultural comunitária. Uma compreensão mais profunda do que eu estava fazendo só se deu quando li Stuart Hall (1997) tratando da centralidade da cultura na constituição da subjetividade e das identidades sociais. As atividades mostravam repertórios sensíveis e o imaginário de quem vinha de outros lugares e estava ali de passagem. Os moradores do CRUSP, tanto artistas quanto o público em geral, consideravam que as atividades do *Núcleo Base* traziam o sentido da interação e convivência comunitária, mas também tinha um papel importante na percepção da pessoa como um ator social “constituída no interior da representação, através da cultura, não fora delas” (HALL, 1997, p.26).

Entre 2000 e 2003, atuei como educador no Programa Aprendiz Comgás, da *ONG Cidade Escola Aprendiz*. Ali meu cotidiano era criar e realizar formações voltadas para centenas de jovens protagonistas de ações sociais em suas comunidades a partir de projetos por eles próprios elaborados e implementados. Nessa experiência tomei conhecimento do conceito de Bairro-Escola (desenvolvido pela própria ONG e reconhecido pela Fundação Banco do Brasil como Tecnologia Social Efetiva, em 2009). Compreendi também a especificidade da educação no Terceiro Setor e investimento social privado, bem como tomei conhecimento dos processos de planejamento estratégico e elaboração, monitoramento, avaliação, sistematização e reedição de projetos e programas. Tomo essa como uma das principais referências que trago na minha formação como educador atuante na intersecção entre ação educativa e ação social. Já ali começava a compreender a necessidade da práxis educadora articular ação e reflexão, no curso de uma intervenção onde estamos implicados.

Em agosto de 2003, fui chamado por uma ONG cearense para vir trabalhar no município de Santana do Acaraú (Ceará), também na formação de jovens empreendedores de

projetos sociais. Meu papel no *Instituto Sertão* era na equipe da *Escola de Desenvolvimento Social* e o foco estava no ensino de ferramentas de elaboração de projetos, ao passo que provocava nos jovens a reflexão sobre a importância do diálogo com a comunidade para que suas iniciativas pudessem comportar os diferentes sujeitos sociais do território. Durante essa experiência, produzi com as demais integrantes da equipe do Instituto um artigo sobre educação contextualizada e convivência com o Semiárido, intitulado “Jovem: Ator da Transformação e Desenvolvimento Local”, publicado no livro “Educação no contexto do Semiárido brasileiro”, editado pela Fundação Konrad Adenauer em 2004. Com essa experiência, mudei meu domicílio para o Ceará, onde passei a trabalhar e viver.

Nas duas experiências acima, consolidaram-se na minha prática dois aspectos determinantes na minha formação como educador, um de ordem metodológica e outro mais político e filosófico. Primeiramente, a prática regular de realizar reuniões pedagógicas e leituras teóricas que acompanhavam a prática das equipes de trabalho, numa indissociável unidade entre teoria e prática educativa. O outro aspecto é a importância dos processos de elaboração e planejamento de projetos serem participativos, considerando os diferentes sujeitos envolvidos no processo. Observa Rosana Kisil (2002): “Elaborar projetos é uma forma de independência. É uma abordagem para explorar a criatividade humana, a mágica das ideias e o potencial das organizações. É dar vazão para a energia de um grupo, compartilhar a busca da evolução” (KISIL, 2002, p. 11). Especialmente, reitero, no caso de jovens que pensam criticamente sua comunidade, desenvolvem iniciativas, mobilizam parceiros e recursos, pois são sujeitos ativos que trazem ainda mais sentido para os planos formativos e para os próprios projetos por eles criados.

A vida em Fortaleza me trouxe o contato com a cena cultural da cidade e comecei a desenvolver trabalhos artísticos como músico, sonoplasta e produtor cultural, montando, realizando e circulando com apresentações de espetáculos, shows, gravações de discos de vários artistas cearenses, uma experiência que mantenho até os dias atuais. Em 2004, criei a *Tembiú – Alimento de Alma*, um coletivo de educadores, artistas e produtores atuando para impulsionar projetos no Ceará, através da elaboração, captação de recursos ou realização de iniciativas educativas, sociais e culturais.

Desse período para o presente momento venho colaborando na produção de importantes festivais culturais do estado como *Bienal Internacional de Dança do Ceará*, *Mostra SESC Cariri de Culturas*, *ManiFesta! Festival das Artes*, *Maloca Dragão*, *Abstrata Festival Internacional de Videomapping*, *Conexões Latinas*, *Além da Rua*, dentre muitos outros. Destaco aqui essa passagem pela atuação no setor cultural porque ela vai, de algum

modo, influenciar minha atuação como educador. A dimensão da cultura, como interface para a ação educativa, é uma marca que trago desde o início da minha trajetória, mas se consolida quando me afirmo produtor cultural e passo a pensar as realizações artísticas como produção de discurso, de individualidades e afirmação dos sujeitos e dos territórios. São “práticas de significação”, no dizer de Hall (1997, p. 2).

Outra dimensão que marca minha trajetória como educador – e que influencia diretamente minhas escolhas que deságuam no presente estudo – é a da luta social e sua expressão a partir da comunicação comunitária. A educação como viés emancipatório aponta para a formação de sujeitos críticos, sensíveis e conscientes de sua constituição coletiva e subjetiva. Quando essas pessoas produzem comunicação “no” e “para” o território tendo esses repertórios críticos como parte de sua linha editorial, as lutas ganham reverberação, envolvem novos pares e se fortalecem como contraponto à hegemonia dominante.

Em 2005, tive a oportunidade de integrar a equipe de educadores do *Instituto Terramar*, atuando até 2007 como educador no programa *Educação, Cultura e Cidadania* e contribuindo na criação e condução de atividades educativas, culturais e de comunicação comunitária junto a jovens de diversas comunidades litorâneas do Ceará. Essa experiência integrava trabalhos de diversas instituições e movimentos populares que se dedicavam à pesquisa, produção e execução de tecnologias sociais para o fortalecimento da Rede de Educação Ambiental do Litoral Cearense (REALCE). Em 2008 fui convidado pela ONG *Comunicação e Cultura* para coordenar o projeto *Jornais Juvenis Associados*, cujo objetivo principal era estimular a criação e publicação de jornais juvenis na cidade de Fortaleza. Ali eu criava e executava metodologias a partir de princípios educacionais, conduzindo mais de 30 grupos de jovens no percurso formativo para implementarem suas publicações em suas comunidades.

Foram inúmeras as oportunidades que tive, ao longo dos últimos 20 anos, de lidar com a comunicação comunitária com viés educativo, em diferentes perspectivas. Produzindo ou acompanhando grupos juvenis a produzirem jornais, fanzines, programas de rádio, publicações na web, bem como materiais institucionais de comunicação como revistas, cartilhas, almanaques e vídeos, sempre como ferramentas de expansão do olhar crítico, com criatividade e o compromisso com a geração de conhecimento e afirmação dos sujeitos. Penso que aqui eu provocava nos grupos juvenis de comunicação comunitária o que Passegi (2016, p. 67) conceituava sendo como a condição do autor, que faz com que o sujeito biográfico possa enlaçar nas suas narrativas da experiência a razão e a emoção, o público e o privado, o padecer e o empoderamento. “A condição de autor, central na pesquisa-formação, é aquela da

pessoa que ao narrar suas experiências toma consciência dos papéis, herdados, improvisados, nos cenários da vida” (*idem*, p. 82).

Seja na Zona Costeira, no sertão ou nas periferias do centro urbano, essa conexão entre ação educativa, comunicação popular e mobilização comunitária conduzida pelas juventudes foi me chamando atenção e percebi que se tratava de um modelo de proposição para novas maneiras de fomentar a participação política desses atores, para que pudessem atuar na sociedade de modo crítico, criativo, coletivo e interventivo. Como disse o Professor Ismar Soares (2009), em entrevista à Revista Geografia: “Em vez de a prática comunicativa estar a serviço, por exemplo, da indústria cultural, de ser regida pela indústria cultural, ela passava a ser regida pelos objetos educativos. (...) A parte da cidadania passou a ser mais importante que os jogos do mercado”. Constatava nessa seara da comunicação educativa uma prática que provoca reflexão, que ensina, que denuncia e que propõe uma ressignificação da própria produção de discurso. Temos aí um encontro entre cultura e comunicação, gerado pela juventude inquieta e sedenta por abordar suas questões e difundir suas expressões. Questões que, na verdade, resultam por ser uma escrita de si como prática de experimentação, a dimensão autopoietica (de autocriação) se revelando como uma prática de formação que leva à reinvenção do próprio sujeito. Dizia Bondia (2002, p. 27), em suas notas: “A experiência e o saber que dela deriva são o que nos permite apropriar-nos de nossa própria vida”.

Entre 2013 e 2016, atuei como assessor especial da *Secretaria de Cidadania e Direitos Humanos de Fortaleza* (SCDH), da *Prefeitura Municipal de Fortaleza*, sendo responsável pela elaboração de projetos e programas institucionais da secretaria. Durante essa experiência, também fui criador e coordenador editorial de publicações institucionais sobre Educação em Direitos Humanos, como o “Almanaque Ilustrado Cidadania Sustentável” e a “Revista Cidadania em Rede”, desenvolvidas sob princípios educomunicativos.

Entre 2008 e 2018, fui integrante da Comissão Julgadora em Fortaleza da Olimpíada de Língua Portuguesa – Escrevendo o Futuro (parceria do Ministério da Educação com a Fundação Itaú Social e o Centro de Estudos e Pesquisas em Educação, Cultura e Ação Comunitária / CENPEC). O concurso contribui na melhoria da qualidade de ensino e para o aperfeiçoamento da escrita de alunos do Ensino Fundamental e Médio e os textos produzidos no concurso pelos estudantes traziam seu olhar para o território onde viviam.

Entre 2018 e 2019, fui contratado como assessor técnico do *Instituto Dragão do Mar* – Diretoria de Gastronomia, Esporte e Conhecimento, sendo encarregado pela elaboração de projetos institucionais, planos de trabalho e contratos de gestão das Escolas Criativas do IDM. Durante essa experiência, pude compor a equipe técnica da *Escola de Gastronomia Social*

Ivens Dias Brancos, criando projetos de formação complementar (biblioteca, horta, mobilização de alunos para a programação artística do Centro Dragão do Mar) e de inclusão de jovens formados pela Escola no mercado de trabalho em gastronomia.

No fim daquele mesmo ano fui convidado para assumir a coordenação pedagógica do programa *Escolas Criativas – Cultura, Educação, Sustentabilidade*, em que pude responder no ano letivo de 2020 pela criação de metodologias inovadoras em educação e pela formação de educadores das redes municipais de ensino de Jijoca de Jericoacoara (CE) e Niterói (RJ). Nessa experiência também desenvolvi, durante o desafiador primeiro ano da pandemia do coronavírus, o *Ciclo de Formação Online “Educação Conectada”*, uma medida de urgência que colaborou na geração e partilha de conteúdos sobre a educação e sua interface com as tecnologias, a cultura, a inovação e a sustentabilidade. Em formato de *lives*, esses encontros conectaram dezenas de especialistas nacionais a centenas de educadores das escolas municipais em várias cidades do país, criando alternativas para as formações remotas e levantando reflexões acerca da educação do futuro, já em prática no presente.

As atividades *online* do programa *Escolas Criativa*, acompanhadas por milhares de espectadores pela internet, me possibilitaram fazer contato com várias instituições educacionais no país. Dentre elas, conheci o *INEC – Instituto Nordeste de Cidadania*, que atua em todo semiárido brasileiro, e lá pude fazer uma assessoria pedagógica, no segundo semestre de 2020, junto ao seu projeto *Jovens Comunicadores*, que fomenta a criação de grupos juvenis para implementação de projetos de comunicação comunitária como parte do desenvolvimento local do território. Minha atuação, a partir de atividades educativas (reflexivas e práticas), objetivou estimular nos jovens envolvidos iniciativas críticas de produção em comunicação, inspiradas no compromisso com a promoção da cidadania e do desenvolvimento do território.

Entre 2021 e 2022, segui prestando assessorias pedagógicas para a ONG *Comunicação e Cultura*, através do programa *Jornal da Turma*, através do qual trabalhei com formação de professores em educomunicação, nas redes municipais de algumas cidades cearenses. Também venho ministrando o curso “Dimensões da Produção para o Circo: Inovação, Afirmação e Viabilidade” que criei para a Escola Pública de Circo da Vila das Artes, voltado para jovens artistas circenses interessados em produzir suas próprias carreiras a partir de três dimensões da produção cultural: planejamento a partir do desejo de realizar; viabilidade técnica e financeira; e comunicação e sua geração de conteúdos. Em 2022 ministrei o curso “Quem Sou Eu na Cultura? – Identidades e Trajetórias na Construção do

Portfólio” no Centro Cultural Bom Jardim, periferia de Fortaleza, voltado para artistas de várias gerações de moradores do território.

A partir de reflexões críticas sobre práticas culturais naquele contexto, a experiência identificava as realizações culturais de cada participante como trabalho propriamente dito – e como o portfólio individual poderia ser construído como documento constituinte da trajetória individual e da vocação criativa do lugar coletivo que habitamos. Como observava Passegi (2016, p. 80), a figura que ela nomeia antropológica do educador, ao se implicar se transmuda, “torna-se Animador, aquele que dá alma, vida, e que acredita no outro”. Por minha vez, diria que meu trabalho nessa formação pode ser percebido como uma animação que provoca nas turmas a necessidade de cada pessoa ali contar sua própria história, constituindo-se aos poucos em “sujeito biográfico” (*idem*, p. 81) e refletir essa história na produção do portfólio, sendo ele uma forma de narração-descrição concisa que contempla, além de suas habilidades, fazeres e saberes, também o seu olhar para o território onde atua.

Na via paralela aos trabalhos, venho me concentrando nos estudos e nas produções da pós-graduação na Universidade Federal do Ceará, onde curso mestrado em Educação Brasileira e pesquiso matrizes emancipatórias de educação e sua relação com a cultura no território. Especialmente devo buscar compreender o que dizem os integrantes do Comitê de Cultura de Maracanaú sobre sua participação nas políticas municipais para o setor, num contexto de discussão sobre práxis emancipatória e organização da cultura.

1.3.2 Delimitação do Objeto da Pesquisa

A principal intenção desta pesquisa é realizar uma escuta do que dizem os sujeitos envolvidos nas movimentações do Comitê de Cultura de Maracanaú, no contexto de uma discussão sobre práxis emancipatória e organização da cultura. Nesse movimento de construção de um espaço de discussão e participação direta dos trabalhadores da cultura, guio-me pela questão sobre como se faria uma composição para intervir na política municipal de cultura de Maracanaú (CE). O movimento de reflexão-ação vivido está a contribuir para a formação dos sujeitos de cultura, para seu fortalecimento como sujeitos histórico e coletivos de cultura, como também para a ocupação de um lugar social no espaço público?

Assim é que a partir de uma escuta feita aos trabalhadores da cultura que atuam no município, a pesquisa buscou reconhecer os dilemas do setor cultural em Maracanaú, bem como identificar e analisar as soluções coletivas que eles mesmos têm criado, entre 2022 e 2023, para participarem da política municipal de cultura no território.

Para uma coerência maior, aproveitei-me de uma forma colaborativa de pesquisa, junto aos sujeitos culturais de Maracanaú, que me auxiliaram a escutar o que dizem os envolvidos no Comitê de Cultura de Maracanaú sobre sua participação nas políticas municipais para o setor, num contexto de discussão sobre práxis emancipatória e organização da cultura. Para chegar a esse objetivo examinei e analisei a produção de saber gerada no percurso de construção do Comitê de Cultura de Maracanaú e identifiquei três dilemas-chave nesse movimento. Foram observadas também nesse processo organizativo as estratégias criadas para superação de desafios, bem como consultados outros sujeitos históricos relevantes para a constituição dos movimentos culturais coletivos de Maracanaú.

O disparar do projeto desta pesquisa se localiza, portanto, na minha descoberta do conceito de *ecologia de saberes*, de Boaventura (SANTOS, 2010). A ideia de um pluralismo epistemológico que reconheça a existência de múltiplas visões e que contribua na ampliação dos horizontes da vida. O pluralismo epistemológico aqui é entendido como uma corrente de pensamento que considera princípios universalistas e de interculturalidade e indica que os diferentes saberes produzidos nas diversas culturas são importantes, devem ser valorizados e estarem em uma coesão social.

Isso me moveu! Imediatamente, pensei nos sujeitos que são silenciados na hora de se conceber as políticas para eles mesmos. Como educador, pensei nos programas educacionais criados para crianças, adolescentes e jovens, sem que esses sujeitos sejam ouvidos diretamente e considerados para a própria concepção da política que os atenderá. Como artista e produtor cultural, pensei nas políticas municipais de cultura que, quando existem, raramente são pensadas em conjunto com os agentes culturais dos municípios. Como pesquisador e morador de Maracanaú, escolhi apontar o olhar da pesquisa para essa questão no município e analisar em que medida os sujeitos do campo cultural estão integrados no processo de concepção e elaboração das políticas públicas de cultura. Quando essa integração não se efetiva como compromisso de gestão e paradigma político, o que se gera é a prática descontinuada de eventos e atividades que não refletem aquilo que seriam as prioridades para os agentes culturais do território, que compreendem a fundo as demandas e potenciais do setor. Também tendem a não contemplar a diversidade artístico-cultural da cidade nas programações públicas voltadas à população.

Geram também agentes culturais insatisfeitos ou mesmo excluídos da política pública de cultura e, conseqüentemente, a promoção de uma cultura que retrata unicamente os valores e modelos sociais impregnados pela ideologia da classe dominante, expressa pelo poder público local e que não reflete a diversidade e muito menos as especificidades das

práticas culturais que se espalham pelos territórios. Essa cultura unidimensional promovida pelos dominantes, além de silenciar sujeitos, suas práticas e territórios, ainda direciona a sociedade como um todo para um determinado tipo de comportamento, de consumo e produção de bens culturais e de práticas sociais e, numa camada mais profunda, de produção de sentidos.

Essa preponderância de um modelo cultural em relação a outros, foi analisada no início do século XX pelo italiano Antonio Gramsci que formulou o conceito de *hegemonia cultural*, a partir do qual é possível identificar as intenções de domínio, em termos ideológicos, e de direção intelectual e moral de uma classe social sobre as outras, especificamente da burguesia sobre a classe trabalhadora. Ao longo deste trabalho voltarei a tratar desse conceito-chave para os estudos culturais e para analisar, através dele, como as pessoas se relacionam com a política e com os meios de produção. Busquei articular o que dizem os trabalhadores da cultura em Maracanaú, abordando, sob a luz das discussões levantadas por Gramsci, a relação entre a sociedade civil e o segmento das políticas municipais de cultura em Maracanaú. E, nesse trajeto, também examinei alguns dilemas que os sujeitos trabalhadores da cultura vivem, bem como estratégias de superação, de modo a flagrar aspectos formativos no tecido organizativo do Comitê de Cultura.

Com o conceito de *ecologia dos saberes*, Boaventura despertou-me o interesse por estudar sobre epistemologias que vêm romper com a monocultura de um só saber, instituído pelo pensamento hegemônico e etnocêntrico. No sentido de criarmos sociedades mais justas e inclusivas, o autor aponta a necessidade de superarmos esse modelo de um saber só, de irmos além da linha abissal que divide o “saber válido” (acadêmico, institucional, tecnicista) dos saberes populares e das vozes do povo, apresentadas como saber menor, inferiorizado pelo pensamento abissal europeu. Atravessar a linha pós-abissal nos faz compreender e vivenciar a grandiosidade dos repertórios mais variados e impregnados de sentidos. Sentidos esses auferidos por sujeitos e populações pós-colonizadas que têm na afirmação de seus repertórios, saberes e processos a imagem e a essência da emancipação. Sobre esse enfrentamento necessário para a superação do monopólio de um saber só, o autor português diz que “As divisões levadas a cabo pelas linhas globais são abissais no sentido em que eliminam definitivamente quaisquer realidades que se encontrem do outro lado da linha”. Esta negação radical de co-presença, continua o autor: “fundamenta a afirmação da diferença radical que, deste lado da linha, separa o verdadeiro do falso, o legal do ilegal” (SANTOS, 2010, p. 26). E complementa: “O outro lado da linha compreende uma vasta gama de experiências

desperdiçadas, tornadas invisíveis, tal como os seus autores, e sem uma localização territorial fixa” (*idem*, p. 26).

Boaventura considera “o outro lado da linha” aquele vasto repertório dos saberes e fazeres fora dos padrões hegemônicos comumente associados ao universo acadêmico científicista e intrínsecos aos setores produtivos dominantes. O repertório pós-abissal está inserido naquilo que vem depois dessa linha da hegemonia dominante, como alternativa afirmada em outra maneira de ser, de estar, de pensar, de existir e de resistir. É um projeto tanto epistemológico quanto político. Esse repertório e consequentemente os sujeitos e territórios que o produzem e o refletem vem sendo radicalmente negado desde o século XVII, com a instituição da ciência moderna e os seus conceitos de precisão e exatidão, que pouco a pouco foram constituindo a ideia de monopólio da verdade e do conhecimento. Ao longo desse processo histórico, portanto, o novo modelo de explicação da realidade (de base quantitativa) desponta na Europa Ocidental e avança com rapidez pelo restante do mundo e ao longo das gerações como matriz epistemológica científicista, sob a ideologia dominante que estabelece e mantém a hegemonia capitalista em nível mundializado.

Para Boaventura Santos (2010, p. 31), “as linhas abissais continuam a estruturar o conhecimento e o direito modernos e que são constitutivas das relações e interações políticas e culturais que o Ocidente protagoniza no interior do sistema mundial”. Como vemos, a constituição do conhecimento validado é um fenômeno que transcende a área da ciência, interfere no direito e define a política, pelas formas de incluir ou excluir saberes e sujeitos nos processos de constituição das relações sociais, de políticas e da própria história social. O autor se pauta nessa observação sobre o monopólio do saber para tratar da exclusão social no capitalismo, afirmando que a injustiça social global está intimamente ligada à injustiça cognitiva global e que a produção da história fica, portanto, incompleta e sectária, justamente porque uma seleta parte de seus sujeitos é silenciada e invisibilizada.

Trago aqui uma fala do campo para dialogar com o pensamento pós-abissal de Boaventura Santos. Cantor, compositor, rapper e agente cultural há 30 anos no município de Maracanaú, o JR Metal disse em entrevista:

Somos carentes de tudo e essa gestão de cultura de Maracanaú não consegue suprir a nossa carência justamente por estar distante das pessoas que fazem a cultura no município.

Porque essas pessoas não sabem das nossas necessidades e a gente quando vai lá falar sobre a nossa necessidade parece que a gente não é ouvido. Parece que a gente fala de frente para uma parede. E a parede faz que está nos ouvindo... Isso é muito

importante e teria que ser lei: que o órgão que observa a cultura esteja próximo das pessoas da cultura (informação verbal – fragmento da entrevista com JR Metal)¹.

Uma fala que reflete sobre o distanciamento do aparato gestor da área cultural em Maracanaú junto das pessoas que fazem a cultura. Aqui temos um fragmento da história do presente e os sujeitos em disputa com seus discursos e posicionamentos. O que JR mostra é onde e como se situa o estado da questão sobre proximidade entre gestão pública e sociedade. Compreender as falas dessa natureza, o que inclui seu desencontro com a esfera dominante, representada pelo poder público, é bem a provocação inicial desta pesquisa.

Assim, para além do desencontro, a fala do sujeito do campo representa um silenciamento do diálogo junto aos gestores; a movimentação feita a partir disso, no entanto, não teria seu aspecto formativo? Uma demonstração de separação entre sujeito da política (a gestão pública) e seu objeto (o setor cultural) e não uma construção coletiva não seria algo de se constatar um movimento de práxis emancipatória a ser desvelado? JR falava, como outros atores da cultura de Maracanaú, de um campo institucional do poder público que desconsidera as vozes que trariam referências latentes do território para a criação de políticas a ele concernentes. Como o processo de buscar lugar de fala se ergueria a partir disso? Ao contrário de paralisar-se, os sujeitos da cultura local, como visto no depoimento acima, demonstravam buscar o diálogo para compor juntos soluções para o setor cultural, a partir de uma não-escuta (“parece que a gente fala de frente para uma parede”). A reflexão-ação que era urdida nessa movimentação cultural onde eu passei a me situar me mostrava caminhos da pesquisa que eu deveria desvendar.

Considerando a ideia de “soberania epistêmica” da ciência moderna, que se reflete no fazer político de governos centralizadores, a *ecologia de saberes* se propõe a ser uma via alternativa que privilegia o pensamento pluralista e propositivo. Destacando-se como alternativa plural, a *ecologia de saberes* possibilita que os conhecimentos se cruzem. Ora, se “o conhecimento é interconhecimento”, e também “autoconhecimento”, faz-se necessário que sejam ladeados saberes, sujeitos e processos, numa perspectiva inclusiva e ecológica, ou seja, devem se coadunar esses diferentes fatores numa epistemologia polifônica, polissêmica, emancipatória e pós-colonial.

Essa forma solidária de compor o conhecimento, no olhar dos sujeitos do campo, pode ser considerada um chamado para a necessidade de reinventar novas formas de produzir, expressar e transmitir cultura. E, conseqüentemente, conceber, elaborar e realizar políticas

1 Entrevista 1, concedida por Antônio Jorge de Lima Junior (JR Metal), compositor, cantor e integrante do grupo Sertão Rap, em 18/02/2023. Depoimento gravado em áudio, recebido por *WhatsApp* e posteriormente transcrito, com aprovação do texto pelo entrevistado.

públicas de cultura. A partir dessa forma solidária, é possível considerar os registros, as necessidades e as intenções de diferentes sujeitos. Aqui, como nos aponta o teórico jamaicano Stuart Hall (1997, p. 16), a cultura funciona como um conjunto de significados partilhados e os significados culturais têm impactos reais na vida social, pois regulam e mediam as práticas sociais.

Para Hall, a “cultura se entrelaça a todas as práticas sociais” (HALL, 2013, p. 155) e essas, por sua vez, como uma forma comum de atividade humana, que possibilita a produção da história. Trago mais uma fala do campo para refletir esse pensamento acerca da partilha dos significados culturais, afirmados na participação dos sujeitos na produção de história e constituição de política. André Marinho, também agente cultural de Maracanaú, disse em entrevista: “Há um anseio de participação social popular, uma necessidade das pessoas de ajudar a pensar a política pública, fazer a política pública, a ser parte da política pública”². E continuou mostrando como essa luta para intervir nas políticas públicas de cultura vem sendo construída a cada geração:

Cada um traz uma contribuição de um lugar, de um espaço, de uma vivência, de uma outra relação que tem com o município, de um outro olhar, de uma outra forma de ver, de uma outra forma de se relacionar. E quando isso se soma a gente acaba tendo, dentro dessa partilha uma visão mais ampla, uma visão mais complexa do que é o município. A vida social é muito complexa; quando a gente debate, faz espaços de debate, de formação, de escuta... a gente amplia a nossa capacidade de resolução dos problemas (*idem*).

A fala de Marinho reforça o que foi posto por JR anteriormente: quando não se constitui um espaço de diálogo entre gestão pública e trabalhadores da cultura a produção de discursos e a compreensão de significados ficam desfalcadas e fica exposto o desequilíbrio entre quem participa e quem deixa de participar da construção do presente. Ele vai além e trata da complexidade da cidade, indicando como essencial as contribuições “de um outro olhar, de uma outra forma de ver, de uma outra forma de se relacionar” para se ter “uma visão mais ampla, uma visão mais complexa do que é o município”.

A compreensão da cultura passa por compreender a inter-relação de todas essas práticas e padrões que são vividos com traços que se reportam ou traduzem muito de um todo, de um dado período (HALL, 2013, p. 149). É na esfera cultural que se dá a luta pela significação e, portanto, é ali onde o significado é negociado, fixado, ainda que provisoriamente, e as lutas pelo poder exigem ser lidas em seu aspecto simbólico. Assim, para

² Entrevista 23, concedida por André Marinho, morador do Acaracuzinho, cientista social, mestrando em Sociologia pela Universidade Federal do Ceará e Secretário-Executivo da Secretaria da Juventude do Ceará, em 26/12/2022. Depoimento gravado em áudio, recebido por *WhatsApp* e posteriormente transcrito, com aprovação do texto pelo entrevistado.

problematizar as práticas sociais vividas e as condições dessas experimentações há que se ler a história do presente. Não somente para trabalhadores da cultura em Maracanaú, mas para qualquer categoria em qualquer sociedade, de qualquer tempo, é preciso que esses sujeitos estejam presentes nos discursos escritos da história.

O professor e coordenador da juventude indígena do Ceará, Madson Pitaguary, também agente cultural de Maracanaú, trouxe, durante uma entrevista, uma imagem que reforça essa afirmação e direciona a reflexão sobre a cultura para a constituição de uma luta social: “A luta popular é isso. A gente vai montando a política com ideias, partindo de cada cabeça, né? Quanto mais cabeça, mais histórias, né? Estamos aqui para somar”³. O pensamento do líder Pitaguary se encontra com o que Stuart Hall apresenta no sentido da importância das subjetividades para a formação das identidades e do convívio social mediado pela cultura.

O professor Madson ainda destaca que esse encontro quando se dá na luta popular ganha a dimensão coletiva na reunião de diversas pautas e bandeiras (“mais cabeças, mais histórias”), fazendo da luta uma política polifônica. Hall (1997, p. 17) afirma que a cultura tem assumido uma importância cada vez maior no que diz respeito à estrutura e à organização da sociedade moderna tardia, sendo constitutiva em toda análise social.

Nessa ampliação de sentidos, a cultura passa a ser vista como uma força de mudança histórica global, justamente porque além de operar na formação das identidades pessoais e sociais, ela promove importância crucial na linguagem, na textualidade, no reconhecimento da heterogeneidade e da multiplicidade dos significados, dos discursos e das questões acerca de poder, ideologia e hegemonia cultural (HALL, 2013, p. 233).

Não se trata apenas de considerar as questões culturais como se as comparássemos, por exemplo, com os processos econômicos ou os das instituições sociais ou os do setor produtivo. Hall apresenta a ideia de “virada cultural” para mostrar a centralidade da cultura como uma abordagem de análise social contemporânea, que passou a considerar a cultura como uma parte elementar da vida social, ao invés de uma variável dependente, intervindo nas últimas décadas em uma mudança de paradigma nas ciências sociais e nas humanidades.

Essas mudanças se relacionam diretamente com a composição de subjetividades e identidades, interferindo na constituição das diferenças que se estabelecem nas formas de participação na vida social contemporânea e na definição de políticas. Esse aspecto aponta que “os significados são subjetivamente válidos e, ao mesmo tempo, estão objetivamente

3 Entrevista 10, concedida por Madson Pitaguary, professor indígena, coordenador da juventude indígena do Ceará, acadêmico em História pela UNILAB e em licenciatura intercultural indígena pela UFC, em 29/12/2023. Depoimento gravado em áudio, recebido por *WhatsApp* e posteriormente transcrito, com aprovação do texto pelo entrevistado.

presentes no mundo contemporâneo, em nossas ações, instituições, rituais e práticas” (HALL, 1997, p. 24). Logo, a política quando se apresenta dentro do viés democrático e republicano precisa refletir essas diferenças em sua composição e, assim, contemplar a mais ampla representatividade possível da sociedade a qual representa e atende. Quando ela, ao contrário, privilegia algum segmento em detrimento de outros, ou ainda desconsidera um ou mais segmentos sociais, ela se apresenta sectária e tendenciosa. Os mecanismos de escuta social e a participação direta das pessoas e das organizações sociais nas definições de políticas formam, juntos, uma variável determinante para que as políticas atendam às demandas da população e colaborem para que essas sejam apresentadas como resolutivas visando o bem-estar social.

Nesse sentido, voltamos a operar aqui com as vozes que vêm do campo. Trago um trecho de depoimento colhido em entrevista com a agente cultural Raquel Rocha, produtora de *podcast* e professora e pesquisadora em filosofia e dança. Ela comentava sobre a presença de artistas de Maracanaú em um evento autogestionado realizado pelo Comitê de Cultura de Maracanaú em dezembro de 2022, em que, mesmo sem cachê, faziam questão de participar e de expressarem em público sua insatisfação sobre as políticas públicas municipais:

Eu percebi que todo mundo que foi ali realmente tem vontade de agregar os seus conhecimentos e de trazer possibilidades de melhorias para a cidade. Não só em termos de ter coisas para fazer em relação à cultura, mas em termos de agregar um valor, um capital cultural melhor (informação verbal – fragmento da entrevista com Raquel Rocha)⁴.

E completa mostrando, além da resistência possível, a crítica à exclusão dos atores da cultura nos espaços públicos:

Viver a cidade de outra maneira e ampliar esse horizonte de perspectivas que, ainda que sem apoios, é dizer que é possível fazer cultura principalmente como resistência e posicionamento político diante desse fascismo que existe e diante dessa sordidez política de falta de interesse em fazer, em colocar adiante um projeto de políticas públicas de cultura, de educação e de saúde que contemplem as demandas da cidade, demandas das pessoas (*idem*).

O depoimento me chama atenção para alguns aspectos, no entanto cabe aqui destacar dois, sendo um deles a participação direta de agentes culturais numa agenda de “melhorias para a cidade”, de “viver a cidade de outra maneira e ampliar esse horizonte” e “fazer cultura”. Nota-se aqui um sentimento de pertencimento à cidade por parte desses trabalhadores da cultura, que, pelo que consta no depoimento, se dispõem a concentrar

⁴ Entrevista 3, concedida por Raquel Rocha, filósofa, pesquisadora, dançarina do ventre, professora de filosofia e de dança, produtora de *podcast*, em 13/10/2023, com depoimento gravado em áudio, recebido por *WhatsApp* e posteriormente transcrito, com aprovação do texto pela entrevistada.

esforços e saberes na construção de uma cultura e de uma cidade mais capaz de lidar com sua heterogeneidade. Destaca-se nessa fala o esforço na participação direta das pessoas e na realização de atividades que, de certo modo, colaboram para promover o bem-estar social da população, não através de políticas, mas de uma ação direta.

O segundo ponto a se destacar no depoimento de Raquel é sobre a “falta de interesse em colocar adiante um projeto de políticas públicas de cultura, de educação e de saúde que contemplem as demandas da cidade, demanda das pessoas”. Aqui se lê mais uma vez, o indicativo de ausência de proximidade entre gestão pública e sociedade, que vimos anteriormente no depoimento do JR. Vemos uma dura crítica ao desencontro entre o que a esfera dominante faz silenciar e os sentidos que os cidadãos imprimem na vida social, suas prioridades e demandas expressas. Um desequilíbrio entre o que Stuart Hall (1997, p. 24) coloca como sendo “os significados subjetivamente válidos” e como eles estão ou deveriam estar refletidos objetivamente no mundo contemporâneo de nossas instituições, rituais e práticas. Ou mais especificamente, como os anseios da população, manifestados a partir da cultura, são contemplados na construção de políticas públicas, sendo essa uma das principais intenções da presente pesquisa, que lida com organização da cultura e práxis emancipatória.

Considerando as definições de Lasswell (1956) e Dye (1984), o conceito de política pública está baseado no que o poder público faz com os recursos recolhidos dos cidadãos para promover a melhoria de suas condições de vida e no estabelecimento de legislação para ordenar as ações privadas a fim de atender às finalidades da promoção do bem comum.

Veja-se que para várias políticas públicas, a partir da Constituição de 1988, foram criados mecanismos que previam a participação popular. Isso porque a própria Carta Magna foi elaborada sob a influência do processo de redemocratização do país, diretamente relacionado com envolvimento dos cidadãos na vida política da nação. Para Gohn (2002, p. 11), a participação popular na definição de políticas públicas se tornou, a partir da Constituição de 1988, um dos principais elementos articuladores do repertório das demandas e movimentos sociais, com vistas a democratizar o Estado e seus aparelhos.

Glória Gohn observara que a participação popular fora definida, a partir da década de 1980, como uma série de esforços organizados pela sociedade civil para aumentar o controle sobre os recursos e as instituições que controlam a vida social. Esses esforços deveriam representar as especificidades de demandas e potenciais de cada segmento social, bem como de associações comunitárias e movimentos populares. Já na década seguinte, a ideia de participação passou a ser vista a partir do paradigma da “Participação Cidadã”, baseada na universalização dos direitos sociais, na ampliação do conceito de cidadania e em uma nova

compreensão sobre o papel e o caráter do Estado. Para a autora, a participação passou a ser concebida como “intervenção social periódica e planejada, ao longo de todo o circuito de formulação e implementação de uma política pública, porque as políticas públicas ganharam destaque e centralidade nas estratégias de desenvolvimento, transformação e mudança social” (GOHN, 2002, p. 12-13). Isso implica “a existência do confronto (que se supõe democrático) entre diferentes posições político-ideológicas e projetos sociais, pois que todas as demandas são, em princípio, tidas como legítimas. Os novos sujeitos políticos se constroem por meio de interpelações recíprocas” (*idem*, p.13).

A meu ver, essas interpelações recíprocas colocadas pela professora Gohn se referem aos repertórios trazidos pelos diferentes sujeitos na vida social, disputa política habitual a partir da presença e dos discursos, tanto das pessoas, quanto das instituições. Optei por trazer conceitos de política pública e participação neste estudo sobre organização da cultura e práxis de emancipação social porque acredito que é na política pública que se reflete o olhar dos gestores públicos acerca da sociedade e, principalmente, é desse campo de disputas que se vê como são consideradas nesse espaço social a diversidade de identidades, expressões, sentidos, territórios e demais variáveis da vida social na constituição dessas políticas.

É também nas lutas sociais, nos movimentos populares e comunitários que se vê uma outra perspectiva da política, assim como nas movimentações da sociedade civil e suas atividades institucionalizadas. A política para além do Estado e do olhar dos gestores públicos, do governo e da administração. A política como capacidade do ser humano de criar diretrizes para organizar seu modo de vida. A política como estratégia de vida criada pelas pessoas e pelos grupos sociais com o objetivo final de alcançar a felicidade, como se referia Aristóteles na Grécia Antiga. A política como capacidade de mediar conflitos e encontrar soluções que sejam adequadas ou minimamente razoáveis para todos ou para uma maioria.

Entretanto, devido a uma certa cultura política de resignação a práticas autoritárias e ao contexto histórico em que se insere a sociedade brasileira, marcado pelo domínio das oligarquias e sempre polarizado entre a carência absoluta das camadas populares e o privilégio absoluto das camadas dominantes, a passividade e o medo coletivos inibem a participação popular na política de forma consciente e deliberada. Para Chauí (1995), essa insegurança praticamente destrói as células sociais, dificultando o desenvolvimento de outras formas de relação, tais como: solidariedade, confiança e tolerância. Para a autora (*idem*, p. 77), “a ideologia autoritária, que naturaliza as desigualdades e exclusões socioeconômicas, vem exprimir-se no modo de funcionamento da política”.

Chauí trata sobre a cultura política brasileira, fundada no mito da não-violência e da ideologia autoritária, e apresenta como desafio estruturante da sociedade a superação dessa dificuldade gigantesca para a instituição da democracia. Nesse sentido, ela indica a invenção de uma nova cultura política para desenraizar as fundas raízes do paternalismo populista, o elitismo oligárquico e estimular formas de auto-organização da sociedade como um todo, sobretudo das camadas populares, criando o sentimento e a prática da cidadania participativa. “A cidadania cultural teve em seu centro a desmontagem crítica da mitologia e da ideologia: tomar a cultura como um direito foi criar condições para tornar visível a diferença entre carência, privilégio e direito” (CHAUÍ, 1995, 84).

Nesse sentido, esta pesquisa também se constitui a partir da compreensão da política enquanto processo de formação e fortalecimento dos sujeitos e da afirmação de suas dimensões. Especificamente a pesquisa traz como foco o movimento de organização dos agentes culturais que vivem em Maracanaú e buscam por uma nova forma de construir uma atuação coletiva e que favoreça suas atuações e a vida social nesse setor.

Para tanto, trabalhei ao longo da pesquisa, como um dos elementos norteadores, a categoria de *práxis emancipatória*, conceito desenvolvido por Paulo Freire (2020), que traz como horizonte a libertação dos sujeitos e a superação das desigualdades e injustiças sociais. Nasce da condição pedagógica necessária para se transformar uma realidade, a partir do diálogo entre as pessoas envolvidas em determinada situação e na reflexão por elas geradas a partir da experiência vivida: “A práxis é reflexão e ação dos homens sobre o mundo para transformá-lo” (FREIRE, 2020, p. 52). Essa transformação da realidade, baseada na reflexão e ação, se apresenta como uma elevação da concepção de mundo anterior e, portanto, é um efeito da construção coletiva movida pela consciência crítica dessas pessoas que se veem como sujeitos responsáveis pela própria libertação, pela própria emancipação. Desse modo, é possível afirmar que a ideia freireana de *práxis emancipatória* se funda na ética humana e imbrica-se com a prática educativa e com um novo modelo de produção de história, marcada pela autonomia dos sujeitos que constroem sua própria história a partir de suas reflexões e experiências vividas.

Outra categoria que norteia o trabalho é a de *organização da cultura* e a relação que tecem com ela os *intelectuais orgânicos* no enfrentamento à *hegemonia cultural*. Trago de Gramsci (2002, 1982, 1991) esse imbricamento de conceitos, que articulam a reflexão filosófica como alimento da *práxis* e nos oferecem uma compreensão da crítica intimamente associada à atuação política.

Para Gramsci, a cultura adquire um sentido amplo que, ao longo dos tempos, foi ganhando diferente dimensão. Em seus primeiros escritos, a cultura poderia ser compreendida como a atividade intelectual fundamental para a formação de um novo modo de ser, bem como é vista como uma função estratégica que na perspectiva socialista contribui para a implementação do projeto da classe trabalhadora. Já a partir de 1917, com sua experiência soviética, é possível encontrar nos cadernos redigidos na prisão uma concepção ampliada que ganha complexidade. Manteve-se sua intenção de conferir à cultura a estratégia de organização política, entretanto passava a se pensar uma “nova cultura” como forma de ocupação do Estado pelo proletariado, a partir de uma contra-hegemonia a ser instalada na formação do Estado moderno, substituindo o consenso da burguesia pelo contraponto da cultura popular vivida pelas classes subalternizadas. Os chamados *intelectuais orgânicos* seriam peça-chave nesse processo, pois seriam o elemento pensante e determinante na construção dessa nova cultura, dirigindo as ideias e as aspirações da classe trabalhadora, tanto na superestrutura (ideologia dominante) quanto nos espaços de realização da política e da produção, como as escolas, sindicatos e outros grupos sociais.

Os referidos intelectuais se diferenciavam dos tradicionais uma vez que se colocavam numa função ativa junto aos processos de promoção da tomada de consciência de classe, nas lutas de classes e na organização do pensamento e dos discursos das classes. Ao contrário, os intelectuais tradicionais do início do século XX possuíam uma função de reprodução da ideologia dominante, que garantia o processo de dominação de uma classe sobre a outra, bem como atuavam nos aparelhos de hegemonia, ou seja, escolas, sindicatos, universidades, partidos e outros ambientes de cultura com esse fim de consolidação discursiva do capital. Esse confronto ideológico, no olhar de Gramsci, elevou a importância do papel dos intelectuais como promotores de uma nova organização cultural nas sociedades.

O conceito *intelectual orgânico* foi criado por Gramsci, mas Marx já o indicara, em meados do século XIX, ao afirmar que cada grupo social tinha papel decisivo na produção de seus próprios intelectuais, orgânicos de suas instâncias, politicamente comprometidos com seu grupo social para fazer e escrever a história. Enquanto escreviam “A Ideologia Alemã”, Marx e Engels indicavam que, na Europa do século XIX, as movimentações políticas nas fábricas que revolucionavam as relações sociais anunciavam que a organização da sociedade poderia ser recriada pela audaciosa iniciativa de diferentes protagonistas. Nesse sentido, era necessário se fortalecer processos formativos voltados especificamente para esses sujeitos que passavam a recontar a história. Para o professor Giovanni Semeraro (2006), a relação direta entre intelectuais, política e classe social demonstrou que “a filosofia, bem como a educação,

deve tornar-se práxis política para continuar a ser filosofia e educação”. Para o autor (*idem*, p.130): “Nascia a filosofia da práxis. E com ela novos intelectuais politicamente compromissados com o próprio grupo social para fazer e escrever a história e, por isso, capazes de refletir sobre o entrelaçamento da produção material com as controvertidas práticas de reprodução simbólica”.

Os intelectuais orgânicos, imbuídos na reflexão crítica sobre como se dava a produção material capitalista e sua relação controversa com a participação popular no poder, eram vistos como “organizadores” que atuavam nas mais distintas esferas do Estado e, ao mesmo tempo, estavam intimamente ligados às suas respectivas classes sociais e locais de atuação. A organização da cultura passava, então, por essa tomada de consciência e estava a cargo dos intelectuais orgânicos que, para Gramsci, formavam a classe que comandaria a mudança social, sendo ao mesmo tempo, especialistas e políticos, ao mesmo tempo cientistas, críticos e revolucionários.

Essa inversão coloca os intelectuais na disputa pelo consenso, no sentido de procurarem conquistar uma nova hegemonia e promoverem uma reforma intelectual-moral, despertando o poder coletivo popular. Gramsci utiliza o conceito de hegemonia como a direção política e intelectual de uma ou várias classes. Trata-se de uma orientação para a conquista de um novo consenso, a partir de novos sujeitos coletivos na luta contra-hegemônica, constituindo um bloco alternativo das classes subalternizadas.

Uma vez já descritas as duas categorias utilizadas ao longo da pesquisa, *práxis emancipatória* e *organização da cultura*, no contexto da escuta aos sujeitos culturais, a seguir faço uma breve descrição sócio-histórica do lócus da pesquisa, ou seja, o município de Maracanaú (CE) e do coletivo de trabalhadores da cultura que integram o Comitê de Cultura de Maracanaú, que ali se formou em agosto de 2022 com a intenção de mobilizar o setor cultural da cidade e dialogar com a gestão municipal no sentido de promover uma política de cultura para o município. Nessa contextualização, serão articuladas as duas categorias e o que dizem os sujeitos ou agentes culturais em sua atuação no lócus da pesquisa.

1.4 Metodologia

Esta pesquisa foi organizada e realizada em um contexto de desafios prementes trazidos pelos trabalhadores da cultura em Maracanaú, em meio aos quais eu me implico. Assim é que o caráter de intervenção dessa pesquisa me fez avançar na reflexão teórico-prática e no compromisso com os sujeitos da cultura do território. Desse modo, fui

deslindando um movimento exploratório que me fez atender a uma dualidade: por um lado, as exigências de uma profundidade crescente que corresponda ao olhar acadêmico e, por outro lado, as demandas de uma ação política e organizativa concreta.

Depois de cursadas as disciplinas do programa, como um percurso formativo partilhado com professores e colegas, pude ampliar repertório, aprofundar a fundamentação teórico-metodológica e fortalecer intersecções entre esta pesquisa com a linha e o eixo do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Ceará (PPGE-UFC). Os encontros de orientação foram fundamentais para esse alinhamento bem como para esclarecimento da delimitação do tema da pesquisa, definição de categorias, indicação epistemológica e seleção da fundamentação teórica.

Passada essa primeira etapa, ingressei na pesquisa de campo, rendendo maior atenção ao fenômeno social estudado e considerando as múltiplas vozes ali presentes e a minha própria implicação ali. Já em curso na pesquisa de campo, passei pela banca de qualificação, um momento em que pude receber críticas e observações que foram devidamente avaliadas, juntamente com minha orientadora, e contempladas no trabalho aqui desenvolvido.

Adotei como metodologia o modelo de pesquisa-ação, configurada como interventiva e qualitativa, integrando a pesquisa às dinâmicas e movimentos culturais de Maracanaú, bem como as provocações teórico-práticas que incidem sobre mim. De acordo com Fonseca (2002, p. 20), uma pesquisa com essa natureza possibilita uma aproximação e um entendimento da realidade a investigar, como um processo permanentemente inacabado. Ela se processa através de aproximações sucessivas da realidade, ainda mais estando eu como pesquisador inserido e implicado na realidade, fornecendo subsídios para uma intervenção no real. Essa escolha metodológica se justifica no fato de que o estudo que aqui vem sendo realizado está situado na perspectiva da realidade social vivenciada pelo próprio pesquisador que, em companhia de diversos sujeitos do campo, integra o Comitê de Cultura de Maracanaú, dispositivo coletivo da pesquisa. Acordando que toda pesquisa é uma ação política desde a escolha de sua temática até a divulgação de seus resultados, essa metodologia se mostra adequada para os fins de conhecer e intervir na realidade social, sendo identificada como instrumento potencializador de geração e partilha de conhecimentos e saberes direcionados aos setores populares de Maracanaú, especificamente o setor cultural. Também, a pesquisa-ação deve ser capaz de desvelar e engajar-se na organização da cultura como práxis emancipatória. E assim se deu com minha experiência no campo e no labor analítico.

Acerca da pesquisa-ação, define o pesquisador Michel Thiollent que se refere a um tipo de investigação social com base empírica que é “concebida e realizada em estreita

associação com uma ação ou com a resolução de um problema coletivo no qual os pesquisadores e os participantes representativos da situação ou do problema estão envolvidos de modo cooperativo ou participativo” (THIOLLENT, 2008, p. 14).

Nesse sentido, destaca-se o compromisso social, educativo e político da pesquisa (e do pesquisador), tanto com a proposta de construção de conhecimento em nível acadêmico, quanto com as lutas dos trabalhadores da cultura em Maracanaú pela implementação de uma política pública de cultura que promova dignidade para o setor. Vale ressaltar nessa metodologia a indissociabilidade entre conhecimento e a prática de transformar, tanto a realidade quanto o pesquisador.

Segundo Brandão (2008) “As abordagens de pesquisa participativa aspiram a participar de processos mais amplos e contínuos de construção progressiva de um saber mais partilhado, mais abrangente e mais sensível às origens do conhecimento popular” (BRANDÃO, 2008, p. 51). A pesquisa-ação é uma modalidade da pesquisa participante, sendo que o pesquisador se implica mais intensamente e intervém de uma forma sistemática e analítica na realidade estudada.

No caso desta pesquisa, essa intervenção tem se mostrado um modelo aberto e dialético que envolve a minha atuação teórico-prática no campo, especificamente, em torno dos sujeitos do Comitê de Cultura de Maracanaú e com outros personagens desse âmbito importantes para a pesquisa, gerando descobertas, movimentos analíticos e colaboração entre pesquisador, trabalhadores da cultura, sociedade civil e sociedade política. Essa articulação entre procedimentos acadêmicos e participação popular, mediada por um grupo que funciona como um dispositivo de pesquisa (o Comitê de Cultura de Maracanaú), pôde contribuir para um novo conhecimento científico que faz sentido também para os sujeitos analisados no contexto. Como diz Ibiapina, os participantes da pesquisa, “calcados em decisões e análises construídas por meio de negociações coletivas, tornam-se co-parceiros, co-usuários e co-autores de processos investigativos delineados a partir da participação ativa, consciente e deliberada” (IBIAPINA, 2008, p.26).

O modo, portanto, como essa pesquisa foi sendo planejada e vem sendo construída identificou uma diversidade de instrumentos e de técnicas que, ao modo de uma bricolagem, possibilitaram ao pesquisador operar na construção coletiva do saber, aprofundando-se na realidade investigada, apoderando-se da matéria que se busca conhecer. Essa produção do conhecimento presente nos diferentes territórios do município de Maracanaú, a partir do Comitê de Cultura, se deu (e se dá) numa perspectiva dialógica fundamentada tanto nos

objetivos da pesquisa quanto nas percepções e desejos dos sujeitos envolvidos nesse processo histórico.

A produção de saber gerada no campo empírico, dessa forma auto-implicada e mediada pela articulação teoria-e-ação, procurou levar em conta o compromisso político que a reflexão da organização da cultura como práxis emancipatória exige.

Devo colocar que a dimensão dialógica e de colaboração desta pesquisa-ação é muito marcada pela participação do Comitê de Cultura de Maracanaú. É que esses sujeitos estão também implicados nas práticas de transformar e no movimento que gera a própria pesquisa. Pela intensidade da ação gerada coletivamente, o que implicou em intensa reflexão crítica, decidi colocar o Comitê como um dispositivo coletivo de pesquisa, proposta que foi aceita pelos sujeitos do campo – e, a partir dessa assertiva, pactuados os procedimentos.

a) Sujeitos da Pesquisa

Os sujeitos da pesquisa são trabalhadoras e trabalhadores do setor cultural do município de Maracanaú, Ceará. Mais especificamente, pessoas que atuam no setor e que se mobilizaram para formar um grupo de trabalho com a intenção de estudar políticas culturais e dialogar com a gestão municipal de cultura no sentido da implementação do Sistema Municipal de Cultura em Maracanaú. Em suma, são trabalhadores da cultura que integram o Comitê de Cultura de Maracanaú, um coletivo de agentes culturais que se formou em agosto de 2022 na cidade. A intenção era (e se mantém) mobilizar o setor cultural e dialogar com a gestão municipal de Maracanaú a fim de promover uma política na área para o município que contemple as dimensões compartilhadas pelos trabalhadores da cultura, bem como que ofereça à população um aparato cultural diverso, sensível representativo e descentralizado pelo território. Uma intenção iniciada há décadas, que se renova com novos sujeitos e novas ferramentas comunicacionais, no entanto com a mesma coesão e compromisso: acreditar na mudança e trabalhar coletivamente para que ela aconteça.

O grupo que move o Comitê, ao longo dos meses de julho e setembro de 2022 foi se reunindo com mais regularidade e se fortalecendo enquanto coletivo, alinhando suas intenções e abrindo o diálogo formal com a gestão municipal de cultura de Maracanaú. Assim, formalizou-se, em assembleia oficial, da Secretaria de Cultura e Turismo de Maracanaú, no dia 26 de agosto de 2022, o Comitê de Cultura de Maracanaú, como grupo de agentes culturais que, a partir dali, dialogariam com o governo municipal no sentido de pensar formas de participação popular e colaborar na constituição de uma política pública de cultura para o

município. Desde então o Comitê de Cultura é formado por artistas, produtores culturais, técnicos, arte-educadores, trabalhadoras e trabalhadores da cultura que atuam na pesquisa, na formação em artes, na compreensão do patrimônio histórico-cultural, na produção cultural e no fazer artístico em várias linguagens (dança, música, audiovisual, artes visuais, literatura, artesanato, teatro, hip-hop, circo...).

Sujeitos de diferentes territórios de Maracanaú com trajetórias individuais das mais diversas que se encontram numa luta coletiva por melhores condições de atuação no setor cultural, seja como possibilidade de geração de trabalho e renda para esses agentes, seja como ampliação do acesso à cultura para a população do município.

Trata-se de um coletivo composto pela sintonia entre pessoas que atuam em outros diferentes coletivos, como: Maloka Ancestralidades, Juventude do Povo Pitaguary, Frente Revolucionária Maracanauense, Cine Broca, Grupo Garajal, QG do Pensamento, Estação RAP, Sindicato dos Professores de Maracanaú (Suprema), Associação de Moradores do Bairro Novo Maracanaú, Revista Sem Cor. Além desses, compõem o Comitê militantes, pesquisadores e artistas independentes e integrantes de diversos grupos culturais de Maracanaú.

Essa composição é marcada pela espontaneidade e pela informalidade, pois não existe um vínculo ou uma regularidade nos encontros ou nas realizações do Comitê. Entretanto, trata-se de uma composição popular coesa, que parte de diversas lutas políticas pela cultura e que se vincula pela constituição de um novo senso comum, baseado na ação constituinte de uma alternativa democrática e digna para a promoção da cultura em Maracanaú. Essa alternativa democrática, para ser assegurada, precisa instituir uma governança democrática, que contemple a participação popular e que traga transparência da organização governamental nos procedimentos de gestão. Para os filósofos contemporâneos Hardt e Negri “O senso comum que reside nos corações e mentes dos sujeitos que conduzem as lutas e imaginam uma nova sociedade possui um valor prescritivo e o poder de gerar, inspirar e moldar novas formas de vida” (HARDT; NEGRI, 2012, p. 75).

A ideia central que move o Comitê de Cultura de Maracanaú diz respeito à maneira como as pessoas poderiam se associar íntima e livremente em torno do que é comum a elas – no caso, a promoção da cultura de forma democrática e diversa na cidade e a participação direta na tomada de decisões junto à gestão política municipal e, desse modo, operar com a cultura a partir de “novas formas de vida”. Essa mobilização aponta para reinvenção de caminhos de lutas populares de modo que sujeitos do território possam se tornar governantes do comum de uma maneira que reivindicassem e concretizassem a democracia no setor

cultural. Nessa visada, incluem-se a produção e a sociabilização do próprio trabalho pelos trabalhadores do setor cultural.

Embora não haja uma regularidade nas reuniões do Comitê, há uma frequência intensa de encontros e trocas de ideias. Para além da militância, existem laços de afeto, cumplicidade e amizade entre seus integrantes, que fazem dessa composição uma célula complexa e impregnada de sentidos. Uma luta que passa pela existência e resistência das pessoas que veem no Comitê de Cultura de Maracanaú uma forma de afirmação de suas demandas relacionadas à atuação no setor cultural.

Desde agosto de 2022, quando surgiu o Comitê, seus partícipes vêm se dedicando ao pensamento coletivo tendo em vista a criação de alternativas para a promoção da cultura em Maracanaú. Nesse sentido, afirmam-se como práticas cotidianas o estudo sobre cidadania cultural, direitos culturais, legislação referente a políticas do setor, pesquisa sobre experiências de gestão em outros municípios do Ceará e de outras regiões do país. O artista e educador Allison Duarte me falou em entrevista que o Comitê de Cultura de Maracanaú, ao realizar suas atividades, “vem construindo um cenário novo e contando com os braços de artistas locais, de diversas áreas e em vários pontos do município” (informação verbal – fragmento da entrevista com Allison Duarte)⁵. Duarte se refere, em particular, à *Semana Juventude Crítica Maracanaú*, uma mostra artística autogestionada pelos próprios artistas da cidade – sob coordenação do Comitê de Cultura de Maracanaú – que reuniu em dezembro de 2022 mais de 80 artistas e 16 educadores de Maracanaú numa programação gratuita e diversa que se realizou em quatro bairros do município. Para Duarte, os trabalhos do Comitê a partir da Semana Crítica podem ser uma referência para a “organização autônoma dos próprios artistas locais, concretizando a indignação e as forças populares que clamam por melhoria das condições de vida da juventude. É um passo para a organização da luta pela cultura, contra a Prefeitura e seu projeto de alienação da juventude” (*idem*).

Pode parecer excessivo descrever a fala de um sujeito da cultura em uma seção do texto em que, prioritariamente, se designa quais os sujeitos que serão escutados na pesquisa. No entanto, elegi essa descritividade para que fique evidente que as falas dos sujeitos do campo estão em consonância com a problematização levantada pela pesquisa e que elas suscitam e confirmam o caminho metodológico. Afinal, são essas falas que me despertam as principais provocações que derivam diretrizes de análises, premissas e trilhas possíveis para a pesquisa. Ao longo de toda a pesquisa, essas vozes se somam aos referenciais teóricos e à

5 Entrevista 9 – concedida por Allison Duarte, desenhista, professor e pedagogo, em 20/01/2023. Depoimento recebido em texto, por *WhatsApp* e posteriormente revisado, com aprovação do texto pelo entrevistado.

minha própria reflexão, gerando uma profusão discursiva que constitui o conhecimento aqui produzido.

A fala de Duarte corrobora com o que venho percebendo na fala de outros trabalhadores da cultura de Maracanaú e com o que eu mesmo venho constatando como participante do Comitê. Para que se possa dimensionar o grau de inserção do Comitê no campo da cultura de Maracanaú e, assim, se possa ter uma ideia mais concreta de como funciona esse dispositivo de pesquisa, devo descrever alguns movimentos e ações-reflexões recentes. A partir das análises e críticas propositivas processadas sobre a conjuntura sociocultural em Maracanaú, o grupo vem elaborando e colocando em prática algumas iniciativas para o setor cultural da cidade. Resumidamente, vale mencionar aqui algumas das realizações já executadas e outras que ainda estão em fase de elaboração. Um exemplo é o *Observatório de Políticas Públicas de Maracanaú*, que, através do qual, integrantes do Comitê vêm participando de formação com um contador do Ministério de Contas do Estado do Ceará sobre os fluxos de orçamento público e a adequação à execução de políticas públicas. A atuação do *Observatório* vem se afirmando no sentido de monitorar a adequação das políticas sociais às demandas da população, bem como se houve consulta pública para definição das iniciativas, se houve prestação de contas e se há necessidade de elaborar e encaminhar denúncias.

Outro exemplo de ações já realizadas é a já mencionada *Semana Juventude Cultura Crítica Maracanaú*, uma iniciativa do Comitê para mobilizar trabalhadores da cultura da cidade e compor uma mostra coletiva realizada em quatro bairros da cidade, com trabalhos contemporâneos em várias linguagens artísticas de Maracanaú.

Como consta em um depoimento da Frente Revolucionária Maracanaense sobre o Comitê de Cultura, esse trabalho “precisa ser encarado dentro da luta de classes. É um combate contra a desumanização da população maracanaense, que foi privada dos bens culturais, artísticos e intelectuais, tão necessários” (informação verbal – fragmento da nota institucional da Frente Revolucionária Maracanaense)⁶.

O Comitê de Cultura de Maracanaú é, portanto, um coletivo de trabalhadores e trabalhadoras da cultura, que vem se constituindo como sujeitos de um processo histórico em mutação. A partir do movimento analítico (em seu pensamento crítico), da vivência coletiva e dos processos de reflexão-ação, os integrantes do Comitê atuam na composição de processos emancipatórios para uma nova organização da cultura no município.

6 Entrevista 18 – Nota institucional da Frente Revolucionária Maracanaense, coletivo parceiro da Semana Juventude Cultura Crítica Maracanaú, emitida em 29/12/2022. Depoimento recebido em texto, recebido por *WhatsApp* e posteriormente revisado, com aprovação do texto pela diretoria da entidade.

b) Lócus da Pesquisa

Com 40 anos de emancipação política e administrativa, Maracanaú é uma cidade relativamente jovem, de importância estratégica e um dos principais municípios do estado do Ceará. O historiador Ivaldo Silva (1992) apresenta Maracanaú de forma poética: “Situado num vale fértil, emoldurado pelas Serras de Aratanha e de Maranguape e pelos Rios Urucutaba, Timbó e Cocó (...), Maracanaú é um município rico de beleza natural e de história” (SILVA, 1992, p. 15). Localizado na Região Metropolitana de Fortaleza, a 24 km da capital, tendo como limites os municípios de Fortaleza e Caucaia (a Norte), Pacatuba (a Sul), Pacatuba (a Leste) e Maranguape (a Oeste), Maracanaú é considerado o maior polo industrial do Ceará e um grande complexo empresarial do estado.

A origem do nome do município é relativamente bem conhecido entre a população e tem origem tupi, com tradução próxima a “lagoa das maracanãs” ou ainda “rio das maracanãs”. Para Silva “em virtude do grande número de maracanãs que voavam ao longo de suas lagoas e rios. E era tão grande a quantidade dessas aves que se tornou comum chamar a região recém desbravada de terra das maracanãs” (*idem*, p. 35).

Ainda que esteja cravada no meio urbano, Maracanaú se espalha também por grandes áreas rurais e abriga em seu território uma unidade de conservação considerada como Área de Relevante Interesse Ecológico pela Secretaria Estadual do Meio Ambiente do Ceará. Há anos, possui o segundo maior PIB e a segunda maior arrecadação de ICMS do estado.

Uma cidade com cerca de 230 mil habitantes (IBGE, 2021) e graves problemas de distribuição de renda, além de políticas sociais ínfimas e um alto índice de violência urbana, comprometendo especialmente a vida das juventudes e, mais especificamente das pessoas negras e periféricas. Um processo histórico marcado pela permanência de uma mesma oligarquia no governo municipal há cerca de 20 anos, que faz da política local um dispositivo de troca de favores, programas descontinuados, silenciamento das maiorias minorizadas e invisibilização de sujeitos e lutas sociais.

Cabe salientar que não me inclinei aqui a um trabalho histórico exaustivo, para indicar com detalhes os fatos históricos que compõem a trajetória do lócus da pesquisa. Entretanto, debruicei-me na literatura a que tive acesso nos acervos particulares de colegas integrantes do Comitê de Cultura de Maracanaú, bem como em alguns estudos acadêmicos que obtive pela web, para apresentar algum delineamento histórico para a pesquisa.

Conforme Silva (1992, p. 15), até o início do século XVII os únicos habitantes da região eram do Povo Pitaguary (provenientes da etnia Potiguara), que nos primórdios habitavam a orla cearense ao tempo da colonização. Os rios e lagos foram importantes fatores para afixação dos Pitaguary na região. Entre 1649 e 1654, com a expedição holandesa de Matias Beck em busca de prata, invasores brancos se aproximaram da região e começaram as disputas de terras e negociações de outras ordens. Para Silva (*idem*, p. 16), nesse período, destacou-se o Cacique Maracá como importante liderança responsável pela negociação com os estrangeiros. Ele e seus companheiros Pitaguary dominavam boa parte do que hoje se reconhece como Maracanaú. De acordo com a socióloga e pesquisadora de Maracanaú, Edna Martiniano (2012), na localidade do Santo Antonio do Pitaguary, desde então até hoje, se encontra a maior parte das terras desse povo. Por volta de 1680, a partir do aldeamento efetivado pela ação dos missionários jesuítas, foi fundado, com o auxílio do Cacique Amanay, o primeiro núcleo populacional indígena de Maracanaú, então chamado de Aldeia de Santo Antonio do Pitaguary (MARTINIANO, 2012, p. 57).

O pesquisador Eloi Magalhães (2007) afirma em seus estudos sobre os Pitaguary que já em 1722 houve uma sesmaria [cessão de terras por parte da coroa portuguesa] obtida pelas lideranças Pitaguary formalizada pelo capitão-mor do Siará Grande, Manoel Francês, na qual consta o referente toponímico “Serra do Pitavari” (MAGALHÃES, 2007, p. 35-36). Em 1842, 1843 e 1854, outras “legitimações” do governo imperial reconhecendo “terreno denominado de Pitaguary” (*idem*, p. 36). Silva (1992, p. 16) assinala que Maracanaú, à época, era considerada a única localidade do Ceará que já se apresentava com território próprio de seus moradores, antes de ser delimitado oficialmente. Por “seus moradores” entenda-se o Povo Pitaguary.

O historiador Francisco Correia do Nascimento (2017, p. 16) afirma que essa região fazia parte de Maranguape, município que teve sua emancipação de Fortaleza em 1851. Já em 1873, foi inaugurada a primeira escola do povoado, a Escola de Maracanaú, reconhecida como oficial pelos órgãos competentes da Prefeitura de Maranguape (SILVA, 1992, p. 69). Maracanaú foi também a terra adotiva do farmacêutico, cientista, professor e escritor Rodolfo Teófilo, que viveu a partir da década de 1870, no bairro Pajuçara, onde fabricava a cajuína e reunia em sua casa, os membros da Padaria Espiritual, movimento literário que surgiu em 1892, e que proporcionou a consolidação do Realismo e o nascimento do Simbolismo no Ceará e foi precursor da Semana Nacional de Arte Moderna, em 1922.

Em 1882, o povoado é alçado à condição de vila, por ato provincial e em 1906 passa à condição de distrito de Maranguape (SILVA, 1992, p. 15-16). Em 1950, Maracanaú aparece

em um recenseamento geral em todo o Brasil com um registro de 2.845 habitantes no distrito de Maracanaú (NASCIMENTO, 2017, p. 17). O que se deu é que, nas décadas seguintes, o território ganhou importância regional, o que impulsionou a busca pela autonomia e desmembramento do município frente a Maranguape. Muitos fatores contribuíram para grandes transformações na cidade: a construção da Estrada de Ferro de Baturité, o Sanatório de Maracanaú (hoje Hospital Municipal), a Colônia Antonio Justa, a instalação da CEASA e o Instituto Carneiro de Mendonça – um centro de reabilitação para adolescentes em conflito com a lei. No fim dos anos de 1960, Maracanaú é escolhida como sede do Distrito Industrial de Fortaleza (mais tarde chamado Distrito Industrial de Maracanaú) e, conseqüentemente, é disparada a construção dos conjuntos habitacionais, que modificaram profundamente essa cidade e impulsionam a densidade populacional de Maracanaú. Souza & Almeida afirmam que nas proximidades do Distrito Industrial de Maracanaú, foram construídos, em 1979, grandes conjuntos habitacionais, que totalizaram mais de 20.000 residências (SOUZA & ALMEIDA, 2005, p. 8). Apontam ainda que esse processo de expansão urbana dá um salto populacional de 37.844 habitantes, em 1980, para 157.150 em 1991 (*idem*, p. 11-12). Esse fator passa ser determinante para o aumento da população e para o processo de emancipação administrativa do município, que só foi ocorrer em 1983, em sua quinta tentativa.

Desde a então chamada emancipação definitiva, Maracanaú vive em constante transformação, enfrentando os desafios de uma grande cidade, que ao passo em que cresce, gera igualmente o aumento dos índices de desigualdade social e violência urbana. Essa explosão demográfica ocorrida em Maracanaú, segundo Souza & Almeida (2005, p. 12), não foi acompanhada pelo poder público no sentido de garantir políticas sociais ou mesmo infraestrutura básica para a população alargada, o que se reflete, por exemplo, no percentual de população beneficiada com esgotamento sanitário. Em Maracanaú, mais de 30% da população não possui rede de esgoto (IBGE/2010). Para os autores: “Pode-se estimar ainda que o esgoto dessa parcela majoritária da população é lançado em fossas (contaminando o lençol de água subterrâneo), nas ruas (o que promove a proliferação de doenças de veiculação hídrica) ou diretamente nos rios e lagoas do município, poluindo-os” (*idem*, p. 12). Somam-se a essa questão a expansão urbana desordenada e o desmatamento, que cresce vertiginosamente desde a explosão demográfica dos anos 1970 e vem destruindo parte considerável da diversidade florística e faunística do município. Os impactos apontam para diversas mudanças na dinâmica socioeconômica maracanauense – e, mais especificamente, nas suas características ambientais da cidade, como a frequência de inundações e alagamentos, a ampliação da poluição industrial, atmosférica e do solo, o acúmulo de lixo (e a

deficiência no sistema de coleta), além de uma pressão muito intensa sobre os recursos naturais e as condições de qualidade de vida do município (*idem*, p. 16-18).

Ainda assim, Maracanaú possui uma Reserva Ambiental, a Fazenda Raposa, localizada na localidade Jaçanaú, com área de 147 hectares, administrada pela UFC – Universidade Federal do Ceará. Segundo o Decreto nº 33.568/2020 do Governo do Estado (CEARÁ, 2020), o local passou à condição de Unidade de Conservação Estadual do grupo de Uso Sustentável denominada de Área de Relevante Interesse Ecológico (ARIE), prevendo a utilização do espaço voltado à contemplação da natureza, lazer, educação ambiental e estímulo à pesquisa científica. Sua importância está no fato de que detém o maior número de palmeiras carnaúbas da América Latina, sendo espécies do gênero *Copernícia*, e possui em sua coleção 17 dos 24 tipos existentes no mundo (COSTA, 2020).

No município está localizada uma das Centrais de Abastecimento do Ceará – CEASA, no bairro de Pajuçara, o que gera uma certa tradição de famílias integradas à cultura das feiras e do comércio de produtos agrícolas. Destaca-se também a presença de um forte movimento de agricultura familiar, ligado à CONFETRAF – Confederação Nacional do(a)s Trabalhadora(e)s da Agricultura Familiar do Brasil, composto por mais de uma centena de quintais produtivos que recentemente foram reconhecidos como agricultores familiares urbanos e que compõem uma rede de pequenos produtores na região metropolitana de Fortaleza. Essa rede promove o compartilhamento de alimentos cultivados nos quintais produtivos e que, principalmente, produzem para a subsistência e para pequenos negócios.

Para Sales & Azevedo (2020), Maracanaú é uma das cidades cearenses com maiores índices de violência contra as mulheres e “as redes de enfrentamento e de atendimento não estão presentes no município” (SALES & AZEVEDO, 2020, p. 323). Também figura entre as cidades de maior índice de homicídios no Brasil. Segundo o “Atlas da Violência” de 2019, pesquisa divulgada pelo Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada – Ipea, Maracanaú foi a cidade com maior índice de homicídios registrados no Brasil entre os municípios com mais de 100 mil habitantes (2017). Um dado que preocupa, tendo em vista que os maiores atingidos são os jovens de 15 a 19 anos, um segmento social que poderia ser atendido pelas políticas públicas integradas há pouco mencionadas, muito particularmente a de cultura. Ao mesmo tempo, Maracanaú foi considerada a quinta melhor cidade de toda a América para se investir, segundo pesquisa realizada pelo guia “American Cities of the Future 2017/18”.

Em uma conversa que tive com Edna Martiniano, também integrante do Comitê de Cultura de Maracanaú, ela me falou do seu olhar sobre a cidade: “Um lugar de pouso, que recebe e abraça pessoas de diversas regiões do estado e do Brasil, mas que por outro lado

demanda a intensificação de políticas públicas integradas de combate à violência e de prevenção, através da educação, cultura, esporte, lazer, geração de trabalho e renda” (informação verbal – fragmento da entrevista com Edna Martiniano)⁷.

No campo da cultura, as políticas públicas municipais se concentram em eventos de entretenimento hegemônico, voltados para grandes públicos, normalmente shows musicais e festas com bandas, cantores e cantoras reconhecidos no que se tem como *indústria cultural* ou *show business*, sempre abastecidos com robustos investimentos. Inversamente proporcional ao que se aplica de investimento na formação de jovens artistas ou produtores culturais da própria cidade, ou mesmo na manutenção de saberes tradicionais, ou de patrimônios imateriais de Maracanaú, quiçá em apoio a mestres da cultura. Mostram-se insipientes ou, a bem dizer inexistentes, também as políticas de fomento, difusão e produção artísticas, menos ainda o apoio à pesquisa em artes ou aspectos culturais de qualquer natureza, linguagem ou direcionamento estético, assim como de formação continuada para agentes culturais da cidade. Maracanaú tem um Teatro Municipal e uma Fundação de Cultura, ligados à Secretaria de Cultura e Turismo de Maracanaú (SECULT/Mc); entretanto, o Teatro não constitui uma programação artístico-cultural regular e funciona mais como um local para reuniões ou eventos da prefeitura ou de empresas que alugam o equipamento para atividades institucionais e privadas. A Fundação Cultural foi criada com a intenção de ser a “responsável pelo desenvolvimento cultural do município, promovendo manifestações artísticas e culturais, fomentando programas e atividades relacionadas à preservação do patrimônio histórico, artístico e cultural em Maracanaú” (MAPA CULTURAL DE MARACANAÚ, 2018), além de captar recursos complementares ao tesouro municipal destinado à pasta da Cultura. Entretanto, praticamente não funciona, a não ser nas ocasiões dos grandes eventos como o São João de Maracanaú, o Natal de Brilho e o Alegria e Louvor (*idem*), para os quais a Fundação tem como objetivo buscar e garantir patrocínios, já que esses eventos demandam expressivo investimento para contratação das programações já mencionadas acima.

Como todas as demais secretarias, desde 2000, a SECULT de Maracanaú tem garantido anualmente uma parcela do orçamento municipal para sustentar suas despesas com a política municipal de cultura e o custeio do órgão. Trata-se da Lei Orçamentária Anual (LOA), que estabelece as despesas e as receitas que serão realizadas no ano seguinte. Ela é elaborada em consonância com a Lei de Diretrizes Orçamentárias (LDO) e com base nas diretrizes, objetivos e metas constantes do Plano Plurianual (PPA), que deve ser aprovada pela

⁷ Entrevista 27, concedida por Edna Martiniano, socióloga, escritora, Conselheira de Cultura de Maracanaú e membro da SOPOEMA e da Academia Maracanauenses de Letras, em 20/01/2023. Depoimento recebido em texto, por *WhatsApp* e posteriormente revisado, com aprovação do texto pela entrevistada.

Câmara de Vereadores para orientar a execução dos recursos em cada secretaria e demais órgãos. Para 2022, a LOA é regida pela Lei nº 3.091/2021 e garantiu para a SECULT o montante de R\$ 7.530.000,00 (sete milhões, quinhentos e trinta mil reais). Para 2023, a LOA é regida pela Lei nº 3.271/2022 e prevê investimento de R\$ 15.183.200,00 (quinze milhões, cento e oitenta e três mil e duzentos reais) para as políticas de cultura do município. Com esse recurso provisionado, o gestor da pasta se apresenta como ordenador de despesa e pode aplicar essas cifras na execução das políticas. O que intriga os sujeitos da cultura é que, aparentemente, não se identifica políticas, programas, projetos e ações executados propriamente ditos na dimensão desse volume de recurso.

Também chama atenção dos trabalhadores da cultura o fato de que algumas metas previstas na LOA nunca são realizadas, embora todos os anos essas mesmas metas reaparecem nas previsões da LOA, como a Revitalização da Casa Rodolfo Teófilo, o Prêmio Literário de Maracanaú, a construção e manutenção de bibliotecas, dentre outras. Ou seja, supõe-se que o recurso previsto e arrecadado vai para outros fins, o que não fica evidente. Cabe salientar que todos esses provisionamentos são realizados sem a participação de representantes da sociedade civil que atuam no setor cultural. Ao ouvir artistas, produtores culturais, pesquisadores, formadores em artes do município, é recorrente a denúncia de que não são envolvidos na concepção das diretrizes que determinam os provisionamentos da LOA para a cultura em Maracanaú. Mostra-se de notório conhecimento que nem mesmo instâncias representativas como o próprio Comitê de Cultura de Maracanaú, ou o Conselho Municipal de Cultura, que ficou desativado por 12 anos (e reativado durante o curso desta pesquisa), são articulados, ficando unicamente a cargo do Secretário de Cultura e Turismo do município essa definição.

A presente pesquisa se debruçou no sentido de compreender esse fluxo entre planejamento das políticas, aprovação dos recursos previstos na LOA e execução das políticas, bem como verificar a participação da sociedade civil nesse processo.

Nesse contexto, os trabalhadores da cultura, de forma geral, assinalam que a cultura de Maracanaú se manifesta numa complexidade sufocada entre os poucos recursos municipais destinados e executados no setor, a desmobilização dos trabalhadores da área, a demanda por formação técnica para a atuação na cultura e uma resistência popular que se espalha por agendas comunitárias e independentes, que mantêm as práticas culturais em movimento, alheias à inexistência de política cultural no município. Pelo que está posto e em curso e dentro do que tenho conseguido perceber neste processo da pesquisa, cabe aos sujeitos da cultura, aparentemente desassistidos de políticas públicas para o setor, elaborar iniciativas

independentes e coletivas, articular colaborações entre pares, ou parcerias com o setor privado, ou ainda tentar apoios de outras secretarias municipais que não a SECULT, ou via políticas estaduais de cultura (ver no APÊNDICE A deste estudo uma lista com iniciativas independentes, de agentes culturais de Maracanaú sem qualquer tipo de apoio da Prefeitura Municipal). Fora essas alternativas, resta a de oferecer seus trabalhos em outros municípios, bem como tentar atuações profissionais em outros setores que não o cultural, ambas as práticas cada vez mais comuns em Maracanaú.

Dessa resistência é possível perceber novas formas de organização popular na seara da cultura, até porque é nela que fica latente a urgência por outras perspectivas, tanto na perspectiva dos trabalhadores da cultura, quando acerca de uma programação cultural para a população. Para o pesquisador e escritor Paulo Victor Damasceno, que tem estudado a história de Maracanaú considerando as movimentações culturais no município desde os anos de 1990, a variável determinante está na tomada de consciência de classe por parte dos agentes culturais da cidade, bem como na auto-organização enquanto categoria unificada dentro do setor cultural. Em entrevista, ele me disse: “A participação ativa dos trabalhadores da cultura de Maracanaú no debate político da cidade exige a compreensão de sua condição enquanto sujeito histórico, enquanto classe trabalhadora, enquanto categoria subalternizada pela classe dominante”⁸. Damasceno, que também é integrante do Comitê de Cultura de Maracanaú, condiciona essa participação dos trabalhadores da cultura na política cultural na tomada de consciência por parte dos sujeitos. E continua: “Essa compreensão não surge de forma espontânea, como uma iluminação, ela é fruto das condições materiais da categoria, de suas pelejas históricas e de suas lutas diárias, fruto da luta de classes. A ausência dessa compreensão coloca a categoria no campo da alienação” (*idem*).

Aqui Damasceno parece se inspirar nas reflexões de Thompson (1987), no prefácio de “Formação da Classe Operária Inglesa”, quando o autor inglês afirma que “a classe operária não surgiu tal como o sol numa hora determinada. Ela estava presente ao seu próprio fazer-se” (THOMPSON, 1987, p. 9). Cada um a seu modo, elucida que a classe se forma como fenômeno histórico e na oposição entre dois conjuntos de pessoas e seus respectivos objetivos diferenciados. Em seu depoimento, Damasceno diferencia com nitidez a sociedade política (classe dominante) da sociedade civil do setor cultural (classe trabalhadora). Quanto à consciência de classe, ele reforça que se trata de uma construção racional e fruto do convívio social (“pelejas históricas e de suas lutas diárias”), o que se aproxima do que Thompson trata

8 Entrevista, 16, concedida por Paulo Victor Damasceno, escritor, advogado e integrante da Frente Revolucionária Maracanaense, em entrevista, em 05/11/2023. Depoimento recebido em texto, recebido por *WhatsApp* e posteriormente revisado, com aprovação do texto pelo entrevistado.

como a percepção (crítica) resultante das experiências vividas pelo ser social: “A consciência de classe é a forma como essas experiências são tratadas em termos culturais: encarnadas em tradições, sistemas de valores, ideias e formas institucionais. Se a experiência aparece como determinada, o mesmo não ocorre com a consciência de classe” (THOMPSON, 1987, p.10).

É nesse campo controverso e de conflituosidade intensa, especialmente entre os interesses da sociedade política (classe dominante que integra o governo municipal em Maracanaú) e da sociedade civil (classe trabalhadora do setor cultural, onde se situa os partícipes do Comitê de Cultura de Maracanaú), que eu busquei observar e analisar a organização da cultura e a práxis emancipatória em sua potência, tendo o Comitê de Cultura de Maracanaú como o recorte e dispositivo coletivo da pesquisa.

c) Procedimentos ou técnicas da pesquisa

- Diário de Campo:

Diário de campo se difunde como ferramenta de pesquisa a partir do trabalho de Malinowski (início do século XX), por meio da etnografia, que metodologicamente propõe um afastamento daquilo que se observa com uma grande quantidade de anotações de cunho descritivo. Por outro lado, a escrita do diário de campo também se apresenta em outra dimensão, colocando em primeiro plano a relação entre pesquisador e campo de pesquisa, em uma abordagem que compreende uma atuação assumidamente implicada e não mais *neutra*.

No caso desta pesquisa, além do suporte de texto, utilizei-me de um gravador pra registrar depoimentos meus enquanto transitava pela cidade, assim pude registrar as impressões que eu tinha logo após sair de uma atividade, uma reunião, um evento, um encontro com alguém ou um grupo. E depois ouvir tudo e processar alguma síntese e aproveitar algo. Desse modo, esse diário de campo multimídia me possibilitou tomar nota de elementos que não necessariamente eu aproveitaria para a escrita da dissertação, mas que poderia contribuir na geração do conhecimento, a partir da dimensão subjetiva da experiência com o campo e seus sujeitos, ou seja, meus companheiros de luta. Tal modalidade de registro compreende a descrição dos procedimentos do estudo, do desenvolvimento das atividades realizadas e também de possíveis alterações realizadas ao longo do percurso da pesquisa, além de servir como uma narrativa textual das minhas impressões sobre o processo. Procurei também registrar, com menos incidência, angústias, desejos, avanços e dificuldades, que fazem parte da minha implicação no processo e geram uma recursividade permanente: ao

mesmo tempo que elas suscitam ações, são suscitadas por elas. Desta forma, o diário de campo também se deu como ferramenta de intervenção ao provocar reflexões sobre a própria prática de pesquisa e das decisões em relação ao planejamento, desenvolvimento, método de análise e divulgação científica. Uma espécie de exercício de metalinguagem em que se enfatiza a tarefa de *pensar o pensamento*.

Penso que o diário de campo funcionou como um diário de pesquisa. Para Lourau (1993), o diário de pesquisa seria a narrativa do pesquisador em seu contexto histórico-social, um pesquisador implicado com e na pesquisa e que reflete sobre e com sua atividade de escrever. Um “tipo de reflexão própria do escrever”, que “permite o conhecimento da vivência cotidiana de campo (não o ‘como fazer’ das normas, mas o ‘como foi feito’ da prática)” (LOURAU, 1993, p. 77-79). Essa experiência de escrever e de pensar sobre o processo de escrita favoreceu para a produção da revista que fez parte da pesquisa, a Revista Rasura, que descrevo logo a seguir e que, em suas duas edições, funcionou como uma plataforma para expressar e compartilhar com o público leitor algumas passagens da pesquisa, além de conteúdos que me chegaram como colaborações de diversos sujeitos do campo.

- Rodas de conversa:

A roda de conversa, no âmbito da pesquisa social, vem mostrando ser uma forma de produzir saberes em que o pesquisador se insere como sujeito da pesquisa pela participação na conversa e, ao mesmo tempo, produz dados concretos para discussão. Para Moura & Lima (2014), trata-se de um método de participação coletiva de debate acerca de determinada temática em que é possível dialogar com os sujeitos, que se expressam e escutam seus pares e a si mesmos por meio do exercício reflexivo. Em outras palavras, um instrumento que permite “a partilha de experiências e o desenvolvimento de reflexões sobre as práticas educativas dos sujeitos, em um processo mediado pela interação com os pares, através de diálogos internos e no silêncio observador e reflexivo (MOURA & LIMA, 2014, p. 99).

Considerando as características deste estudo, marcado pela presença de diversos sujeitos que contam suas histórias e as do campo da pesquisa – as dinâmicas da cultura em Maracanaú – a roda de conversa foi um importante e potente instrumento para reunir repertórios pessoais e particulares que ganham novas dimensões e proporções em ressonância coletiva. Como aponta o estudo de Moura & Lima (2014), o “sujeito é sempre um narrador em potencial” (*idem*, p. 100) e o fato é que ele não narra sozinho: “reproduz vozes, discursos e memórias de outras pessoas, que se associam à sua no processo de rememoração e de socialização, e o discurso narrativo, no caso da roda de conversa, é uma construção coletiva”.

Um dos objetivos das rodas de conversa é a socialização de saberes e o advento da troca de experiências, da divulgação e partilha de informações e conhecimentos entre os envolvidos, na perspectiva de construir e reconstruir novos conhecimentos sobre a temática proposta pelo pesquisador. É certo que a roda de conversa não é algo novo, a ousadia é empregá-la como meio de produzir saberes e informações precisas para a pesquisa qualitativa (*idem*, p. 101).

De certo modo, os encontros do Comitê de Cultura de Maracanaú (que vêm acontecendo frequentemente, mas não de forma regular, desde agosto de 2022) já se apresentavam como *rodas de conversa*, justamente porque eram reuniões de um grupo que compartilha da palavra numa disciplina tal que todos se ouvem e garantem o espaço para que todos falem. Resumidamente, o que se tem no Comitê é uma roda de conversa com uma intenção clara e comum a todos, onde se estabelece uma pauta e um tempo para se tratar de cada tópico, uma metodologia partilhada entre os participantes e um momento final determinado para se pensar e definir os encaminhamentos, com as respectivas implicações de cada pessoa ali presente. Logo após a cada reunião, alguém ou algumas pessoas ficavam responsáveis por escrever um memorial, como uma ata da reunião. Material de suma importância que registra a troca realizada entre aquelas pessoas, suas reflexões, apontamentos e encaminhamentos. Um verdadeiro registro que pode servir a qualquer momento de base para a sistematização da experiência vivida, para se garantir memória e manutenção do processo histórico do próprio Comitê de Cultura de Maracanaú.

Entretanto, no contexto da presente pesquisa, as rodas de conversa se diferenciaram um pouco do modelo de como as reuniões do Comitê foram acontecendo, no sentido de garantir uma mediação mais evidente do pesquisador, para atender às intenções da pesquisa. Assim, afirmo que as rodas de conversa puderam promover para a pesquisa, a partir do diálogo coletivo, uma construção (bem como possíveis reconstruções) de narrativas e reflexões críticas através da escuta e do diálogo entre pares e com o próprio pesquisador, bem como gerou *insights* significativos em cada participante. Trago aqui um pensamento de Freire e Shor, sobre o diálogo, que foi-me uma grande diretriz não só para as rodas de conversa, mas para todas as situações de diálogo que advieram a pesquisa: “O diálogo não é uma situação na qual podemos fazer tudo o que queremos. Isto é, ele tem limites e contradições que condicionam o que podemos fazer... Para alcançar os objetivos de transformação, o diálogo implica em responsabilidade, direcionamento, determinação, disciplina, objetivos” (FREIRE; SHOR, 1987, p. 127). Ver exemplo na Figura 1:

Figura 1 – Roda de Conversa na sede do Grupo Garajal, com agentes culturais em discussão sobre o processo histórico das lutas pela cultura em Maracanaú, em 24 de maio de 2023.



Fonte: Acervo do autor

- Acervo bibliográfica e documental:

O acervo bibliográfico, em linhas gerais, é um apanhado sobre os principais trabalhos científicos já realizados sobre o tema escolhido e que demonstram relevância para o presente estudo por serem capazes de oferecer elementos históricos e atuais para o incremento da matéria pesquisada. Para além dos trabalhos científicos, a pesquisa bibliográfica, abrange outras produções, tais como publicações avulsas, livros e materiais da imprensa. Esse levantamento é uma contribuição à pesquisa pois trouxe dados originais, colhidos e analisados, o que permite ao pesquisador conhecer o que já se estudou sobre o assunto (FONSECA, 2002, p. 31).

Já a pesquisa documental se vale das chamadas fontes primárias, materiais que não receberam ainda um tratamento analítico, ou que ainda podem ser reelaborados de acordo com a investigação feita. Dentre o que foi analisado, destacam-se documentos de arquivos dos coletivos de cultura de Maracanaú, da Secretaria de Cultura e Turismo do município, legislações que regem as dinâmicas da cultura em Maracanaú, no Ceará e no Brasil, atas de reuniões importantes, além de conteúdos publicados na imprensa e em jornais comunitários de Maracanaú. Dentre esse material, destacam as leis e decreto que regulamenta a constituição e ativação do Conselho Municipal de Cultura de Maracanaú (Lei 1.450/2009, Lei 2.175/2014 e

decreto 4.024/2020), importante conjunto de documentos que previu a constituição do Conselho como “órgão colegiado, deliberativo, consultivo e normativo, integrante da estrutura básica da Secretaria e Turismo de Maracanaú” (MARACANAÚ, 2020).

O próprio Comitê de Cultura de Maracanaú vem realizando um trabalho de pesquisa e organização da memória relacionada à cultura e ao patrimônio histórico do município, o que favoreceu no contexto da presente pesquisa. Historicamente, outros movimentos culturais na cidade também reuniram documentação e material de imprensa, como o Fórum de Cultura de Maracanaú, que esteve em atuação entre março de 2019 e julho de 2021, realizando diversos estudos de conjuntura das lutas da cultura e difundindo sínteses dessas análises através de publicações em redes sociais. Esses acervos foram acessados ao longo da pesquisa, bem como entrevistados sujeitos que fazem a gestão desses conteúdos.

- Produções de conteúdos – boletins informativos, revista e outras mídias:

Sendo a pesquisa uma oportunidade de geração e partilha de conhecimento, a metodologia aqui adotada foi composta de forma a sistematizar os saberes, análises e fatos históricos, reunindo-os e organizando-os para facilitar a consulta e a compreensão da matéria estudada. Agregou-se a essa intenção pedagógica, o caráter informativo e difusor. Nesse sentido, ganharam proporção na pesquisa alguns procedimentos que buscam a produção de conteúdo midiático, com objetivo de tornar público o conhecimento gerado.

A contemporaneidade nos provoca a repensar processos educativos e a diversificar os métodos utilizados na formação das pessoas e na geração de conhecimento. Assim, surgem novas alternativas para os indivíduos se expressarem, interagirem e difundirem seus saberes, ampliando-se as formas de agir, ensinar e de aprender. Nesse processo, segundo aponta a pesquisadora Maria Cecília Martins (2008, p. 02), a cultura e os meios de expressão que a permeiam são fundamentais para a constituição de uma teia em volta do cotidiano no qual o indivíduo atua. As chamadas Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs) estiveram inseridas nesse contexto educacional, configurando novos caminhos para favorecer a interação e o desenvolvimento das constantes compreensões sobre o mundo e sobre a própria cultura.

Com a finalidade de ampliação da divulgação dos conhecimentos gerados ao longo da pesquisa, foram produzidos e publicados boletins informativos como dispositivos de sociabilização de depoimentos colhidos, reflexões oriundas do diário de campo, material colhido nas pesquisas bibliográficas e documentais, bem como sínteses das análises realizadas

ao longo da pesquisa. Em formato digital, esses boletins se materializaram em publicações no perfil do *Instagram do Comitê de Cultura de Maracanaú*⁹, que em um ano de existência passou a fazer parte da rede particular de mais de 1.000 usuários dessa plataforma. Ao mesmo tempo, esses boletins são um meio de compartilhar as investigações da pesquisa e um procedimento dela própria, pois em função do processo de elaboração de suas edições, há o ciclo de produção editorial que demanda, pesquisa, análise e sistematização do conteúdo para montar a publicação.

Desse modo, os boletins foram produzidos, apresentados e compartilhados como contribuição para a formação de opinião dos sujeitos da cultura em Maracanaú e para ampliar a interação entre campo e pesquisador. As publicações, frequentemente foram fruto de colaborações de sujeitos do campo como redatores, ilustradores, videomakers e designers, que indicam pautam ou produzem o conteúdo para ser publicado nesse perfil coletivo. O processo colaborativo de geração de conteúdos dos boletins informativos foi coordenado por mim enquanto pesquisador (sob orientação) na feitura deste mestrado, em que assumo total responsabilidade sobre o rigor das informações e compromisso editorial com a história e com os objetivos da pesquisa.

Outro procedimento adotado foi a Revista *Rasura*, uma publicação impressa (também com versão online), mais extensa que os boletins e que reuniu conteúdos mais profundos que eles. A partir de princípios educacionais e colaborativos, esse procedimento metodológico acentuou minha implicação com a pesquisa, no sentido de se apresentar como a devolutiva para o campo pesquisado, como desfecho do processo de diálogo entre pesquisador e campo. Inspirei-me no pensamento do professor Ismar de Oliveira (2000) quando ele nos apresenta a diretriz educacional: “Neste contexto [da educação], a comunicação é vista como um componente do processo educativo. (...) Passa a ser vista como relação, como modo dialógico de interação do agir”. Um pensamento que se complementa com a dialogicidade de Paulo Freire (1976): “O diálogo é o encontro amoroso dos homens que, mediatizados pelo mundo, o pronunciam, isto é, o transformam e, transformando-o, o humanizam” (FREIRE, 1976, p. 43).

Não se tratou, pois, de educar usando o instrumento da comunicação, mas me valer da própria comunicação como parte da práxis geradora de pensamento crítico e dispositivo emancipatório. No caso da Revista *Rasura*, uma ferramenta que vem reunindo as reflexões e práticas geradas pela pesquisa, integradas a outros conteúdos que se relacionam com o

9 Para acessar o perfil: [instagram.com/comitedeculturademaracanau](https://www.instagram.com/comitedeculturademaracanau)

universo da cultura de Maracanaú, combinando meus pensamentos aos de outros sujeitos do campo, colaboradores nessa produção.

Foram lançadas duas edições da Revista Rasura¹⁰, uma em Maio e outra em Outubro, ambas reunindo materiais que contribuem para a reflexão críticas sobre a conjuntura sociocultural de Maracanaú, além de divulgações de produções artísticas (poemas, ilustrações, crônicas) de agentes culturais da cidade. Realizada sob princípios educacionais e através de um processo colaborativo, a perspectiva é que essa publicação seja continuada, uma vez que o Comitê já reúne conteúdo para produzir a próxima edição da revista, com materiais gerados na etapa final do presente estudo. As revistas foram impressas com apoio do Sindicato Unificado dos Profissionais em Educação no Município de Maracanaú (Suprema), que garantiu a impressão das tiragens, e estão sendo distribuídas em espaços culturais da cidade, como sedes de grupos artísticos, eventos culturais, bibliotecas comunitárias e em mãos de artistas e produtores. A seguir um fragmento do editorial da primeira edição e também as capas das duas edições e na Figura 2, logo abaixo (à página 57), as capas das duas edições da revista:

A linha editorial da revista parte do estudo em curso e trata de assuntos ligados à educação para autonomia e fortalecimento do setor cultural em Maracanaú. A partir da mobilização de trabalhadora(s) da cultura, a revista traz o foco na rasura como metáfora para uma forma anti-hegemônica de se falar sobre a cultura em Maracanaú. A escrita, a poética, as múltiplas vozes, a criação e produção de saber como revide histórico e como contragolpe depois de tantos silenciamentos. A partir dessa rasura, afirmamos contrapontos, críticas, proposições e, com tudo isso, caminhos de emancipação (REVISTA RASURA, 2023. p. 03).

10 O conteúdo das duas revistas pode também ser acessado de forma online, pelo link: issuu.com/comitedeculturademaracanau

Figura 2 – Capas das duas edições da Revista Rasura



Fonte: Acervo do autor

Ainda sobre os procedimentos de TICs, vale mencionar aqui duas plataformas utilizadas pelos partícipes do Comitê de Cultura de Maracanaú: o perfil do Comitê na rede social *Instagram* e o grupo do aplicativo *WhatsApp*. Ambos foram criados por mim, durante a pesquisa e utilizados coletivamente pelos integrantes do Comitê para criar e compartilhar conteúdos, mobilizar o setor cultural e para trocas de ideias entre o próprio grupo. Ainda que inserido no processo colaborativo que marca o funcionamento dessas duas plataformas digitais, coloco-me como um condutor comprometido com o caráter formativo e problematizador do grupo, levantando reflexões, compartilhando realizações artístico-culturais na cidade, além de textos e outros conteúdos para análises coletivas, mobilizando atividades e buscando promover o senso crítico do público que acompanha as postagens públicas. O grupo do *WhatsApp*, criado em 26 de agosto de 2022, atualmente é composto por 87 participantes que, diariamente, participam de um diálogo corrente e intenso em função das pautas da cultura em Maracanaú, compartilhamento de materiais para formação e fortalecimento dos agentes culturais, indicação de oportunidades de trabalho, editais e outros processos seletivos abertos, planejamento de mobilizações, divulgação de obras de arte de artistas da cidade bem como de agendas culturais da e para a cidade, dentre tantas outras experiências partilhadas.

O advento – e sobretudo sua popularização – da internet facilitou o acesso e implementação de artifícios que contribuem para o compartilhamento de conhecimentos. Como enfatiza Cordova (2016), o uso das redes sociais tem favorecido novas experiências no que se refere ao contexto de ensino e aprendizagem e compartilhamento e disseminação de conhecimento. Pactuo com o que diz a pesquisadora sobre as redes sociais representarem ambientes participativos de interação e compartilhamento de informações que contribuem para a produção de conhecimento coletivo, “além de colaborarem para gerar a comunicação, interação, cooperação, a manifestação e discussão de ideias e o debate de diversos assuntos, em um espaço de simples utilização, manipulação e gerenciamento” (CORDOVA, 2016, p. 62).

- Entrevistas abertas e semiestruturadas:

Para Minayo (2014, p. 261), as entrevistas podem ser consideradas conversas baseadas em uma técnica privilegiada de comunicação, com finalidade específica: construir informações pertinentes à pesquisa. Os tipos de entrevistas acadêmicas são conhecidos na literatura a partir de sua forma de organização. Os mais utilizados são: a entrevista estruturada (ou diretiva ou fechada), a semiestruturada (ou semidiretiva ou semiaberta) e a não-estruturada (ou aberta ou não diretiva). Na presente pesquisa, foram adotados os modelos de entrevistas abertas e semiestruturadas, tanto individuais quanto coletivas. Em entrevistas abertas, o pesquisador introduz o tema e o entrevistado tem liberdade para discorrer sobre o tema sugerido. Esse modo foi o mais recorrente. Trata-se de uma maneira mais fluida de se compartilhar o pensamento sobre uma questão. Já as semiestruturadas combinam perguntas fechadas e abertas. Nesse tipo de entrevista o entrevistado tem liberdade para se posicionar favorável ou não sobre o tema, sem se prender à pergunta formulada (MINAYO, 2010). Em ambos os casos, o entrevistador deve trazer para si a responsabilidade de dirigir a discussão para o assunto da pesquisa, pois mostram-se frequentes momentos de dispersão de foco. E assim foi realizado, garantindo no contexto da entrevista a minha condução tendo em vista tanto a fluidez quanto a precisão no foco e o sentido que me colocava ali como entrevistador.

Essas modalidades de entrevistas vão além de uma forma eficaz de se obter informações através de questionários, especialmente porque a intenção da pesquisa é vivenciar as entrevistas não somente como uma técnica, mas também, como uma prática humana. As perguntas e respostas ganham, então, um *status* dialógico, tornando-se uma experiência comunicativa e quebrando isolamentos sociais (MEDINA, 2001).

As pesquisas qualitativas nas ciências humanas e sociais lidam com significados, motivações, valores e crenças e esses repertórios não podem ser reduzidos à observação quantitativa, uma vez que se oferecem para informações muito particulares. Portanto, a geração de saber que se dá com a pesquisa demanda uma metodologia adequada ao problema a ser investigado, bem como precisa ser analisada com rigor científico e olhar sensível e comprometido de quem pesquisa. É a esses desafios que me lanço nesta etapa da pesquisa de campo.

Minha presença no campo foi apresentada aos sujeitos da pesquisa logo na primeira oportunidade que tive de falar sobre isso. Como são cotidianos os momentos de conversas e convívio com os agentes culturais, tratamos intensamente sobre como seria a pesquisa e como seria a participação de cada sujeito. Assim, o decorrer da pesquisa foi se compondo como um momento de partilhas e problematizações coletivas sobre os aspectos da organização da cultura em Maracanaú, que sustentam esta pesquisa. Esses sujeitos também já me perceberam, desde o início, como sujeito do campo e não somente como pesquisador, o que favoreceu para as entrevistas acontecerem de maneira fluida e marcadas pelo clima de confiança e alinhamento de intenções, visto que estamos numa militância pela promoção da cultura no território. Desse modo, as entrevistas foram realizadas na busca de compreender mais detalhes das experiências de luta e histórias de vida de cada sujeito envolvido, indo além da técnica imediatista, numa tentativa de desvendar o real, quebrando o comportado “espelho das aparências”; tarefa nada fácil “diante da densa textura que é uma pessoa” (MEDINA, 2001). Como diria Morin, “Em certos casos felizes, a entrevista torna-se diálogo. (...) É mais que uma conversação mundana. É uma busca em comum. O entrevistador e o entrevistado colaboram no sentido de trazer à tona uma verdade que pode dizer respeito à pessoa do entrevistado ou a um problema” (MORIN, 1973, p. 129).

De fato, no caso desta pesquisa, as entrevistas se tornaram diálogo porque foram frutos de conversas com sujeitos com quem partilho o cotidiano e, a partir de agora, compartilho com o público leitor essa riqueza de detalhes colhida no campo, sobre as experiências de luta e histórias de vida de cada pessoa entrevistada. As situações de conversa foram variadas, dentre encontros presenciais e virtuais. Também houve casos em que recebi depoimentos por escrito, por e-mail ou por aplicativo de mensagem, tanto em texto como em áudio. Em todos os casos, cada entrevistado tinha total consciência de que aquele diálogo ou aquela mensagem enviada para mim fazia parte de um processo de escuta que integrava uma pesquisa de mestrado sobre a cultura em Maracanaú. Desse modo, antes de tomar os depoimentos das pessoas, eu expressamente anunciava os objetivos da pesquisa e esclarecia

que aquela situação estava gerando um depoimento como uma colaboração para a referida pesquisa, que eu estava a conduzir. Estando em comum acordo, eu prosseguia com o intento.

Todas as entrevistas gravadas em áudio ou os depoimentos recebidos em áudio, eu, primeiramente nomeava o arquivo com o nome da pessoa e data da entrevista. Depois eu fazia a transcrição integral do fonograma e, ao transcrever, buscava retirar marcas excessivas de oralidade e ideias truncadas, sem naturalmente alterar o teor do conteúdo. Ao final da transcrição em texto de cada registro em áudio eu voltava a fazer o contato com a pessoa entrevistada e solicitava a ela a leitura atenta de seu próprio discurso, para que fosse por ela aprovado. Somente a partir da aprovação da pessoa entrevistada que eu iniciava o trabalho de análise do conteúdo. Desse modo eu tive uma organização empírica de todos os depoimentos tomados, com nome e data de cada conteúdo gerado.

O primeiro passo da análise foi identificar nos conteúdos gerados com quais categorias analíticas da pesquisa cada entrevista se relacionava mais diretamente. Desse modo, pude criar blocos de entrevistas em função das categorias e das abordagens possíveis para o meu trabalho de pesquisador: *práxis emancipatória*, *organização da cultura*, dilemas vividos pelos agentes culturais, elementos da história e da geografia de Maracanaú, experiências de diálogos exitosos com a gestão pública, utopias e devires, relatos que poderiam ser aproveitados para buscar outras entrevistas, dentre outros.

Foram consultadas 35 fontes pessoais de agentes culturais de Maracanaú, considerando depoimentos recebidos e entrevistas realizadas. Nem todos os depoimentos foram aproveitados na elaboração da dissertação, afinal o exercício de escrever requer um foco e uma disciplina para mantê-lo. Entretanto todas as vozes que me chegaram contribuíram no aprimoramento do meu olhar para o campo. No momento de mencionar na dissertação cada sujeito que fala escolhi destacar em nota de rodapé o nome da pessoa entrevistada, a data da entrevista e o suporte utilizado para a transmissão do conteúdo, indicando no local da citação os termos “informação verbal”). Todas as pessoas entrevistadas me autorizaram expressamente a fazer uso de seus depoimentos nesta pesquisa, bem como mencionar seus nomes. Expressar a autoria dos depoimentos é, ao meu ver em sintonia com todas as pessoas entrevistadas, parte da superação do processo de silenciamento das vozes do campo que a própria pesquisa busca investigar. Nesta pesquisa essas vozes têm nome e lugar. Ver na Tabela 1 (página 61) a listagem de todos os depoimentos utilizados:

Tabela 1 – Listagem de entrevistas realizadas

sequência	nome, breve descrição do sujeito que fala, data e situação da entrevista	páginas onde localizar as falas
Entrevista 1	Concedida por Antônio Jorge de Lima Junior (JR Metal), compositor, cantor e integrante do grupo Sertão Rap, em 18/02/2023. Depoimento gravado em áudio, recebido por <i>WhatsApp</i> e posteriormente transcrito, com aprovação do texto pelo entrevistado.	27, 138
Entrevista 2	Concedida por Faber Rodrigues, poeta, ilustrador e integrante da Frente Revolucionária Maracanaense, em 10/08/2023, por telefone, com gravação em áudio e posteriormente transcrita, com aprovação do texto pelo entrevistado.	70
Entrevista 3	Concedida por Raquel Rocha, filósofa, pesquisadora, dançarina do ventre, professora de filosofia e de dança, produtora de podcast, em 13/10/2023, com depoimento gravado em áudio, recebido por <i>WhatsApp</i> e posteriormente transcrito, com aprovação do texto pela entrevistada.	31, 71, 75, 79
Entrevista 4	Concedida de forma presencial por Neto Holanda, ator, palhaço e integrante do Apê Cultural, em 07/08/2023, com depoimento gravado em áudio e posteriormente transcrito, com aprovação do texto pelo entrevistado.	72, 98, 99, 100
Entrevista 5	Concedida por Elioneide Pereira Damasceno, pesquisadora em artes, formada em balé clássico, coordenadora do grupo Arte e Movimento, em 26/12/2022, com depoimento gravado em áudio, recebido por <i>WhatsApp</i> e posteriormente transcrito, com aprovação do texto pela entrevistada.	77
Entrevista 6	Concedida por José Wilker Rodrigues da Costa (MC Querubim), cantor, compositor e integrante do grupo Cassino 12, realizada em dois dias, 29/12/2022 e 03/10/2023. Depoimentos gravados em áudio, recebidos por <i>WhatsApp</i> e posteriormente transcritos, com aprovação dos textos pelo entrevistado.	85, 87, 89, 90
Entrevista 7	Concedida por Francisco Ronaldo S. Costa (Roni Flow), cantor, compositor, educador social e produtor cultural, em 26/12/2022. Depoimento gravado em áudio, recebido por <i>WhatsApp</i> e posteriormente transcrito, com aprovação do texto pelo entrevistado.	86, 89
Entrevista 8	Concedida por Dino César Feitosa da Rocha (Dino C), em 04/10/2023. Depoimento gravado em áudio, recebido por <i>WhatsApp</i> e posteriormente transcrito, com aprovação do texto pelo entrevistado.	92, 95
Entrevista 9	Concedida por Allison Duarte, desenhista, professor e pedagogo, em 20/01/2023. Depoimento recebido em texto, por <i>WhatsApp</i> e posteriormente revisado, com aprovação do texto pelo entrevistado.	41, 102
Entrevista 10	Concedida por Madson Pitaguary, professor indígena, coordenador da juventude indígena do Ceará, acadêmico em História pela UNILAB e em licenciatura intercultural indígena pela UFC, em 29/12/2023. Depoimento gravado em áudio, recebido por <i>WhatsApp</i> e posteriormente transcrito, com aprovação do texto pelo entrevistado.	30, 103, 104
Entrevista 11	Concedida por Tati Valente, artista e pesquisadora do movimento, educadora e conselheira de cultura de Maracanaú, em 03/01/2022. Depoimento gravado em áudio, recebido por <i>WhatsApp</i> e posteriormente transcrito, com aprovação do texto pela entrevistada.	105, 106, 184
Entrevista 12	Concedida por Igor Gonçalves Dias (Igone P2K), escritor de grafite, integrante da crew de graffiti P2K, em 03/01/2023. Depoimento gravado em áudio, recebido por <i>WhatsApp</i> e posteriormente transcrito, com aprovação do texto pelo entrevistado.	108
Entrevista 13	Concedida por David Cruz (Bitobeat), palhaço, brincante, cantor, beatmaker, produtor musical/cultural, em 04/01/2023. Depoimento gravado em áudio, recebido por <i>WhatsApp</i> e posteriormente transcrito, com aprovação do texto pelo entrevistado.	109, 153

Entrevista 14	Concedida de forma presencial por Virgínia Ramos, artesã, produtora cultural, coordenadora da Maloka Ancestralidades e conselheira de cultura de Maracanaú, em 10/05/2023. Depoimento gravado em áudio e posteriormente transcrito, com aprovação do texto pela entrevistada.	123, 125
Entrevista 15	Concedida por Maria Angélica (Ankh), artista visual, educadora social, produtora cultural e conselheira de cultura de Maracanaú, em 20/01/2023. Depoimento recebido em texto, por <i>WhatsApp</i> e posteriormente revisado, com aprovação do texto pela entrevistada.	133, 177
Entrevista 16	Concedida por Paulo Victor Damasceno, escritor, advogado e integrante da Frente Revolucionária Maracanaense, em 05/11/2023. Depoimento recebido em texto, por <i>WhatsApp</i> e posteriormente revisado, com aprovação do texto pelo entrevistado.	49, 144, 146
Entrevista 17	Nota institucional da Associação dos Moradores do Novo Maracanaú, entidade parceira da Semana Juventude Cultura Crítica Maracanaú, emitida em 28/12/2022. Depoimento recebido em texto, por <i>WhatsApp</i> e posteriormente revisado, com aprovação do texto pela diretoria da entidade.	153
Entrevista 18	Nota institucional da Frente Revolucionária Maracanaense, coletivo parceiro da Semana Juventude Cultura Crítica Maracanaú, emitida em 29/12/2022. Depoimento recebido em texto, por <i>WhatsApp</i> e posteriormente revisado, com aprovação do texto pela diretoria da entidade.	42, 154
Entrevista 19	Concedida por Priscila Rodrigues, educadora-monitora da Rede Municipal, em 29/12/2023. Depoimento gravado em áudio, recebido por <i>WhatsApp</i> e posteriormente transcrito, com aprovação do texto pela entrevistada.	154
Entrevista 20	Concedida por Julie Oliveira, escritora, poeta, cordelista, editora de livros, palestrante e produtora cultural, em 27/12/2023. Depoimento gravado em áudio, recebido por <i>WhatsApp</i> e posteriormente transcrito, com aprovação do texto pela entrevistada.	155
Entrevista 21	Concedida por França de Assis, ator, diretor teatral, integrante da Comissão Eleitoral para reativação do Conselho de Cultura, em 27/09/2023, por telefone, com gravação em áudio e posteriormente transcrita, com aprovação do texto pelo entrevistado.	162, 171
Entrevista 22	Concedida por Paulo Sérgio Pitaguary, diretor do Instituto Asas & Raízes Pitaguary, agricultor, ativista socioambiental no Território Ancestral e conselheiro de cultura de Maracanaú, em 20/01/2023. Depoimento recebido em texto, por <i>WhatsApp</i> e posteriormente revisado, com aprovação do texto pelo entrevistado.	172
Entrevista 23	Concedida por André Marinho, morador do Acaracuzinho, cientista social, mestrando em Sociologia pela Universidade Federal do Ceará e Secretário-Executivo da Secretaria da Juventude do Ceará, em 26/12/2022. Depoimento gravado em áudio, recebido por <i>WhatsApp</i> e posteriormente transcrito, com aprovação do texto pelo entrevistado.	29
Entrevista 24	Concedida por Lê Anderson, músico em formação, compositor, estudante de filosofia e Conselheiro de Cultura de Maracanaú, em 29/12/2022. Depoimento gravado em áudio, recebido por <i>WhatsApp</i> e posteriormente transcrito, com aprovação do texto pelo entrevistado.	148
Entrevista 25	Concedida por Arthur Almeida Nunes, músico e vocalista da Banda da Calçada, em 29/12/2022. Depoimento gravado em áudio, recebido por <i>WhatsApp</i> e posteriormente transcrito, com aprovação do texto pelo entrevistado.	152
Entrevista 26	Concedida por Rival MC, agente cultural da linguagem do hip-hop, produtor cultural, compositor e cantor de rape, em 26/12/2022. Depoimento gravado em áudio, recebido por <i>WhatsApp</i> e posteriormente transcrito, com aprovação do texto pelo entrevistado.	154
Entrevista 27	Concedida por Edna Martiniano, socióloga, escritora, Conselheira de Cultura de Maracanaú e membro da SOPOEMA e da Academia Maracanaenses de Letras, em 20/01/2023. Depoimento recebido em texto, por <i>WhatsApp</i> e posteriormente revisado, com aprovação do texto pela entrevistada.	47, 154

Entrevista 28	Concedida por Aline Cavalcante, dançarina folclórica, coordenadora na Cia. Dança de Raiz, Conselheira de Cultura de Maracanaú, em 30/10/2023. Depoimento recebido em texto, por <i>WhatsApp</i> e posteriormente revisado, com aprovação do texto pela entrevistada.	172
Entrevista 29	Fragmento de letra da canção “Conjunto Habitacional”, de Igor Cândido (Payaço Abü da Pereba), composta em 2019 e ainda inédita), que o artista apresentou durante a entrevista, realizada em 02/11/2023.	113

Fonte: elaborado pelo autor, 2023.

Juntam-se a essas fontes outras três, que não atuam diretamente em Maracanaú, mas são experientes gestoras culturais, que julguei poderem contribuir com a discussão colocada por esta pesquisa. São elas: a Secretária Nacional dos Comitês de Cultura (Ministério da Cultura), Roberta Martins; a Secretária da Cultura do Ceará, Luisa Cela, ambas com depoimentos colhidos em um seminário que participei; e também a ex-diretora do Theatro José de Alencar, em Fortaleza, Izabel Gurgel, que é jornalista e produtora cultural.

Para além dos partícipes do Comitê de Cultura de Maracanaú, busquei realizar entrevistas com representantes da gestão municipal de Maracanaú, mas não obtive sucesso. As tentativas foram através de convite formal, por e-mail oficial da SECULT/Mc e da Secretaria Municipal de Comunicação – SECOM Maracanaú, mas em ambas sequer obtive retorno. Tentei o contato telefônico com gestores, mas também não houve sucesso. Como os sujeitos da pesquisa são de fato os agentes culturais envolvidos diretamente na dinâmica cultural de Maracanaú, não me demorei nesse intento. As mais de 30 entrevistas realizadas e depoimentos colhidos por áudio ou por escrito são minha base empírica e puderam colaborar com o pensamento crítico e a formulação de hipóteses e análises, que acolhi a partir dos relatos de atuações de cada sujeito nos respectivos territórios. Sob orientação e também a partir das indicações que vieram da banca de qualificação, foram elaboradas as diretrizes para definição amiúde dos sujeitos entrevistados dentro desse universo descrito.

1.5 Referencial Teórico

Para compreender o que dizem os sujeitos partícipes do Comitê da Cultura de Maracanaú, no contexto de uma discussão sobre *práxis emancipatória e organização da cultura*, venho reunindo referenciais teóricos a partir de uma epistemologia qualitativa marcada pela presença dos pensamentos de Antonio Gramsci, Stuart Hall e Paulo Freire. Integram-se a esse arcabouço o conceito de *ecologia de saberes* e o pensamento pós-abissal, de Boaventura Sousa Santos, que dispararam em mim o estopim desta pesquisa.

À luz do pensamento de Gramsci, a pesquisa se referencia na ideia de *organização da cultura* a partir da atuação teórico-prática dos *intelectuais orgânicos* de Maracanaú. Essa atuação crítica e propositiva é analisada a partir do conceito de *hegemonia cultural* (GRAMSCI, 2015) e busca compreender as intenções de domínio, em termos ideológicos, e de direção intelectual e moral da classe dominante (sociedade política) sobre a classe trabalhadora do setor cultural (sociedade civil). O trabalho de Gramsci (1982) ainda traz para esta pesquisa a colaboração quanto ao papel dos *intelectuais orgânicos* como sujeitos responsáveis pela nova *organização da cultura*. Para o autor, esses intelectuais são trabalhadores que atuam no campo ideológico e que, ao atuarem, defendem os princípios e interesses de classe de sua origem. Funcionam como porta-vozes da ideologia e interesse da classe trabalhadora e com a intenção de romper com a hegemonia dominante, a partir da formulação de questionamentos e críticas capazes de abalar e superar a ideologia dominante.

No contexto da pesquisa, busquei observar e analisar a atuação dos integrantes do Comitê de Cultura de Maracanaú como *intelectuais orgânicos* – que, de certo modo, representam as classes subalternas. A partir desse viés gramsciano, a pesquisa também buscou investigar de que forma eles se movem para uma nova *organização da cultura* tensionando as bases ideológicas dominantes e criando perspectivas e suporte para novos programas, projetos e ações, considerando suas vocações, intenções e demandas.

Com os estudos culturais, especialmente a partir da obra de Stuart Hall (1997; 2013), componho meu pensamento sobre cultura e como esta se entrelaça às práticas sociais. Para Hall, a compreensão acerca do que é cultura passa por compreender a inter-relação das práticas em um determinado território e dos padrões de uma coletividade em um dado período. Tem me sido marcante essa ideia de Hall sobre a cultura como uma forma comum de atividade humana, como um conjunto de significados partilhados, que possibilita a produção da história. É através dessa perspectiva que considero elementar para a construção da política polifônica a multiplicidade dos significados, dos discursos e da presença das pessoas em suas diferentes formas de ocupar e construir o mundo que pretendo analisar a forma de se criar as políticas culturais em Maracanaú e compreender de que modo que a heterogeneidade de sujeitos culturais tem sido contemplada nesse processo. Essa multiplicidade de sentidos tem impactos reais na vida social, pois regulam e mediam as práticas sociais. Portanto, ao longo da pesquisa, as questões acerca de poder, ideologia e *hegemonia cultural* discutidas serão analisadas por esse viés dos significados culturais.

Em Hall (1997) também identifiquei a ideia de “virada cultural” em que ele mostra o problema da centralidade da cultura na constituição da subjetividade e das identidades sociais

e como uma abordagem de análise social contemporânea, que passou a considerar a cultura como uma parte elementar da vida social. Na pesquisa, um dos pressupostos acerca do que penso como política polifônica parte dessa ideia de Hall sobre multiplicidade dos significados, dos discursos e dos sujeitos. É por esse viés que busquei analisar a representatividade da sociedade e a importância que é dada, pela sociedade política em Maracanaú, à diversidade na formação das identidades e ao convívio social mediado pela cultura.

Trago para a pesquisa a luz freireana que iluminou o caminho de educador, que venho trilhando e reaprendendo a trilhar. Os pensamentos/provocações acerca do conceito de *práxis emancipatória*, trabalhado por Paulo Freire (2020), trazem como horizonte a libertação dos sujeitos e a superação das desigualdades e injustiças sociais e impregnam esta pesquisa com a perspectiva de se reinventar o mundo a partir da reflexão/ação crítica dos diferentes sujeitos que compõem a vida social. Para Freire, a solidariedade entre as muitas vozes é a matriz do diálogo necessário para se produzir história de forma responsável e inclusiva.

A partir da compreensão de práxis, no conceito freireano, a pesquisa tratou de analisar como os trabalhadores da cultura, envolvidos que são no contexto cultural de Maracanaú, produzem sua reflexão crítica sobre o contexto e, a partir dela, impulsionam ações que transformam essa realidade. Segundo Freire, a práxis é essa transformação baseada na reflexão-ação e se apresenta como uma elevação da concepção de mundo anterior e, portanto, é um efeito da construção coletiva movida pela consciência crítica desses sujeitos, responsáveis pela própria libertação, pela própria emancipação.

Com o conceito de *ecologia dos saberes*, Boaventura Santos (SOUSA, 2010) despertou-me o interesse por estudar sobre epistemologias que vêm romper com a monocultura de um só saber, instituído pelo pensamento hegemônico e etnocêntrico. Aqui na pesquisa, valho-me dessa imagem para anunciar que abri escuta com as múltiplas vozes do campo e que, ao se compor pelos referenciais teóricos aqui apresentados, a pesquisa levou em consideração o que disseram as vozes historicamente silenciadas que formam a realidade do setor cultural em Maracanaú.

Com o pensamento pós-abissal, Boaventura aponta a necessidade de superarmos esse monopólio de um saber só (que representa a hegemonia do dominante) para compreendermos e vivenciarmos diversos repertórios impregnados de sentidos. Sentidos esses trazidos por sujeitos pós-colonizados que têm na afirmação de seus repertórios, saberes e processos a imagem e a essência da emancipação. Trata-se de uma escolha, além de epistemológica, política. Aprofundar os estudos sobre o conceito de *ecologia dos saberes* e o pensamento pós-abissal e trazer análises do campo a partir dessa chave teórica foi o caminho que me conduz

pela investigação da construção da política pública de cultura em Maracanaú e dos procedimentos para participação popular dos trabalhadores da cultura que atuam no município.

Além desses referenciais teóricos estruturantes, trago para a amarração teórica outros autores que contribuíram com depurações que o trabalho no campo demandou, bem como as indicações vindouras da banca de qualificação, que me apontaram caminhos oportunos. Nesse sentido, destaco o pensamento do historiador E. P. Thompson sobre cultura, experiência e consciência de classe, bem como o conceito de classe social como um fenômeno histórico, que me ajudou a compreender em que medida as experiências vividas pelos sujeitos sociais em Maracanaú se mostraram determinantes para a formação da consciência de classe. Partir desse referencial teórico para olhar para o campo em sua dinâmica de constante transformação pôde incrementar a dimensão histórica da crítica.

O geógrafo brasileiro Milton Santos traz relevante contribuição para a pesquisa no que diz respeito à compreensão do território, à crítica ao poder da hegemonia dominante e ao caráter social do espaço, colocado pelo autor como *distorcido*, em função das desigualdades de acesso e de distribuição de riquezas. Em sintonia com o pensamento pós-abissal de Boaventura, Santos vem reforçar na pesquisa a ideia que outra globalização é possível, solidária e baseada em outros valores que não os da hegemonia, e que essa inversão seria benéfica para organização da cultura a partir de seus próprios sujeitos em territórios ressignificados a partir dos sentidos auferidos pela própria atuação desses sujeitos.

Outra referência teórica que se integrou à epistemologia que norteou esta pesquisa é a Teoria Crítica advinda da Escola de Frankfurt, especialmente de Habermas e Marcuse. A partir dessa linha de pensamento, pude aprofundar a compreensão sobre *indústria cultural*, a *unidimensionalidade*, *democracia deliberativa* e *esfera pública* – e tecer análises sobre as formas da sociedade política em Maracanaú empreender sua gestão cultural e suas reverberações na sociedade civil.

Esse repertório de aporte teórico ainda se complementa com as contribuições do teórico russo Mikhail Bakhtin sobre a linguagem como mediadora entre os sujeitos a partir do seu caráter *dialogico* e *polifônico*. Para Bakhtin, o *dialogismo* evidencia a natureza sociocultural do discurso e a *polifonia* como o estudo da multiplicidade de vozes ideologicamente distintas. Esses conceitos colaboram com a análise sobre silenciamento de sujeitos, bem marcada nesta pesquisa.

Ainda sobre silenciamento, a pesquisa se vale das referências presentes no estudo do historiador austríaco Michael Pollak, sobre *memórias clandestinas e inaudíveis*, trazidas pelos

sujeitos historicamente desprivilegiadas e apagadas nos discursos oficiais da classe dominante.

Minha auto-implicação na pesquisa dialoga intimamente com esse princípio teórico-prático e é a partir dele que devo examinar e analisar a produção de saber gerada no percurso de construção do Comitê da Cultura de Maracanaú e ainda de que modo os trabalhadores e trabalhadoras de Maracanaú observam sua participação nas políticas municipais para o setor, num contexto de discussão sobre práxis emancipatória e organização da cultura.

2 DILEMAS E ESTRATÉGIAS DO SETOR CULTURAL DE MARACANAÚ A PARTIR DA FALA DOS SUJEITOS DO CAMPO

Nessa seção, buscarei apresentar a experiência no campo empírico e a análise do material gerado na pesquisa sobre o setor cultural e seu movimento, em Maracanaú. Será importante, de partida, identificar alguns dilemas que, por sua vez, evidenciam estratégias da luta pela cultura em Maracanaú, tendo como sujeitos da pesquisa e, pois, dessa fala, os trabalhadores do setor, que têm se destacado na busca por criação de políticas públicas na área. Em uma relação de correspondência, aproximo a ideia de dilema aos conceitos de “situação-limite”, “atos-limite” e “inédito-viável”, que tanto Freire (1997) quanto Vieira Pinto (1960) articulam para superação dos desafios e construção crítica de um mundo, a partir da subjetividade e da emancipação dos seres humanos. O objetivo, sempre nesta pesquisa, é identificar e refletir sobre o movimento do Comitê de Cultura de Maracanaú, realizado pelos participantes do ambiente cultural da cidade, visando a referida criação de políticas de cultura, que atendam aos sentidos pertinentes a esses sujeitos.

Conceituo *dilemas* como situações críticas em que uma ou mais pessoas deliberadamente se movimentam no sentido de atuar e tomar uma decisão em desfavor de outras possibilidades de escolha. De um ponto de vista filosófico, o dilema, muitas vezes, em educação é chamado de “nó crítico”, o qual consiste na ideia de um argumento que apresenta duas alternativas, no mínimo, em contextos que pedem ultrapassagens do seu cenário – e, assim, resolução do problema. Pensar e se posicionar enfrentando dilemas exige a construção de um pensamento capaz de fazer a leitura entre escolhas possíveis, o que implica relacioná-las com estratégias de ação para se sair do dilema em direção à realidade desejada e construída. Aqui os dilemas se referem a situações críticas vividas no setor da cultura em Maracanaú, particularmente por agentes culturais do município.

Importa ressaltar, de partida, que historicamente os movimentos culturais de Maracanaú sempre atuaram no sentido de ver consideradas suas visões e necessidades sobre o âmbito cultural na cidade. Nosso recorte perfaz as leituras desses movimentos, desde que lidos pelos que fazem a cultura agora, neste tempo-espço da pesquisa, ainda que se refiram a acontecimentos também passados e que possuem sua história. Neste momento da construção coletiva do Comitê de Cultura de Maracanaú, elenco alguns dilemas que mais se destacam na fala dos sujeitos da pesquisa, e a seguir trago suas vozes para uma discussão acerca de práxis emancipatória e organização da cultura.

Paulo Freire em sua “Pedagogia do Oprimido” nos convida a compreender o conceito de “situação-limite” e assim nos fortalece a enfrentar os desafios da vida, a partir da consciência crítica e da tomada de decisão tendo em vista o horizonte desejável, ou seja, o “inédito-viável” também anunciado como a “materialização historicamente possível do sonho almejado” (FREITAS, 2005, p. 6). O professor Vieira Pinto (VIEIRA PINTO, 1960, v.2, p. 285), que inspirou Freire na compreensão desse conceito, estabelece que os “atos-limites” são movimentações que apontam para a criação do inédito, de algo inexistente. A partir da conotação ação-reflexão-ação (dinâmica da práxis), o “ato-limite” pode ser considerado o gesto, individual ou coletivo, para substituir o cenário anterior por um cenário transformado, superando a “situação-limite” e a *consciência real* e chegando ao “inédito-viável” e à *consciência máxima possível* (FREIRE, 2020, p. 149, grifo do autor).

Considerando o dilema como uma situação-limite, que exige uma escolha em detrimento de outras e, em função disso, gera uma transformação a partir da reflexão-ação, analisei o dilema enquanto momento denso e repleto de significados para os sujeitos da cultura em Maracanaú. Situação em que se elabora criticamente o passo seguinte e se constrói o sonho na prática (o devir). Para os objetivos desta pesquisa, essa escolha entre alternativas é importante, mas para além disso, o mais importante é o próprio território discursivo que os sujeitos expuseram sobre o dilema. Ou seja, dediquei-me a captar com mais afinco o que foi dito por eles acerca desse momento denso, buscando analisar essa *área de pensamento* gerada pelo dilema e como isso pode nos ajudar a compreender a complexidade trazida pelas questões: permanecer ou partir da cidade; priorizar o interesse particular ou coletivo; e engajar-se no diálogo com a gestão pública ou desconsiderá-la.

2.1 Dilema 1 – Ficar ou Migrar?

Para quem trabalha com a cultura, seja artista, produtor cultural, professor de artes, pesquisador de patrimônio, técnico, prestador de serviços ou fornecedor de equipamentos para as realizações do setor cultural, viver em Maracanaú pode ser considerado um desafio histórico.

Vamos a algumas questões que se escuta de trabalhadores da cultura que vivem nesta cidade:

- o problema pra nós aqui em Maracanaú é a falta de horizonte artístico dentro da própria cidade
- foi quando eu também comecei a migrar pra Fortaleza, porque eu queria continuar com o grupo de teatro
- Em Maracanaú eu não tinha o acesso às salas de aula

- na própria cidade você não tem perspectiva de desdobramento da tua arte, entendeu?
- Maracanaú não nos oferece o aporte necessário para a gente ter capital cultural bacana
- a minha ideia nunca era sair do Maracanaú, mas a gente da cultura de alguma maneira foi enfraquecido
- o quão é triste você não conseguir trabalhar na sua cidade (fragmentos de falas colhidas junto a sujeitos do campo)¹¹

Assim, o problema atravessa décadas e, muita vez, se anuncia como marca estruturante do aparato gestor que não considera a cultura como prioridade de suas políticas. Nem muito menos o agente cultural como sujeito a ser considerado na construção da política pública para o setor. Esse agente, enquanto sujeito que tem como urgência desenvolver sua atuação e colocar em prática sua missão na seara da sensibilidade, se vê em um dilema decisivo que toma forma nas seguintes perguntas: *permanecer em Maracanaú, vivendo em um cenário limitado de opções de trabalho na cultura, tendo que regulamentar se deslocar para outros locais para conseguir trabalhar na área? Dizendo de outro modo: o caso é permanecer em Maracanaú e ter que mudar de ramo de atuação, abandonando a cultura? Ou deixar sua cidade para se manter trabalhando no setor cultural, e com isso, deixar os sonhos coletivos, as relações familiares e afetivas com o município?*

Ao ouvir diferentes sujeitos do campo, em entrevistas ou conversas informais, bem como observando a dinâmica de quem trabalha no setor cultural em Maracanaú – e eu me incluo nessa realidade – pude identificar que esse dilema interfere tanto no trabalho quanto na vida particular de agentes culturais e que essa instabilidade está intimamente ligada à carência de condições adequadas para a realização do trabalho cultural no município.

Na fala do agente cultural Faber Rodrigues, também envolvido nas movimentações do Comitê de Cultura de Maracanaú, fica evidente a dificuldade de acreditar no trabalho com cultura em Maracanaú:

Eu posso falar de um dilema que é um dilema de muitos, cara. Principalmente aqui em Maracanaú, que é a falta de horizonte. A falta de horizonte artístico dentro da própria cidade. Você olhar pra cidade e não ver horizonte algum. Ou seja, na própria cidade você não tem perspectiva de desdobramento da tua arte, entendeu? A tua arte não vai sair da fronteira daqui do município, não vai sair aqui do muro. Porque a própria cidade ela não te possibilita isso. Isso é um dilema, porque você vai ter que optar por sair da cidade ou ficar nela. E muitos optam por sair da cidade. Uma Secretaria de Cultura na cidade em que realmente se tenham pessoas que entendam e que conheçam, que tenham ali o saber de arte e cultura, pronto e atualizado pode identificar essas pessoas que tenham esses dilemas (informação verbal – fragmento da entrevista com Faber Rodrigues)¹².

11 Trata-se de um compilado de falas de agentes culturais colhidas em diversas entrevistas. Cada entrevista será analisada em um momento específico deste capítulo e, na ocasião terá nominada a autoria de cada fala de forma adequada. Aqui, apenas um panorama polifônico como recurso discursivo para introduzir a questão.

12 Entrevista 2, concedida por Faber Rodrigues, poeta, ilustrador e integrante da Frente Revolucionária Maracanaense, em 10/08/2023, por telefone, com gravação em áudio e posteriormente transcrita, com

O entrevistado se vê limitado à falta de perspectiva em trabalhar com sua arte em Maracanaú e identifica certa inabilidade nas equipes do aparato gestor para lidar com o objeto da cultura, que é o trabalho de agentes culturais que atuam no município. Para ele, essa inabilidade gera inoperância do sistema administrativo público, que não faz a gestão de crise de forma a superar o que ele chama de “falta de horizonte artístico” em Maracanaú.

A professora e dançarina Raquel Rocha, que atualmente mora em Salvador, Bahia, em entrevista nos conta sobre as dificuldades de trabalhar com dança em Maracanaú – e que, durante oito meses no ano de 2019 foi encontrar acolhida em Fortaleza, no espaço cultural independente chamado Falatório Cultural, para vivências com mulheres sobre mobilidade pélvica. Depois seu trabalho de pesquisa e formação foi abrigado no Theatro José de Alencar, também em Fortaleza, entre maio de 2022 e junho de 2023. Raquel desenvolvia um conjunto de formações chamado de “Poéticas do Ventre”, que abordava consciência corporal, alongamento e exercícios voltados para mobilização pélvica, numa perspectiva de investigar feminismos decoloniais. Concomitantemente ao Theatro José de Alencar, Raquel ainda oferecia edições reduzidas do “Poéticas do Ventre” em outro espaço cultural independente chamado Espaço Shakt, na capital cearense. E recentemente ela atua em Salvador, como professora da Universidade Federal da Bahia, no Instituto de Humanidades, Artes e Ciências Milton Santos, no curso de Bacharelado Interdisciplinar em Humanidades.

Durante o tempo em que morava em Maracanaú, Raquel compôs as movimentações do Comitê de Cultura de Maracanaú, tendo colaborado profundamente na concepção e realização de atividades de fortalecimento da cena cultural de Maracanaú. Uma constante em sua fala, que se somava com a de tantos outros agentes culturais da cidade, era essa dificuldade em trabalhar na área cultural no seu próprio município:

Eu tive que sair, eu fiquei durante tempo trabalhando em parceria com o Theatro José de Alencar, e também dando aulas particulares em Fortaleza de dança, porque Maracanaú não tinha. Em Maracanaú eu não tinha o acesso às salas de aula do complexo ao lado do Teatro Dorian Sampaio. Não tinha como fazer parceria para ocupar o palco. Não existe essa possibilidade. E conseqüentemente eu nunca tive público em Maracanaú, embora tivesse boa parte de alunos que iam para o Theatro José de Alencar sendo moradoras de Maracanaú. Quando eu tentei fazer aula em Maracanaú, eu não tive público de fato. E eu acho que isso é consequência dessa falta de opções de cultura que nós temos na cidade enquanto coisas a serem oferecidas à população (informação verbal – fragmento da entrevista com Raquel Rocha).¹³

aprovação do texto pelo entrevistado.

13 Entrevista 3, concedida por Raquel Rocha, filósofa, pesquisadora, dançarina do ventre, professora de filosofia e de dança, produtora de podcast, em 13/10/2023, com depoimento gravado em áudio, recebido por *WhatsApp* e posteriormente transcrito, com aprovação do texto pela entrevistada.

Neto Holanda, artista e professor da cidade, tem uma experiência muito parecida com a de Raquel, qual seja, de precisar escolher trabalhar com arte fora de Maracanaú. Inclusive no mesmo Theatro José de Alencar, em Fortaleza. Desde 2017, o artista desenvolve neste teatro, a Academia do Riso, um curso completo de iniciação à arte da palhaçaria, uma iniciativa do próprio artista que é pioneira no Norte-Nordeste, além de ser referência em formação em palhaçaria no estado do Ceará e na Região Nordeste. Em seis anos de trajetória, a Academia do Riso chega à marca de 250 palhaços e palhaças formadas, de diversas regiões do Ceará e estados vizinhos.

O artista afirma não poder desenvolver esse trabalho no Teatro Dorian Sampaio (o Teatro Municipal de Maracanaú) que mesmo sendo um teatro com infraestrutura defasada e lhe faltarem equipamentos de luz e som adequados, é o teatro municipal de sua cidade. Para o entrevistado, a questão da infraestrutura e equipamentos se resolve com decisão de quem faz a gestão, porque o recurso municipal destinado à cultura é bem expressivo, com cerca de R\$ 15 milhões de reais previstos no planejamento orçamentário anual de 2023¹⁴. O ponto que encorpa esse dilema, no entanto, é outro e mais profundo, a saber: o teatro municipal não apresentar uma programação regular e, dentro disso, não acolher um projeto de formação artística de um agente cultural de seu próprio município, reconhecido como referência na região Nordeste. Em forma de alegoria visual ele apresenta seu dilema, apontando um desfecho para ele:

Você tem uma casinha. Ela é toda desarrumada. Está feia, não é? Você não é o dono dela, você está nela. É isso. Você queria muito receber gente lá dentro, mas como eu não faço a gestão daquela casa sozinho, é meio complicado de receber as pessoas que eu gostaria. Não é uma estrutura que eu gostaria, da maneira como eu gostaria, que estaria digno para quem vem. E daí como não posso fazer isso, parece que eu busco outras casas para poder receber esses mesmos amigos.

É isso que eu penso sobre o dilema do Maracanaú, do artista do Maracanaú, porque eu vejo muitas vezes... Eu queria muito continuar aqui, eu queria muito fazer daqui um lugar massa para quem está comigo também na mesma luta. Mas aqui não me dá estrutura, não me dá esteio para isso.

Então eu vou buscar em outros lugares, outras casas e outras estruturas fazer o que quero fazer. Se aqui dentro, a casa onde eu moro não pode receber o projeto da minha vida (porque a Academia do Riso é um projeto de vida para mim), então fui

14 Como todas as demais secretarias municipais do Brasil, desde 2000 por advento da Lei Complementar 101/2000 (também conhecida como Lei de Responsabilidade Fiscal), a Secretaria de Cultura e Turismo de Maracanaú tem garantido anualmente uma parcela do orçamento municipal para sustentar suas despesas com a política municipal de cultura e o custeio do órgão. Trata-se da Lei Orçamentária Anual (LOA), elaborada em consonância com a Lei de Diretrizes Orçamentárias (LDO) e com base nas diretrizes, objetivos e metas constantes do Plano Plurianual (de quatro anos), que deve ser aprovada pela Câmara de Vereadores. Para 2022, a LOA é regida pelo Lei nº 3.091/2021 e garantiu para a SECULT o montante de R\$ 7.530.000,00 (sete milhões, quinhentos e trinta mil reais). Para 2023, a LOA é regida pelo Lei nº 115/2022 e prevê investimento de R\$ 15.183.200 (quinze milhões, cento e oitenta e três mil e duzentos reais) para as políticas de cultura do município. Com esse recurso provisionado, o gestor da pasta se apresenta como ordenador de despesa e pode aplicar essas cifras na execução das políticas. Os valores mencionados têm como fonte o Portal da Transparência do Município de Maracanaú.

buscar lugar em outra casa que me acolheu: que foi o Theatro José de Alencar (informação verbal – fragmento da entrevista com Neto Holanda)¹⁵.

Inclusive é irônico dizer que esses dois teatros (Teatro Municipal Dorian Sampaio, em Maracanaú, e Theatro José de Alencar, em Fortaleza) estão no mesmo sistema, o Sistema Estadual de Teatros do Ceará, criado através da Lei 13.604, de 28 de Junho de 2005, vinculado à Secretaria da Cultura do Ceará (2013), em que, dentre seus objetivos, destaco o que se pode observar o website da referida Secretaria:

Promover a articulação e a troca de experiências entre os teatros existentes no Estado, respeitando sua autonomia jurídico – administrativa, cultural e técnica; Encaminhar o debate sobre o papel e a função dos teatros junto às comunidades em que atuam, possibilitando a consequente avaliação do desenvolvimento de suas atividades; Propor ações e proporcionar o desenvolvimento de programas de capacitação, incremento, melhoria e atualização de recursos humanos a serem desenvolvidos nas unidades de teatro filiados ao Sistema Estadual de Teatros, visando ao aprimoramento do desempenho da gestão dos teatros, bem como a melhoria dos serviços prestados à sociedade (CEARÁ, 2013).

Ora, uma vez que se tem no Ceará um sistema estadual que promove a articulação entre os teatros existentes no Estado, por que uma experiência que parte de um agente cultural de uma cidade que tem um teatro que integra esse sistema não é realizada também no teatro de sua cidade? Ao que parece, essas casas estão formalmente conectadas, e deveriam fazê-lo na prática, mas resultam por não ter pontos de comunicação entre si. Como fazer com que elas se conectem e cumpram o que lhes está designado? Se esse sistema promove o “debate sobre o papel e a função dos teatros junto às comunidades”, por que não há o debate entre os grupos gestores que administram essa rede de teatros sobre as iniciativas, seus proponentes e suas comunidades? Por que não levar em conta a intenção de reduzir os deslocamentos de trabalhadores e potencializar outros equipamentos culturais situados dentro e fora da capital?

Esses questionamentos surgiram da conversa que tive com Neto Holanda durante a entrevista. Na conversa, não buscávamos uma solução, mas sondávamos a partir do pensamento crítico, apontar perspectivas que pudessem fazer sentido para uma construção de futuro em que o teatro municipal de Maracanaú tivesse uma programação regular e diária, com programações formativas e artístico-culturais que representassem a diversidade cultural cearense, brasileira e universal, bem como que pudessem absorver profissionais do setor cultura de Maracanaú, região metropolitana e diversas outras regiões do Ceará, do país e do mundo. Um pensamento do artista e do pesquisador implicado no campo, que se soma a um

15 Entrevista 4, concedida de forma presencial por Neto Holanda, ator, palhaço e integrante do Apê Cultural, em 07/08/2023, com depoimento gravado em áudio e posteriormente transcrito, com aprovação do texto pelo entrevistado.

coletivo maior, com os atravessamentos do Comitê de Cultura de Maracanaú, que atravessa o tempo e abarca o pensamento que vinha com o Fórum de Arte e Cultura de Maracanaú, atravessa os anos e chega até a Associação Teatral Maracanaense, que nos anos de 1990 já vinha anunciando a necessidade de um teatro para ser ocupado de forma regular, combinando formações, produção e difusão artística. Um pensamento que, através das gerações considera esse teatro como um ponto determinante na cultura de Maracanaú, a se conectar com os diversos outros espaços culturais da cidade e com a rede de circulação e difusão cultural da região metropolitana de Fortaleza, outras regiões do Ceará, do Brasil e do mundo.

Essa teia cultural, deveras desestruturada para o que seria sua função realizar, traz em si o reflexo de um processo histórico marcado pela ausência de política pública em cultura e de carência de estímulo às práticas culturais no município. Um território repleto de espaços culturais que sobrevivem na insuficiência de recursos e descoordenados no sentido de rede, considerando que as programações e os próprios sujeitos que fazem cada trabalho cultural em cada espaço poderiam ser agentes de interação entre cada ponto dessa teia, interagindo saberes, práticas, públicos e serviços.

Essa conversa com Neto me reporta ao professor e geógrafo Milton Santos, que nos convida a pensar a reinvenção do espaço a partir das novas práticas sociais e culturais que uma sociedade vem realizando ao longo do tempo. Os espaços que compõem um território – e aqui eu destaco os equipamentos culturais como espaços de encontro e produção de vida coletiva – não se apresentam como forma definitiva. Trata-se de ambientes que são “o resultado da interação entre o homem e o meio” (SANTOS, 1985, p. 21), repleto de significados por esses imbuídos. Há também outro elemento determinante nessa equação geográfica que é o processo histórico. Segundo Santos (1985), os espaços correspondem ao palco onde se realizam as atividades criadas, a partir da herança cultural do povo que o ocupa; é também um fragmento do espaço local articulada ao mundial. Para o autor,

O espaço, considerado como um mosaico de elementos de diferentes eras, sintetiza, de um lado a evolução da sociedade e explica, de outro lado, situações que se apresentam na atualidade. (...) A noção de espaço é assim inseparável da ideia de sistemas de tempo (SANTOS, 1985, pp. 21-22).

Nessa dialética colocada por Milton Santos, o espaço é o fruto da produção e um resultado de sua história e dos processos produtivos determinados ao espaço por quem nele vive. O autor traz como elemento estruturante para a compreensão do território e dos espaços a dimensão histórica – e é nela que vemos a urgência de ressignificação do Teatro Dorian Sampaio e dos demais espaços culturais de Maracanaú, como uma rede de equipamentos

culturais, com seus sujeitos e significados compartilhados. Se temos um teatro municipal em Maracanaú, há em torno dele diversos espaços culturais carentes de investimento e de uma gestão que os aproxime ou mesmo os integre; temos ainda um processo histórico de realizações independentes e reivindicações de agentes culturais e do público que consome cultura para que esse equipamento cultural seja revigorado; faz-se então necessário um sistema inovador para fomentar essa malha cultural e, com isso, fortalecer o território como ambiente favorável aos processos de produção, fruição e difusão cultural. Ainda mais considerando que Maracanaú é o município com segunda maior arrecadação de ICMS do estado do Ceará (R\$ 1,41 bilhões em 2022)¹⁶ e o segundo maior PIB do estado (9,9 bilhões em 2022 e 7,9 bilhões em 2020)¹⁷, sendo previsto para a gestão de cultura um planejamento orçamentário anual significativo (cerca de 15 milhões em 2023, equivalente a 1,04% do orçamento municipal)¹⁸.

Entretanto, o que se vê como realidade trazida pela fala de trabalhadores da cultura de Maracanaú, ainda é um cenário precário, desafiador e repleto de conquistas a serem edificadas. Quanto a isso, para além dessa carência de oportunidades de trabalhar com a cultura em Maracanaú, a artista e professora Raquel Rocha também menciona o “empobrecido aporte necessário para a vida cultural” oferecido na cidade, relativamente a opções de programação cultural para a população como um todo e, dentro disso, para os artistas e produtores que têm essas programações como parte do processo da construção da sensibilidade e da compreensão do que se produz e se difunde de cultura no território. Para Raquel,

Antes de sermos agentes culturais, somos pessoas que consomem cultura. E Maracanaú, nesse sentido, ela não oferece de fato um aparato cultural muito bom para os seus moradores. O que temos aqui são coisas pontuais, são eventos pontuais, que eu nem diria que são eventos de cultura. Mas o que acontece em Maracanaú são coisas pontuais, pouco divulgadas (à exceção do São João de Maracanaú, Alegria e Louvor e do Natal de Brilho) e que ainda assim o acesso é difícil, como a programação do Teatro Dorian Sampaio. E lá, quando tem espetáculo, é muito pouco divulgado e pouco acessível chegar no teatro via transporte público, isso dificulta muito (informação verbal – fragmento da entrevista com Raquel Rocha)¹⁹.

A entrevistada expõe mais detalhadamente aspectos do que significa viver de cultura no território:

16 Fonte: Secretaria da Fazenda do Ceará e Jornal O Povo (12/04/2023): <https://tinyurl.com/24jh3v3z>.

17 Fonte: IBGE e Portal da Prefeitura Municipal de Maracanaú: <https://tinyurl.com/22zhwke8>.

18 Fonte: PLOA/2022, Portal da Transparência de Maracanaú: <https://tinyurl.com/5n8u54y5>.

19 Entrevista 3, concedida por Raquel Rocha, filósofa, pesquisadora, dançarina do ventre, professora de filosofia e de dança, produtora de podcast, em 13/10/2023, com depoimento gravado em áudio, recebido por *WhatsApp* e posteriormente transcrito, com aprovação do texto pela entrevistada.

Pra gente viver de cultura, a gente tem que consumir cultura. E Maracanaú não dá essa opção de consumo. E aí eu tô falando consumo não num sentido ruim, mas o consumo de você vivenciar, de experienciar, de ganhar um capital cultural. *Maracanaú não nos oferece o aporte necessário para a gente ter capital cultural bacana.* Então, nós não temos opções de lazer e de cultura de fato em Maracanaú, enquanto moradores da cidade, consumidores de arte e cultura, e também enquanto trabalhadores da cultura, *não temos essa opção de nós mesmos levarmos para a cidade esse modo de fazer cultura e de ver cultura.* Então é muito difícil (*idem*, grifos meus).

Esse é um depoimento que apresenta com precisão o dilema anunciado: permanecer em Maracanaú ou migrar para outro local em que sejam oferecidas condições para se trabalhar com a cultura e oferecidas opções culturais para fruição? O quadro problemático é constituído por duas perspectivas de ausência, que se somam: a primeira é a ausência de opções culturais para a população poder vivenciar o exercício de fruição cultural ou lazer criativo, ou ainda se conectar com a memória, a história e as expressões do presente que colaboram na compreensão das identidades; a outra é a ausência de oportunidades de atuação profissional para trabalhadores da cultura. Na fala da artista e professora, essas duas perspectivas se imbricam quando os próprios agentes culturais da cidade poderiam ser parte do que seria oferecido como programação cultural para a população, mas isso não acontece: “[nós] trabalhadores da cultura não temos essa opção de nós mesmos levarmos para a cidade esse modo de fazer cultura e de ver cultura” (ROCHA, 2023, em entrevista).

Salvo as exceções mencionadas pela entrevistada (“São João de Maracanaú, Alegria e Louvor e do Natal de Brilho”), que são eventos ofertados pela Prefeitura de Maracanaú, têm ampla divulgação e recebem vultuosos recursos oriundos do tesouro municipais previstos para a pasta da cultura, as programações culturais no município, no geral, são de iniciativa dos próprios artistas e grupos culturais da cidade, sem apoio ou reconhecimento do poder público local, conforme ouvimos repetidas vezes pelos sujeitos da pesquisa. Ainda há também as atividades realizadas em bares e restaurantes, essas mais associadas ao entretenimento, que absorvem quase que exclusivamente a linguagem da música. Mais à frente, no APÊNDICE B, apresentarei uma lista de iniciativas culturais independentes realizadas em Maracanaú entre 2022 e 2023.

Em entrevista com Elioneide Damasceno, experiente pesquisadora e formadora em dança de Maracanaú, ela relata parte do dilema que é trabalhar com a cultura na cidade, sempre sem apoio e com muitos gastos e que ainda assim formou várias gerações de bailarinos na cidade e se declara realizada com seu ofício:

Eu me sinto aqui em Maracanaú como se eu tivesse nadando contra a correnteza. Ora contra a correnteza, ora perdida no meio do oceano. Porque você não tem apoio de nada, você tem que se virar com o que você tem, você tem que fazer das tripas coração pra poder você sobreviver. No meu caso são 35 anos, são 35 anos de luta, de muita luta pra seguir em frente, porque ser artista aqui no Maracanaú é muito difícil. Você tem que desembolsar pauta do teatro, som, projeção... “N” coisas. Sem contar que você tem alunos que não têm condições e você tem que ajudar. Mas a gente tinha que ter alguma coisa no bolso pra gente também, porque quando chega fim de ano a gente tem que fazer algumas reformas, algumas coisas que a gente tem que comprar... E nada disso a gente consegue. Mas assim, pela profissão, pela arte, que eu amo, eu me sinto realizada nesse ponto. Eu já estou na casa dos sessenta, mas estou aqui firme e forte (informação verbal – fragmento da entrevista com Elioneide Pereira Damasceno)²⁰.

Elioneide fundou a academia Arte e Movimento em 1987 e desde então oferece formações diárias em balé, jazz e iniciação a instrumentos musicais. Ela representa bem o perfil de artista, produtora e gestora de companhias e grupos de Maracanaú que atravessam décadas vendo as adversidades se multiplicarem e, por outro lado, criando novas oportunidades de superação à falta de investimento, de estímulo e de reconhecimento do poder público. Ao conversar com ela em entrevista, convenço-me que Elioneide superou o dilema “Ficar ou Migrar”, permanecendo em Maracanaú e assumindo a missão de formar jovens bailarinas e bailarinos que escolheram a dança como linguagem artística. Todos os profissionais de dança com quem tenho me relacionado em Maracanaú nos últimos dois anos passaram pelas formações de Elioneide. Profissionais que já têm suas academias e cursos livres de dança e enfrentam os mesmos desafios da pesquisadora. Um ciclo de superação e autogestão que se afirma por décadas com a reinvenção de centenas de agentes culturais de Maracanaú, em todos os territórios da cidade.

Nessa experiência, artistas, grupos e produtores foram expandindo suas ações pelos bairros e construindo trilhas culturais que educam a população e a si mesmos sobre as identidades e as expressões criativas de Maracanaú, neste concerto polifônico onde a cultura se faz expandir para fora de centros culturais institucionais e administrados pelo poder público.

Essa atuação que se estende pelas ruas, praças e espaços coletivos dos bairros e que envolve seus sujeitos, saberes, práticas sociais e culturais pode ampliar a compreensão acerca de “comunitário” quanto às representações que as pessoas fazem dos espaços da cidade, considerando os aspectos culturais como parte do repertório produzido nos bairros onde vivem. Inspirado por Carlos Rodrigues Brandão, penso que o “comunitário” extrapola uma ideia física de espaço circundante e sai para uma construção teórico-prática do território, onde

²⁰ Entrevista 5, concedida por Elioneide Pereira Damasceno, pesquisadora em artes, formada em balé clássico, coordenadora do grupo Arte e Movimento, em 26/12/2022, com depoimento gravado em áudio, recebido por *WhatsApp* e posteriormente transcrito, com aprovação do texto pela entrevistada.

medram intervenções discursivas, afetivas e simbólicas, no âmbito da educação como cultura (BRANDÃO, 2017). A cultura enlaçando a comunidade e estendendo reflexões e diálogos com os sujeitos das práticas cotidianas do lugar que produzem vida no território.

Milton Santos (2000) faz um inestimável estudo sobre os territórios e a presença do lugar na vida das pessoas, ao longo de todos os percursos de vida. Dentro de sua crítica ao atual período do capitalismo produtivista, o estudioso da geopolítica dos espaços considera como possível uma outra globalização a serviço da cidadania da partilha da cultura. Ele encara a globalização de forma reversível – e sobre o seu caráter perverso observa que gera resistência crescente nos espaços em comum, dentre outros nos quais se encontra a grande massa do povo e suas expressões culturais e práticas cotidianas. É nestes espaços, onde se desenvolvem as cidades e as culturas populares, que se tem visto ganhar força as bases de uma nova utopia globalitária, que deverá ser cidadã e democrática, mas que não exclui o valor experiencial da vida do lugar. Para Milton Santos (2000), o papel do lugar é determinante: “Ele não é apenas um quadro de vida, mas um espaço vivido, isto é, de experiência sempre renovada, o que permite, ao mesmo tempo, a reavaliação das heranças e a indagação sobre o presente e o futuro”; e complementa: “A existência naquele espaço exerce um papel revelador sobre o mundo” (SANTOS, 2000, p. 114).

Essas redefinições trazem à tona a necessidade de formar repertórios que sejam mediados a partir de diferentes sujeitos sociais em seus territórios e seus contextos políticos e culturais, tendo em vista a produção do conhecimento epistemologicamente diverso, que reconhece uma pluralidade de sujeitos, seus desejos e conhecimentos heterogêneos e imbricados, como também trata Boaventura Santos (2010) em seu pensamento acerca da *ecologia de saberes*.

Acontece que a civilização no capitalismo – e a experiência da gestão da cultura em Maracanaú é um exemplo tangível – desde suas raízes, ao final da Revolução Francesa, em muito impõe uma cultura que pereniza e reproduz a ordem hegemônica e, com isso, reproduz subjetividades maquinicas, serializadas, produzidas como uma linha de montagem (GUATTARI & ROLNIK, 1986). O que foge dessa hegemonia, em grande medida, é considerado pelo poder hegemônico uma ameaça à acumulação capitalista e por isso invisibilizado e contido. Daí esses desafios apontados por trabalhadoras e trabalhadores da cultura ouvidos nesta pesquisa, que não apenas não conseguem apoio para viabilizar suas iniciativas, mas vivem uma realidade de gestão pública que dificulta e inviabiliza seus intentos.

Aqui, em mais um trecho da entrevista com Raquel Rocha, é possível identificar elementos de uma “burocracia muito perversa” que ela indica na prática da administração pública em Maracanaú, e que dificulta a atuação de agentes culturais:

A cidade não nos dá suporte e não nos dá as possibilidades de desenvolver o nosso trabalho dentro da própria cidade. Então, tudo é muito complicado. Existe uma inoperância muito grande por trás da ideia de uma burocracia, de cadastramento, que é muito perversa. E que você se desestimula. Eu, pelo menos, sou super-desestimulada em vários aspectos, quando o pessoal da gestão municipal coloca: “Ah, credenciamento de agentes culturais de Maracanaú” e pedem documento em CD-ROM, pedem documento em PDF e você só pode entregar isso presencialmente e tudo mais. Isso dificulta muito a gente, porque se a gente não tem como trabalhar em Maracanaú, a gente sai da cidade. Se a gente sai da cidade, nem sempre a gente está ali disponível para estar presencialmente na Secretaria, que é lugar de difícil acesso em todos os sentidos: no sentido de transporte público, no sentido de ser difícil acesso simbolicamente porque é lugar do qual a gente não se sente fazendo parte. É difícil o acesso em relação aos funcionários e aos gestores, que quando acessíveis apresentam diálogo difícil.

E chega uma hora que a gente só quer trabalhar, desenvolver a nossa arte e as nossas habilidades, e a gente vai para onde a gente tem chance de ir. No meu caso, eu fui para Fortaleza e agora estou em Salvador – e tem sido muito mais fácil por aqui, assim como foi muito mais fácil em Fortaleza, do que foi em Maracanaú. O que me entristece muito (informação verbal – fragmento da entrevista com Raquel Rocha)²¹.

A artista e professora superou o dilema “Ficar ou Migrar” deixando Maracanaú. Teve a oportunidade e construiu caminho para desenvolver seus trabalhos em outra cidade que a acolhesse da forma como acha adequado. Foi para onde teve “chance de ir”, como diz no depoimento. E ela conclui justificando sua escolha: “O lugar que me acolheu enquanto profissional, enquanto artista, e que me acolheu com muito respeito, não foi a cidade que eu nasci, que eu moro. Que eu morava, no caso” (*idem*).

Dentre essas realizações, pude observar vivendo no campo por mais de dois anos, como morador, pesquisador e produtor cultural atuante, e também tendo entrevistado dezenas de agentes culturais da cidade, que Maracanaú apresenta uma produção cultural infinda, diversa, distribuída e conectada com os territórios – e conduzida por sujeitos incansáveis que fazem de seus trabalhos artísticos verdadeiras trincheiras poéticas, de afirmação da cultura como mecanismo para enfrentar as ausências e espalhar encantamento pela cidade. Observando e muitas vezes acompanhando de perto os grupos se organizando, preparando seus materiais, ensaiando, elaborando projetos, recebendo o público, reformando instrumentos e adereços, preparando aulas, negociando com parceiros, divulgando e promovendo suas atividades, pude perceber que os grupos, coletivos e artistas independentes que vivem e atuam em Maracanaú fazem de suas ausências e dificuldades dispositivos para reinvenção de si

²¹ Entrevista 3, concedida por Raquel Rocha, em 13/10/2023, com depoimento gravado em áudio, recebido por *WhatsApp* e posteriormente transcrito, com aprovação do texto pela entrevistada.

mesmos. Cada nova produção, nova temporada, nova publicação alicerça uma série de aprendizados e parcerias novas que aprimoram as práticas e conduzem os processos para a superação dos desafios e para a realização do que é preciso ser feito.

Ao contrário do que pode se esperar da falta de estímulo e apoio governamental, a cena cultural de Maracanaú pulsa, resiste e afirma o trabalho na cultura como possibilidade de atuação, consagrando princípios como diversidade, colaboração, compartilhamento, transversalidade, pioneirismo, inovação e atitude pró-ativa. São esses elementos que constituem o esteio para os agentes culturais da cidade fazerem de Maracanaú um lugar para construir *possíveis* e enfrentarem as adversidades.

2.2 Dilema 2 – Interesse Particular X Luta Coletiva

Um exemplo de dilema enfrentado pelos trabalhadores da cultura pode ser reflexionado a partir do exame da situação de dois artistas do hip-hop de Maracanaú, Roni Flow e MC Querubim, que integram as movimentações do Comitê de Cultura e que foram chamados em dezembro de 2022 ao gabinete da Secretaria Municipal de Cultura e Turismo para serem informados que o órgão estava preparando um festival de hip-hop para atender a uma demanda específica desse segmento cultural. De fato, um festival de hip-hop está entre as demandas do setor cultural do município, no entanto a reivindicação daqueles dois jovens artistas não era específica do hip-hop, mas tinham em vista a criação do Plano Municipal de Cultura para Maracanaú, um mecanismo que integra o Sistema Municipal de Cultura e que apresenta uma perspectiva de política pública de cultura criada colaborativamente entre poder público e sociedade civil, com indicações de metas para serem cumpridas pelo município em um horizonte de 10 anos.

Os artistas diziam na reunião que essa demanda já era proposta havia tempos e que o objetivo deles ali era trazer de novo isso à tona no diálogo com a gestão e propor “uma política com horizonte mais amplo e que contemplasse todos os segmentos culturais da cidade e não apenas o hip-hop” (fala do MC Querubim captada durante o momento real, como pesquisador presente no ambiente, a convite dos dois artistas). Os representantes da gestão que estavam na reunião sinalizavam que estavam dispostos a oferecer o festival de hip-hop, dentro das condições estabelecidas pela Prefeitura e como um evento no calendário oficial da cidade, atendendo ao setor específico do hip-hop. Mas não demonstravam muita identificação com a pauta do Plano Municipal de Cultura, apresentada pelos artistas ali presentes.

Convém considerar o contexto em que se realizou essa reunião no dia 22 de dezembro de 2022: imediatamente após a realização da Semana Juventude Cultura Crítica Maracanaú (entre 14 a 18 de dezembro), um festival cultural criado e realizado de forma autogestionada por artistas e produtores culturais de Maracanaú como manifestação crítica à Prefeitura e ao mesmo tempo apresentando um panorama diverso da produção artístico-cultural de Maracanaú. Ou seja, um momento de luta e enfrentamento, em que os agentes culturais saíam fortalecidos e com uma significativa articulação nas bases do setor cultural. Foram mais de 80 artistas de Maracanaú reunidos em uma programação cultural e educativa de cinco dias que se espalhou por quatro bairros da cidade. Voltarei a falar dessa iniciativa mais à frente.

Abaixo, a ata (breve relato) escrita e compartilhada com a coletividade envolvida no Comitê de Cultura de Maracanaú, algumas horas depois de concluída a reunião acima mencionada:

ATA / BREVE RELATO SOBRE A REUNIÃO DO COMITÊ DE CULTURA COM
A SECULT
22.12.2022, GABINETE DO SECRETÁRIO

Gente, hoje houve uma reunião na SECULT entre agentes culturais de maracanaú e a gestão municipal. A reunião foi puxada pelo MC Querubim, que chamou o Roni Flow e ambos chamaram Tati e eu (rodrigo tembiú). A reunião era pra ser com o secretário, mas de última hora ele não pôde ir... O prefeito chamou o secretário pra combinar um evento de natal e, então, ele precisou se ausentar. Então quem recebeu a galera foi a coordenadora administrativa e a diretora de turismo e assessora de comunicação. Pelo que entendemos, ele estava preparado para receber Querubim e Roni Flow, mas quando Tati e eu chegamos na SECULT, a diretora de turismo avisou o secretário que estávamos lá e, bem nessa hora veio a informação que ele não poderia participar da reunião conforme havia combinado... Ora, o Comitê tinha um indicativo de data para uma reunião com ele sobre a Lei Paulo Gustavo justamente para o dia 20.12, mas foi desmarcada porque o secretário pediu. E ele mesmo marcou com Roni e Querubim para o dia 22. E desmarcou NA HORA DA REUNIÃO quando viu que Tati e eu estávamos juntos com os rapazes (texto do relato do Comitê).

O registro de cada atividade com finalidade de relato e compartilhamento da experiência vivida tem sido, na prática cotidiana do Comitê de Cultura de Maracanaú, um dispositivo eficiente para estender ao coletivo ampliado elementos para reflexões coletivas. A práxis emancipatória, enquanto condição transformadora, se sedimenta a partir do conhecimento produzido pela vivência e posterior reflexão crítica que aponta para nova vivência. Nesse sentido, os registros e relatos, como esta ata em destaque, são ferramentas de extrema importância para o alinhamento do coletivo, que se fortalece nessa teia comunicativa. Segue o relato:

Querubim e Roni conduziram o papo e foram muito ninjas ao manter o foco da conversa ampliado na pauta política cultural e calendário de programação do ano inteiro, enquanto a SECULT queria empurrar a pauta única e específica de um festival de hip-hop. Pessoalmente, achei admirável e bastante generoso da parte de Querubim e Roni eles manterem essa pauta ampla, contemplando e dando importância todo o setor cultural de maracanaú e não apenas a um segmento (hip-hop, no caso).

A conversa começou 11h30 e acabou mais de 13h30. No geral, a conversa girou em torno da necessidade levada pelos agentes culturais: uma política pública e um calendário com atividades culturais de formação, fomento e difusão artística (ou seja, não só de eventos!). E, como contraponto, a gestão ficou tentando demonstrar que estão trabalhando já nesse sentido e que vão sim realizar um festival de hip-hop e terá um edital para o novo credenciamento (texto do relato do Comitê).

No trecho da ata acima, o destaque para o reconhecimento do autor do relato acerca da coerência dos sujeitos mencionados com as diretrizes da luta coletiva. Abaixo, o relato segue com a descrição do que se deu na reunião com a gestão, a partir do olhar de uma pessoa presente, que compartilha com as ausentes, também implicadas nessas questões:

Os agentes destacaram insistentemente que estamos todos a fim de compor junto com a gestão uma política cultural para Maracanaú e que não estamos a fim de briga, disputa ou tensionamentos. Ao contrário, o(a)s agentes culturais da cidade estão dispostos e disponíveis para pensar e criar juntos o que a gestão não sabe ou não quer fazer, que é uma política de cultura que nos atenda. Isso ficou bastante evidenciado, especialmente quando Querubim falou que, dentre os agentes culturais, tem várias pessoas que podem colaborar com o pensamento, com a produção, com a articulação, com a mobilização, com a comunicação... Enfim, com todo o processo de promoção da cultura da cidade e que a equipe da SECULT não tem e nunca vai ter essa expertise. Ou seja, mandou a real que nós estamos aqui a fim de fazer juntos essa missão de criar a política cultural da cidade, reunindo e colocando à disposição o conhecimento, a experiência, a sensibilidade, a potência e a urgência que só a(o)s agentes culturais têm.

Fizemos algumas críticas sobre o modo como a gestão vem (não) trabalhando e isso criou alguma tensão na reunião (naturalmente), mas nas vezes que isso aconteceu conseguimos converter a situação para um diálogo razoável, sempre dizendo que estamos movido(a)s por uma indignação e que gostaríamos de transformar essa energia em construção coletiva tendo como fim uma política decente que contrate agentes culturais de maracanaú e que ofereça pra população uma agenda cultural de qualidade, diversa e que conecte as produções de maracanaú e de outros lugares do CE, do país e do mundo. E, naturalmente, o hip-hop estando dentro disso, assim como a capoeira, o rock n'roll, o artesanato, o audiovisual, a literatura, as artes cênicas, os processos formativos em arte e cultura, o patrimônio cultural, as rodadas de negócio... Enfim, tudo da cultura.

Esse meu relato aqui é só um resumo e, por si só, incompleto. Então, seria massa que, dentro do possível, Tati, Roni e Querubim complementassem com algo, ou ajustasse alguma ideia que coloquei aqui.

MC Querubim, mano, agradeço pelo convite. Roni, Tati: tamo junto(a)s! Vamos gentes, que temos muito o que fazer nessa luta, que vimos fazendo há tanto tempo, com tanta gente! (texto de relato do Comitê)²²

22 Ata da reunião realizada em 22 de dezembro de 2022, no gabinete da Secretaria de Cultura e Turismo de Maracanaú. Relato de autoria de Rodrigo de Souza Oliveira, compartilhado no grupo de *WhatsApp* dos agentes culturais de Maracanaú.

Uma das práticas do Comitê de Cultura de Maracanaú é em suas reuniões gerar uma ata, ou um breve relato, de todas as atividades realizadas, para que a narrativa descritiva seja compartilhada no grupo do aplicativo *WhatsApp* para que as pessoas que não estiveram presentes pudesse ficar a par do que fora realizado. Com frequência, a ata é escrita por uma pessoa que esteve presente na atividade e, depois de compartilhada, ela é complementada por outras pessoas também presentes. Acima, a reprodução na íntegra do relato da reunião realizada dia 22 de dezembro de 2022, sob análise nesta seção da pesquisa.

Logo na saída da referida reunião no gabinete da Secretaria, em conversa com os artistas, provoqueei-os para uma análise breve sobre o episódio. Os artistas do hip-hop me revelaram ali que sentiram uma atmosfera pesada e que ficou subentendido um indicativo da Secretaria para que cessassem as críticas e o tensionamento junto à prefeitura. A oferta do festival de hip-hop se desvelava como uma forma de instaurar uma ambiência favorável para a gestão se sintonizar com o setor do hip-hop, historicamente reconhecido como bastante crítico e mobilizador. Um subtexto que também por mim foi compreendido dessa forma, suscitando como hipótese a tentativa da gestão de cooptação de lideranças como prática de silenciamento.

Em diversos depoimentos, colhidos junto a artistas e produtores culturais de Maracanaú, em particular os participantes do Comitê, pude constatar que essa prática é comum nas sucessivas gestões da administração pública municipal, ao longo das últimas décadas. Seja em casos de lideranças comunitárias que ao se destacarem nas lutas populares vão aos poucos sendo consorciadas pela gestão até se tornarem vereadores e apoiarem o projeto político que anos antes combatiam, seja em casos de vereadores de oposição que passam a ser aliciados pela gestão e, migraram o posicionamento em favor do grupo dominante em troca de benefícios ou favorecimentos políticos, econômicos ou de cargos na prefeitura. Seja ainda em casos de artistas que, desamparados de política pública de cultura, se amparam em favores do grupo gestor (legislativo e executivo municipais) para conseguirem ser minimamente incluídos em um evento ou em uma articulação temporária, em troca de apoio e defesa. Percebo aqui o que a professora Marilena Chauí se refere como “cultura da política” (CHAUÍ, 1995), que marca nesses modelos de administração a presença da dependência e do silenciamento.

O dilema que se enuncia, então, pode ser lido nos seguintes termos: aceitar um evento específico de seu segmento cultural em detrimento de uma luta coletiva. Dois caminhos anunciados: 1) aderir a uma oferta que atende à demanda de um segmento específico, uma modalidade de arte das mais descobertas de políticas (o hip-hop), em uma

conjuntura em que esse festival pudesse desviar atenções, silenciando as críticas à gestão municipal e contendo o enfrentamento da sociedade civil frente a uma sociedade política que não apresenta a política pública ampla para o setor cultural; 2) negar esse oferecimento extemporâneo da prefeitura, lido como jogo de cooptação, mantendo a coerência desses referidos artistas na luta coletiva pela instauração do Plano Municipal de Cultura e, portanto, permanecerem críticos à gestão que inviabiliza esse intento. Perder o evento oferecido e essa promoção específica do segmento cultural do hip-hop, mas ganhar a liberdade para se expressar criticamente e se posicionar junto com seus pares.

A professora Marilena Chauí (1995, p. 74-75) faz menção ao autoritarismo como parte do modo de funcionamento do Estado ditatorial e destaca que o autoritarismo não é “simplesmente a forma do governo, mas a estrutura da própria sociedade brasileira”. Afirmar ainda que nossa história social traz marcas da sociedade colonial escravocrata e que nela, as relações sociais e intersubjetivas são assimétricas e marcadamente transformadas em desigualdades que reforçam a “relação mando-obediência” (*idem*, p. 75). Afirmar a professora:

O outro jamais é reconhecido como sujeito nem como sujeito de direitos, jamais é reconhecido como subjetividade nem como alteridade. As relações, entre os que se julgam iguais, são de cumplicidade; e, entre os que são vistos como desiguais, o relacionamento toma a forma do favor, do clientelismo, da tutela ou da cooptação, e, quando a desigualdade é muito marcada, assume a forma da opressão. Em suma: micropoderes capitalizam o autoritarismo em toda a sociedade: na família, na escola, nas relações amorosas, no trabalho, na *mass media*, no comportamento social nas ruas, no tratamento dado aos cidadãos pela burocracia estatal, no desprezo do mercado pelos direitos do consumidor, na naturalidade da violência policial etc. (CHAUÍ, 1995, p. 75).

Essa marca do autoritarismo transparece na fala de inúmeros agentes culturais de Maracanaú quando se referem à forma da gestão municipal conduzir seus trabalhos e as relações que estabelecem junto a esse público. Trazendo o termo de Chauí, é “visceralmente autoritária” a estratégia histórica de aniquilar a subjetividade com as tentativas de silenciar as críticas e desconsiderar os sentidos trazidos pelos trabalhadores da cultura no município. Nesse contexto, o agente cultural não é reconhecido como sujeito da cultura nem como sujeito de direitos, sendo considerado pela sociedade política como um tipo de consumidor das ofertas do poder público municipal, sem espaço para opinião e muito menos colaboração nas proposituras.

Roni Flow e MC Querubim seguem no processo de aprendizagem acerca de como conviver com esse dilema, uma vez que se trata de uma latência na vida de artistas independentes que também são educadores sociais atuantes em programas da Prefeitura Municipal de Maracanaú. Estando contratados pela Prefeitura e trabalhando na estrutura da

administração pública, é desafiador tecer críticas sobre a gestão e as condutas dos gestores. No entanto, ambos acreditam no diálogo entre poder público e sociedade civil para superar o problema da falta de sintonia entre políticas públicas de cultura e as demandas do setor cultural e da população como um todo. Acreditam também no poder de mobilização do setor cultural como dispositivo de afirmação e, ao longo dos anos, vêm se dedicando a fomentar a cena cultural de Maracanaú, seja como artistas realizadores, seja como produtores independentes e articuladores políticos do setor cultural, tendo estado diretamente ligado ao processo de reativação do Conselho Municipal de Cultura de Maracanaú. Voltarei a falar do Conselho mais à frente.

Trago a seguir alguns fragmentos das entrevistas com MC Querubim e com Roni Flow, realizadas em janeiro de 2023, poucas semanas após a mencionada reunião na Secretaria de Cultura de Maracanaú, em que eles se referiam à Semana Juventude Cultura Crítica Maracanaú como uma iniciativa de mudança e articulação e mobilização de trabalhadores do setor cultural na cidade:

Essa mobilização social e cultural dos agentes e criadores de artes mostra a força e potencial que a classe tem. Buscamos mais políticas públicas voltadas e feitas para nós e por nós mesmos, para que consigamos nos articular e montar literalmente uma equipe que possa trabalhar de forma tanto artística como burocrática e jurídica a arte dentro da cidade de Maracanaú.

(...) Pensar a arte e intervenções como a Semana Crítica de Cultura é trazer para o âmbito da discussão um apogeu muito maior do que a gente pensa e cogita. É agregar articulações democráticas para negociarmos pontos de melhorias na política vigente, estimular os protagonistas da arte da cidade. É nada mais que nosso dever, tomar a responsabilidade e dialogar com todos os contribuintes dessa engrenagem (informação verbal – fragmento da entrevista com MC Querubim)²³.

Aqui podemos conferir na fala do artista a convicção que ele traz quanto ao papel dos agentes culturais como criadores de soluções para a política vigente no setor cultural, como vetor de colaboração para os agentes públicos que trabalham na “engrenagem” que produz a política nos gabinetes, alheios à dinâmica cultural da cidade. Roni Flow completa na mesma linha:

A Semana Crítica veio com a importância imensa, pra gente realmente ver a força que a gente tinha como coletivo, como grupo, né? Como aquela célula ali de agentes culturais que almejava uma certa mudança nesse cenário caótico, deprimente, depressivo em que a gente se encontrava. E aí veio, foi um turbilhão de ações. A gente meio que pegou esse fio da meada aí e conseguiu realmente dar as mãos aqui como fazedores de cultura. Fomos pra cima e conseguimos atingir o objetivo de uma forma positiva, né? Que era movimentar realmente a cena cultural da cidade, inserir a galera que estava ali, meio apáticos e desacreditados no processo da cultura em

23 Entrevista 6, concedida por José Wilker Rodrigues da Costa (MC Querubim), em 29/12/2022. Depoimento gravado em áudio, recebido por *WhatsApp* e posteriormente transcrito, com aprovação do texto pelo entrevistado.

Maracanaú. Trouxemos a galera de volta a esse sentimento de pertencimento da nossa cena cultural. Reafirmar que a gente tem, sim, o direito de fazer cultura na cidade, que a gente vai fazer independente de política pública ou de política privada. A gente está ali, a gente é ativo e veio pra mostrar a nossa força como coletivo. (informação verbal – fragmento da entrevista com Roni Flow)²⁴.

Na fala de Roni Flow é possível identificar a determinação do sujeito que protagoniza sua própria história e reconhece no seu coletivo a plataforma de atuação para uma reconstrução da realidade a partir de seus próprios sentidos. Produzir cultura sempre fez parte dos processos sociais de produção, reprodução, controle e subordinação. Esse protagonismo ancora seu significado em uma constatação de que a produção cultural deve ser vista em conexão com a formação social em que se encontra o sujeito que fala. Essa vontade de agir, de tomar para si a responsabilidade de transformar, de criar possíveis e de refazer a história a partir de seu ponto de vista e de seus pares, presente no depoimento do artista Roni Flow, é um traço comum entre os agentes culturais em torno do Comitê de Cultura de Maracanaú. Para a pesquisadora dos Estudos Culturais, Maria Elisa Cevasco, “Essa produção é vista como mimeses dos sentidos disponíveis na sociedade e construção de novos sentidos que dão forma à mudança social” (CEVASCO, 2003, p. 73). Ainda na fala da professora Cevasco:

Se cultura é tudo o que constitui a maneira de viver de uma sociedade específica, devem-se valorizar, além das grandes obras que codificam esse modo de vida, as modificações históricas desse mesmo modo de vida. (...) São preceitos que alteram todo um modo de vida: enquanto o da sociedade vigente é o individualismo aquisitivo, o modo de vida expresso nessas instituições é baseado no princípio da solidariedade. Segundo esse princípio, o desenvolvimento e o progresso não são individuais, mas comuns. A provisão dos meios de vida são, em termos tanto de produção quanto de distribuição, coletivos e mútuos (CEVASCO, 2003, p. 52).

A cultura como modo de vida é um sistema articulado por meio de significados e valores comuns, que são pactuados tacitamente – e que, do mesmo modo, podem se transformar conforme os sentidos dos sujeitos envolvidos e suas proposituras, suas construções. Volto aqui com a fala do MC Querubim e destaco um outro trecho da entrevista em que ele afirma seu poder de mobilização dos sujeitos da cultura e apresenta essa experiência de participar da criação de políticas em cultura como um tipo de “formação social” para superar problemas históricos do setor aqui no município, como a fragilidade na formação de plateia para os trabalhos artísticos de Maracanaú, articulação da cena cultural e fomento de um mercado cultural:

²⁴ Entrevista 7, concedida por Francisco Ronaldo Silva Costa (Roni Flow), em 26/12/2022. Depoimento gravado em áudio, recebido por *WhatsApp* e posteriormente transcrito, com aprovação do texto pelo entrevistado.

Ressalto ainda que essa formação social é uma ótima oportunidade para criar um mercado cultural dentro de Maracanaú, que a gente – por nós mesmos – se articule e consiga reacender o espírito de coletividade e luta para que o movimento cresça ainda mais. E eu não falo só de hip-hop, falo no geral, comunidade mesmo. E dentro dessa nossa iniciativa – como você perguntou aí – criam-se meios e mecanismos para construir livremente a política da cultura e arte, abrindo espaço para o diálogo diplomático e cortês com quem está à frente da Secretaria de Cultura. Mostramos que podemos sim ter alternativa para fazer arte, para fazer o nosso girar. Ajudamos a classe artística se articular ainda mais enquanto grupo que pode fomentar e criar ambientes e temáticas que ajudem a descentralizar os espaços e as culturas. Espero que a gente possa agregar ainda mais... É uma semente que tende a crescer (informação verbal – fragmento da entrevista com MC Querubim)²⁵.

Vemos que essa fala do artista entrevistado vem repleta de sentidos de quem vive a latência da vida cultural no município. A seu ver, participar da criação das políticas de cultura é ao mesmo tempo superar problemas históricos e também é uma oportunidade de aprimoramento das práticas individuais e coletivas no que concerne à formação dos sujeitos políticos para uma atuação direta na construção de políticas.

Vemos aqui uma manifestação que pode ser compreendida no sentido da democracia deliberativa, viés baseado no conceito desenvolvido por Habermas (1997) marcada pela soberania popular enquanto expressão da deliberação de todos. MC Querubim, nesse trecho da entrevista, reforça o clamor polifônico já conhecido dos trabalhadores da cultura de Maracanaú e propõe que as definições das políticas de cultura no município partam das decisões coletivas sobre o setor e que o exercício do poder seja compartilhado para a necessária legitimidade das políticas criadas e implementadas. Tomo como referência de conceito de democracia deliberativa a descrição da pesquisadora Claudia Feres Faria, professora especialista em participação e deliberação nas políticas públicas:

A teoria democrática deliberativa afirma que o processo de decisão do governo tem de ser sustentado por meio da deliberação dos indivíduos racionais em fóruns amplos de debate e negociação. Essa deliberação não resulta de um processo agregativo das preferências fixas e individuais, mas de um processo de comunicação, em espaços públicos, que antecede e auxilia a própria formação da vontade dos cidadãos (FERES FARIA, C. 2000, p. 47).

Pela fala do entrevistado, que coincide com diversas outras vozes do território, esse modelo de ampliação radical da democracia, por seu aspecto mais participativo, contribuiria na realização de um projeto de emancipação social na gestão da cultura em Maracanaú, construído com base em princípios de comunidade, participação popular e solidariedade. Portanto, relacionei o que o rapper colocou como desejo ao que Habermas (1997) conceitua como democracia deliberativa, ou seja, a extensão do processo democrático para além da

²⁵ Entrevista 6, concedida por José Wilker Rodrigues da Costa (MC Querubim), em 29/12/2022. Depoimento gravado em áudio, recebido por *WhatsApp* e posteriormente transcrito, com aprovação do texto pelo entrevistado.

mera participação no processo eleitoral, que fomenta a participação direta dos indivíduos no domínio da esfera pública. Assim, em um processo contínuo de discussão e crítica reflexiva das normas e valores sociais, a democracia deliberativa reconhece o pluralismo cultural e social como discurso e prática contra-hegemônicos de agentes culturais e outros grupos que lutam pela igualdade de direitos e pelo reconhecimento à diferença, qualificando a opinião pública, situando-se na condição de sujeito e alçando-se à esfera institucionalizada de formação da vontade política do Estado. Para Habermas,

O ponto mais interessante do direito racional que opera com a ideia rousseauiana e kantiana da autodeterminação é o da união entre razão prática e vontade soberana, a qual liberta o poder político de tudo aquilo que é apenas natural, conformando o exercício do poder político ao exercício da autonomia política dos cidadãos.
 (...) Quando se entende a lei como uma norma geral que obtém validade através do assentimento da representação popular, num procedimento caracterizado pela discussão e pela esfera pública, nela se unem dois momentos: o poder de uma vontade formada intersubjetivamente e o da razão do processo legitimador (HABERMAS, 1997, p. 235).

Desse modo, o modelo deliberativo apresentado por Habermas e ancorado na Teoria Crítica, sustentava que a interação discursiva entre os cidadãos e representantes constitui o aspecto essencial para a formulação das decisões políticas no processo de reconhecimento de direitos, liberdades, reivindicações individuais para, finalmente, criação de políticas que façam sentido para os sujeitos do campo. Eis aí uma demanda histórica do setor cultural da sociedade civil de Maracanaú, mas que pelas falas dos sujeitos da cultura nunca foi contemplada pela administração pública no município. MC Querubim conclui a entrevista anunciando discernimento acerca da realidade onde está inserido e a necessidade da democratização das estruturas estatais, visando a participação dos movimentos da sociedade civil no desenho das políticas públicas:

Eu, enquanto artista, estou exausto de tentar fazer com que minha arte seja respeitada, com que as minhas informações cheguem aonde devem chegar, que o(a)s responsáveis pela política venham a sentir e entender como é que funciona a cultura de verdade. Porque quem faz cultura somos nós! Então mais do que ninguém a gente sabe como é feito e a gente faz na raça, na garra, com carinho, com amor, com dedicação e muito suor. (...)
 Nossas ações são iniciativas populares que conseguem mobilizar a comunidade e movimentar a economia da cidade, incentivando o trabalho de feirantes, artesãos, microempreendedores, artistas em suas diversas linguagens, construindo assim um espaço de apropriação cultural pelo povo que vive a arte e seus contra-pesos no dia a dia (informação verbal – fragmento da entrevista com MC Querubim)²⁶.

26 Entrevista 6, concedida por José Wilker Rodrigues da Costa (MC Querubim), cantor, compositor e integrante do grupo Cassino 12, em 29/12/2022. Depoimento gravado em áudio, recebido por *WhatsApp* e posteriormente transcrito, com aprovação do texto pelo entrevistado.

Justamente é esse o sentido da mobilização popular que Roni Flow destacou ao voltar a viver em Maracanaú em 2021. De lá para cá, ele tem se dedicado a fortalecer o Estação RAP, projeto que mensalmente promove encontro de MCs na Praça da Estação, centro de Maracanaú, iniciativa de um coletivo independente composto por rappers e produtores culturais da cidade, sem praticamente apoio algum da gestão municipal. Ele fala em entrevista:

Me aproximei mais da galera do hip-hop porque é a minha, é o que eu faço da minha vida. A cultura hip-hop é a área em que eu atuo. E já de início cheguei junto, coleei junto da galera que faz a movimentação do hip-hop acontecer aqui. E aí então comecei a me situar, comecei a entender o território em que eu estava inserido e comecei a vislumbrar alguns trabalhos. Com política pública, continuei nessa empreitada aí que a gente se propõe a fazer, né? A arte de colocar a arte como ferramenta de transformação. E aí nesse percurso fizemos alguns trabalhos: Batalha do Polo, um suporte técnico ali em audiovisual. Depois veio a batalha do Estação RAP, que me propus a fazer com o mesmo carinho e dedicação. E me encontrei melhor na batalha do Estação RAP. E agora hoje eu sou um dos organizadores: passei de colaborador a organizador. E aí fomos atrás da gestão. Das gestões, né? Pra ver o que a galera poderia fazer pelo hip-hop da cidade. Enquanto Batalha do Estação RAP, acessamos o programa de políticas públicas chamado “Cidade Viva”, que é como se fosse uma plataforma de inserção da política cultural da cidade [da Secretaria de Juventude de Maracanaú], que na minha opinião deixa muito a desejar, por ser apenas [oferecida pela gestão municipal] uma estrutura pequenina de som, luz e um praticável (informação verbal – fragmento da entrevista com Roni Flow)²⁷.

Após descrever sua análise da relação com a Prefeitura, o rapper enuncia a ínfima responsividade do poder público:

A parceria, a contrapartida da prefeitura pra execução do nosso serviço, do nosso produto artístico, é apenas proporcionar uma estrutura e depois acabou o vínculo... A gente fez cinco edições pelo Estação RAP e aí acabou o vínculo. A gente foi bater nas portas da Secretaria de Cultura e Turismo pedir apoio, pedindo a colaboração dos gestores e com muita dificuldade a gente conseguiu inserir o Dia do Hip-Hop no calendário da Semana de Juventude (*idem*).

Vale destacar que essas entrevistas foram realizadas em janeiro de 2023 e que ao longo dos meses subsequentes foi disparado no setor cultural de Maracanaú o percurso de reativação do Conselho Municipal de Cultura, a partir de um rico processo de plenárias com a sociedade civil e o poder público. Nosso entrevistado MC Querubim foi indicado pelos agentes culturais da cidade para integrar a Comissão Eleitoral que conduziria o processo de reativação do Conselho.

Em uma das plenárias populares, realizada em 17 de abril de 2023, foram indicadas quatro pessoas da sociedade civil para comporem o Conselho com quatro pessoas

²⁷ Entrevista 7, concedida por [Francisco Ronaldo S. Costa](#) (Roni Flow), cantor, compositor, educador social e produtor cultural, em 26/12/2022. Depoimento gravado em áudio, recebido por *WhatsApp* e posteriormente transcrito, com aprovação do texto pelo entrevistado.

representantes do poder público municipal. MC Querubim e os demais da Comissão Eleitoral se dedicaram por cinco meses aos trabalhos de mediação entre o movimento popular da cultura e os integrantes da gestão, com intuito de garantir um processo democrático, transparente e dentro do rito protocolar da Lei Municipal que rege o funcionamento do referido Conselho. E assim se deu.

Em 16 de setembro houve a eleição do Conselho Municipal de Cultura de Maracanaú – e para os sete assentos da sociedade civil que compõem o Conselho foram eleitas sete pessoas oriundas das mobilizações do Comitê de Cultura de Maracanaú. MC Querubim esteve presente no local de votação ao longo de todo o dia, como integrante da Comissão Eleitoral fiscalizando o processo. E compôs junto com a maioria dos votantes um resultado com perspectiva democrática que se instaura na cena cultural em Maracanaú. Ele me disse em entrevista: “Pra mim foi participar de um processo histórico, uma conquista que vai servir para todas as áreas artísticas da cidade, porque a gente escolheu um Conselho que vai brigar realmente pelos interesses da classe artística. E participar desse processo para mim foi único”²⁸.

Roni Flow, junto com o coletivo do Estação RAP, seguiu realizando de forma independente e sem apoio da Prefeitura de Maracanaú a batalha de MCs que acontece todo mês, e em julho de 2023 completou um ano. Em agosto, a batalha de Maracanaú foi a base da seletiva regional que gerou o MC finalista da etapa cearense. Iniciativa que segue mobilizando centenas de jovens na Praça da Estação nas noites do centro de Maracanaú.

O artista ainda tem uma atuação militante na cultura urbana representando a cena cultural de Maracanaú nas instâncias de governo, tendo sido eleito delegado na Conferência Municipal de Cultura de Maracanaú, realizada em 17 de outubro de 2023. Junto a outros três agentes culturais da cidade, também eleitos delegados da referida conferência, Roni Flow representará Maracanaú na Conferência Estadual de Cultura do Ceará, em novembro de 2023, quando as propostas de diretrizes para a gestão cultural de Maracanaú serão apresentadas e compartilhadas com gestão cultural do Estado e delegados de outras cidades cearenses.

Desta feita, o dilema trazido pelos artistas do hip-hop (“Interesse Particular X Luta Coletiva”) apontou para uma solução na direção do “inédito-viável”. Ou seja, a decisão que saiu daquela reunião no gabinete da Secretaria de Cultura e Turismo de Maracanaú em janeiro rumou para a luta coletiva e foi se consolidando na estratégia anunciada pelo MC Querubim e por Roni Flow como afirmação de uma outra forma de organização da cultura, considerando

28 Entrevista 6, concedida por José Wilker Rodrigues da Costa (MC Querubim), cantor, compositor e integrante do grupo Cassino 12, em 03/10/2023. Depoimento gravado em áudio, recebido por *WhatsApp* e posteriormente transcrito, com aprovação do texto pelo entrevistado.

os sujeitos do território, suas expressões, suas práticas e os sentidos que estão impregnados nelas.

Como base nessa análise do dilema, volto a Paulo Freire enquanto pensador que nos apresenta a práxis emancipatória como mecanismo de superação da opressão que, mediante o inédito-viável, aponta para a restauração dos relacionamentos humanizados. Trata-se de parte de uma pedagogia que encara a opressão e suas implicabilidades como objeto de reflexão por parte do oprimido e que resulta em seu engajamento na luta a favor de uma libertação. Enfrentar a domesticação, o anestesiamiento e a alienação do homem é parte da resistência e a envergadura para se emancipar da opressão e fortificar a afirmação de *possíveis*.

Uma grande tormenta do oprimido é a absorção dos valores opressores naturalizando sua posição de subjugado. E uma das mais comprometedoras consequências é que essa tormenta deságua na castração da criação capaz de transformar o mundo. Assim como pudemos observar na fala dos dois entrevistados, a emancipação se qualifica como um ato doloroso, mas que reimplanta no oprimido o direito de acreditar e construir outros *possíveis*. Destacando a condição do oprimido e seu dilema, Paulo Freire afirma que:

Os oprimidos, contudo, acomodados e adaptados, “imersos” na própria engrenagem da estrutura dominadora, temem a liberdade, enquanto não se sentem capazes de correr o risco de assumi-la. E a temem, também, na medida em que, lutar por ela, significa uma ameaça, não só aos que a usam para oprimir, como seus “proprietários” exclusivos, mas aos companheiros oprimidos, que se assustam com maiores repressões.

(...)

Sofrem uma dualidade que se instala na “inferioridade” do seu ser. Descobrem que, não sendo livres, não chegam a ser autenticamente. Querem ser, mas temem ser. São eles e ao mesmo tempo são o outro introjetado neles, como consciência opressora. Sua luta se trava entre serem eles mesmos ou serem duplos. Entre expulsarem ou não ao opressor de “dentro” de si. Entre se desalienarem ou se manterem alienados. Entre seguirem prescrições ou terem opções. Entre dizerem a palavra ou não terem voz, castrados no seu poder de criar e recriar, no seu poder de transformar o mundo (FREIRE, 2020, p. 47-48).

Essa pedagogia proposta por Freire enfrenta o dilema do oprimido com a tomada de consciência por ele da condição de oprimido em que se encontra. A práxis emancipatória é, portanto, o movimento que conduz o oprimido em sua razão, sensibilidade e engajamento para a superação da contradição opressor-oprimido e “traz para o mundo este homem novo não mais opressor, não mais oprimido, mas homem libertando-se” (*idem*, p. 48). Uma espiral de reflexão-ação em que o ser humano se faz sujeito de si e consciente de sua capacidade transformadora.

Vejamos agora esse mesmo dilema, que ladeia interesse particular e luta coletiva, com diferente discussão e que envolve outro sujeito do campo, também agente cultural de Maracanaú.

Dino C, compositor, cantor e integrante do Elementos Suspeitos, um grupo de rap de mais de 25 anos aqui de Maracanaú, observou que muitas vezes, durante a trajetória do grupo, eles ficaram “entre ser um grupo de rap e ser um movimento político-social”, uma experiência de luta e fortalecimento comunitário dentro da cultura hip-hop. Essa questão, para o artista que conversou comigo em entrevista, pode ter contribuído para que seu grupo tivesse aproveitado e potencializado menos o viés artístico do trabalho musical, em termos de projeção de carreira artística e empreendimento no setor cultural. Segundo o rapper, o tempo e a atenção dados por seu grupo à militância na comunidade teriam comprometido a prioridade máxima de suas trajetórias artísticas. Pelo que ele fala, hoje poderiam estar em outro nível artístico enquanto grupo musical, por exemplo tendo circulado com shows por mais regiões do país ou lançado mais discos ou ainda discos mais elaborados. O artista, em entrevista, coloca assim seu dilema:

Cara, a gente deu a nossa contribuição social durante muitos anos, entendeu? Com uma militância muito atuante. Durante muitos anos, com abertura de posses, programas em rádio comunitária, organização de festas, muitas atividades que ajudaram na divulgação e propagação da cultura hip-hop em si. E chega determinado momento na caminhada que outros protagonistas têm que assumir esse papel. (...) Em algum momento, o grupo em si tem que se preocupar com a sua visibilidade, divulgação do trabalho, ensaios, apresentações, enfim, alguma maneira de fazer a roda girar nesse aspecto mais musical mesmo, como artista mesmo (informação verbal – fragmento da entrevista com Dino C)²⁹.

Dino C explicita o que quer significar com “fazer a roda girar”:

Nosso primeiro projeto foi elaborado em parceria com o Banco Paju³⁰, mas em vez de ser para gravação de disco ou circulação de shows, foi um projeto comunitário de empreendedorismo com jovens da cultura, que foi aprovado pelo Ministério da Cultura em 2010 e ganhou o Prêmio Cultura Hip Hop – Edição Preto Ghóez. O prêmio em dinheiro foi todo investido em materiais e infraestrutura para as atividades do projeto e assim fomentamos a cultura hip-hop no território. Foi massa! Compramos equipamentos de som, tênis pros bboys, alugamos palco... Mas por outro lado, naquele momento deixamos um pouco de lado os trabalhos com a nossa música. E também tivemos alguns desentendimentos com os integrantes do grupo, que se indispueram por estarmos focando nas ações sociais mais do que no som do Elementos Suspeitos. Sem lamentações! Foi nossa escolha mesmo! (*idem*).

29 Entrevista 8, concedida por Dino César Feitosa da Rocha (Dino C), cantor, compositor e integrante do grupo Elementos Suspeitos, em 04/10/2023. Depoimento gravado em áudio, recebido por *WhatsApp* e posteriormente transcrito, com aprovação do texto pelo entrevistado.

30 Banco comunitário do bairro da Pajuçara, em Maracanaú, que investe na socioeconomia solidária e no desenvolvimento local.

O artista demonstra, nesse trecho da entrevista, que frente ao dilema de escolher a música ou a militância, a escolha prioritária do grupo foi se dedicar às ações sociais na comunidade. Ao mesmo tempo, ele aponta a necessidade de outros sujeitos do território assumirem essa missão, para que os artistas como ele, comprometidos com as questões comunitárias, possam se dedicar ao trabalho artístico e a militância social não ficar descoberta, conforme a fala a seguir:

Naturalmente, a ideologia continua, mas a projeção do grupo musical em si ele tem que existir e também tem que ter continuidade. Consequentemente o social, o comunitário, dentro da cultura, ele tem que ser feito por outros protagonistas que vêm trazendo a cultura, entendeu?

Já são 50 anos da cultura hip-hop no mundo, então naturalmente uma geração já deu várias contribuições e tem uma molecadinha aí que vem agora dar continuidade nisso como entes sociais, como pessoas que contribuem para o engrandecimento da cultura hip-hop.

Em algum momento os ativistas devem assumir o seu papel na luta comunitária e o bastão deve ser passado, para que o artista possa realmente focar mais nas composições, nas suas produções e conseguir entrar no circuito para poder produzir, difundir e divulgar ainda mais o seu trabalho (*idem*).

O hip-hop como cultura de rua integra ações comunitárias e questões políticas; promove o encontro das pessoas, principalmente jovens, para a formação de grupos não apenas artísticos, mas políticos, que podem atuar discutindo e interferindo diretamente nas questões sociais e políticas do território. Constitui-se como uma possibilidade de intervenção político-cultural elaborada nas periferias das grandes cidades que, atuando na esfera cultural, fomenta formas não convencionais de se fazer política. Vejamos essa questão na fala de Mano Brown, líder do grupo Racionais MCs, um dos principais do rap nacional, em prefácio do livro “Hip Hop Brasil”:

Nasci de novo quando conheci o rap nacional. Não passei por apenas uma transformação, outra vida me foi dada. Saí do ostracismo, do anonimato total e conheci outro lado. (...) E naquele momento éramos os caras para conduzir as ideias dos mais velhos, que não tinham acesso à molecada. Tudo era muito novo e começou a fazer parte do que a gente fazia. Milhões de portas se abrindo para um cara que sempre teve todas as portas fechadas. (...) Eu era um cara confuso, liderando um movimento sem saber, com 20 anos. A ficha caiu agora aos 40 anos. (...) Hoje minha música está mais livre, e o compromisso está na minha alma (BROWN, FIDELIS, 2014, p. 7).

Mano Brown é referência há muito tempo para muitos no país. Ícone brasileiro do rap e da cultura hip-hop como um todo. Pela voz dele e por sua presença tanto no palco quanto nos territórios, vertem os mais sólidos estímulos de superação, empoderamento e reconstrução de caminhos. O fragmento destacado acima reflete de forma certa o título do texto, “Uma História de Várias Vidas”, pois embora seja o depoimento dele sobre sua

trajetória, trata-se de um espelho que reflete “várias vidas” de jovens brasileiros que, como Brown, se fortaleceram com a cultura, com os conhecimentos advindos na busca de compreender os territórios e os próprios sujeitos que o compõem, matéria-prima do rap.

O dilema de Dino C é o mesmo de tantos jovens da cultura hip-hop, que estão entre fazer rap, que é o trabalho com a música, e fazer a diferença na comunidade, que é o trabalho social diário, a partir dos eventos culturais, da educação não-formal, das rodas de conversa, dos cuidados coletivos e das práticas integrativas que mobilizam diversos núcleos no território (do Estado, da sociedade civil e da própria comunidade que se ajuda). Ao longo dos anos, o grupo musical de Dino C, Elementos Suspeitos, criado em 1997 no Lado Sul da Região Metropolitana de Fortaleza (*região* como é chamada pelo hip-hop local essa área que integra os municípios de Maracanaú e Pacatuba), realizou uma infinidade de apresentações em escolas, praças, centros culturais e comunitários de muitos bairros de Maracanaú e Pacatuba. Pelo que ele me reporta em entrevista, o grupo ainda realizou vários campeonatos, festas e oficinas de hip-hop, além de palestras sobre formação política, drogas, violência e temáticas ligadas à juventude, tendo ainda vencido prêmio do Ministério da Cultura (em 2010), já mencionado anteriormente em uma fala do entrevistado. Participou de encontros nordestinos de hip-hop em São Luiz, Maranhão (em 2000) e em Recife, Pernambuco (2006). Foi vencedor da etapa estadual do Festival RPB (Rap Popular Brasileiro) e foi representando o Ceará na edição nacional no Rio de Janeiro (em 2009). Gravou um álbum independente com sete faixas autorais, além de um EP com cinco faixas e lançou 12 singles, sempre autorais. Já dividiu palco com grandes nomes do rap nacional, como Racionais MCs, RZO, Cirurgia Moral, Facção Central, Dexter, dentre outros.

Dentre sua militância nos movimentos comunitários e as ações de sua carreira artística, ainda que entranhados no dilema anunciado, Dino C e seu grupo Elementos Suspeitos aparentam ter superado os desafios desse dilema, ao passo que acumulam muitas realizações e seguem construindo caminhos possíveis. Em entrevista, Dino coloca que hoje em dia o dilema é outro, mas também já superado. Ele afirma que o antagonista de sua carreira artística atualmente é a busca por sobrevivência, um emprego que garanta o sustento de sua família. Segundo o rapper, ele nunca se iludiu quanto à possibilidade de viver de seu trabalho artístico e sempre garantiu outras alternativas como trabalho e geração de renda, conciliando essas atividades com as atividades artísticas:

Eu acho que o lance da gente não ter abandonado mesmo é porque a gente sempre teve os objetivos de fazer tudo da melhor maneira possível, mas nunca se iludiu achando que a gente fosse viver realmente disso [do trabalho artístico]. A gente nunca se ilude! A gente sempre foi pé no chão, então todo mundo constituiu sua

família e tudo, mas sempre tendo o emprego e muitas vezes tendo que abrir mão mesmo [das atividades artísticas]. Teve apresentações que integrantes não puderam comparecer por conta do trabalho. Isso acontece até hoje, a gente sempre busca conciliar. É sempre conciliando, trocando uma folga... Enfim, fazendo de um jeito ou de outro para poder fazer com que realmente as coisas aconteçam. E isso é que talvez tenha feito com que a gente realmente não parasse o grupo.

As frustrações não surtiram efeito maior do que poderiam surtir no alcance de resultados (informação verbal – fragmento da entrevista com Dino C)³¹.

Quando o artista afirma que “As frustrações não surtiram efeito maior do que poderiam surtir”, vê-se que ele apresenta uma solução assertiva para o dilema e se coloca como sujeito que construiu um cenário de realizações superando os limites e revigorando a luta do trabalhador da cultura que se reinventa na dimensão criativa, ainda que cerceado pela dimensão da sobrevivência:

Até mesmo hoje em dia, como é que você consegue se sentar na frente do computador, ler edital [programas de incentivo à cultura] de não sei quantas páginas e se concentrar? (...) Como é que você consegue fazer um negócio decente mesmo, sendo que você está envolvido no seu trabalho? Você chega em casa esgotado, você quer só descansar e se recuperar para o dia seguinte. Então até hoje a luta é meio cansativa. Na verdade, pra gente é uma questão de sobrevivência, entre levar o sustento para casa ou realmente meter as caras e viver da arte. Então, são as escolhas que a gente tem que fazer todos os dias. E não é arrependimento não, entendeu? É apenas uma reflexão: mais uma vez a gente pensa sobre como poderia estar se tivessem dado condições reais disso realmente acontecer... (*idem*).

Aqui está o dilema do artista que precisa trabalhar em outra área que não na área artística para poder garantir condições mínimas de manter sua estrutura e de sua família. Uma característica da sociedade produtivista, que não se importa com a qualidade, os sentidos ou a finalidade do que é produzido, mas com a produção desenfreada para acúmulo, consumo, descarte e substituição do que é produzido. Desse modo, um artista inserido nesse sistema produtivo vê-se praticamente privado da possibilidade de trabalhar com sua arte, especialmente se a sua linha de atuação artística não é contemplada pelo padrão comercial ou regida pelos ditames da indústria cultural. Os componentes culturais da sociedade constituem um padrão de sistema que tem como fim homogeneizar os artefatos culturais produzidos – e, no limite, o pensamento e os sonhos. O efeito disso é a maneira como as pessoas agem e se planejam, também padronizada, com restrito espaço para o devir e para sonhar. Outro efeito é a busca por atividades profissionais que não necessariamente refletem suas habilidades e competências mais latentes – ou, principalmente, seus desejos de atuação –, mas aquilo que é passível de gerar renda e garantir o mínimo sustento. Dino C parece recusar esse modelo e,

31 Entrevista 8, concedida por Dino César Feitosa da Rocha (Dino C), cantor, compositor e integrante do grupo Elementos Suspeitos, em 04/10/2023. Depoimento gravado em áudio, recebido por *WhatsApp* e posteriormente transcrito, com aprovação do texto pelo entrevistado.

conciliar sua força de trabalho para o sustento com a dimensão da produção artística, ainda que não na proporção que ele vê como ideal, mas como possível.

Para Marcuse (2015), nesse cenário se ambienta o debate em que ele provoca a ruptura da lógica predominante da sociedade unidimensional, que forma indivíduos para a adaptação e anestesiamento, com a hipertrofia do *homos-economicus*, tendo como objetivo o enfrentamento a ela. Esse padrão de sociedade se mostra como uma estrutura tão sólida que desencoraja os indivíduos a pensarem em outras dimensões possíveis. Para Marcuse,

Em virtude do modo pelo qual organizou a sua base tecnológica, a sociedade industrial contemporânea tende a tornar-se totalitária. Pois totalitária não é apenas uma coordenação terrorista da sociedade, mas também uma coordenação técnico-econômica não-terrorista que opera através da manipulação das necessidades por interesses adquiridos. Impede, assim, o surgimento de uma oposição eficaz ao todo. Não apenas uma forma específica de governo ou direção partidária constitui totalitarismo, mas também um sistema específico de produção e distribuição que bem pode ser compatível com o ‘pluralismo’ de partidos, jornais, ‘poderes contrabalançados’ etc. (MARCUSE, 2015, p. 21-22).

A sociedade unidimensional (também chamada por Marcuse de “sociedade tecnológica”) aparece como uma totalidade que afeta a todos e esse padrão de pensamento e comportamento unidimensional reprime outras formas de ser e estar no mundo. Desse modo, se a lógica ainda persiste, esse autor é mais do que atual. No entanto, o contraponto se faz presente na luta diária de inúmeros trabalhadores da cultura, que reinventam caminhos e constroem possibilidades – tal qual Dino C e seu grupo Elementos Suspeitos, para dar corpo ao trabalho artístico, recusando essa unidimensionalidade repressora anunciada por Marcuse.

O filósofo alemão, também anunciava uma resposta. Marcuse identificava uma nova classe revolucionária nos setores progressistas e conscientes dos anos 1960, “por baixo da base conservadora popular”, detrás da sociedade industrial avançada e detrás do homem unidimensional. Ali estariam presentes os sujeitos encorajados para a “grande recusa”, existentes à margem do processo democrático:

Contudo, por baixo da base conservadora popular está o substrato dos párias e estrangeiros, dos explorados e perseguidos de outras raças e de outras cores, os desempregados e os não-empregáveis. Eles existem fora do processo democrático; sua existência é a mais imediata e a mais real necessidade de pôr fim às condições e instituições intoleráveis. Assim, sua oposição é revolucionária ainda que sua consciência não o seja. Sua oposição atinge o sistema de fora para dentro, não sendo, portanto, desviada pelo sistema, é uma força elementar que viola as regras do jogo e, ao fazê-lo, revela-o como um jogo trapaceado (MARCUSE, 2015, p. 242).

Penso que junto desses explorados, migrantes e perseguidos, à margem dos meios de produção, estão os rappers, bboys, grafiteiros, DJs, circenses, cineclubistas de comunidades

periféricas, poetas marginais, atrizes, bailarinas, músicos independentes, trovadores, violeiros, emboladores de coco, indígenas, professoras de artes agentes, artesãs, capoeiristas, brincantes das expressões tradicionais e muitos agentes culturais, como os que fazem o Comitê de Cultura de Maracanaú. Esses são sujeitos que vêm, diariamente, levando adiante a grande recusa e criando, com seus trabalhos artísticos, alternativas ao sistema produtivista e unidimensional. Afinal, conseguem produzir arte que “rompe com a consciência dominante e revoluciona a experiência” (MARCUSE, 1999, p. 11). Seguem com sua sensibilidade, pensamento crítico e atitude emancipatória a criar uma nova organização da cultura, como vimos, em Maracanaú.

2.3 Dilema 3 – Falsa Escuta: quando a escuta desmobiliza?

Neto Holanda é ator, palhaço e integrante do Apê Cultural, um coletivo de grupos culturais de Maracanaú que desde 2019 mantém um espaço no centro da cidade, uma das primeiras iniciativas independentes que funciona como um espaço cultural colaborativo no município. Em entrevista, Neto me relatou que vivera uma situação que poderia qualificar como um dilema. Trata-se de uma experiência vivida coletivamente, no início de 2021, quando os agentes culturais da cidade se nucleavam em torno do Fórum de Arte e Cultura de Maracanaú na tentativa de dialogar com a gestão municipal de Maracanaú e criar políticas públicas de cultura que considerassem a diversidade cultural da cidade.

O referido Fórum foi uma articulação criada em 2019 por artistas e produtores culturais de Maracanaú com intuito de fortalecer a cena cultural e reunir os trabalhadores da cultura em torno do pensamento colaborativo para se criar uma política municipal de cultura. Para isso, era preciso dialogar com gestores públicos da prefeitura, especialmente da Secretaria de Cultura e Turismo do município – prática que até os tempos atuais tem sido uma desafiadora missão para a sociedade civil.

O dilema em questão trata de como os sujeitos envolvidos no Fórum percebiam o processo de escuta dos gestores junto a agentes culturais, nos momentos de diálogo e na própria relação institucional entre prefeitura (sociedade política) e Fórum (sociedade civil). Pelo que Neto retrata em entrevista, essa percepção dos agentes culturais era “confusa”, justamente porque, na opinião do artista entrevistado, não se compreendia ao certo se a escuta era atenta e efetiva, ou se era uma “falsa escuta”, como chega a problematizar o ator quando se referia às várias pessoas que integravam a gestão de cultura de Maracanaú:

Eu não sei se é exatamente um dilema, mas é um desconforto. Eu acho que é um dilema. Por exemplo, quando o novo secretário de cultura assumiu, ele entrou com uma baita disposição pra ouvir, né? O que eu achei já altamente positivo, que era exatamente o que eu ‘tava buscando. Era todinho o discurso! Aí eu estou falando de escuta. Só que aí ele vinha... ‘Venham pra cá e eu quero ver vocês...’. Aí ele trazia até falas muito interessantes, até emblemáticas... ‘Olha, estou aqui mas eu não sei nada não, não sei de nada não, quero aprender com vocês’. Que é uma postura muito dele, inclusive até hoje. Havia muita escuta, só que talvez por ele não entender como é que funcionavam as coisas, nada acontecia. E aí a gente ficava realmente na posição meio dupla: ‘Esse cara tá escutando a gente? E não sabe como trabalhar?! E agora?’ Porque ele realmente nos chamava, só que ele não avançava... ele anotava as coisas (‘Entendi, legal, legal, legal!’), só que nada acontecia (informação verbal – fragmento da entrevista com Neto Holanda)³².

Ao longo da entrevista, Neto relatou alguns episódios como o acima destacado, em que durante os contatos entre o Fórum e a gestão, os agentes culturais não entendiam com precisão qual era o efeito e a efetividade da escuta que as equipes técnicas do poder público municipal faziam junto a ele. Segundo o ator, os integrantes do Fórum aproveitavam esse chamado (“Venham pra cá e eu quero ver vocês...”) porque, afinal, era de interesse dos trabalhadores da cultura ter esse canal de diálogo aberto e eficiente. Mas chegou um momento que mesmo vendo que “ele realmente chamava assim de ‘escuta’ a conversa que tinha com os artistas”, os integrantes do Fórum percebiam que “ele não avançava, ele anotava as coisas, dizia ‘entendi, legal, legal, legal!’, só que nada acontecia”.

O que os artistas chamam de escuta será o mesmo que os gestores nomeiam de escuta? Estamos vendo que não. A escuta da parte dos gestores da cultura aos participantes do movimento cultural local implica mobilizar algo a partir da escuta feita. Considerar o que é dito, do ponto de vista dos sujeitos da cultura, implica respostas, parece nos dizer o artista.

Neto Holanda diz que ficava muito esperançoso com a escuta: “Eu falei até aqui de esperança” – e continua se referindo ao entendimento que ia tendo com o que acontecia sobre escuta e gestão. Dizia-se muitas coisas ao gestor, mas o ator pensava: “ele está ouvindo, ele está lá dentro, com os pauzinhos da máquina” e “ele está querendo que a gente participe”. E no mesmo tom, repete: “a gente sentia que podia ter voz, finalmente”. Mas logo faz uma metáfora, dando sequência ao que vai se configurando como problema:

O gestor ouvia, mas não sabia. Era tipo um chefe de cozinha que não sabia cozinhar.

Diz ainda o entrevistado referindo-se ao gestor responsável pela pasta da cultura na administração pública de Maracanaú:

³² Entrevista 4, concedida de forma presencial por Neto Holanda, em 07/08/2023, com depoimento gravado em áudio e posteriormente transcrito, com aprovação do texto pelo entrevistado.

Ele é tipo um chefe de cozinha que acabou na cozinha mas não sabe cozinhar. Daí ele: “Me ensinem a cozinhar”. Só que ao mesmo tempo assim: “Ah, entendi! Agora já tem gente aqui pra me ajudar. Desculpa!”. Era quase isso que acontecia assim. Então a gente sentia que podia ter voz, finalmente. Só que ao mesmo tempo, a nossa voz não era ouvida, porque já tinha todo um plano. E no caso o plano é o plano São João de Maracanaú, o credenciamento, o Alegria e Louvor... Que sempre foi dessa forma (*idem*).

E o ator volta ao assunto questionando a escuta e afirmando que a voz dos sujeitos da cultura não era ouvida e “sempre foi dessa forma”, porque as diretrizes da gestão já estavam delineadas, a partir dos eventos e procedimentos da prefeitura (São João de Maracanaú, o credenciamento de artistas e o Alegria de Louvor). E conclui: “Então pra mim é um dos primeiros dilemas que a gente enfrentou aqui foi a falsa escuta”.

A escuta à população é um dispositivo fundamental nos processos democráticos de construção de políticas públicas. Ainda que a participação social seja um dos 17 objetivos da Agenda 2030 para o Desenvolvimento Sustentável das Organizações das Nações Unidas (ONU) e esteja presente com frequência nas discussões sobre política, parece existir um abismo entre as pessoas de forma geral e os governos e seus processos de tomada de decisão que afetam as vidas de todos. Historicamente, no Brasil, o cidadão comum não tem o hábito e nem oportunidade de participar de diálogos institucionais inerentes à construção de políticas públicas – e os maiores prejudicados estão nas camadas mais populares, que dependem mais diretamente dessas políticas.

As cientistas sociais e especialistas em construção social e concepção de políticas públicas Helen Ingram e Anne L. Schneider (2008) discorrem, em diversos estudos, sobre a importância da escuta na composição de políticas. Para elas, uma análise bem-sucedida da política pública requer da gestão que se dedique ao “estudo e atenção sobre as particularidades do público-alvo, a escuta ativa sobre suas falas e a vivência no debate aberto” (INGRAM & SCHNEIDER, 2008, p. 176). Empreender programas sem ter, no momento da concepção, havido a presença do público, que são os especialistas da vida real, “torna a política contaminada e dominada por um discurso autocrático, que tende a não atender a fundo o que demanda o público, prejudica a construção social e compromete a eficiência da política (*idem.*, p. 176).

Em um outro momento da entrevista, Neto Holanda me falava sobre uma diferente tentativa de diálogo com a gestão de cultura da Prefeitura de Maracanaú, em que “o pessoal [da gestão] escutava, havia uma aparente disposição para ouvir e resolver”, mas quando da continuidade dos encontros, numa reunião seguinte, “já não havia a mesma disposição que

tinha anteriormente”. Então, tudo voltava a estar de um modo que o ator qualifica como “confuso”. Nessa “confusão de idas e vindas”, o ator se perguntava se era despreparo do quadro de pessoal com as questões específicas da cultura, uma vez que os funcionários eram “remanejados” de outros departamentos da prefeitura para a Secretaria de Cultura e, segundo ele, não detinham saber específico. E continua a sugerir ser esse um aspecto outro do mesmo dilema:

O meu dilema com a gestão então é: como lidar com uma gestão que cria uma falsa escuta ou [oferece] uma estrutura que é inadequada? A gente se engaja nisso como uma perspectiva de resolução e de criar a política ou a gente desconsidera? Eu vejo isso até hoje (*idem*).

Um exemplo colocado pelo artista me pareceu revelador:

A gente se apresentou agora recentemente lá com o “Pedro, que horas são?”. Com esse espetáculo estamos de volta no Maracanaú. Foi legal, achei legal. A própria secretaria de cultura me procurou pelo *WhatsApp*: “Neto, que é que vocês vão precisar em termos de luz?”. Aí eu perguntei: - O que vocês têm de luz? Era muito básico o que tinham. Isso foi uma conversa que durou, sei lá, uns dois dias, né? Então, um dia botei a listagem todinha. Isso leva tempo. Temos um *rider técnico* [*instruções técnicas de palco*]. No outro dia ela falou o que o teatro tem, que é bastante restrito e não vai dar pra atender integralmente. Aí eu não entendo. Por que não diz logo: ‘Meu teatro é assim?’ (*idem*).

O *rider técnico* é a lista com a descrição completa das dimensões, infraestrutura e equipamentos que compõem um teatro. O *rider técnico* de um teatro, sobretudo de um Teatro Municipal como é o caso do Teatro Dorian Sampaio, ao qual o artista se refere, fica disponível para o público no website da instituição que o administra, ou ainda, esse documento é enviado durante as tratativas de produção. Isso facilitaria a comunicação no caso acima descrito. Mas não era somente a isso que se referia a fala do ator. Há a falta do material, há a dificuldade com a comunicação e há o despreparo para atender às solicitações referente à apresentação cultural em sua especificidade. A ideia do primeiro dilema parece desdobrar-se agora no seguinte: “existe uma disposição de ouvir”, os artistas ouvem a fala institucional, algo como “legal, vamos te ouvir: o que que você precisa?”. Porém, literalmente “não há estrutura técnica para oferecer aquilo que está no seu *rider*. Por mais que seja um baita de um teatro”, lamenta o artista entrevistado.

O que está posto nessa história trazida pelo entrevistado é uma complexidade de fatores que evidenciam o dilema colocado no início desta seção e retomado no último fragmento aqui destacado: a aparente falsa escuta apresentada pela gestão municipal, que, pela fala do entrevistado, não considera o que é dito pelos sujeitos da cultura – ou seja, o

público-alvo da referida política. Tal fenômeno se amplifica quando se identifica o despreparo da equipe técnica e se compromete ainda mais quando se percebe a falta de estrutura adequada para executar o serviço que, a princípio, deveria ser oferecido.

O questionamento do agente cultural é determinante porque interfere na formação do posicionamento de toda uma coletividade que se prepara para ter com o poder público municipal uma interação que define os encaminhamentos do setor onde atuam artistas, produtores culturais, professores de artes, pesquisadores do patrimônio cultural e histórico, técnicos, artesãos e tantos outros profissionais que veem na política pública de cultura um horizonte para desenvolver boa parte de seus trabalhos. Como ele diz: “A gente se engaja nisso como uma perspectiva de resolução e de criar a política ou a gente desconsidera?”.

Alguns outros trabalhadores da cultura de Maracanaú, que integram as movimentações do Comitê de Cultura de Maracanaú, reforçam a mesma crítica levantada pelo ator e palhaço Neto Holanda. Em uma ciranda de entrevistas, ao comentarem sobre a Semana Juventude Cultura Crítica Maracanaú, artistas, professores e produtores culturais apontam a dificuldade de diálogo entre o aparato gestor e a cena cultural, bem como sobre o perfil da equipe técnica para conduzir os trabalhos da Secretaria de Cultura do município:

A Semana Juventude Cultura Crítica é a eclosão de lutas antigas de artistas de Maracanaú, que demandam uma política de fomento da cultura, diálogo com as Secretarias e participação nos rumos da gestão cultural no município. Anseios frustrados pelas secretarias, desprovidas de vontade e de competência técnica. (informação verbal – fragmento da entrevista com Allison Duarte)³³.

Aqui a crítica é sobre a competência e vontade política, que, no dizer do professor e artista, não se adequam à expectativa do setor cultural e, assim, a demanda histórica por política municipal de cultura não se efetiva também por essa gestão que por ora ocupa o governo municipal. Por isso o festival cultural criado e autogestionado pelos próprios artistas e produtores da cidade é apresentado como “eclosão de lutas antigas” do setor cultural em Maracanaú. Vale repetir aqui que a Semana Juventude Cultura Crítica Maracanaú foi uma iniciativa do Comitê de Cultura de Maracanaú que reuniu em uma programação artística e formativa mais de 80 artistas e educadores de Maracanaú, que durante cinco dias se apresentaram em diferentes bairros da cidade, de forma gratuita com significativa participação do público. Trata-se de um festival cultural colaborativo organizado e oferecido pelos trabalhadores da cultura da cidade entre 14 e 18 de dezembro de 2022, em resposta à ausência

³³ Entrevista 9, concedida por Allison Duarte, desenhista, professor e pedagogo, em 20/01/2023. Depoimento recebido em texto, recebido por *WhatsApp* e posteriormente revisado, com aprovação do texto pelo entrevistado.

de políticas municipais de cultura e fragilidade no diálogo entre a gestão e os movimentos populares de juventude e cultura de Maracanaú.

Negri & Hardt (2016), filósofos contemporâneos que investigam organizações populares que se formam em torno do comum e buscam participar diretamente da tomada de decisões de interesse público, consideram a necessidade de rebelar-se perante a terrível falta de esperança em que nos encontramos imersos. Os pensadores afirmam: “Os líderes neoliberais atuais – dos seus gabinetes de governo (...) – repetem constantemente para nós que a crise é terrível e nossa situação é sem esperança” (NEGRI, HARDT, 2016, p. 49). E levantam a provocação junto aos oprimidos e sujeitos desconsiderados: “Será que não é possível se rebelar e dar voz à indignação que fervilha em todos nós quando nos deparamos com essa chantagem?” (*idem*, 49).

Essa categoria da “rebeldia”, também presente na “Pedagogia da Autonomia” de Paulo Freire (1996), nos ajuda a compreender (e provoca a construir) posturas rebeldes que se anunciam como iniciativas “revolucionárias que nos engajam no processo radical de transformação do mundo” (FREIRE, 1996, p. 79). Para Freire,

Não é na resignação mas na rebeldia em face das injustiças que nos afirmamos. Uma das questões centrais com que temos de lidar é a promoção de posturas rebeldes em posturas revolucionárias que nos engajam no processo radical de transformação do mundo. A rebeldia é ponto de partida indispensável, é deflagração da justa ira, mas não é suficiente. A rebeldia enquanto denúncia precisa de se alongar até uma posição mais radical e crítica, a revolucionária, fundamentalmente anunciadora. A mudança do mundo implica a dialetização entre a denúncia da situação desumanizante e o anúncio de sua superação, no fundo, o nosso sonho (FREIRE, 1996, p. 79).

No pensamento de Freire acima destacado, a “denúncia” do problema e o “anúncio” de sua superação como prática da rebeldia, assim como a “voz da indignação que fervilha”, de Negri e Hardt, também mencionada acima, são instâncias avançadas no processo de insatisfação coletiva resultante da “Falsa Escuta” dos dominantes, que no dilema apresentado pelo ator e palhaço Neto Holanda se refere à sociedade política da gestão de Maracanaú. Um sistema que, pelas falas ouvidas ao longo da pesquisa, atravessa gerações marcadas pelo silenciamento ou pela desconsideração das falas de sujeitos que compõem o território e demandam políticas eficientes para suas realidades. Sujeitos impactados pela desesperança, mas que também cultivam soluções coletivas.

Para Negri & Hardt (2016), a sociedade capitalista atual, em seu viés neoliberal, implantou uma terrível crise impregnando a realidade com um sentimento comum de perda da esperança, que cada vez mais “individualiza e tensiona as paixões humanas”, nos fazendo parecer “isolados e despoticizados”. Ao mesmo tempo, contraditoriamente, esta condição

geral de vivenciarmos todos a mesma crise, conforme indicam os autores, precipita uma condição comum compartilhada pelos oprimidos que “designa uma condição coletiva”, um “estarmos juntos” que desperta um “kairós de resistência e um kairós de comunidade”. Essa condição de sentimento comunitário alimentado por uma mazela comum, em uma temporalidade justa, poderá constituir-se como o instrumento capaz de recuperar a “força que reconecta a ação de estar junto” (NEGRI, HARDT, 2016, 2016, p. 49-50) e transformar a realidade.

Nessa visada, seguem outros comentários de agentes culturais de Maracanaú referindo-se à insuficiência do olhar ao Outro que, segundo eles, marca a gestão pública na cidade, especificamente na área da cultura. Comentários críticos feitos a partir de suas impressões sobre a Semana Juventude Cultura Crítica Maracanaú:

[A Semana Crítica] Foi um momento único, histórico e exemplar. Podemos dizer assim que foi um momento exemplar para a gestão pública, que é o órgão que está aí pra atender nossas necessidades, mas não tem essa eficiência. (...) Fiquei muito feliz por participar, por partilhar um pouco da minha experiência enquanto jovem do meu povo Pitaguary. E foi uma semana que foi uma culminância, mas que ficou aí sementes plantadas para o decorrer dos tempos pra gente ir moldando, montando e executando atividades dentro do nosso município de Maracanaú (informação verbal – fragmento da entrevista com Madson Pitaguary)³⁴.

Sublinho nessa colocação do professor Pitaguary a sua afirmação acerca do exemplo a ser seguido pela gestão, tendo como referência a movimentação autogestionada dos agentes culturais, que considerou a diversidade e reuniu múltiplas experiências para compor o referido festival. O destaque, ao meu ver, se dá principalmente pelo fato da observação partir de um representante do povo Pitaguary, que afinsa a ancestralidade indígena na região onde hoje fica Maracanaú. Embora etnia originária do local, historicamente luta para afirmar sua presença e garantir dignidade para homens, mulheres, crianças e idosos que vivem à margem das políticas públicas do município. O presente estudo não traz esse ponto como seu objeto de análise, no entanto mais à frente volto a fazer menção à presença da cultura Pitaguary nessa complexidade das lutas da cultura em Maracanaú.

No depoimento do professor Madson Pitaguary, ele se refere à partilha de sua experiência enquanto jovem Pitaguary em um acontecimento cultural de Maracanaú que estava repleto de outras expressões e atuações (hip-hop, ambientalistas, circo de rua, sindicalistas, arte contemporânea, educadores, esporte de rua, música popular...). Nas

34 Entrevista 10, concedida por Madson Pitaguary, professor indígena, coordenador da juventude indígena do Ceará, acadêmico em História pela UNILAB e em licenciatura intercultural indígena pela UFC, em 29/12/2023. Depoimento gravado em áudio, recebido por *WhatsApp* e posteriormente transcrito, com aprovação do texto pelo entrevistado.

palavras do entrevistado, a Semana Crítica se mostra uma culminância ao passo que é também uma plataforma que aponta para um futuro a ser reconstruído, justamente considerando essa diversidade na base dessa construção. Para a luta anticolonial, a presença Pitaguary em realizações culturais da cidade reforçam o caráter intercultural e propõe uma troca mútua de saberes e de práticas. A interculturalidade, neste sentido, é o passo necessário para o reconhecimento da presença indígena em coesão social com as demais presenças, flanqueando os grupos socioculturais subalternizados ante a cultura hegemônica. Apesar da tendência histórica das elites em “desconhecer as populações indígenas em sua condição de maioria, e de negar sua vocação potencialmente hegemônica e sua capacidade de efeito estatal” (CUSICANQUI, 2010, p. 60, tradução minha) – e de considerar a presença indígena como uma “minoría inofensiva e ornamental” encerrada em “museus e reservas ecológicas” sem “capacidade de incidir sobre o delineamento das políticas públicas” (*idem.*, p. 66), os indígenas se recusam a assumir esse lugar.

Para o sociolinguista e educador peruano Luis Enrique Lopez-Hurtado Quiroz, é possível identificar no conceito de interculturalidade, muito usado na América Latina nos estudos sobre educação (ainda mais especificamente, a educação indígena) um potencial político, uma vez que através dele se analisa a “aceitação positiva da diversidade, respeito mútuo e a busca por justiça no reconhecimento do outro e na afirmação de seu direito ao empoderamento” (LOPEZ-HURTADO QUIROZ, 2007, p. 21-22). Há que se dizer que, para o educador peruano, justiça, reconhecimento e empoderamento, nesse caso, não se dão por meio da negação de outras culturas, mas pela superação da ideia de existência de uma cultura superior. Para isso, acentua-se a necessidade de pôr em diálogo diferentes culturas.

A presença do professor Madson nas atividades do Comitê de Cultura de Maracanaú, bem como de Paulo Sérgio Pitaguary (recém-eleito Conselheiro de Cultura do Município), a de Carla Elke Pitaguary (que foi integrante da Comissão Eleitoral no processo de reativação do referido Conselho), dentre outros representantes Pitaguary, vem impulsionando essa partilha, evidenciando sua condição de sujeitos históricos e reforçando a necessidade de se criar mecanismos para intervenção direta desse segmento social sobre a realidade, o que indica outros caminhos possíveis para a humanidade.

Ainda quanto ao dilema da “Falsa Escuta” que se reporta à insuficiência da gestão pública a ela relacionada, trago mais dois depoimentos de agentes culturais críticos à forma como historicamente o aparato gestor em Maracanaú vem se dedicando à política municipal, especialmente ao setor cultural:

Acho que a carência de se juntar, de se agregar, de se buscar, de compreender, de se conhecer... quem está na área... foi uma coisa que potencializou muito o quanto que as pessoas foram chegando [na programação da Semana Crítica]. E repito, se tivesse passado mais tempo falando, nós teríamos tido uma programação muito maior, porque acho que essa fala iria se multiplicar mais ainda e a gente ia alcançar muito mais pessoas. Isso sim é a comprovação de que a prefeitura de Maracanaú, as secretarias de Maracanaú, não fazem o trabalho delas. Elas não querem essas pessoas [agentes culturais]. A gestão não está investindo de fato em fazer esse trabalho, sabe? De reconhecer os seus agentes, as suas pessoas. Não quer saber! (...) Acho que é isso (informação verbal – fragmento da entrevista com Tati Valente)³⁵.

Acima vemos no depoimento da agente cultural Tati Valente uma contundente observação sobre o papel da administração pública no sentido de apreender a cena cultural de Maracanaú – e, dentro disso, contribuir para o seus atores se compreenderem e potencializarem as teias de afeto e produção através do encontro.

Os diversos depoimentos até agora trazidos pelos trabalhadores da cultura destacam a “Falsa Escuta” da sociedade política ao longo dos anos em Maracanaú, ou seja, uma escuta que não se efetiva em materialização de programas ou políticas de cultura que contemplem as vozes e as expectativas dos agentes culturais. Este depoimento, no entanto, apresenta uma demanda por escuta daqueles que atuam no setor cultural, como profissionais que carecem de se sentir no processo de produção cultural, de serem contemplados por políticas que fomentem o setor e de serem fortalecidos em uma rede de defesa e promoção da cultura na cidade.

A fala da artista me fez revisitar o que Raymond Williams escreveu sobre os sentimentos construídos culturalmente. Ele nos convida a pensar na linguagem e, através dela, na comunicação, como esteio para revelar ao mundo as ideias e sentimentos construídos em uma cultura. Desse modo, a representação é traduzida a partir da linguagem e através dela os significados são produzidos. Se as pessoas manifestam necessidade de serem ouvidas e quando se dá o momento de escuta ele não é eficiente, temos então um problema de comunicação – e, conseqüentemente, uma quebra no fluxo de produção de sentidos. Sobre este aspecto, Williams observa:

Já que nossa maneira de ver as coisas é literalmente a nossa maneira de viver, o processo de comunicação, de fato, é o processo de comunhão: o compartilhamento de significados comuns e, daí, os propósitos e as atividades comuns; a oferta, recepção e comparação de novos significados, que levam a tensões, ao crescimento, à mudança (WILLIAMS, 1965, p. 55).

35 Entrevista 11, concedida por Tati Valente, artista e pesquisadora do movimento, educadora e conselheira de cultura de Maracanaú, em 03/01/2022. Depoimento gravado em áudio, recebido por *WhatsApp* e posteriormente transcrito, com aprovação do texto pela entrevistada.

Essa ideia de “tensões, crescimento e mudança”, colocada por Williams acima dialoga com outro trecho da entrevista que fiz com a artista e educadora Tati Valente, quando ela afirma que durante a Semana Juventude Cultura Crítica Maracanaú, ao longo das rodas de conversa e das programações artísticas nos diversos bairros da cidade, ela observava e percebia as pessoas “animadas com o caminho de descentralizar, de fazer com que existam movimentos que agitem as pessoas na sua grande diversidade”. Pelo que ela coloca, é possível associar a realização cultural [da Semana Crítica] como tensionamento e dispositivo de mudança nos processos de comunicação advindos da comunhão entre as pessoas e os significados que elas dão para as experiências vividas:

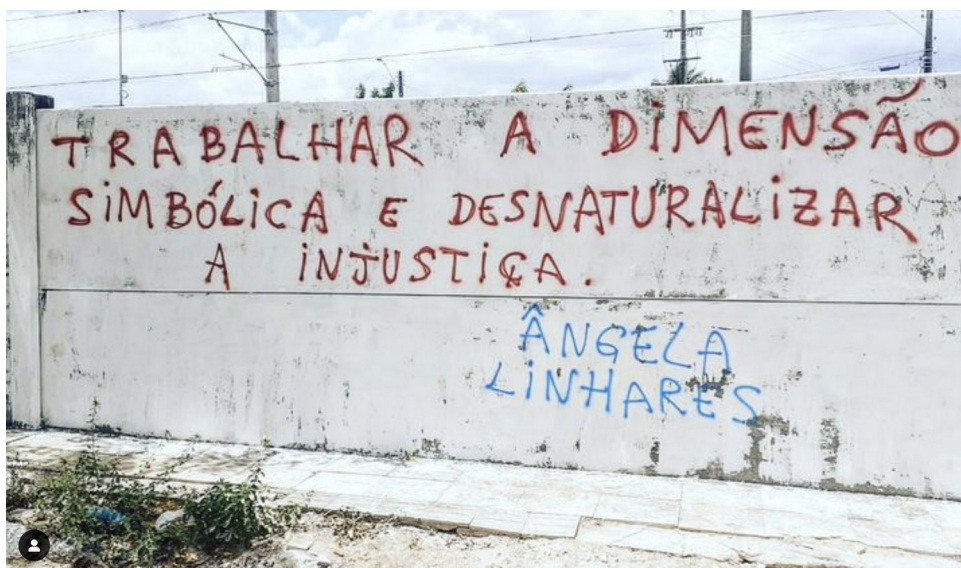
Se a gente pensar aqui cultura como esse cotidiano que vai se repetindo e vai se construindo... então me parece que sim, que tem uma carência mesmo de uma mobilização e de um trabalho de agregar territórios e de falar disso caminhando. (...) A prova certa de que a gestão política não está preocupada em fazer dialogar os territórios, fazer com que as pessoas elas transitem pelos locais. Existe uma cultura do isolamento mesmo, do silenciamento e de que as pessoas não se animem de ficar juntas e de entender esse grande território, esse local onde elas vivem (informação verbal – fragmento da entrevista com Tati Valente)³⁶.

Com a fala de Tati Valente, vemos um devir: a partir da cultura, compreender esse grande território, que é a cidade enquanto dispositivo comunicacional que compartilha afetos, gera conhecimentos e tece relações.

Andar pela cidade e perceber que existe nela um tecido formado por muitos sentidos. A sutileza do olhar de cada um frente ao que cada um produz na cidade. É simbólica a marca de cada indivíduo no território! E é fundamental que se trabalhe e compreenda o simbólico como produção de saber e fazer social. Desconsiderar o simbólico e, com isso, a sutileza da presença de cada um de nós na cidade é alimentar a injustiça social. É nutrir o silenciamento e apagar nossas marcas pela cidade e as marcas dos encontros, em uma teia já tão impessoal.

³⁶ Entrevista 11, concedida por Tati Valente, artista e pesquisadora do movimento, educadora e conselheira de cultura de Maracanaú, em 03/01/2022. Depoimento gravado em áudio, recebido por *WhatsApp* e posteriormente transcrito, com aprovação do texto pela entrevistada.

Figura 3 – A frase da professora Ângela Linhares está num muro na Rua dos Trilhos, aqui no Jereissati 1.



Fonte: Arquivo do autor

Uma frase que nos convida a pensar sobre a importância do simbólico para promoção das afirmações e contra os apagamentos das historicidades. Na íntegra, a frase de Ângela Linhares diz: “Trabalhar-se a dimensão simbólica, nesse constante montar e remontar os símbolos e ritos do nosso cotidiano, é desnaturalizar a injustiça. É desfocar o que é visto como ‘natural’, de sua moldura de permanência, aceitabilidade e naturalidade” (LINHARES, 2003, p.37).

Voltando ao depoimento de Tati Valente, em sua crítica, a entrevistada reforça uma necessidade na condução de processos para estimular as pessoas a se apropriarem da cidade e, com isso, ampliar e qualificar a própria teia de relações e seus significados que vem com essa “análise da cultura”, como diz Stuart Hall, comentando o pensamento de Raymond Williams:

A análise da cultura é, portanto, ‘a tentativa de descobrir a natureza da organização que forma o complexo desses relacionamentos’. Começa com ‘a descoberta de padrões característicos’. Iremos descobri-los não na arte, produção, comércio, política, criação de filhos, tratados como atividades isoladas, mas através do ‘estudo da organização geral em um caso particular’. Analiticamente, é necessário estudar ‘as relações entre esses padrões’. O propósito da análise é entender como as inter-relações de todas essas práticas e padrões são vividos e experimentados como um todo, e, um dado período: essa é sua ‘estrutura de experiência’ (HALL, 2013, p. 149).

Essa complexidade mostra que o dilema da “Falsa Escuta”, apresentado como desafio para agentes culturais equalizarem sua postura na interação com o poder público municipal em Maracanaú, ganha nova dimensão. Percebemos, a partir das falas dos

entrevistados uma interface da falta de vontade política e de competência, junto ao desinteresse demonstrado na construção de políticas a partir da análise da cultura. Decorrente dessa lacuna, estrangula-se a promoção de inter-relações, de práticas, padrões e significados, enfim, da “estrutura de experiências” que a cultura desencadeia.

Abaixo mais dois depoimentos de agentes culturais de Maracanaú pontuam a fragilidade na interação com o poder público municipal e entram em um nível propositivo. Reconhecem na mobilização autônoma da sociedade civil uma alternativa para a organização da cultura e que atenda às expectativas dos seus trabalhadores:

Nem a prefeitura com seus milhões fez na semana anterior (...). Porque a prefeitura tem estrutura, tem dinheiro, tem tudo mas não tem o sentimento real. A galera da própria cultura faz acontecer os projetos. Então eu acredito que juntos, nossa cultura junta, todo mundo, independente da sua cultura, mas todo mundo junto: grafite, rap, palhaçaria, a galera do teatro, os professores, a galera da capoeira... Enfim, todo mundo junto, independentemente de prefeitura, governo (informação verbal – fragmento da entrevista com Igone P2K)³⁷.

O artista Igone faz menção à “Semana da Juventude”, evento realizado pela Prefeitura de Maracanaú, segundo ele, “sem adesão significativa das juventudes”. O referido evento aconteceu 20 dias antes da Semana Crítica, uma iniciativa autogestionada do Comitê de Cultura de Maracanaú. O entrevistado aposta na autogestão e articulação dos agentes culturais das mais diversas linguagens artísticas para colocar em prática iniciativas que promovam e que façam sentido para o setor cultural. Destaca, ainda, a dessintonia entre a sociedade política (que, para ele, “não tem o sentimento real”) e essas iniciativas, que teriam uma força intercultural. Abaixo a crítica de outro artista e produtor da cidade, Bitobeat:

A Semana Crítica é fundamental na cidade não só pra comunidade mas também pros artistas que são invisibilizados pela Secretaria de Cultura do município. Fecham as portas dos equipamentos públicos pra gente não se fazer presente, pra gente não utilizar o que seria o correto de ser feito, né? E tanto com as artesãs, com os artesãos, tem essa falta de respeito, essa falta de políticas públicas, principalmente voltada pra cultura. (...) É de extrema importância acontecer [a Semana Crítica] porque como eu havia dito, os artistas que são invisibilizados pela Secretaria de Cultura se fazem presentes e se sentem mais à vontade em fazer parte na Semana Crítica do que no evento da Prefeitura, no qual a gente é extremamente mal recebido. Mesmo com todo esse descaso da Administração Pública, a gente vai seguir resistindo (informação verbal – fragmento da entrevista com Bitobeat)³⁸.

37 Entrevista 12, concedida por Igor Gonçalves Dias (Igone P2K), escritor de grafite, integrante da *crew* de graffiti P2K, em 03/01/2023. Depoimento gravado em áudio, recebido por *WhatsApp* e posteriormente transcrito, com aprovação do texto pelo entrevistado.

38 Entrevista 13 – concedida por David Cruz (Bitobeat), palhaço, brincante, cantor, beatmaker, produtor musical/cultural, em 04/01/2023. Depoimento gravado em áudio, recebido por *WhatsApp* e posteriormente transcrito, com aprovação do texto pelo entrevistado.

Assim como Igone, o brincante Bitobeat observa um descontentamento com a forma de operar da gestão municipal de cultura, apontando dificuldades de acessar as políticas de cultura do município e equipamentos culturais para desenvolver seus trabalhos.

No livro “Maracanaú 4.0 História e Memória”, publicado em formato digital em outubro de 2023 pela Prefeitura de Maracanaú e distribuído como material didático para estudantes e professores da rede municipal de ensino, o anúncio que é feito sobre promoção da cultura na cidade é justamente o contrário do que se pode identificar nas falas dos artistas até então citadas:

Este ano, comemoraremos com uma ampla programação anual, o aniversário dessa quarentona exuberante, que a cada ano vem superando um passado estigmatizado, seguindo, a passos largos para a modernidade, aliando o desenvolvimento às suas tradições e buscando melhorias para o seu povo, por meio de políticas públicas que possam *fortalecer, ampliar e garantir o acesso* à moradia, ao lazer, ao transporte, à saúde, à *cultura*, ao emprego, renda, o direito ao espaço público, a reinvestidura da *cidade como catalisadora dos encontros, das trocas, do diferente, do plural e da criatividade*, permitindo assim a construção identitária de seus moradores. (...) Assim, o município de Maracanaú vem nos últimos anos, consolidando uma série de políticas públicas de qualidade: *excelência na oferta dos serviços* educacionais e *culturais* e no cumprimento da função social da escola (MARACANAÚ, 2023, p. 56/44, grifos meus).

Ainda que as expressões “fortalecer, ampliar e garantir o acesso à cultura” ou “excelência na oferta dos serviços culturais” não estejam referidas nas falas dos sujeitos da cultura entrevistados neste estudo como uma marca da entidade pública em Maracanaú, é o que se tem indicado no conteúdo escrito dessa publicação institucional, lançada recentemente. O trecho “cidade como catalisadora dos encontros, das trocas, do diferente, do plural e da criatividade”, também figura como uma contraposição às falas de trabalhadores da cultura de Maracanaú colhidas ao longo deste estudo, que indicam a ausência do poder público na promoção do direito à cidade.

No contexto da discussão sobre o dilema da “Falsa Escuta”, identificamos aqui nesta seção a contradição nas falas, em que a narrativa oficial se choca com os depoimentos dos sujeitos da cultura. Tratam-se de discursos opostos que trazem, cada qual, a partir de suas óticas, significados específicos para cada sujeito que fala e para a construção que fazem do mundo. Esse texto institucional, que consta integrando o conteúdo pedagógico de livro didático, traz uma propaganda afirmando sua versão para as realizações da Prefeitura de Maracanaú e a geração de políticas públicas para a população, com vistas a formar opinião de estudantes, educadores e quem mais tomar contato com o material. Já os depoimentos de trabalhadores da cultura coletados e analisados ao longo desta pesquisa trazem um teor de denúncia e insatisfação pelo descumprimento dessas mesmas políticas públicas, que

interferem diretamente na vida dessas pessoas, seus pares e comunidades que fazem a cultura da cidade. A denúncia como ato de construir esperança, ou seja, como quem busca o que é viável para se fazer o inédito: “esperançar”, como sugere Freire (1992), sem se conformar com o que está posto importa ressaltar agora:

É preciso ter esperança, mas esperança do verbo esperançar; porque tem gente que tem esperança do verbo esperar. E esperança do verbo esperar não é esperança, é espera. Esperançar é se levantar, esperançar é ir atrás, esperançar é construir, esperançar é não desistir! Esperançar é levar adiante, esperançar é juntar-se com outros para fazer de outro modo (FREIRE, 1992, p.110-111).

O imbricamento dessas duas perspectivas de falas se faz matéria que se espalha pela cidade e se coloca não só em confronto, mas também como sentidos opostos que partilham, ao mesmo tempo, o mesmo ambiente e que podem servir aos mais diferentes sujeitos do campo. Sociedade política e sociedade civil compõem a tessitura das práticas sociais e constituindo a soma do inter-relacionamento de seus respectivos significados. Não se pode esquecer essa conjunção de cultura como vida e partilhas geradoras de uma estrutura que domina a atividade humana, como nos traz Hall:

Nesse contexto que a “teoria da cultura” é definida como “o estudo das relações entre elementos de um modo de vida global”. A cultura não é uma prática; nem apenas a soma descritiva dos costumes e “culturas populares” das sociedades, como ela tende a se tornar em certos tipos de antropologia. Está perpassada por todas as práticas sociais e constitui a soma do inter-relacionamento das mesmas. Desse modo, a questão do que e como ela é estudada se resolve por si mesma. A cultura é esse padrão de organização, essas formas características de energia humana que podem ser descobertas como reveladoras de si mesmas (...) dentro ou subjacentes a todas as demais práticas sociais (HALL, 2013, p.149).

Uma linha de pensamento que coloca a cultura como processo histórico e que engloba opostos e dissonâncias, inclusive a política e a forma de se lidar com o poder, em uma dialética entre o ser e a consciência social: inseparáveis em seus polos distintos.

Ela [essa linha de pensamento] define cultura ao mesmo tempo como os sentidos e valores que nascem entre as classes e grupos sociais diferentes, pelas quais eles lidam com suas condições de existência e respondem a estas; e também como as tradições e práticas vividas através das quais esses “entendimentos” são expressos e nos quais estão incorporados (*idem*, p. 155).

Considerando a reflexão de Stuart Hall e compreendendo a cultura como teias de interrelações e sentidos compartilhados, é possível afirmar que ao produzir cultura fazemos, coletivamente, a história. E assim, pergunto: em que medida pode ser considerada um processo formativo essa luta histórica dos agentes culturais em Maracanaú por participar da

construção de políticas públicas para o setor? Como apreender, no cotidiano da sociedade civil em diálogo com a sociedade política, esses clamores vindos das múltiplas vozes que vivem esses dilemas e que compõem a produção de cultura no território compartilhado?

É o que busca responder o capítulo seguinte deste estudo.

Antes, no entanto, se faz oportuno voltar o olhar para o conjunto desses três dilemas estruturantes apresentados e perceber o que eles nos dizem sobre a experiência dos trabalhadores da cultura em Maracanaú. Sobretudo o que nos dizem os agentes culturais que estão envolvidos nas movimentações do Comitê de Cultura, que trazem consigo um ímpeto de nova organização da cultura e rejeitam essa configuração de “espaço distorcido” e subtraído de sua criatividade e potência sensível. Sujeitos que escolhem permanecer na cidade e, a partir de uma práxis emancipatória construir uma ressignificação do espaço coletivo ao passo que empreendem uma luta coletiva de promoção e descentralização da cultura nos territórios.

Logo depois da morte de Milton Santos foi publicada uma coletânea com diversos de seus artigos e entrevistas em que o autor trata das possibilidades (ou melhor dizendo, da urgência) de construir um mundo diferente desse em que vivemos. O nome da coletânea é “País Distorcido” (2002) e, em termos gerais, a publicação apresenta uma série de estudos sobre a urgência de um processo de redemocratização e da ressignificação do país a partir da gestão solidária da sociedade e de seus espaços, que há séculos vêm sendo distorcidos em função do acúmulo de capital, superexploração dos recursos naturais e produção de pobreza, o que garante a manutenção das desigualdades nas diversas escalas. Para o organizador do livro, Wagner Costa Ribeiro, “o geógrafo Milton Santos mantinha uma indignação permanente” (SANTOS, 2002, p. 13), pois como “observador atento de seu tempo”, além de crítico e propositivo, ele se colocava permanentemente em posição de embate frente ao modelo de relações internacionais que desprivilegiaria os países mais pobres, ditos “subdesenvolvidos” à época. Essa indignação questionadora e propositiva do professor Milton Santos traz para o presente estudo uma inspiração que referencia a forma que eu venho me descobrindo como pesquisador.

Projeto a ideia de “país distorcido” para a de “espaço distorcido” e, a partir do que observo do campo e escuto dos sujeitos da cultura, com quem partilho a atuação, arrisco a afirmar que isso é o que é oferecido à cidade: um espaço distorcido. E vejo também que moradores e moradoras de Maracanaú, especificamente os envolvidos no processo emancipatório do Comitê de Cultura de Maracanaú, com quem partilho a implicação, não o aceitam e vêm sistematicamente o rejeitando, em detrimento do devir, do inédito-viável, da cidade possível, solidária e sensível.

O território de Maracanaú é um subsistema do estado do Ceará, do país e do planeta e internamente se define como um subsistema da sociedade, uma vez que é o lugar onde as pessoas vivem, convivem e constróem sua atuação. Trata-se de um elemento que interfere diretamente no contexto regional, local, coletivo e particular e, por conseguinte, advêm nele “as possibilidades de evolução ou retrocesso nos diversos planos da vida social” (SANTOS, 2002, p. 21).

Para Milton Santos, a importância de estudar os lugares consiste na oportunidade de compreender seus elementos centrais e seus sentidos específicos tendo em vista se gerir um espaço que favoreça a interação entre o que é local (específico) com o que é global (universal), uma vez que é ele (o espaço do lugar) que assume o papel de mediação entre o mundo e a sociedade local. O espaço distorcido oferece para quem vive nele uma homogeneização que suprime o que é específico e assola aos atributos locais, bem como as possibilidades de ler o mundo, virtude essencial para se saber situar criticamente tanto em nível local quanto global. A precariedade da estrutura disponível inibe ainda mais a capacidade de discernimento e superação dessa distorção. Daí a importância de se repensar e reconstruir o território de forma a incorporar a sua nova significação no mundo, relacionando pessoas e lugares. Para o professor Milton Santos, muito da distorção do sentido do espaço se origina na precariedade de gestão adequada, pois

É que cada época cria necessidades distintas, a exigir arranjos diferentes, pois, sobretudo nos países novos e nas regiões novas, a eficácia das ações do poder público e da iniciativa privada depende das divisões territoriais, do respectivo estatuto político, das formas de gestão adequadas. (...) A descentralização não apenas formal ou funcional, mas estrutural, pode e deve ser um instrumento de democracia política e social (SANTOS, 2002, p. 33).

Embora a gestão do estatuto político formalmente se processe pelo aparato do Estado, a sociedade civil traz para esse processo o seu papel vigilante e problematizador, além de constituir o conjunto de vozes para serem contempladas na composição dessa política a que se refere o geógrafo Milton Santos. De tal modo que práxis é um método de ação, ou no dizer de bell hooks, “Pensar é uma Ação” (hooks, 2020, p. 31). É no *lugar* que a cultura vai ganhar sua dimensão simbólica e material, combinando matrizes globais, nacionais, regionais e locais; compondo sensibilidade e confronto.

O poeta, palhaço e compositor de Maracanaú Igor Cândido, também chamado de Payaço Abü da Pereba, integrante do grupo artístico O Cheiro do Queijo, se destaca pelo seu repertório de composições bastante marcado pela irreverência, ironia e pela observação atenta

dos lugares de Maracanaú. Trago aqui um fragmento de uma de suas composições, “Conjunto Habitacional”, de 2019:

O Distrito Industrial contratou um trator e passou por cima, por cima da tradição. Passou por cima dizimando uma nação. Passou por cima sumindo com a tradução da importância de uma casa para um indígena. Faz é tempo que eu olho pro céu e não vejo uma maracanã.

Prova de Matemática: Tinha cinco maracanãs e uma morreu intoxicada, ficaram quantas? Nenhuma! Porque faz é tempo que eu olho pro céu e não vejo uma maracanã.

O que vejo são os maracanaense tudo sentado ouvindo um monte de besteira do palhaço com a voz mais sexy do Conjunto Habitacional.

Vai Maracanã! Faz um voo pra gente!

Porque os empresários tão tocando o “sai da frente!”

(saaai, sai da frente)

Que a especulação imobiliária quando chega bota é quente!

(saaai, sai da frente).

Colônia, Pajuçara, Residencial, Novo Oriente!

(saaai, sai da frente)

“Põe fogo num barraco com criança, no outro dia dá presente”

(saaai)

Parece até que meu texto é original mas é tudo roubado de situação real.

Original? Só os povos originários que observaram o avanço do setor ferroviário.

Enquanto no seu pé do ouvido falava um missionário, rapidamente foi empurrado, rendido, jogado lá pro fundo do município por um latifundiário. Era tudo um plano!

Precisavam de um local para colocar as pessoas com hanseníase, retirantes, operários que não cabiam mais na capital. Que tal uma colônia? A gente pinta e isola todo mundo dentro e bota a placa com o nome de hospital. Que tal? Vai ser sal!
(CÂNDIDO, 2019)³⁹.

Distrito Industrial, Colônia, Pajuçara, Residencial, Novo Oriente, Conjunto Habitacional são nomes de localidades de Maracanaú. Maracanã é a ave que dá nome ao município, praticamente inexistente nos céus da cidade atualmente, classificada como vulnerável à extinção. Em Maracanaú, o povo originário é o Pitaguary, que atualmente enfrenta grave problema de especulação imobiliária, com indígenas, desde o dia 29 de setembro de 2023, em um processo de retomada de uma área tradicional Pitaguary, na localidade da Aldeia Olho D’Água, destinadas a empreendimentos escusos, sem licença ambiental e com apoio da própria Prefeitura de Maracanaú. A menção à hanseníase refere-se à Colônia Antonio Justa, inaugurada em 1942, mas que logo depois passou a se chamar Hospital de Dermatologia Sanitária Antônio Justa, depois Hospital de Reabilitação Antonio Justa e por fim, Espaço de Convivência Antonio Justa. Um local criado para abrigar pessoas com hanseníase, mas que atualmente muito do que existia ali foi demolido e o que resta sobrevive sob estigma e preconceito, o que faz dali um território marginalizado, com vários

³⁹ Fragmento de letra da canção “Conjunto Habitacional”, de Igor Cândido (Payaço Abü da Pereba), composta em 2019 e ainda inédita), que o artista apresentou durante a entrevista, realizada em 02/11/2023.

problemas sociais e de infraestrutura, fruto também de sua ocupação desordenada do território, ocorrida a partir da década de 1980.

Grupo e compositor reconhecidos pela inventividade e intelectualidade orgânica ativa, que dilatam as compreensões espaciais, explorando uma existência profunda da cidade, iconoclasta e de contraponto ao discurso hegemônico. Em suas letras, como é o caso de “Conjunto Habitacional”, acima em destaque, o grupo trata de aspectos que marcam as experiências marginalizadas, pelas bordas da cidade, através de uma poética reveladora que apresenta uma espacialidade plural e avessa à presente na narrativa oficial, de terra gentil, lindo sol a brilhar e encantos mil, como consta no hino oficial da cidade.

Uma composição que evidencia o espaço distorcido, denunciando mazelas sociais históricas e presentes na espacialidade contemporânea, “roubado de situação real”, como diz no verso do Payaço Abü. Justamente a que os agentes culturais rejeitam e buscam superar, a partir do pensamento-ação em direção ao futuro, intimamente conscientes do presente.

Pelo pensamento de Milton Santos (1996), trata-se da “reconstrução do método através da vida” (SANTOS, 1996, p. 7), do sujeito projetando o futuro ao passo que o constrói no presente, sendo assim fundamental para entender a espacialização do cotidiano, dando o tom geográfico necessário, reconhecendo-o politicamente. Na fala do mestre:

O cotidiano supõe o passado como herança. O cotidiano supõe o futuro como projeto. O presente é esta estreita nesga entre o passado e o futuro e cuja definição depende das definições de passado e de futuro: desta existência do passado, da qual não nos podemos libertar porque já se deu; e desse futuro, que oferece margem para todas as nossas esperanças, exatamente porque ainda não existe. É que a base do fato é que cada um de nós são dois, oscilando entre a necessidade e a liberdade, entre o que somos e o que queremos ser, entre a dificuldade de afirmação diante das situações e a crença de que podemos ser outra coisa e de que podemos construir outra coisa (SANTOS, 1996, p. 10).

Durante a apresentação dos dilemas, procurei expressar, a partir das falas de agentes culturais entrevistados e das análises que elaborei, uma visão crítica da realidade em Maracanaú sobre o aparato cultural disponível para a cidade. Destacou-se o cenário precário e insuficiente, tanto em termos de estrutura, quanto em termos de pensamento institucional expresso e colocado em prática pelo poder público no âmbito dessa área. Além do mais foi sublinhada a atonia com que isso reflete no investimento municipal em termos de recurso para a política cultural e de atenção aos que fazem esse setor, com suas práticas, experiências, críticas e proposituras.

Agora, parto para a próxima seção do estudo, que busca responder ao questionamento sobre a luta histórica dos agentes culturais em Maracanaú enquanto processo

formativo e dispositivo coletivo para dessilenciamento e aprimoramento da ação-reflexão-ação, tendo em vista o tensionamento dos sujeitos partícipes do Comitê de Cultura de Maracanaú no contexto de uma nova organização da cultura na cidade.

3 A DIMENSÃO FORMATIVA ADVINDA DA LUTA

Desde o ano 2000, quando eu era um jovem educador na ONG Cidade Escola Aprendiz, em São Paulo, venho me entusiasmando pela perspectiva formativa dos movimentos sociais, bem como pela ótica contrária: o sentido emancipatório, de superação, que as ações formativas oferecem, tanto para quem educa quanto para quem é educado. Afinal, “Quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender” (FREIRE, 1996, p. 23). Essa intersecção entre ação educativa e ação social é o que me mobiliza como educador até hoje e é em função desse viés que surgiu a presente pesquisa. Ciente de que se trata de um estudo introdutório, convenço-me que a partir dele aponta para mim um caminho a ser aprofundado num futuro breve.

Nesta seção, buscarei apresentar uma reflexão crítica sobre o que percebi da luta dos trabalhadores da cultura em Maracanaú enquanto perspectiva educativa, tanto para os próprios sujeitos da cultura quanto para a própria luta social de promoção da cultura no município. A partir da minha vivência no campo, entre novembro de 2021 e o presente momento (outubro de 2023), tanto como pesquisador quanto como produtor cultural atuante, bem como a partir da escuta que fiz ao longo desses 16 meses junto a dezenas de artistas, produtores, professores de artes, técnicos e pesquisadores do patrimônio histórico-cultura que atuam em Maracanaú, pude reunir minhas impressões a diversos depoimentos de pessoas que vivem a realidade do setor cultural no município. Esse material foi analisado a partir do referencial teórico-metodológico que sustenta essa pesquisa, sendo que para essa análise foi fundamental o processo de orientação com a professora Ângela Linhares, bem como a interação que tive com meus colegas estudantes-pesquisadores e com os professores do Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal do Ceará, com quem partilhei o percurso formativo do Mestrado em Educação Brasileira. Todos esses elementos formam a minha experiência como pesquisador e é com ela que apresento agora a reflexão crítica sobre o que percebi no campo acerca da perspectiva formativa das mobilizações pela promoção da dignidade na cultura em Maracanaú.

Para o alicerce dessa análise trago novamente a epistemologia que norteia a pesquisa. A ideia central é a urgência de se reconhecer a existência de múltiplas visões e que contribuam na ampliação dos horizontes da vida. A partir do conceito de *ecologia de saberes* (SOUSA, 2010), considerar um pluralismo epistemológico constituído por princípios universalistas e de interculturalidade, que indicam que os diferentes saberes produzidos nas diversas culturas, bem como os inúmeros sujeitos e suas vozes, são essenciais e devem ser

valorizados e estar em uma coesão social. Esse paradigma político e cognitivo nos ajuda a perceber a construção da política a partir do conhecimento gerado coletivamente, por quem vive na sociedade sobre a qual essa política irá incidir.

Essa construção se dá de tal modo que os sujeitos, a partir de um ciclo ação-reflexão-ação, se dedicam a tensionar as relações de poder postas historicamente e criar uma nova organização da cultura, a partir de suas características peculiares, especializações e compromissos com suas origens e interesses das classes que representam. Aqui busco evidenciar as categorias de *práxis emancipatória* e *organização da cultura* a partir do dessilenciamento e da ação transformadora de *intelectuais orgânicos* que se posicionam em movimento de refutação à *hegemonia* (FREIRE, 2020; GRAMSCI, 2015 e 1982). Categorias essas que me utilizo para analisar o processo coletivo que busca reconfigurar as relações econômico-sociais em Maracanaú no momento presente, portanto, dizem respeito diretamente à cultura do lugar.

Outro fator estruturante para essa reflexão crítica é a compreensão do processo histórico como esteio da luta social que se atualiza ao passo que se renovam os sujeitos, as pautas e as prioridades e se aprimoram as ferramentas comunicacionais em novos contextos sociais e políticos. Embora o presente estudo tenha estabelecido como dispositivo coletivo de pesquisa o Comitê de Cultura de Maracanaú, que é um dispositivo jovem, foram analisados documentos históricos e colhidos depoimentos de sujeitos que atuam no campo há mais de 30 anos. Desse modo, a cultura e sua organização está pensada e articulada como parte da história da cidade em conexão com o mundo, englobando contradições, inclusive no que tange à política e à forma de se lidar com o poder, numa dialética entre o ser e a consciência social.

Para o historiador E. P. Thompson, considerar o processo histórico é buscar, através de evidências históricas, conhecer como as pessoas pensam, se planejam e agem dentro de determinadas condições e de como percebem sua posição nas lutas sociais, enquanto classe social:

Estamos falando de homens e mulheres, em sua vida material, em suas relações determinadas, em sua experiência dessas relações, e em sua autoconsciência dessa experiência. Por 'relações determinadas' indicamos relações estruturadas em termos de classe, dentro de formações sociais particulares (...) e que a experiência de classe encontrará expressão simultânea em todas essas 'instâncias', 'níveis', instituições e atividades (Thompson, 1981, p. 111).

Com essas palavras, Thompson nos conduz a perceber o fator determinante que interfere em todas as categorias da dimensão social da vida, que é a consciência de classe e, conseqüentemente, as contradições e disputas entre elas. Nessa contextura inspirada pelo

teórico inglês é que este capítulo pretende analisar, a partir das vozes que vêm do campo, algumas experiências de realização do Comitê de Cultura de Maracanaú, entre 2022 e 2023, na perspectiva de identificar contribuições de viés formativo ao passo que se constitui como luta social. Para essa análise, foi precípuo situar-se no tempo, como parte da complexidade que se dá através dele, bem como compreender-se em uma determinada posição no estrato social: trabalhadores da cultura dentro das disputas na escala da produção e do consumo e suas características econômicas, políticas ou culturais.

A partir disso, apresento e descrevo as experiências de realização que analiso, sejam elas: o contexto prévio do Comitê de Cultura de Maracanaú; a Semana Juventude Cultura Crítica Maracanaú, sua organização autogestionada, realização e desdobramentos; o videoperformance “Cortejo Crítico-fúnebre – Pêsames às Maracanãs” enquanto expressão criativa do pensamento crítico de agentes culturais; a Conferência sobre o Processo Histórico das Lutas pela Cultura em Maracanaú; a reativação do Conselho Municipal de Cultura de Maracanaú, 12 anos depois de ter sido desativado pelo poder público local; e a comunicação afrontosa criada pelo Comitê de Cultura de Maracanaú como “arena discursiva paralela” (FRASER, 2022) assumindo um discurso contra-hegemônico e difusor de reflexões críticas sobre a organização da cultura na cidade.

Para o exercício analítico será necessário percorrer alguns períodos narrativos e descritivos para situar o leitor acerca dos aspectos constitutivos do que se está sendo analisado, bem como na intenção de se compartilhar, pela minha narrativa em comunhão aos sujeitos do campo trazidos para este estudo, os procedimentos de como essas experiências foram realizadas.

3.1 O Comitê de Cultura de Maracanaú: uma polifonia que se prepara

Na descrição dos sujeitos da pesquisa, capítulo inicial desta dissertação, já tive a oportunidade de descrever o surgimento do Comitê de Cultura de Maracanaú, em agosto de 2022, como dispositivo coletivo formado por trabalhadoras e trabalhadores da cultura de diferentes territórios de Maracanaú, com trajetórias individuais das mais diversas que se encontram numa luta coletiva por melhores condições de atuação no setor cultural. Uma formação fluida que se conecta em um coletivo com atuação militante de caráter crítico e propositivo. Como já o descrevi na seção introdutória, não alongarei aqui as palavras para descrevê-lo. Passo portanto a analisar os contextos que o originaram, bem como procedimentos que possam interessar para a discussão acerca da perspectiva formativa, cara a

esta seção do estudo. Nesse sentido, pareceu-me necessário adentrar em uma breve digressão, remontando em narrativa os momentos anteriores à criação e ao funcionamento do Comitê de Cultura, pois devem contribuir na minha análise sobre as motivações que justificam a existência dessa iniciativa.

Abro aqui uma pequena digressão, para um momento anterior à criação e ao funcionamento do Comitê de Cultura, que vai contribuir na minha análise sobre as motivações que justificam a existência dessa iniciativa. Escolhi como ponto inicial dessa digressão o meu primeiro contato com a cena cultural de Maracanaú, quando comecei a observar, participar, questionar, contribuir e aprender com essa complexidade.

Depois que me tornei morador de Maracanaú, em outubro de 2021, meu primeiro contato com a cena cultural da cidade foi no mês seguinte, em uma feira de artesanato na Praça da Estação. Lá conversei com algumas artesãs e conheci a então Diretora de Cultura da Secretaria de Cultura e Turismo de Maracanaú, que também atuava como Coordenadora de Comunicação da pasta. A conversa foi curta e ela me informou que estava naquele cargo de forma provisória e que em breve iria ser transferida para a diretoria de turismo, que era a sua área profissional. A funcionária ainda me convidou a participar de um grupo de *WhatsApp* que a secretaria mantinha reunido os artistas e produtores da cidade. No mesmo dia eu já estava em um grupo virtual com mais de cem agentes culturais de Maracanaú. Após saudar a todos, respeitosamente, fui acolhido pelo grupo e começamos uma modesta interação. Uma movimentação que me colocaria em contato com aqueles que, em um futuro breve, viriam a ser os sujeitos da minha pesquisa.

Em poucos dias, fui percebendo que naquele grupo a maior parte das trocas entre os usuários era bastante voltada para divulgações de agenda de festas, correntes de oração, comércio em geral e outras pautas diversas sobre a cidade, sendo raras as colocações sobre trocas de reflexão, política cultural ou informes da gestão sobre alguma oportunidade cultural, muito menos sobre formações na área. Fiquei um mês somente observando o fluxo de comunicação do grupo, até que me coloquei. A essa altura eu já havia identificado no grupo o novo Diretor de Cultura da Secretaria e alguns artistas que eu já conhecia, através da minha experiência em Fortaleza. Sendo eu um produtor cultural e professor, recém-chegado na cidade e interessado em me integrar, colaborar com cena artística, comecei, ao longo dos dias, a levantar algumas perguntas para o pessoal:

Como tem se dado o diálogo entre os artistas, produtores e a gestão aqui em Maracanaú?
Alguma política pública para o setor? Conselho, fórum?
Existem coordenadorias de linguagens na Secretaria?

Como está o cenário de ações coletivas e independente dos artistas?
Como tem se dado o contato com a cena de Fortaleza ou outras cidades vizinhas?
Estou morando aqui há três meses, antes eu morava em Fortaleza. Sou produtor há 20 anos e, na humildade, me disponho a pensar junto.
(fragmentos de algumas mensagens de minha autoria em grupo de *WhatsApp*, 2021).

As frases acima fizeram parte das minhas primeiras interações, com uma pequena interação em cada uma delas. Em nenhum dos casos o diálogo avançava mais do que um ou dois comentários de integrantes do grupo, em meio ao fluxo de comunicação do grupo ou informes de operacionalidades da gestão, distante da pauta que me interessava. Percebi que esse conteúdo não estava muito alinhado com o que se discutia ali. E, recolhido e atento, observava, pelo fluxo de informações compartilhadas naquele grupo de *WhatsApp*, um recorte do cenário cultural da cidade. Um recorte constituído como parte do aparato oficial da gestão cultural da Prefeitura de Maracanaú, que tinha presente, inclusive o servidor responsável pelo direcionamento da política de cultura da cidade, que era o mediador do grupo, ainda que não exercia esse papel propriamente dito, visto que os assuntos tratados no grupo destoavam categoricamente do que era mencionado nas regras daquele ambiente, indicadas na descrição do grupo. E que também não interagiu em momento algum com meus questionamentos ou os comentários sobre a política pública de cultura de Maracanaú.

Durante os primeiros meses de 2022, aproveitei o contato com o Diretor de Cultura da Secretaria e criei a situação para visitá-lo em seu gabinete. No início de julho, finalmente, firmou-se o encontro, que se deu com brevidade e correspondência comedida, já que ele se apresentou como pessoa sem muita experiência no setor e que, segundo o que ele me contou durante esse encontro, estava na função de diretor porque a mãe dele ocupava o cargo anteriormente e, como veio a óbito, ele foi nomeado para substituí-la e dar continuidade ao trabalho de gestão que vinha em curso conduzido por ela. Na ocasião, perguntei-lhe das diretrizes de políticas públicas de cultura em Maracanaú, formas de constituir a previsão orçamentária para a pasta, programas continuados, participação de agentes culturais na constituição de políticas públicas, captação de recursos via incentivos fiscais, Sistema Municipal de Cultura, mapeamento cultural e formação para cultura. Em toda sondagem, o servidor me orientava a procurar o Secretário de Cultura e Turismo do Município, ordenador de despesa da pasta, responsável geral pela gestão da cultura na Prefeitura Municipal, pois ele mesmo não tinha propriedade para abordar assunto algum relacionamento àqueles questionamentos, embora estivesse nomeado como Diretor de Cultura do Município. O contato inicial com o Secretário já havia sido feito, de forma digital, mas depois dessa experiência com o Diretor, formalizei uma solicitação para esse encontro, que foi se

materializar em 26 de agosto, na assembleia em que foi instituído o Comitê de Cultura de Maracanaú.

Essa conversa com o Diretor de Cultura foi uma experiência breve no tempo vivido, no entanto que me acompanhou por longa temporada, motivando a reflexão acerca do papel da gestão pública da cultura no aparato de governo, as habilidades e competências que o fazem estar nos cargos do serviço público e, principalmente acerca da “cultura política”, cuja transformação se faz indispensável nos governos para serem reconhecidos como democráticos, como nos aponta Marilena Chauí:

a mudança na mentalidade dos servidores públicos municipais, a definição de prioridades voltadas para as carências e demandas das classes populares e a invenção de uma nova cultura política. Do ponto de vista administrativo, (...) fazer com que os servidores públicos se considerassem cidadãos a serviço de outros cidadãos, em lugar de funcionários do aparelho estatal (CHAUÍ, 1995, p. 71).

Quando o aparelho estatal é composto por servidores inabilitados e distantes das questões urgentes da população tende a oferecer políticas insuficientes ou que atendem a outros interesses, que não os da sociedade. Um possível retrato da instauração da pós-democracia e sua inexistência de limites rígidos ao exercício do poder.

Em paralelo a essa experiência de observar o grupo em suporte digital e interagir na medida do possível, além de me empenhar no contato com a gestão pública de cultura do município, eu busquei me movimentar por outras vias, ciente que “no universo da cultura, o centro está em toda parte”⁴⁰. Meu primeiro passo nesse sentido, ainda no final de novembro de 2021, foi telefonar para uma amiga de muito tempo, artista e professora de Maracanaú, que meses depois seria minha condução para encontrar as pessoas com quem formaríamos o Comitê de Cultura de Maracanaú. Trata-se de Tati Valente, que acolheu generosamente meu contato e meu interesse em conhecer o movimento cultural local e fazer disso oportunidades para mobilização e formação na área.

Conversamos muitas vezes e ela esboçava um quadro de desilusão e cansaço aparente com a situação da política da cultura em Maracanaú. E muita indignação. Muitos anos na mobilização e poucos resultados que a estimulavam continuar, tanto na interação com o aparato gestor, quanto nos posicionamentos dos próprios agentes culturais. Ao contrário, a desencorajavam. Em contraponto, iniciava o contato com essa artista um produtor e pesquisador curioso e com energias renovadas para retomar e fortalecer essa mobilização que atravessava gerações. Assim que Tati Valente me percebia nos primeiros contatos com ela em

40 Frase inscrita de forma circular na base do relógio da Praça do Relógio, Cidade Universitária (USP). Autoria atribuída ao jurista Miguel Reale Junior, reitor da USP na década de 1950.

Maracanaú. Ao longo dos meses, foi intensa a troca com essa agente cultural, que já havia participado das movimentações do Fórum de Arte e Cultura de Maracanaú (2019 a 2022), uma articulação da sociedade civil bastante atuante na cena cultural da cidade, especialmente no contexto da implementação da Lei Federal 14.017/2020, mais conhecida como Lei Aldir Blanc⁴¹. Minha intenção era reavivar na artista o ímpeto pela luta e, ao mesmo tempo, constituir uma parceria pra me integrar no contexto cultural de Maracanaú, conhecer a cena, os grupos, os artistas e seus trabalhos; trabalharmos juntos e, enfim, ensaiar o pensamento crítico, semear o inédito-viável, como Paulo Freire nos provoca em sua ode à autonomia:

Já não foi possível existir sem assumir o direito e o dever de optar, de decidir, de lutar, de fazer política. E tudo isso nos traz de novo à imperiosidade da prática formadora, de natureza eminentemente ética. E tudo isso nos traz de novo à radicalidade da esperança. Sei que as coisas podem até piorar, mas sei também que é possível intervir para melhorá-las (FREIRE, 1996, p. 52).

Nesse período, e movido pela “radicalidade da esperança”, Tati e eu iniciamos uma espécie de busca ativa na cidade procurando identificar agentes culturais interessados ou predispostos a animar alguma célula mais participativa e de resistência à morosidade da administração pública, bem como à aparente apatia do setor cultural na sociedade civil. Trago o termo “aparente” porque já desconfiava que haviam focos de experiências de mobilização cultural na cidade. Era preciso um trabalho de localizar, catalizar e potencializar.

Superar a desesperança é um desafio que se arrasta pela história das lutas sociais. Especialmente, quando se tem na história um contexto político e social em que é corrente a negação do compromisso social, a criminalização da participação política, a disseminação de retóricas discursivas que recortam e aniquilam direitos sociais. Um contexto em que não é mais surpresa existirem governos que não apenas atacam o pacto de bem-estar social, mas que incorporam uma prática enraizada e fundamentada na normalização da violência, no silenciamento, que se aprofunda e gera o desespero coletivo. Pensar no inédito-viável e construí-lo precisa ser mais do que um discurso de aspirações tradicionais e propostas de reformas utópicas. Seguindo o pensamento dos estudiosos da cultura Henry Giroux e Gustavo de Oliveira Figueiredo (2022), ao invés do discurso inflamado e distante do fazer cotidiano dos sujeitos que constroem o cotidiano, é tempo de “fazer a crítica construindo uma nova linguagem, outra visão de futuro e motivações coletivas renovadoras para abraçar um futuro

41 Auxílio financeiro ao setor cultural regulamentado pelo Congresso Nacional em 2020, depois de muita mobilização popular em todas as regiões do país. A iniciativa apoiou profissionais da área que sofreram com impacto das medidas de distanciamento social por causa da pandemia de covid-19. Ao todo, o Governo Federal destinou R\$ 3 bilhões para os estados, municípios e o Distrito Federal que operacionalizaram a distribuição do recurso através de instrumentos como editais e chamadas públicas, para a manutenção de espaços culturais e repasse direto a trabalhadores do setor, que tiveram suas atividades interrompidas.

que imagine a plenitude da igualdade social e da democracia” (GIROUX e FIGUEIREDO, 2022). Nessa perspectiva é que Tati e eu buscávamos identificar e ativar na cidade agentes culturais críticos e dispostos a construir um diálogo entre o setor cultural da sociedade civil e a gestão municipal.

Um momento determinante nesse processo foi a primeira reunião entre artistas e produtoras que vínhamos ativando a fim de criar um grupo de estudo e mobilização acerca da cultura em Maracanaú. Dia 18 de agosto de 2022, foi possível reunir esse pequeno grupo composto de cinco pessoas, na sede de um coletivo chamado Maloka Ancestralidades, um espaço que tem como missão valorizar e cultivar as culturas ancestrais. Além de mim, estavam na reunião: Tati Valente, artista da dança e do circo e professora; Virgínia Ramos artesã e educadora social (coordenadora da Maloka); Ankh, artista visual, cineclubista e educadora social; Ivanilson Lima, professor da Rede Estadual de Ensino.

Esse encontro no quintal da Maloka foi decisivo para aquelas pessoas se reconhecerem em um coletivo coeso e reativarem as esperanças. A exceção de mim, todos ali já se conheciam e, ainda que com trajetórias específicas, já traziam pontos que o interligavam. O elo principal era a atuação no setor cultural de Maracanaú e um segundo ponto, a fagulha acesa para se retomar uma militância adormecida, fortalecer a cena artística de sua cidade e, com isso, ampliar as oportunidades de trabalho no setor e o acesso à cultura para a população em geral. O que mais lhes estimulava por estarem ali era a possibilidade de criar estratégias diferentes do que já haviam testado e reorganizar as redes que cada pessoa ali a partir de uma articulação comum. Em entrevista com Virgínia Ramos, quase um ano depois daquela reunião, perguntei a ela qual tinha sido a impressão dela sobre aquela reunião e ela respondeu:

Sabe que foi que eu vi naquele dia, só com cinco pessoas? Eu senti que eu não estaria só. Que é muito aquilo que eu te falei mais cedo. Às vezes eu falo, falo, ninguém me escuta. E aí eu até disse assim: ‘gente, eu acho que não precisa eu gritar’. Eu já fui um tempo de gritar. Hoje eu não grito mais, hoje eu falo. E aí eu aprendi também não adianta eu bater muito. Eu preciso conversar. Fazer um carinho, chegar aqui, pegar na mão... o nosso objetivo é o mesmo. Os rios que são diferentes, mas o objetivo é o mesmo. Então o que eu senti naquele dia foi isso, eu não vou estar só. Eu posso contar com essa galera aqui. Você segura a minha mão, você segura a mão de outro e o outro vai segurar a mão de outro, vai segurar a mão de outro... Alguns momentos a gente pode sim soltar a mão do outro e caminhar... Como eu estou te falando o rio é diferente mas o objetivo chegar no mar é o mesmo (informação verbal – fragmento da entrevista com Virgínia Ramos)⁴².

A percepção da artesã revela um sentido coletivo para o que estava ali germinando.

Sentido que foi se consolidando ao longo dos meses seguintes com a prática de trabalhadores

42 Entrevista 14, concedida de forma presencial por Virgínia Ramos, artesã, produtora cultural, coordenadora da Maloka Ancestralidades e conselheira de cultura de Maracanaú, em 10/05/2023. Depoimento gravado em áudio e posteriormente transcrito, com aprovação do texto pela entrevistada.

da cultura que constroem cada qual ao seu modo caminhos que os fazem se encontrar em uma luta comum. Os “rios diferentes” a que se refere a entrevistada são as vozes individuais que se reúnem em busca de uma direção compartilhada, para inovar na forma de operar com os desafios e potenciais que cada agente cultural vinha se dispondo.

Ao longo daquele encontro, as pessoas contaram suas histórias, ouviram a trajetória de cada um na cultura de Maracanaú, compartilharam seus desapontamentos e puderam apontar um horizonte para onde gostariam de avançar. Portanto, foi realizado ali um exercício de construção coletiva de desejos e compromissos que cada qual assumia, visto que havia entre aquelas pessoas reunidas um consenso sobre a urgência da criação de um grupo de agentes culturais para mobilizar o setor cultural de Maracanaú. Essa urgência passa pelo trabalho de reconstrução da história da própria cidade, a partir das culturas segregadas e sujeitos silenciados ou desconsiderados. E aquele grupo estava se dispondo a isto.

Ao adentrarem nesse trabalho de recontação da própria história, as pessoas tendem a definir seu lugar social e suas relações com os outros, com o território, com o que esperam da vida, enfim. Como se trata de sujeitos à margem da hegemonia e da institucionalidade do Estado, dispara-se aí um processo de contraponto à história oficial, construídos a partir de saberes, práticas e, nos dizeres do sociólogo e historiador austríaco Michael Pollak (1989), também de “memórias clandestinas e inaudíveis”, historicamente desprivilegiadas. Assim, os saberes e a própria memória coletiva passam a fazer parte da vida social, possibilitando ações coletivas com significados mais próximos desses sujeitos. Quanto a esse apagamento e a superação desse quadro, Pollak afirma:

O problema que se coloca a longo prazo para as memórias clandestinas e inaudíveis é o de sua transmissão intacta até o dia em que elas possam aproveitar uma ocasião para invadir o espaço público e passar do “não-dito” à contestação e à reivindicação; o problema de toda memória oficial é o de sua credibilidade, de sua aceitação e também de sua organização. Para que emergja nos discursos políticos um fundo comum de referências que possam constituir uma memória nacional, um intenso trabalho de organização é indispensável para superar a simples “montagem” ideológica, por definição precária e frágil (POLLAK, 1989, p. 09).

O pensamento do autor austríaco incide sobre essa abertura para novos quadros sociais participarem do relato histórico, da construção coletiva a partir das múltiplas vozes e das memórias que não são ditas, mas silenciadas. O contexto pós-pandêmico, em todos os lugares, trouxe à tona os dramas vividos nos momentos de crise e fez aflorar um desejo de afirmação, de superação do isolamento, do silenciamento. Em Maracanaú não foi diferente. Pollak enfatiza ainda “a importância de memórias subterrâneas que, como parte integrante das culturas minoritárias e dominadas, se opõe à ‘memória oficial’, no caso, a memória nacional”

(POLLAK, 1989, p. 4). Afinal, são repertórios guardados ou mesmo desconsiderados daqueles sujeitos que prosseguiram vivos *no silêncio* e que agora deixam de ser clandestinos para constituir no contexto sociocultural, através da presença, da comunicação, da linguagem. O desafio desse grupo que se reunia no quintal da Maloka para mobilizar trabalhadores da cultura em Maracanaú era o de transpor os limites da obscuridade e do silenciamento.

Em um outro trecho da entrevista com Virgínia Ramos, ela me falou sobre a linguagem como elemento de presença coletiva nas lutas pela cultura em Maracanaú. A partir de seu depoimento, foi possível fazer uma reflexão sobre a linguagem enquanto mediadora das múltiplas vozes dos sujeitos do campo, conforme segue:

Nós lutamos: é nós juntos, é nós caminhando, é nós falando as nossas linguagens. (...) São várias linguagens diferentes. Mas nós somos todos da cultura. Então todo mundo também tem que saber falar e ouvir e saber respeitar a linguagem do outro, a opinião do outro. Eu acho que a questão também é essa. (...) E aí é preciso também dar espaço pra galera falar. Eu acho que é isso. É participação (informação verbal – fragmento da entrevista com Virgínia Ramos)⁴³.

Nesse trecho da entrevista com a artesã maracanaense é possível estabelecer uma relação com o pensamento do teórico russo Mikhail Bakhtin, que em sua obra dedicou-se a tratar a linguagem não apenas como veículo de comunicação entre os seres humanos, mas como uma prática social essencial para o desenvolvimento humano, especificamente porque é através dela que as pessoas compartilham seus repertórios e buscam a compreensão dos sentidos presentes e oferecidos em cada ideia, em cada enunciado. O pensamento de Bakhtin (1981, p. 112) tem como principal diretriz a linguagem como mediadora entre os sujeitos a partir do seu caráter dialógico e polifônico. Virgínia Ramos, quando diz que precisamos “saber falar e ouvir e saber respeitar a linguagem do outro, a opinião do outro” nos convida a aprender, a partir da linguagem, sobre nossa diversidade e sobre as múltiplas vozes que compõem a complexidade que nos envolve. Ela nos convida a praticar a alteridade e associa esse convite à “participação” na luta que vem sendo composta de forma coletiva, como ela diz, “é nós juntos, é nós caminhando, é nós falando as nossas linguagens”.

Pela teoria bakhtiniana, o dialogismo evidencia a natureza sociocultural do discurso. Ao mesmo tempo em que se fala, o sujeito que fala também negocia com o ouvinte e recebe influências deste. A dialogicidade presente no discurso, como definiu Bakhtin, é responsável pela constituição da teia de muitas vozes ou de outros discursos, que se entrecruzam, se completam, respondem uns aos outros, discordam entre si. Essas *muitas vozes conversam*

43 Entrevista 14, concedida de forma presencial por Virgínia Ramos, artesã, produtora cultural, coordenadora da Maloka Ancestralidades e conselheira de cultura de Maracanaú, em 10/05/2023. Depoimento gravado em áudio e posteriormente transcrito, com aprovação do texto pela entrevistada.

entre si e com elas interagem também os posicionamentos ideológicos semelhantes ou contraditórios. Com outras palavras, Paulo Freire (1996) analisa essa mesma construção teórica afirmando que o *eu* existe porque existe o *tu*, ou seja, é na minha relação com o outro que eu me constituo enquanto ser histórico e social. Para Bakhtin, “a princípio eu tomo consciência de mim através dos outros: deles eu recebo as palavras, as formas e a tonalidade para a formação da primeira noção de mim mesmo” (BAKHTIN, 1981, p. 373).

O conceito de polifonia, em Bakhtin (1981), é originalmente pensado para a análise do discurso e da condição comunicativa das palavras e enunciados. Entretanto, também contribui para áreas como comunicação, ideologia, linguística e cultura, a partir do estudo da multiplicidade de vozes ideologicamente distintas, visto que elas e seus sujeitos estão implicados a partir de termos, enunciados (da linguagem, enfim) que não estão “simplesmente justapostos, como se fossem indiferentes uns aos outros; encontram-se numa situação de interação e de conflito tenso e ininterrupto” (BAKHTIN, 1981, p. 96). Para as pesquisadoras da linguagem Vera Lúcia Pires e Fátima Andréia Tamanini-Adames:

Bakhtin emprega a palavra polifonia para descrever o fato de que o discurso resulta de uma trama de diferentes vozes, sem que nunca exista a dominação de uma voz sobre as outras. E uma das características do conceito de dialogismo de Bakhtin é conceber a unidade do mundo como polifônica, na qual a recuperação do coletivo se faz via linguagem, sendo a presença do outro constante. A linguagem, na concepção bakhtiniana, é uma realidade intersubjetiva e essencialmente dialógica, em que o indivíduo é sempre atravessado pela coletividade (PIRES, V. L.; TAMANINI-ADAMES, 2010, p. 67).

Essa polifonia que provoca o atravessamento intersubjetivo é uma marca recorrente na fala dos sujeitos que contam sobre o processo do Comitê de Cultura até hoje, assim como foi o caso também do Fórum de Arte e Cultura de Maracanaú, movimento formado por pessoas que se mobilizavam em coletivo, se escutando, planejando em unidade e produzindo discursos de afirmação da cultura no município.

Voltando ao encontro no quintal da Maloka, marcado pela roda de conversa que reuniu *memórias subterrâneas* e compromissos pela luta coletiva, um dos encaminhamentos imediatos desse encontro foi a produção, para as redes sociais, de uma série de publicações coordenadas entre os cinco participantes, levando a público a ocorrência desse encontro e levantando questionamentos sobre a política de cultura em Maracanaú. Cada uma das pessoas reunidas compartilhou em suas redes as publicações de todos, indexando o perfil do Secretário de Cultura e Turismo do município, provocando-o a se posicionar sobre a pauta

cultural daquele momento: a implementação o da Lei Paulo Gustavo⁴⁴, até então silenciada. Dentre os conteúdos gerados àquela noite que se transformaram em problematizações nas redes sociais junto ao poder público, destacam-se:

- “Pensando, refletindo e estudando a maravilha que é a Lei Paulo Gustavo. Vocês já leram? Quase 2 milhões só para Maracanaú. Quando começamos a pensar no cronograma de execução? Chama nós! Bora construir essa prática de forma democrática” (post de Tati Valente);
- “Bom dia, boa tarde, boa noite. Nos reunimos ontem (18/08) como criaturas preocupadas com o andar da carruagem das leis Aldir Blanc e Paulo Gustavo. Aqui em Maracanaú nos deparamos com uma série de dúvidas que só o diálogo com o órgão gestor deste processo pode auxiliar. E aí, gestores, como e quando vocês pretendem inserir a sociedade civil nesses processos? Como abrir diálogo e escuta para contar o que ocorrerá e de que modo a sociedade se beneficiará? Dá pra inserir as comunidades mais vulneráveis daqui? Quem vai dar suporte a essa galera?... Bora lá marcar esse dia pra pensarmos sobre isso todes juntas?” (post da Ankh)⁴⁵;

O que ficou grafado das reflexões feitas recupera o que foi vivido e marcado como significativo para o grupo:

- “Ontem o quintal da Maloka abriu o espaço para fazer esse diálogo sobre a Lei. Mas foi muito mais de nos conhecermos, de saber como anda a nossa cultura do município, de como é importante essa rede. Estamos aqui de longe acompanhando os movimentos de outros municípios e esperando ansiosos pelo nosso, para saber quem fará parte do Conselho, da parte da sociedade civil” (post de Virgínia Ramos);
- “Momento muito especial! Pude ouvir agentes culturais de Maracanaú e compreender um pouco do processo histórico da luta no setor cultural. Fica a pergunta: como a Secretaria de Cultura de Maracanaú pretende envolver a(o) fazedore(a)s de cultura no processo de implementação da Lei Paulo Gustavo? Diz pra gente, secretário? Por favor!” (post de rodrigo tembú);
- “Discussão sobre a Lei Paulo Gustavo. Noite produtiva, de muito resgate histórico da cultura de Maracanaú. Secretaria de Cultura também em discussão para compreensão da Lei. Agora no aguardo do Secretário de Cultura agendar reunião para alinhamento e direcionamento pelos parâmetros da lei. E fica minha indignação: como a Secretaria pensa em incluir ações culturais que se alinham com a Educação?” (post de Ivanilson Lima)⁴⁶.

Somou-se a essas publicações uma ação também coordenada entre os cinco presentes na referida reunião, que foi fazer no dia seguinte o contato direto com o Secretário de Cultura e Turismo de Maracanaú e ressaltar a importância de uma plenária geral da cultura, em que o poder público municipal pudesse dialogar com a sociedade civil e criar juntos um entendimento inicial da Lei Paulo Gustavo e as formas de participação popular por ela

44 Lei Complementar nº 195/2022, popularizada como Lei Paulo Gustavo, dispõe sobre ações emergenciais para o setor cultural em decorrência dos impactos econômicos e sociais da pandemia. Destinou R\$ 3,86 bilhões para o setor cultural brasileiro. Um dos pontos de mais destaque desta lei é a participação efetiva da sociedade civil no processo e o envolvimento das gestões municipais em sua execução. Esse foi o ponto principal debatido na referida Audiência Pública.

45 Depoimentos de diversos agentes culturais, apresentados como um panorama único e polifônico.

46 Depoimentos de diversos agentes culturais, apresentados como um panorama único e polifônico (continuação)

estimulada. O que, de fato, se sucedeu conforme combinado e repercutiu um efeito positivo, visto que em oito dias, houve a plenária solicitada, com mais de 80 agentes culturais de Maracanaú presentes (ainda que a ata lavrada por uma servidora da prefeitura mencionasse o indicativo de “cerca de 50 artistas”). Justamente a plenária em que se formalizou a constituição do Comitê de Cultura de Maracanaú, com 18 trabalhadores da cultura se comprometendo a formar esse grupo de trabalho e mobilização do setor cultural da sociedade civil.

Desta feita, o encontro no quintal da Maloka teve um papel de evidenciar uma sintonia entre as pessoas mobilizadas e ensaiar, a partir desses desejos e compromissos, um novo senso comum, pautado na construção do *futuro possível* e necessário para quem atua no setor cultura. Ao longo dos dias seguintes, esse indicativo de senso comum foi se assentando na diversidade que compõe o Comitê até hoje, no intuito de se designar uma base do que seria um “projeto de ação constituinte”, como nos dizem Hardt e Negri (2012):

Acreditando que somente um processo constituinte baseado no comum pode proporcionar uma alternativa real, consideramos que estas verdades dispensam explicações: de que todas as pessoas são iguais, de que adquiriram por meio da luta política certos direitos inalienáveis, de que, entre esses direitos, incluem-se a vida, a liberdade e a busca da felicidade, e também o acesso livre ao comum, a igualdade na distribuição da riqueza e a sustentabilidade do comum. Também é evidente que para assegurar tais direitos, a governança democrática deve ser instituída, derivando seus justos poderes da participação dos governados e da transparência da organização governamental. É evidente, enfim, que, sempre que qualquer forma de governo se torna destruidora dessas finalidades, é direito do povo alterar ou abolir esse governo e instituir um novo, assentando sua base sobre princípios e organizando seus poderes de forma que seja mais provável, para o povo, garantir sua segurança e felicidade (HARDT; NEGRI, 2012, p. 73-74).

Essa “governança democrática” destacada no pensamento de Hardt e Negri é o horizonte que se projeta com a criação do Comitê de Cultura de Maracanaú, materializado pela mobilização de um grupo coeso de agentes culturais insatisfeitos com a condução da gestão municipal nesse setor. Agentes esses que historicamente já vinham, individualmente, empenhados em construir essa “alteração e instituição do novo”, nos dizeres dos filósofos. Agora coordenados em coletivo e empoderados por estratégias que renovam a luta. A ausência de diálogo, da “justa participação dos governados” e de “transparência na organização governamental” constituiu a motivação para o surgimento dessa instância de participação popular, que ganhou força pelo advento de um elemento de contexto nacional, que foi a implementação da Lei Paulo Gustavo.

Simultaneamente a essa experiência coletiva de mobilizar sujeitos da cultura em Maracanaú, nesse período eu me integrava às movimentações estadual e nacional para

implementação da Lei Paulo Gustavo, tendo visitado algumas cidades da região metropolitana de Fortaleza e interagindo com trabalhadores da cultura, no sentido de conhecer as diversas realidades e colaborar com o entendimento da nova Lei, fortalecendo as células da sociedade civil em cada território. O caráter participativo dessa nova legislação exigiu uma dedicação diferenciada de artistas e produtores culturais do país todo, que precisaram se preparar para assumir com propriedade lugares de tomadas de decisão e de colaboração com a cena artística de cada local, nunca antes conhecidos na história do país, especialmente por agentes culturais alheios às lutas pela cultura ao longo das gerações. Desse modo, lancei-me de forma independente como observador ou colaborador em plenárias da cultura nos municípios de Itaitinga, Pacatuba e Fortaleza, próximos à Maracanaú, além de estreitar contatos com coletivos e agentes culturais de Caucaia, Pacajus, Maranguape e Sobral.

Durante esse processo, acompanhado de dois colegas músicos de Fortaleza levei até a Comissão de Cultura e Esportes da Assembleia Legislativa do Estado do Ceará (ALECE) uma proposta para realização de uma audiência pública sobre a Lei Paulo Gustavo, que disparasse entre todos os municípios do Ceará um diálogo acerca dessa questão. A solicitação foi acolhida e em algumas semanas, a audiência pública foi realizada no plenário da ALECE, no dia 24 de agosto de 2022. Em função do pouco tempo para a realização da audiência, deu-se início um amplo processo de divulgação e mobilização geral da área cultural do Ceará.

Nessa audiência pública, conduzida pelo deputado estadual Renato Roseno, presidente da Frente Parlamentar em Defesa da Cultura da ALECE, que acolhera a minha proposta, foram reunidos especialistas em políticas culturais, juristas, gestores de cultura, representantes da sociedade civil que atuam em fóruns artísticos e conselhos de cultura, além do Secretário da Cultura do Ceará, Fabiano Piúba e do assessor do Senado Federal que participou da elaboração da Lei Paulo Gustavo, o sociólogo Marcos Souza. Durante mais de três horas e meia, a audiência pública compartilhou informações de extrema importância para todo o setor cultural do Ceará, tanto da sociedade civil quanto do poder público, visto que ambas as instâncias seriam diretamente mobilizadas na implementação da Lei. Devido ao caráter emergencial dessa Lei e à urgência em compreendê-la, gestores públicos de mais 30 municípios cearenses, do Cariri à região da Serra Grande, se fizeram presentes nessa audiência pública, além de inúmeros agentes culturais de Fortaleza e outros municípios do estado. Da SECULT/Mc não houve representante algum, por mais que eu pessoalmente insistira no convite ao Secretário.

Dias antes dessa audiência pública, reuni uma turma de artistas, produtores e gestores culturais de Maracanaú, Caucaia, Pacatuba, Itaitinga, Fortaleza, Sobral, Itapipoca e Crato para

uma roda de conversa online sobre a Lei Paulo Gustavo com um advogado especialista em Direitos Culturais e diretor do Instituto Brasileiro de Direitos Culturais (IBDCult). Ele faria parte da audiência pública de 24 de agosto, no entanto, dias antes, em 05 de agosto, ele esteve presente nesse encontro que contribuiu para o esclarecimento dos agentes culturais presentes.

No dia seguinte à audiência pública, na noite de 25 de agosto, foi realizada uma reunião na sede do grupo Garajal com cerca de 40 artistas e produtores de Maracanaú para uma apresentação que preparei sobre a Lei Paulo Gustavo, abordando sua origem, seus objetivos e quais benefícios ela traria para o município. Em roda, provoqueei a reflexão crítica nos presentes para que se discutíssemos qual poderia ser um posicionamento coletivo dos trabalhadores da cultura considerando esse contexto premente, bem como o que a turma pensava acerca da interação entre agentes culturais e aparato gestor do município.

Conforme consta na Figura 4, logo abaixo (à página 131), o encontro foi improvisado em uma sala de ensaio que, naturalmente já se apresenta como espaço formativo. Disposta ao debate, a turma destacou a necessidade de ampliação e qualificação de diálogo com o poder público local, já tão comentado neste trabalho. Outra latência deflagrada na roda foi o desejo e também necessidade geral de formação continuada sobre aspectos da cultura, mecanismos de fomento, elaboração de projetos e de portfólios, estratégias de comunicação para o setor cultural, dentre outros aspectos que fortaleceriam os trabalhadores da cultura para operarem com mais desenvoltura e autonomia.

Figura 4 – Imagem do momento da roda de conversa na sede do Grupo Garajal sobre a Lei Paulo Gustavo, em 25/08/2022.



Fonte: Acervo do autor

Mobilizações como essas passaram a ser frequentes no contexto da implementação das leis emergenciais para a cultura, Aldir Blanc e Paulo Gustavo, em que especialistas e trabalhadores da cultura se reuniram para aprofundarem conhecimentos sobre esses atos normativos e, em função deles, as inovações necessárias para as instâncias da sociedade civil. Além de compartilhamento de informações que esclareciam as pessoas acerca dessas iniciativas que estão contribuindo para a melhoria de vida das pessoas, fortaleciam-se vínculos entre a rede de trabalhadores da cultura e, assim a promoção de discursos polifônicos, que traziam à tona memórias subterrâneas, habilidades individuais, construções coletivas de sujeitos que almejavam a transformação do cenário cultural nos municípios. Justamente, uma categoria em que estão inseridos artistas, professores, intelectuais, pesquisadores do patrimônio histórico-cultural, ou seja, sujeitos que promovem o pensamento crítico e disparam processos criativos, coletivos e sensíveis. Um cenário profícuo para se verificar as interações e descompassos entre sociedade política e sociedade civil, práticas emancipatórias, formas de organização de sistemas de significados compartilhados e formas concretas de operação da cultura e da ideologia nos diferentes territórios. Essa sintonia com as instâncias estadual e nacional fortaleceu ainda mais o advento do Comitê de Cultura de

Maracanaú como dispositivo polifônico e animador de uma força mobilizadora local, em Maracanaú, em conexão com um contexto ampliado.

Tabela 2 – Sequência de atividades citadas pelo autor no percurso prévio de formação do Comitê de Cultura de Maracanaú

05/11/2021	Minha visita na Feira de Artesanatos da Praça da Estação e minha entrada no grupo de <i>WhatsApp</i> de agentes culturais de Maracanaú administrado pela prefeitura
30/11/2021	Início das conversas com a Tati Valente sobre a cultura em Maracanaú
08/07/2021	Encontro com Diretor de Cultura da Secretaria de Cultura e Turismo de Maracanaú
05/08/2022	Roda de conversa online sobre a Lei Paulo Gustavo
18/08/2022	Roda de conversa no Quintal da Maloka Ancestralidades
Ao longo do mês de agosto 2022	Plenárias da cultura em Pacatuba, Fortaleza e Itaitinga, além de contatos com agentes culturais de vários municípios do Ceará e outros estados
24/08/2022	Audiência pública sobre a Lei Paulo Gustavo na Assembleia Legislativa do Ceará
25/08/2022	Roda de conversa sobre a Lei Paulo Gustavo na sede do Grupo Garajal
26/08/2022	Assembleia que formalizou a criação do Comitê de Cultura de Maracanaú

Fonte: elaborado pelo autor, 2023.

O que pude perceber no campo, como pesquisador que também se via (e se vê) implicado na organização da cultura, é um cenário em ebulição movido por trabalhadores da cultura interessados em participarem na sociedade política e sociedade civil, operando uma transformação de forma efetiva da esfera da organização da cultura. Esses processos coletivos de pensar juntos e compartilhar críticas e proposições chamam atenção para o viés emancipatório que emana de sujeitos que protagonizam mudanças na própria esfera onde atuam. Uma circunstância relativamente nova, mas que acompanha o processo histórico do próprio lugar, que já traz em suas gerações anteriores a prática de discutir sobre demandas e identificar potenciais e soluções para os problemas trazidos e enfrentados por agentes culturais.

Esse processo histórico é o que dá sedimento ao contexto contemporâneo, como uma evolução *orgânica* de mobilizações coordenadas em que os sujeitos do território se percebem como atores sociais e produtores da própria história. Em entrevista com a artista visual e educadora social Ankh, também agente cultural de Maracanaú, ela comenta sobre os ciclos que alternam mobilização, desgaste e retomada ao longo do processo histórico de lutas da cultura em Maracanaú e que, nos dizeres da artista, aparentemente sempre acompanhados da negligência do poder público:

Existe um longo processo histórico de luta pela valorização da cultura e agentes culturais de Maracanaú, que me parece sempre negligenciado pelo poder público

quase que por tradição. É um movimento que em sua história, inicia, toma corpo, perde o fôlego e se desfaz.

Em 2019 este processo foi mais uma vez retomado, mas percebia que nos perdíamos em nossas próprias discussões e não conseguimos nos afirmar, indicar a direção de quem éramos exatamente, sem nos deixar ludibriar pelos discursos de ‘os artistas de Maracanaú não se organizam’.

Esfriamos novamente, até que em 2020 a Lei Aldir Blanc nos reacendeu e conseguimos ensaiar esse movimento junto a gestão local, de debates e discussões, cobranças, apontar dedo na cara, lavar a roupa suja. Como piada costumamos dizer que a gestão pública e os agentes culturais têm um relacionamento tóxico e que não é assumido ou que às vezes é assumido e então se dissolve, coisa típica de relacionamentos abusivos (informação verbal – fragmento da entrevista com Ankh)⁴⁷.

A metáfora da qual se utiliza a entrevistada denota uma necessidade de superação desse padrão de dialogicidade entre poder público e sociedade civil, tendo em vista o caráter “tóxico” da “relação”. Embora ela coloque como “piada”, eis aí uma dura crítica a um movimento insustentável que atravessa décadas. E segue mais um trecho do depoimento de Ankh:

E assim foi, entre silenciamentos e falsas escutas concluímos a Lei Aldir Blanc garantindo que seu recurso chegasse na ponta: trabalhadores da cultura que mais necessitavam. Após esse momento, mais uma vez o movimento se dissolveu. Mas em 2022 algumas pessoas que aqueciam as discussões do Fórum e novos parceiros juntaram-se então para formar o Comitê de Cultura de Maracanaú que, a meu ver, tem a cara e o discurso de grupo mobilizador da classe artística local que é necessário. Existe também uma disposição de continuidade que deixa o movimento constantemente aquecido, e evita a desmobilização (*idem*).

A superação do “silenciamento” colocado pela artista aponta para o surgimento de mais uma voz polifônica que surge no contexto, desta vez, com a formação do Comitê de Cultura de Maracanaú enquanto “mobilizador da classe artística local” e seu compromisso com a organização na cidade e o enfrentamento à lógica dominante do aparato gestor.

Vê-se nesse quadro uma diretriz ideológica que conduz os sujeitos mobilizados rumo à emancipação e à construção de caminhos de autonomia para o trabalho na cultura. Aqui assumo a visão de ideologia como sistema de significados construído socialmente, ligados a interesses e classes sociais.

Esse levante ideológico que marca o embate entre as rupturas de pensamento e as formas de dominação e subordinação ocorre na produção superestrutural, instância onde são formados os conjuntos de pensamento, consumo e modos de vida impostos pela lógica dominante, ou seja, na esfera da cultura dominante geradora de consensos. Para Antonio

47 Entrevista 15, concedida por Maria Angélica (Ankh), artista visual, educadora social, produtora cultural e conselheira de cultura de Maracanaú, em 20/01/2023. Depoimento recebido em texto, recebido por *WhatsApp* e posteriormente revisado, com aprovação do texto pela entrevistada.

Gramsci (2007), a hegemonia em sua relação com o Estado apresenta-se como domínio ideológico a partir da construção de visões de mundo que se valem dos interesses da classe dominante. Desse modo, a sociedade política, em consonância com essa burguesia, produz pela via de seu aparato estatal, também nomeado por Gramsci de *domínio direto*, uma aparente universalidade que projeta sobre todos uma visão de unidade de sentidos, na tentativa de emplacar uma identidade burguesa sobre uma sociedade historicamente reconhecida como uma unidade de contrários, marcada pela luta de classes antagônicas, disputa de narrativas e construções díspares de futuro.

Na análise revolucionária de Gramsci (2007), essa disputa objetiva criar contrapontos aos domínios da superestrutura, tensionando a hegemonia e buscando garantir as possibilidades de expressão e significação dos subalternos. Para tal, Gramsci aponta uma categoria específica para operacionalizar essa mudança: os *intelectuais orgânicos*. Categoria que, aos poucos, começa a inculcar e fazer sentido na atuação do Comitê de Cultura de Maracanaú como dispositivo catalisador de uma força mobilizadora no território, contextualizada na classe trabalhadora e contra-hegemônica.

Nos dizeres do pesquisador Oliveira Júnior, trata-se de uma “reforma intelectual e moral da sociedade, defendida por Gramsci como caminho para a construção de uma sociedade regulada, [que] tem a perspectiva de desencadear a crise de hegemonia burguesa” (OLIVEIRA JUNIOR, 2020, p. 165). Para efetivar essa reforma, Gramsci busca, como parte de seu método de análise, evidenciar as contradições da realidade, salientando os problemas sociais e a incapacidade do sistema capitalista da primeira quadra do século XX em se autorregular ou corrigir tais problemas. O discurso hegemônico perde força e a crítica ganha espaço, através de uma movimentação a ser encaminhada, sobretudo, por uma intelectualidade orgânica. Sobre isso, Gramsci aponta:

E o conteúdo é a crise de hegemonia da classe dirigente, que ocorre ou porque a classe dirigente fracassou em algum grande empreendimento político para o qual pediu ou impôs pela força o consenso das grandes massas (como a guerra), ou por que amplas massas (sobretudo de camponeses e de pequenos burgueses intelectuais) passaram subitamente da passividade política para uma certa atividade e apresentam reivindicações que, em seu conjunto desorganizado, constituem uma revolução. Fala-se de “crise de autoridade”: e isso é precisamente a crise de hegemonia, ou crise do Estado em seu conjunto (GRAMSCI, 2007, p. 60).

Como em destaque acima, a “crise de hegemonia” é indicada por Gramsci como oportunidade da composição de uma nova sociabilidade humana, considerando a capacidade organizativa e propositiva das classes subalternas a partir dos seus intelectuais orgânicos afirmando seu papel ativo na luta de classes, em um contexto de emancipação social e

reconstrução do comum. Para Oliveira Júnior (2020), o “intelectual orgânico da classe trabalhadora, munido da filosofia da práxis, tem como função essencial contribuir para a elevação cultural do senso comum distanciando-o de uma visão folclórica, problematizando e complexificando seu entendimento do mundo” (OLIVEIRA JUNIOR, 2020, p. 166). Gramsci os contrapõe aos “intelectuais tradicionais”, característicos da ordem social burguesa, sendo a diferença entre eles relacionada ao seu papel: os intelectuais orgânicos estão organicamente associado a uma classe e trazem em si a função de organização do grupo social a que se vincula, e não meramente o exercício de atividades intelectuais. Em um processo dialético, esses intelectuais se orientam pela filosofia da práxis, que revela a indissociabilidade entre teoria e prática e entre academia e massa. Um vez imbuídos dessa missão, a atuação dos intelectuais orgânicos pode se dar através da prática de diversas instituições da classe trabalhadora, como sindicatos, escolas, grupos culturais, ou ainda por profissionais independentes, já que, para Gramsci, “em qualquer trabalho físico, mesmo no mais mecânico e degradado, existe um mínimo de qualificação técnica, isto é, um mínimo de atividade intelectual criadora” (GRAMSCI, 2006, p. 18).

Ao fazer a leitura de Antonio Gramsci sobre a “crise de hegemonia” e o despertar dos intelectuais orgânicos que abandonam a “passividade política” para então “apresentar reivindicações”, identifiquei nessa imagem trazida pelo pensador italiano do início do século XX os trabalhadores da cultura de Maracanaú em 2023, saturados de uma situação de inoperância estatal e interessados em participarem dessa transformação de forma efetiva. Perspectiva que apresenta uma prática que toma a vida como alvo direto dos seus questionamentos, a partir de intelectuais orgânicos exercitando seu papel na organização da cultura com base na realidade e no contexto ao qual eles pertencem.

Esses processos coletivos de pensar juntos e compartilhar críticas e proposições chamam atenção para o viés emancipatório que emana de sujeitos que protagonizam mudanças na própria esfera onde atuam.

3.2 Percursos de práxis como ação-reflexão emancipatória e organização da cultura

No dia 26 de agosto de 2022 o Comitê de Cultura de Maracanaú foi criado em uma assembleia geral da cultura, organizada Secretaria de Cultura e Turismo de Maracanaú (SECULT/Mc). Um grupo de pessoas que estavam em roda e levantaram as mãos quando lhes foi perguntado algo nesse sentido: “Quem aqui gostaria de montar um grupo de trabalho para dialogar com a secretaria a respeito da reativação do Conselho Municipal de Cultura e da

implementação da Lei Paulo Gustavo em Maracanaú?”. Dezoito pessoas reagiram sem pestanejar! De uma turma de mais de 70 agentes culturais do município que estavam havia cerca de duas horas numa assembleia, esse seletivo grupo se dispôs a formar o coletivo da sociedade civil para interagir com o poder público e, juntos, chegarem a algumas soluções urgentes para o setor cultural do município.

Figura 5 – Mesa da plenária geral da cultura em Maracanaú, ocasião da Criação do Comitê de Cultura de Maracanaú



Fonte: Portal da Prefeitura Municipal de Maracanaú

Conforme a ata produzida pela SECULT/Mc, as pessoas que se colocaram para essa representação foram: Ankh, Virgínia Ramos, Tati Valente, Raquel Rocha, Dielan Viana, Jaqueline Aquino, Selma Silfer, Chico Bruno, DJ Chris Faya, Rafael Melo, Nilton Costa, Ivanilson Lima, Jota Pinto, Anso Rodrigues, Juarez Pedro, Glauber, Venicius Gomes e eu, rodrigo tembiú, que desenvolvo esta pesquisa. Trata-se de trabalhadoras e trabalhadores da cultura – artistas, professoras de artes, pesquisadoras do patrimônio histórico-cultural, produtores culturais, diretores de companhias – que se dispuseram a pensar conjuntamente com o governo municipal e compartilhar críticas e possíveis soluções para que se efetivassem melhorias no setor cultural de Maracanaú. Algo esperado por muitos anos e, pelo que pude perceber convivendo na cena cultural da cidade, uma das mais destacadas demanda do setor: dialogar com a gestão local e, como resultado disso, vivenciar uma política municipal de cultura que reflita os interesses e as vocações de quem trabalha com a cultura da (e na) cidade, sendo essa política aproveitada pela população como incremento da formação cultural e ampliação de referências para comportamento, identidades, memória, consumo e produção-

recepção estética. Ao longo dos meses seguintes, nem todas essas pessoas continuaram envolvidas com as mobilizações do Comitê de Cultura de Maracanaú, mas todas seguiram atuando no setor cultural e compondo a história coletiva de lutas e sensibilidade no município.

Em seu livro “Cultura e Desentendimento”, Alexandre Barbalho (2016), afirma que a política cultural institucionalizada, na atualidade, deve resultar de um esforço por “atingir e articular todos os agentes que direta ou indiretamente, de forma mais ou menos incisiva, atuam no campo cultural” (BARBALHO, 2016, p. 45). Ele, que é referência no Ceará em políticas culturais e professor de Políticas Públicas da UECE, se vale de um pensamento do pesquisador mexicano Eduardo Nivón Bolán, também especialista em políticas culturais, para compor uma definição de política cultural:

Em consonância com sua discussão, Bolán define política cultural como as medidas públicas para o campo que requerem ‘objetivos definidos explicitamente, para cujo êxito se deve estabelecer mecanismos de planificação pertinentes, seu desenvolvimento e avaliação’. Trata-se, basicamente, na visão do autor, de uma política regulatória cuja eficiência baseia-se na capacidade de ‘mobilizar os recursos humanos e econômicos a fim de garantir um desenvolvimento equitativo dos diversos agentes institucionais, sociais e territoriais interessados na atividade cultural’ (BOLÁN, 2006, p. 63, *apud.* BARBALHO, 2016, p. 45).

Pela fala de Barbalho e de Bolán, é possível perceber a política cultural como um mecanismo oficial dos governos para incluir de forma equitativa os diversos “agentes institucionais, sociais e territoriais interessados na atividade cultural”.

Tomado pelas falas de especialistas na área de políticas culturais, inclino-me a identificar esse gesto da SECULT/Mc – ao formar um grupo de trabalho pra colaborar no pensamento da gestão – como um exercício para a construção de política cultural. Ainda que como política de regulação, visto que foi formado um comitê para pensar especificamente alguns procedimentos (reativação do Conselho Municipal de Cultura e a Implementação da Lei Paulo Gustavo) e não a política como um todo, penso que se trata de uma demonstração de *abertura* para se pensar um exercício de política cultural. Ao menos foi essa impressão que ficou em todos os agentes culturais ali reunidos

Desse encontro do dia 26 de agosto surgiu como encaminhamento uma agenda institucional para dar matéria ao plano ali anunciado, que apontava para a sexta-feira seguinte, dia 02 de setembro, às 16h, o primeiro momento de diálogo entre a gestão municipal e os agentes culturais que se disponibilizaram a integrar o Comitê de Cultura de Maracanaú. No entanto, ao chegarem no local marcado o encontro, a sede da SECULT/Mc, percebeu-se que não havia representante algum do órgão ciente dessa atividade, ou sequer alguma orientação

para acolher os integrantes do Comitê que ali estavam. Conforme consta na primeira ata lavrada pelo Comitê de Cultura de Maracanaú, pode-se observar:

Em comum acordo entre o(a)s presentes, definiu-se que no dia 02 de setembro de 2022, às 16h, seria a primeira das reuniões para estudo da Lei Paulo Gustavo e para análise da criação do Sistema Municipal de Cultura, bem como reativação do Conselho Municipal de Cultura de Maracanaú.

Desse modo, foram mobilizadas as pessoas interessadas, tanto da sociedade civil quanto da Secretaria Municipal de Cultura e Turismo de Maracanaú (SECULT). A sociedade civil compareceu para a reunião do dia 02/09, como assim foi acordado, porém, nenhum integrante da SECULT se fez presente, nem tampouco havia nenhuma sinalização do órgão para receber a Comissão. O diretor de cultura da SECULT, que foi o responsável por mobilizar o(a)s participantes da SECULT para essa reunião, não se fez presente como acordado e não houve preparação alguma para a reunião, sequer a disponibilização do espaço do Teatro Dorian Sampaio ou de qualquer sala ou espaço para a realização da reunião (fragmento de ata produzida pelo Comitê de Cultura de Maracanaú e 02 de setembro de 2022).

Como um dos presentes nesse encontro desarticulado posso afirmar que a sensação generalizada entre os presentes, depois de duas horas de espera do lado de fora do local acordado, foi de desapontamento e descrédito acerca do que pode ter parecido uma demonstração de *abertura* para se pensar um exercício coletivo de política cultural entre trabalhadores da cultura e poder público de Maracanaú. Afinal, a discussão que se situava nesse não-lugar que buscava seu lugar percorreria todo um trajeto que se fizera para efetivar um diálogo que não se queria mais adiar.

Novamente em diálogo com o pensamento de Bolán, o professor Barbalho nos coloca que a cultura “como política pública só existe quando uma determinada administração governamental se encarrega dela” (BOLÁN, 2006, p. 60, *apud*. BARBALHO, 2016, p. 45). Em mais uma voz do campo, o que pode se perceber é a administração governamental distante de se encarregar da cultura como política pública. O compositor JR Metal disse em entrevista:

Mano, eu não vejo política nenhuma de cultura em Maracanaú! As políticas que são feitas em Maracanaú são da forma que os políticos querem. Até parece que eles fazem mais cultura que nós, saca? E é essa a visão que eu tenho desde 1993. Cultura é uma coisa, política que eles fazem é outra. É essa é a visão que eu tenho da política que eles estão fazendo em Maracanaú. Eles ‘tão monopolizando a cultura do município. Não existe política de cultura em Maracanaú. Pra falar a verdade nunca existiu e a gente está tentando fazer essa política aí e a gente não consegue porque eles são monopolizadores da parada. Eles são os assassinos da cultura (informação verbal – fragmento da entrevista com JR Metal)⁴⁸.

⁴⁸ Entrevista 1, concedida por Antônio Jorge de Lima Junior (JR Metal), compositor, cantor e integrante do grupo Sertão Rap, em 18/02/2023. Depoimento gravado em áudio, recebido por *WhatsApp* e posteriormente transcrito, com aprovação do texto pelo entrevistado.

JR Metal é fundador do grupo Sertão Rap, um dos mais reconhecidos e respeitados grupos de rap do Ceará, que desde 1993 desenvolve seu trabalho artístico e como formador de opinião na área do hip-hop. Em 30 anos, o artista atravessou diversas gerações de gestão pública em cultura no município e traz para o depoimento a experiência de quem identifica a mesma questão se repetir historicamente: “Em 1993, o Sertão Rap nasceu. Em 1994 eu vim morar aqui no Santo Sátiro [bairro de Maracanaú]. Desde então, a gente vem fazendo diversas ações culturais dentro do município, muito antes da gente saber que existia ou de existir Secretaria de Cultura”. E, a seguir, mostra o apartamento da gestão de cultura dos que trabalham com esse segmento, ressaltando que há uma “forma” de pensar cultura na sociedade política e outra na vida dos que “fazem” cultura. “Enquanto estiver dessa *forma*, eles lá e nós aqui, a gente vai fazer a nossa cultura, a nossa política da *forma* que a gente sabe. E eles seguem *pensando da forma deles* e negligenciando como sempre e a gente *fazendo da nossa forma*” (*idem*; grifo meu).

A fala do artista entrevistado coaduna com o pensamento dos especialistas, que estruturam a ciência e confirmam suas teorias, certamente, a partir da observação que fazem em diversas realidades, como essa destacada pelo rapper JR Metal, que completa seu pensamento afirmando: “A gente não tem agentes culturais dentro da política cultural. Os políticos fazem da forma que eles querem e fica por isso mesmo” (*idem*). Acontece que essa prática institucional, ao longo dos anos, perfaz, em parte da população, efeitos que em determinados momentos disparam processos de embate. A experiência lesiva vivida por sujeitos críticos, em processo de redescoberta de si e da retomada reflexiva deles próprios em coletividade, tende a ser a origem da práxis como ação-reflexão emancipatória, tendo em vista uma organização da cultura para acomodar o que Raymond Williams (1979) denominou de “formas residuais e emergentes” da cultura.

Ainda temos, decerto, de falar do ‘dominante’ e do ‘efetivo’, e nesses sentidos do hegemônico. Mas vemos que temos também de falar, e, na verdade, com maior diferenciação de cada, do ‘residual’ e do ‘emergente’, que em qualquer processo real, e a qualquer momento do processo, são significativos. (...) Assim, certas experiências, significados e valores que não se podem expressar, ou verificar substancialmente, em termos da cultura dominante, ainda são vividos e praticados à base do resíduo – cultural bem como social – de uma instituição ou formação social e cultural anterior (WILLIAMS, 1979, p. 125).

Isso que o autor galês chama de “residual” trata-se de bens sociais formados no passado mas que ainda estão efetivos no processo cultural do presente, como contrapontos à lógica e à cultura dominantes e, portanto formando capital contra-hegemônico. Já o termo “emergente”, o autor indica que é aquilo que está por vir, com “novos significados e valores,

novas práticas, novas relações e tipos de relações estão sendo continuamente criados” (WILLIAMS, 1979, p. 126). Williams aponta que “Repetidamente, o que temos de observar é, com efeito, uma emergência preliminar, atuante e pressionante, mas ainda não perfeitamente articulada, e não o aparecimento evidente que pode ser identificado com maior confiança” (WILLIAMS, 1979, p. 129).

Para concluir esse novo teórico que desvela uma nova perspectiva de política cultural, constituída por elementos emergentes que já se anunciavam no tempo passado e que agora se revigoram e se ressignificam, trago o pensamento encorajador de Paulo Freire. Ele estimula a superação do estado de imersão e acomodação na própria engrenagem da estrutura dominante e “Daí, a necessidade que se impõe de superar a situação opressora. Isto implica no reconhecimento crítico, na ‘razão’ desta situação, para que, através de uma ação transformadora que incida sobre ela, se instaure uma outra, que possibilite aquela busca do *Ser Mais*” (FREIRE, 2020, p. 46, grifo meu). Em Freire, percebo o “Ser Mais” como a “emergência preliminar, atuante e pressionante” de Williams, ou seja, uma “ação transformadora” que possibilite ganharem proporções sociais, ainda não estejam “perfeitamente articuladas”, as “experiências, significados e valores que não se podem expressar” devido à limitação da cultura dominante. Vejo o reflexo de Williams em Freire e ambos projetando a imagem na atuação do Comitê de Cultura de Maracanaú.

Devo neste momento apresentar indicativos desses elementos emergentes e residuais (WILLIAMS, 1979) na realidade contemporânea da cultura de Maracanaú. Experiências da *práxis emancipatória* (FREIRE, 2020) movidas por *intelectuais orgânicos* (GRAMSCI, 1982) que se situam no espaço distorcido da cidade (SANTOS, 2002) e buscam ressignificá-lo a partir da afirmação da cultura compreendida como teias de interrelações e sentidos compartilhados (HALL, 2013). Essa ressignificação é constituída com as múltiplas vozes dos sujeitos campo e sua *polifonia* (BAKHTIN, 1981) e com a ativação das *memórias subterrâneas* (POLLAK, 1989) desses mesmos sujeitos, que historicamente foram silenciados, tendo como horizonte a construção de políticas públicas resultantes da expressão da deliberação e da soberania popular (HABERMAS, 1997).

A começar, era observado um silenciamento: o da própria reunião desencontrada, primeira do Comitê de Cultura de Maracanaú, que não contara com nenhum representante do poder público. Os agentes culturais ali presentes deram como realizada a reunião, discutiram a pauta e deliberaram encaminhamentos, dentre eles a definição da dinâmica de encontros ordinários do Comitê de Cultura com a Prefeitura Municipal de Maracanaú, bem como a produção de vídeos-denúncia sobre o descaso do aparato gestor em não ter comparecido à

atividade e nem mantido contato algum. A seguir um novo trecho da ata lavrada pelo Comitê de Cultura na ocasião:

Os presentes, fazedora(e)s de cultura e integrantes da *Comissão de Cultura de Maracanaú* [neste momento de redação da ata o nome que fora mencionado, equivocadamente, foi 'Comissão', embora o documento estivesse se referindo a 'Comitê'] representantes da Sociedade Civil, reuniram-se no pátio em frente à Fundação de Cultura, Secretaria Municipal de Cultura e Teatro Dorian Sampaio e discutiram assuntos de importância para essa Comissão, como a conjuntura da implementação Lei Paulo Gustavo no país e sobre a diversidade dos territórios e sujeitos que fazem a cultura em Maracanaú, bem como sobre o descaso apresentado pelo Diretor de Cultura em não se fazer presente, não ter comunicado a ninguém da SECULT e também não atender/responder às inúmeras ligações e mensagens enviadas. Vale destacar que estiveram presentes 16 pessoas da sociedade civil, todas elas integrantes da comissão que foi definida na reunião do dia 26/08.

Acima pode ser observado o compromisso dos agentes culturais presentes com a pauta previamente definida, considerando a urgência em se analisar e encaminhar questões como a implementação da Lei Paulo Gustavo e do Sistema Municipal de Cultura, assim como de realizar o mapeamento cultural (ou diagnóstico) do município. Percebe-se também que os partícipes do Comitê de Cultura ali presentes optaram por formalizar a ausência e a desatenção do poder público acerca da reunião agendada. A seguir mais um trecho da referida ata:

Foi tido como entendimento geral do(a)s presentes que a reunião ali realizada era legítima e, embora o não comparecimento do Poder Público, ficou combinada uma próxima reunião para o dia 09 de setembro, às 16h, na sede do Garajal de Teatro (Rua Dezoito, 119 – Jereissati I) para começarmos os estudos necessários para a criação do Sistema Municipal de Cultura de Maracanaú. Em acordo com a(o)s presentes, ficou decidido que as reuniões dessa *Comissão* [leia-se 'Comitê'] terão frequência quinzenal, alternando os locais de realização, de modo que uma edição fica sendo nos espaços da SECULT e a subsequente em algum dos espaços culturais de Maracanaú (como sede de grupo). Ficou também acertado que na segunda-feira, dia 05 de setembro, será protocolado na SECULT por esta *Comissão* [leia-se 'Comitê'] o ofício com a ata da reunião realizada no dia 02/09 e com a convocação para a nova reunião (em 09/09, 16h) para que todo(a)s fiquem cientes da continuidade do trabalho e da importância de seguirmos juntos nesse processo (fragmento de ata produzida pelo Comitê de Cultura de Maracanaú e 02 de setembro de 2022).

Como se pode observar nos trechos da ata, desde seu primeiro momento, os agentes culturais que formam o Comitê de Cultura de Maracanaú optaram por realizar as análises coletivamente e encaminhar situações ali combinadas, concernentes ao movimento cultural, que se materializam em novas realizações. Por sua vez, essas novas realizações são avaliadas coletivamente e, mais uma vez encaminhadas como novas construções. Essa forma escolhida foi adotada como um princípio metodológico para funcionamento regular do Comitê e assim,

em cada experiência se busca percorrer o ciclo ação-reflexão-ação, em um processo sistêmico e eminentemente colaborativo. Desse modo, cada ponto de discussão no coletivo dispara uma ação direta – seja uma mobilização, uma produção de um documento, uma visita, uma leitura compartilhada, uma ação de comunicação nas redes sociais, dentre outras – que finda com uma avaliação compartilhada e um novo encaminhamento. Trata-se de uma organização que se deu de forma espontânea, mas que ao passar do tempo as pessoas foram racionalizando e assimilando essa prática como *modus operandi* do Comitê.

Um outro aspecto metodológico que foi identificado como padrão nos primeiros cinco meses da atuação do Comitê foi a prática de protocolar a ata das reuniões no gabinete da SECULT/Mc, no intuito de compartilhar com a equipe da gestão municipal de cultura os pontos de pauta, a síntese das análises e os encaminhamentos. Tratou-se de uma estratégia de envolver a gestão no pensamento gerado pelos agentes culturais da cidade, bem como evidenciar as urgências tratadas, as demandas e possíveis soluções apontadas pelos trabalhadores da cultura da cidade. Outro sentido que o Comitê buscou imprimir nessa escolha de protocolar as atas das reuniões deve-se à intenção de formalizar junto à sociedade política que existe uma produção de história vivida, refletida e narrada por sujeitos do território, que participam ativamente do contexto cultural e que estão afirmando esse testemunho como documento e, através dele, reivindicando uma interação institucional junto dessa história coletiva, como se pode observar em fragmento de ata registrada pelo Comitê de Cultura de Maracanaú sobre a reunião do colegiado realizada em 07 de outubro de 2022:

Os presentes, fazedora(e)s de cultura e integrantes do *Comitê de Cultura de Maracanaú* representantes da sociedade civil, reuniram-se no pátio em frente à Fundação de Cultura, Secretaria Municipal de Cultura e Teatro Dorian Sampaio e discutiram assuntos de importância para esse Comitê. Mas antes puderam acessar o prédio da SECULT e interagir com a assessora jurídica, que dava seu expediente no gabinete do órgão. Na ocasião, foi possível questioná-la sobre alguns aspectos da relação que vem se compondo entre o Comitê e a SECULT, marcada pela ausência do(a)s gestor(a)s da SECULT nos encontros ordinários, bem como pela falta de resolutividade da SECULT em responder às demandas do Comitê ou apresentar quaisquer informações concretas sobre o que vem sendo criado ou executado como políticas municipais de cultura no Município de Maracanaú (fragmento de ata produzida pelo Comitê de Cultura de Maracanaú em 07 de outubro de 2022).

No fragmento acima, também é possível perceber o esforço de diálogo entre sociedade civil e política na esfera da cultura e a frustração sistemática vivida pela ausência do poder público nas reuniões com o Comitê de Cultura. Ao reler as atas durante o processo de pesquisa, pude perceber a riqueza de detalhes na descrição das atividades e a precisão no que se colocava para a gestão municipal de cultura, dentre demandas, análises e sintonia entre

as propostas de encaminhamentos anunciadas e o que se passava no contexto cultural de Maracanaú, como se pode perceber em fragmento de ata de reunião realizada em 02 de dezembro de 2022:

A reunião teve o objetivo identificar iniciativas culturais e educacionais que já acontecem na cidade e que poderiam ser conectadas numa mesma programação. O objetivo também foi dividir funções para a pré-produção dessa atividade e as pessoas presentes assumiram as funções de forma colaborativa, o que faz dessa experiência uma possibilidade bonita de fazermos juntos uma parada massa pela e com a cidade!

Um dos pontos que discutimos bastante foi a composição de um seminário de 3 dias, para discutirmos assuntos ligados à formação cidadã da juventude, especialmente no que consiste em novas formas de atuação no setor da cultura, respeito à diversidade, participação popular na definição de políticas públicas e saúde, prazer/desejo, cuidado na juventude. Falamos também de formações rápidas, como minicursos e oficinas educativas (fragmento de ata produzida pelo Comitê de Cultura de Maracanaú em 02 de dezembro de 2022).

Com a recorrente ausência do poder público municipal nas reuniões ordinárias e com a falta de resolutividade do aparato gestor em responder às demandas dos agentes culturais, ou ainda apresentar quaisquer informações concretas sobre o que vem sendo criado ou executado como políticas municipais de cultura no município de Maracanaú, o Comitê passou, depois de seis meses, a não mais protocolar as atas produzidas na SECULT/Mc. Os relatos que sempre são feitos, até o tempo presente, passaram a circular somente entres os agentes culturais envolvidos nas movimentações do Comitê e não mais foi compartilhado com o poder público, já que os gestores não se manifestavam ou sequer interagiam. Evidencia-se aí, mais uma vez, o recorrente dilema da “Falsa Escuta”, já tratado neste estudo. O caminho seguido pelos trabalhadores da cultura implicados na atuação do Comitê foi seguir nos encontros regulares do Comitê, realizar as atividades ali geradas e fazer o contato com a SECULT/Mc apenas no caso de encaminhamentos de demandas e não mais compartilhar a memória do que se produziu nas reuniões e outras atividades. Freire (2020) manifesta-se sobre a interrupção do diálogo como quebra da solidariedade entre os agentes envolvidos no processo histórico:

Se o diálogo é o encontro dos homens para Ser Mais, não pode fazer-se na desesperança. Se os sujeitos do diálogo nada esperam do seu que fazer já, não pode haver diálogo. O seu encontro é vazio e estéril. É burocrático e fastidioso. Finalmente, não há o diálogo verdadeiro se não há nos seus sujeitos um pensar verdadeiro. Pensar crítico. Pensar que, não aceitando a dicotomia mundo-homens, reconhece entre eles uma inquebrantável solidariedade. Este é um pensar que percebe a realidade como processo, que a capta em constante devenir e não como algo estático (FREIRE, 2020, p. 114).

Paulo Freire, com esse pensamento, nos move ao diálogo como dispositivo de construção crítica e solidária da vida social. Quando esse diálogo se quebra, a comunicação

precisa ser reinventada e o Comitê de Cultura de Maracanaú optou pelo caminho da crítica propositiva, ao criar iniciativas para problematizar a condução das políticas de cultura pelo aparato gestor. Ao ouvir os sujeitos do campo – e viver junto deles – o que percebo é que apresenta-se como um “encontro é vazio e estéril” esse diálogo ensaiado entre esse poder público e setor cultural da sociedade civil. O silêncio da gestão pública na interação com o Comitê de Cultura de Maracanaú, bem como com a categoria como um todo, demonstrava um desinteresse institucional pelo diálogo na área da cultura, ou mais especificamente, um interesse no sentido de que essa área não se projete, ou se estruture de maneira digna e participativa. Em entrevista com Paulo Victor Damasceno, integrante do Comitê de Cultura e editor do almanaque “Escritos para uma História do Maracanaú”, ele se manifesta sobre a dificuldade do diálogo com a gestão municipal e, em sua análise, avalia a incidência disso no modo como a prefeitura opera com o orçamento municipal para a cultura:

A gestão já demonstrou ao longo dessas duas décadas que o diálogo só funciona para atender aos seus próprios interesses e o orçamento público é uma clara expressão de seus interesses. Existe uma verdadeira luta de classes por dentro do orçamento público. Ao longo desses últimos 3 anos, observamos que em Maracanaú existe um verdadeiro sequestro orçamentário. (...) Um exemplo claro disso é o uso do orçamento da cultura de 2023⁴⁹. Dos quase 15 milhões previstos para se gastar com a cultura no ano, foram gastos cerca de 9 milhões entre janeiro e agosto e, dentro disso, apenas 3% com os trabalhadores da cultura, enquanto 97% foi dedicado à contratação de shows de famosos, estruturas para evento, construtoras e folha de pagamento (informação verbal – fragmento da entrevista com Paulo Victor Damasceno)⁵⁰.

O entrevistado, que também é advogado e integra o Observatório de Políticas Públicas de Maracanaú, uma iniciativa popular para estudar e monitorar o orçamento público do município, indica um ponto chave para a compreensão da disputa política na esfera pública e como essa disputa interfere na condução da política de cultura, na distribuição do orçamento municipal e, conseqüentemente, como se compõe a articulação e o diálogo entre os sujeitos envolvidos: sociedade civil e aparato gestor.

Para Habermas (1997), a esfera pública se apresenta como uma das formas de promover o debate de assuntos públicos na esfera privada, envolvendo indivíduos, instituições e o aparato público em discussões que orientam tomadas de decisão pelo Estado, em função do que é apontado pela sociedade civil. Para o autor alemão, esfera pública se constitui como a “rede para comunicação de conteúdos, tomada de posição e opiniões” (HABERMAS, 1997,

49 Estudo realizado pelo Observatório das Políticas Públicas de Maracanaú, tendo como fonte o Portal da Transparência do município (maracanau.ce.gov.br/relatorio-resumido-de-execucao-orcamentaria-rreo)

50 Entrevista 16, concedida por Paulo Victor Damasceno, escritor, advogado e integrante da Frente Revolucionária Maracanaense, em 05/11/2023. Depoimento recebido em texto, recebido por *WhatsApp* e posteriormente revisado, com aprovação do texto pelo entrevistado.

p. 97), ou seja, um espaço autônomo em que o Estado se situa e, por esse um fluxo de comunicação, tem a oportunidade de compreender as demandas da população e tomar decisões de interesse público. No entanto, esse viés participativo impresso no conceito de esfera pública formulado por Habermas parece ter sido elaborado para democracias plenas, diferente do que se tem no Brasil, mais especificamente em Maracanaú. Essa formulação habermasiana requer do Estado uma cultura mais aprimorada de se comunicar e, principalmente, de ouvir a população, de negociar e se deliberar de maneira horizontal, envolvendo a totalidade dos grupos sociais. O caso é que em uma sociedade desigual como a que vivemos, as vozes têm pesos diferentes e, assim, a esfera pública se mostra como uma instância seletiva e, conseqüentemente, as tomadas de decisão refletem essa premissa e os altos índices de exclusão em diferentes setores, como a cultura, a educação, os direitos humanos, dentre outros. Na imagem abaixo, o artista de Maracanaú, Igone P2K, afirma em sua obra (Figura 6), produzida pela linguagem híbrida graffiti-pichação, a sensação do silenciamento:

Figura 6 – O artista Igone P2K escreve: “Maracanaú me paga + [sic] me apaga”



Fonte: arquivo do autor

Assim é que os temas debatidos e, principalmente, as decisões tomadas na esfera pública observava-se que não passavam pelo conhecimento dos segmentos da cultura e da população interessada, sendo protagonizadas pela classe dominante de modo restritivo. A questão que o entrevistado coloca é um exemplo categórico disso. Paulo Victor Damasceno, reconhecendo esse canal fechado de diálogo com o aparato gestor, propõe como alternativa democrática a reconstrução do tecido político governamental e que os agentes culturais

entrem na arena política, lancem suas candidaturas e quebrem a hegemonia atuando dentro do aparelho estatal:

Nos últimos anos, o setor cultural, ou melhor, os trabalhadores da cultura têm demonstrado um maior nível de consciência política, o que tem potencializados as lutas políticas. Recentemente reativaram o Conselho Municipal de Cultura de Maracanaú, que estava inoperante havia 12 anos, por culpa dos governos municipais, que evitavam a participação da sociedade civil nas decisões do setor cultural. De todos os movimentos populares existentes em Maracanaú, podemos dizer que o dos trabalhadores da cultura é um dos que mais está consciente de seus problemas sociais, culturais e econômicos, isso é um dos motivos pelo qual entendemos que esses sujeitos devem entrar na arena política, afinal é nela que se decidem grandes questões do movimento (informação verbal – fragmento da entrevista com Paulo Victor Damasceno)⁵¹.

Paulo Victor destaca o processo de reativação do Conselho Municipal de Cultura e, com isso, o fortalecimento dos trabalhadores da cultura de Maracanaú no contexto local. Indica também que esses sujeitos “lancem suas candidaturas, como forma de abrir um outro caminho que quebre com a hegemonia das elites municipais” (*idem*), como mecanismo possível para afirmação dos subalternizados. Habermas, em “Direito e Democracia”, defende que os atores da sociedade civil possam “assumir um papel mais surpreendentemente ativo e pleno de consequências, quando tomam consciência da situação da crise” (HABERMAS, 1997, p. 115). Dessa forma, possam compensar as “desvantagens estruturais” e reverter o fluxo convencional de comunicação na esfera pública burguesa, “transformando o modo de solucionar problemas” do sistema político.

Quanto à ausência dos subalternizados na esfera pública, a filósofa crítica estadunidense Nancy Fraser (2022) afirma que essa “ausência” é totalmente ideológica e se baseia na “pretensão do público burguês de ser o público” (2022, p. 101). Ora, os públicos são diversos e suas vozes compõem a tessitura social. Fraser afirma:

Quase no mesmo momento em que surgia o público burguês, surgia também uma série de contrapúblicos concorrentes, inclusive públicos nacionalistas, públicos camponeses, públicos de mulheres de elite, públicos negros e públicos da classe trabalhadora. [...] Não só sempre houve uma pluralidade de públicos concorrentes, como a relação entre os públicos burgueses e outros públicos sempre foi conflituosa. Quase desde sempre, os contrapúblicos questionaram as normas excludentes do público burguês e criaram estilos alternativos de comportamento político e normas alternativas de discurso público (FRASER, 2002, p. 101).

Fraser propõe a criação, por esses “contrapúblicos” (ou subalternizados, subordinados, silenciados, oprimidos, excluídos, outros termos utilizados na presente

51 Entrevista 16, concedida por Paulo Victor Damasceno, escritor, advogado e integrante da Frente Revolucionária Maracanaense, em 05/11/2023. Depoimento recebido em texto, recebido por *WhatsApp* e posteriormente revisado, com aprovação do texto pelo entrevistado.

pesquisa), de uma prática recorrente de produção de discursos contestadores, organizada e difundida por uma comunicação contra-hegemônica. Ela nomeia de “arenas discursivas paralelas” ou, no termo original, “subaltern counter-publics”, através das quais fazem ecoar a polifonia dissonante da classe dominante impregnada com visões de mundo de quem está ausente das narrativas oficiais. Ao passo que essa comunicação promove as interpretações desses “contrapúblicos”, cumpre o importante papel de trazer à tona suas identidades, interesses e necessidades, como um alargamento da contestação discursiva, o que favorece a produção e difusão de uma maior diversidade de discursos em sociedades estratificadas, especificamente registros silenciados. Ao mesmo tempo, essa criação denuncia as limitações do aparato gestor e da própria esfera pública, uma vez que não garantem nem o direito desses públicos participarem efetivamente do debate político, nem tampouco realizam a política a contento desses públicos.

Como exemplos de “subaltern counter-publics”, destaco as práticas educacionais em inúmeras comunidades periféricas do planeta e os fanzines punks, enquanto perspectiva de afirmação de sujeitos produtores de mídia contra-hegemônica, ou ainda como referência em outro nível de escala, as experiências de comunicação comunitária e agitação e propaganda do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST), ou ainda a Marcha das Mulheres Negras e a Marcha das Margaridas, pelas suas estratégias de comunicação, mobilização e propositura, que mobilizam dezenas de milhares de mulheres ao longo de meses para afirmação de sua agenda de pautas e deliberação junto a governos.

Assim é que em Maracanaú, o Comitê de Cultura também se valeu de contextos comunicacionais inventivos e experimentais para criar “estilos alternativos de comportamento político e normas alternativas de discurso público” (FRASER, 2002, p. 101) que lhe permitiram “formular interpretações de oposição sobre suas identidades, interesses e necessidades” (FRASER, 2002, p. 109). Através das articulações do Comitê de Cultura de Maracanaú, fazendo uso de diversas ferramentas de comunicação e mobilização, trabalhadores da cultura colocaram em prática as ideias de AgitProp⁵², criando e distribuindo revistas (publicações impressas e digitais), produzindo arte crítica em espaços públicos, idealizando um festival cultural independente realizado em diversos bairros da cidade, além de estimular a produção de crítica e realizar momentos formativos e de compartilhamento de experiências entre agentes culturais.

52 Prática de comunicação alternativa de teor político, criada por militantes na Rússia de 1917, no sentido de definir os diferentes modos de fazer a agitação popular e ao mesmo tempo divulgar os projetos políticos do partido Bolchevique. No Brasil, ganhou popularidade como parte da expressão da Cultura Punk, bem como, mais recentemente, através da publicação da cartilha “Agitação e Propaganda no processo de transformação social”, pelo Coletivo de Comunicação, Cultura e Juventude da Via Campesina, em 2007.

Logo na introdução de seu “Cultura e Desentendimento”, o professor Alexandre Barbalho (2016) deflagra na cultura um lugar de disputa entre significados, na mesma perspectiva que vem sendo apresentado na discussão aqui em curso. Observa Barbalho (2016, p. 08): “Entender e vivenciar a cultura e suas políticas como desentendimento é voltar a colocar sua perspectiva crítica na centralidade desse processo. É a cultura voltando a causar embaraços, escândalos, problemas. E se referindo às formas de constituição do comum” (BARBALHO, 2016, p. 8). Essa sua “tensão constituinte”, como ele coloca, é o que faz da cultura o território discursivo que pode receber diversas leituras. Em entrevista com o Conselheiro de Cultura de Maracanaú e compositor Lê Anderson, ele me fala sobre essa tensão em Maracanaú:

Existe [na cidade de Maracanaú] uma pequena elite que faz uma cultura de massa bem centralizada apenas nos interesses dela mesma, que na maioria das vezes está associado a questões de eleição política. E existe o lado que eu posso chamar de clandestino, no sentido de que é o lado não oficial da cultura da cidade, que existe, mas ele também não existe. Ele existe porque existem pessoas realmente que fazem por si só, mas ele não existe porque ele não tem nenhum tipo de apoio financeiro, ideológico, social mesmo... do município. É uma discussão bem pertinente que só prova que a coisa não avança porque não tem o interesse público, o que é uma coisa bem bárbara, né? (...) É gratificante saber que existem também as pessoas que vão no mesmo barco com a gente pra poder fazer as coisas acontecerem do jeito delas, do nosso jeito, porque é possível fazer. Então diante disso eu espero que a gente consiga abrir mais leques, abrir mais gradientes para o fazer cultural em nossa cidade (informação verbal – fragmento da entrevista com Lê Anderson)⁵³.

Como se vê na fala do artista, a falta de diálogo ou de investimento do poder público local na diversidade cultural do município não impediu a geração e produção de discurso e a construção de saber, através do tensionamento político e da produção de comunicação e mobilização contra-hegemônica. Ao contrário, em 16 meses, as movimentações da sociedade civil em volta do Comitê de Cultura de Maracanaú desempenharam papel crítico e formativo enquanto célula informal e espontânea de promoção e agitação popular através da conscientização política, de pesquisa e denúncia de informações omitidas pelos meios de comunicação institucional. Estimulando, assim, reflexão crítica e dentre os trabalhadores da cultura, tendo em vista um processo de transformação social.

Esses foram alguns dos mecanismos adotados para se construir um enfrentamento à lógica dominante expressa pelo aparato gestor municipal. O Comitê de Cultura de Maracanaú ainda se dedicou categoricamente a formar candidaturas para o Conselho Municipal de Cultura de Maracanaú, tendo em vista a importância do Conselho ser constituído por

⁵³ Entrevista 24, concedida por Lê Anderson, músico em formação, compositor, estudante de filosofia e Conselheiro de Cultura de Maracanaú, em 29/12/2022. Depoimento gravado em áudio, recebido por *WhatsApp* e posteriormente transcrito, com aprovação do texto pelo entrevistado.

trabalhadores da cultura que representassem de fato os interesses dessa categoria. No âmbito político local, o Comitê de Cultura se aproximou de outros movimentos sociais de Maracanaú e vem ensaiando construção de quadros políticos para o processo eleitoral de 2024, tendo como horizonte a ocupação dos espaços de poder local e, através disso, colaborar na construção e execução de políticas públicas que façam sentido para a diversidade da população e não apenas para um segmento social em detrimento de outros.

A seguir, ao descrever alguns movimentos da Semana Juventude Cultura Crítica Maracanaú e assim, como se pode ler, vê-se a não separação da ação cultural vivida, com acento formativo inegável, da reflexão sobre a organização da cultura. Este aspecto que aqui enfatizo faz da reflexão-ação política também um percurso de educação estética, como se observa, a seguir, nas realizações do Comitê de Cultura de Maracanaú.

a) Da Semana Juventude Cultura Crítica Maracanaú: uma produção colaborativa de cultura participativa

Trata-se de um festival cultural criado em dezembro de 2022 e realizado de forma autogestionada e colaborativa por trabalhadores da cultura que vivem no município de Maracanaú. A partir do desejo de fazer e compartilhar com a cidade a cultura de modo coletivo e reflexivo, a Semana Crítica foi pensada como um movimento de encontro entre cultura, educação e esportes de rua com a intenção de apresentar formas inovadoras de fazer e pensar a cultura da, na e para a cidade. Reunindo as juventudes, educadores e agentes culturais da cidade em um diálogo crítico e propositivo, a Mostra reuniu em quatro bairros de Maracanaú mais de 80 artistas, produtores e técnicos, além de 16 educadores em experiências de fruição cultural e atividades formativas.

As atividades foram realizadas na Associação de Moradores do Novo Maracanaú, na Praça da Estação (centro da cidade), no auditório do Sindicato dos Professores de Maracanaú (Suprema) e em espaços comunitários dos bairros Piratininga e Jereissati II. Ao longo de cinco dias, entre 14 e 18 de dezembro de 2022, foi possível realizar uma programação composta por: um minicurso de produção cultural e comunicação; oficinas voltadas para fazer artístico (origami, pilates, regulagem de instrumentos, boneca abayomi); um seminário de três dias com o tema “Juventude e Emancipação”, que formou mesas de discussão sobre educação, saúde, cultura, direitos humanos, diversidade, igualdade, trabalho, territorialidade; 21 apresentações artístico-culturais (envolvendo música, dança, teatro, performance, circo, capoeira e plantio de mudas de árvores nativas e frutíferas); atividades esportivas (futsal,

futmesa, roda de capoeira, fitdance); e no último dia se conectou com outro evento da cidade, o “Maraca Jam BMX Street”, em uma colaboração que promove atividades de esportes radicais como o BMX street e o skate.

A ideia da Semana Crítica surgiu em uma das reuniões do Comitê de Cultura de Maracanaú, quando as pessoas estavam comentando sobre as mais de dez notas de repúdio de artistas, grupos culturais, skatistas e coletivos de jovens da cidade que circulavam nas redes sociais fazendo menção à *Semana da Juventude de Maracanaú*, um evento promovido pela prefeitura municipal (Secretaria de Juventude e Lazer do Município) no final de novembro de 2022. Segundo diversos grupos da sociedade civil, o evento recebeu muitas críticas por não ter envolvido os movimentos de jovens da cidade na concepção ou mobilização do evento. Além disso, no processo de composição da programação artística, foi deflagrada, por pesquisas no Portal da Transparência do Município, uma disparidade expressiva na distribuição do recurso, tendo sido contratados grupos famosos ou de apoiadores da gestão municipal com cachês muito acima do que fora oferecido para artistas da cidade, para os quais foram reservados valores irrisórios ou nem isso.

Nesse contexto, integrantes do Comitê de Cultura de Maracanaú que estavam na reunião pensaram em realizar um evento como contraponto a essa forma de operar da prefeitura. Em poucos instantes já haviam sido criadas as diretrizes do que seria a Semana Juventude Cultura Crítica Maracanaú, como um evento contra-hegemônico em resposta à *Semana da Juventude* da prefeitura. Nos dias seguintes, já estavam em atuação as equipes de produção, comunicação e técnica e, como uma insurgência criativa, espontânea e colaborativa, o evento foi ganhando forma e notoriedade na cena cultural da cidade. Nesse processo, foram mobilizados grupos descontentes com a *Semana da Juventude* recém-realizada, dentre outros agentes culturais da cidade.

Através dessa atuação em rede, foi sendo construída uma programação inovadora em relação aos festivais culturais que acontecem na cidade. Destacou-se nesta iniciativa a forma de se compor a programação artística. Ao contrário da maioria dos festivais culturais, a Semana Juventude Cultura Crítica Maracanaú teve uma curadoria colaborativa, em que os próprios artistas interessados em participar da programação puderam co-criar a programação, através da mobilização de seus pares na cena cultural. Uma espécie de militância cultural para que a iniciativa pudesse acontecer com representatividade, diversidade e potência na cena cultural da cidade. Toda a programação foi gratuita.

A Semana Crítica se apresentou como uma plataforma comunicacional para que os trabalhadores da cultura implicados no Comitê de Cultura pudessem se expressar em oposição

à falta de políticas públicas de cultura para o setor no município. Ainda que de forma experimental e por via de uma produção improvisada, sem a infraestrutura adequada, as atividades que integraram o evento foram alternativas de vivências criativas e afetivas para a população em geral, principalmente para a juventude, que no geral fica sem referências de lazer e programações artísticas. O plano de comunicação do evento contou com o apoio do Suprema, que viabilizou a impressão de materiais de divulgação (Figura 7, página 152) e ainda disponibilizou sua equipe de assessoria de comunicação, que garantiu algumas veiculações⁵⁴ na mídia corporativa do Ceará, como Jornal O Povo, Jornal O Estado e Rádio Universitária FM, além de blogs culturais. O maior foco de comunicação, no entanto, foi concentrado nas ações de redes sociais e na mobilização entre as pessoas, nas sedes de grupo, escolas, IFCE Maracanaú e bares da cidade.

Sem investimento público ou privado, a Mostra aconteceu sem as condições adequadas de produção, técnica, comunicação e sem remuneração alguma para qualquer pessoa que participou. Ainda assim, a iniciativa foi abraçada por quase 100 artistas, produtores, técnicos e educadores de Maracanaú, mobilizando centenas de pessoas da cidade em função das quase 30 atividades realizadas em quatro bairros de Maracanaú. Para 2023, a intenção é realizar a Semana Crítica em condições minimamente viáveis e sustentáveis, remunerando profissionais e garantindo estrutura adequada de trabalho, no próprio território onde as pessoas vivem. Nesse sentido, o Comitê já elaborou projeto e já foi aprovado no *XV Edital Mecenas do Ceará*, da Secretaria da Cultura do Ceará, sendo autorizado a captar R\$ 50.000,00 (cinquenta mil reais) via dedução fiscal junto a empresas que recolhem ICMS no Ceará. Neste projeto elaborado e aprovado, está indicada uma estimativa de criação de novos postos de trabalho temporário no setor cultural em Maracanaú, com geração de renda para 70 pessoas, dentre artistas, produtores, técnicos e prestadores de serviço de forma indireta (transporte, comunicação, impressão e locação de equipamentos).

54 Ver algumas matérias na imprensa: em <https://tinyurl.com/2p9p5mhz>, <https://tinyurl.com/35b6xwkp>, <https://tinyurl.com/4kk2vdwf>,

Figura 7 – Cartaz da Semana Juventude Cultura Crítica Maracanaú 2022

**SEMANA
JUVENTUDE
CULTURA
CRÍTICA
MARACANAÚ**

14 a 18
dezembro
2022

SEMINÁRIO JUVENTUDE E EMANCIPAÇÃO
PERCURSO FORMATIVO DE ENFRENTAMENTO
PROGRAMAÇÃO ANTI-INDÚSTRIA CULTURAL
CERCA DE 80 ARTISTAS ENVOLVIDO(A)S
PRÁTICAS ESPORTIVAS COMUNITÁRIAS
PAINÉIS DE GRAFFITI E VIDEOMAPPING
PRODUÇÃO DE REVISTA COLABORATIVA
PLANTIO DE ÁRVORES FRUTÍFERAS
TORNEIO ESPORTES RADICAIS - BMX STREET + SKATE

NOVO MARACANAÚ - PIRATININGA - ALTO ALEGRE II - JEREISSATI - CENTRO

PROGRAMAÇÃO GRATUITA

inscrições para as atividades educativas e mais informações:
(85)99621-9700 | 99737-4091

>>> CONFIRA A PROGRAMAÇÃO COMPLETA <<<
[instagram.com/comitedeculturademaracanau](https://www.instagram.com/comitedeculturademaracanau)

realização colaborativa:

Fonte: Arquivo do autor

Alguns depoimentos de agentes culturais que participaram da Semana Juventude Cultura Crítica Maracanaú, entre 14 e 18 de dezembro de 2022 mostram esta polifonia de vozes:

E poder compartilhar com eles e receber deles tantas ideias, tantas visões e tantas formas de fazer e maneiras diferentes, perspectivas e pontos de vista. Foi incrível o tamanho da mobilização de artistas de Maracanaú que se concentraram pra fazer esse evento acontecer (informação verbal – fragmento da entrevista com Arthur Almeida Nunes)⁵⁵.

55 Entrevista 25, concedida por Arthur Almeida Nunes, músico e vocalista da Banda da Calçada, em 29/12/2022. Depoimento gravado em áudio, recebido por *WhatsApp* e posteriormente transcrito, com aprovação do texto pelo entrevistado.

As contradições, não deixam de serem evidenciadas, a par da esperançosa alegria de tantas partilhas:

E é isso, muito feliz! Semana Crítica tá de parabéns! Foi muito, muito potente e espero que aconteça mais vezes. Mesmo com todo esse descaso da Prefeitura, a gente vai seguir resistindo (informação verbal – fragmento da entrevista com Bitobeat)⁵⁶.

A produção feita pelos diferentes setores da cultura enfatiza a potência cultural dos sujeitos e a orquestração de sensibilidades envolveu um grupo fundamental – o das juventudes e sua expressividade. A crítica à sociedade política comparece, propondo o devir da cidadania cultural:

Destacamos aqui o papel da Associação não só em contribuir com o espaço físico para apresentações, mas de promover o encontro da arte e o contato dos moradores com a arte, de incentivar a produção cultural local e de sensibilizar os jovens, educadores, lideranças e agentes sociais para questões coletivas. A Semana Juventude Cultura Crítica foi um momento reflexivo e de protagonismo dos jovens, criadores das suas próprias expressões, com o intuito de mostrar à sociedade a importância dos seus valores e da sua cultura no processo de transformação da realidade atual, momento em que precisamos superar a cultura autoritária de exclusão e resistir à histórica dominação dos governos pelo clientelismo, populismo e autoritarismo que ainda impera na gestão pública e que será superado com luta e ações coletivas como a Semana Crítica, promovida pelo Comitê de Cultura de Maracanaú, que teve como fulcro o fortalecimento da diversidade e da cidadania cultural (informação verbal – fragmento da nota institucional da Associação de Moradores do Novo Maracanaú)⁵⁷.

Tem-se no movimento reflexivo e mobilizador da Semana da Juventude Crítica a organização da cultura “como construção popular”, sua movimentação considerada “um passo importante na organização das forças populares na luta pela cultura local”, como era dito; e a seguir: “Precisamos avançar na organização dessas demandas, até virarmos uma ameaça significativa. Ou nos ouvem, ou não os deixaremos em paz!” (informação verbal – fragmento da nota institucional da Frente Revolucionária Maracanaense)⁵⁸.

A perspectiva intergeracional da educação apontará as vertentes da arte junto à dos esportes, de maneira a ir “trazendo as artes e o esporte para abraçar uma reflexão sobre o que nós somos nessa cidade, sobre o que Maracanaú é dentro do estado do Ceará e sobre as forças

56 Entrevista 13, concedida por David Cruz (Bitobeat), palhaço, brincante, cantor, beatmaker, produtor musical/cultural, em 04/01/2023. Depoimento gravado em áudio, recebido por *WhatsApp* e posteriormente transcrito, com aprovação do texto pelo entrevistado.

57 Entrevista 17 – Nota institucional da Associação dos Moradores do Novo Maracanaú, entidade parceira da Semana Juventude Cultura Crítica Maracanaú, emitida em 28/12/2022. Depoimento recebido em texto, recebido por *WhatsApp* e posteriormente revisado, com aprovação do texto pela diretoria da entidade.

58 Entrevista 18 – Nota institucional da Frente Revolucionária Maracanaense, coletivo parceiro da Semana Juventude Cultura Crítica Maracanaú, emitida em 29/12/2022. Depoimento recebido em texto, recebido por *WhatsApp* e posteriormente revisado, com aprovação do texto pela diretoria da entidade.

que impulsionam duas alternativas na vida dessas crianças” (informação verbal – fragmento da entrevista com Priscila Rodrigues)⁵⁹.

Outro aspecto levantado pelo coletivo do Comitê referiu-se à diversidade de artes e de práticas culturais manifestas e em interação, conforme observa Rival MC: “O que eu enxergo do que foi importante na Semana Crítica, do Comitê de Cultura de Maracanaú, é que oportunizou o maior número de artistas possíveis de todos os nichos, digamos assim, da cultura” (informação verbal – fragmento da entrevista com Rival MC)⁶⁰; e prossegue: “Abrangeu hip-hop, artes cênicas, tudo, tudo, tudo que você puder imaginar” (*idem*) e “oportunizou para todo mundo o que realmente essa galera que está em busca de viver da cultura quer: essa visibilidade pra manter a força e o foco nisso” (*idem*).

Uma compreensão de cidade é trazida, mostrando-a como um território polifônico, espaço habitado por sujeitos que reinventam o presente. Refere, então, Edna Martiniano, que a Semana “cumpru com a sua função de dialogar com a cidade, seus territórios e seus sujeitos e de provocar reflexão sobre o fazer cultural na cidade, onde os governantes alegam falta de recursos e contribuem para a desmobilização dos agentes envolvidos. Precisamos revisitar o passado e reinventar o futuro” (informação verbal – fragmento da entrevista com Edna Martiniano)⁶¹. E escreve: “Fecharam a porta para a juventude, mas a juventude de Maracanaú, fruto de um modelo segregador e degradador, que exclui as pessoas de uma vida digna, luta contra esse modelo político e econômico que gera desigualdades, exclusão e dor, luta e espera por dias melhores” (*idem*).

A socióloga Edna Martiniano traz ainda sua poeticidade, falando de Maracanaú como “lugar de pouso, não só das maracanãs, mas dos maracanauenses e dos que buscam esse lugar para trabalhar e viver”; e, “Maracanaú, lugar de voo, onde o desenvolvimento deveria acompanhar o ritmo do seu crescimento, fazendo a cidade e seus habitantes alçarem voos mais altos” (*idem*).

Nesse ambiente reflexivo as imagens locais das lagoas e suas maracanãs, aves pernaltas que povoavam o lugar, voltam, e com elas o desejanter “voltar como uma Maracanã que voou e que já voou por tantos lugares”, e “poder contar um pouco dessa história, do que a

59 Entrevista 19, concedida por Priscila Rodrigues, educadora-monitora da Rede Municipal, em 29/12/2023. Depoimento gravado em áudio, recebido por *WhatsApp* e posteriormente transcrito, com aprovação do texto pela entrevistada.

60 Entrevista 26, concedida por Rival MC, agente cultural da linguagem do hip-hop, produtor cultural, compositor e cantor de rape, em 26/12/2022. Depoimento gravado em áudio, recebido por *WhatsApp* e posteriormente transcrito, com aprovação do texto pelo entrevistado.

61 Entrevista 27, concedida por Edna Martiniano, socióloga, escritora, Conselheira de Cultura de Maracanaú e membro da SOPOEMA e da Academia Maracanauenses de Letras, em 20/01/2023. Depoimento recebido em texto, por *WhatsApp* e posteriormente revisado, com aprovação do texto pela entrevistada.

gente já conquistou, mas também do que a gente queria conquistar para nossa cidade (informação verbal – fragmento da entrevista com Julie Oliveira)⁶².

O caráter social do acontecimento artístico é sublinhado por Julie Oliveira, na reflexão sobre cidade, se reportando a um cenário “em que os jovens são realmente mortos de várias formas, não somente mortos literalmente pelas violências da cidade, mas mortos pela falta de oportunidade, pelos seus sonhos, que são mitigados, que são mesmo diminuídos” (*idem*); e acrescenta que “é como se seus artistas tivessem sendo cuspidos de sua própria cidade” (*idem*).

A artista Julie Oliveira desenvolve mais o elogio à diversidade de modalidades culturais presentes e dialogando na Semana Crítica promovida pelo Comitê de Cultura, mas no mover-se dessa tessitura auspiciosa, a crítica do apagamento de espaços, oportunidades e potência juvenis:

Penso que um ponto fortíssimo acerca da mobilização que conseguiu se observar na Semana Crítica é que a gente confirma o que qualquer pessoa atenta e sensível sabe: Maracaná tem artistas potentes, engajados, ativos e competentes em todas as linguagens. No evento tivemos abundância e amostragem de várias, das quais podemos destacar: literatura, humor, música, performance, produção cultural e tantas outras. Portanto, não há justificativa para que continuem a se realizar eventos na cidade sem a presença desse corpo ativo e vasto que há em nossa cidade. Ao mesmo tempo, percebe-se claramente que a cidade ainda pratica o inaceitável: o silenciamento e apagamento dessas potências, sobretudo, dos jovens, que não recebem nenhum tipo de fomento local para expressão de suas artes. Me anima saber que esses espaços estão sendo construídos, da forma que é possível – de maneira independente – mas sem eximir as autoridades de suas obrigações (*idem*).

E, por fim, mostra sua cidade em movimento a partir da cultura: “Uma cidade é feita por pessoas e a partir do instante em que essas pessoas despertam para seus deveres e direitos, acontece o que parece tão distante: uma revolução, uma mudança” (*idem*). Como enunciava Glória Diógenes (2020), na cidade, a arte e a criação social compõem novos diagramas de culturas onde os segmentos juvenis se movem.

62 Entrevista 20, concedida por Julie Oliveira, escritora, poeta, cordelista, editora de livros, palestrante e produtora cultural, em 27/12/2023. Depoimento gravado em áudio, recebido por *WhatsApp* e posteriormente transcrito, com aprovação do texto pela entrevistada.

**b) Do Videoperformance “Cortejo Crítico-fúnebre – Pêsames às Maracanãs”:
dentre ladainhas e carpideiras a proposta de uma cultura do cuidado**

Na intenção de compartilhar o pensamento crítico e a expressão criativa de agentes culturais de Maracanaú, o Comitê de Cultura de Maracanaú preparou um videoperformance lançado na quarta-feira de cinzas de 2023, dia 22 de fevereiro. Trata-se do “Cortejo Crítico-fúnebre – Pêsames às Maracanãs”, como forma de homenagear a gestão cultural do Município, que carrega em si a pulsão de morte como característica principal na forma de gerir a cena cultural da cidade.

Em forma de cortejo, 13 *performers* encenaram o desespero e a dor da falência múltipla dos órgãos da cultura em Maracanaú (Figura 8, página 157). Trabalhadora(e)s da cultura sem trabalho velavam o caixão da gestão da cultura no percurso do vasto cemitério que separa a gestão pública do teatro municipal e da Lagoa de Maracanaú, emblemática na formação das identidades culturais da cidade.

A ladainha – característico pranto das carpideiras que rezam a morte – se alternava com o verbo cortante do Profeta da Morte, que bradava versos de vários tempos de um mundo que grita por mais seriedade na condução da política cultural, por mais respeito à poesia da vida e ao trabalho de quem cria, produz e partilha cultura. As cruces e o som agonizante saudavam a morte e evocavam a passagem, como quem nutre um devir para o novo.

O enterro da gestão cultural se deu nas areias entre a Secretaria de Cultura e Turismo e a Fundação de Cultura de Maracanaú, local que movimenta milhões de reais há muitos anos, sendo praticamente tudo investido nos eventos comerciais da hegemonia que atendem aos interesses do capital político do grupo que compõe a gestão. Ali o caixão ficou na terra, num despacho plantado em amargura e desgosto.

Carpideiras da cultura saem do enterro e seguem rumo à Lagoa entoando o samba da reviravolta, como quem alimenta a esperança no que virá do pós-morte da gestão cultural. Espera-se, ao passo que vem sendo construído pelos próprios agentes culturais da cidade, um renascer solidário, diverso, inclusivo e que considere o diálogo como nutriente essencial pra se cultivar a cultura do cuidado.

Trata-se de uma realização do Comitê de Cultura de Maracanaú como manifesto performático chamando atenção para a inexistência de política de cultura em Maracanaú, bem como pela falta de diálogo entre a Secretaria de Cultura e Turismo do Município e o setor cultural.

Ficha Técnica: “Cortejo Crítico-fúnebre – Pêsames às Maracanãs” (Brasil, 2023, videoarte, 3 min) | vídeo: Anso Rodrigues | performers: Luana Costa [Kizomba], Tati Valente, Professora Vilani, Pedro Hermano, Paulo Victor Damaceno [FRM], Faber Rodrigues [FRM], Gladson Santos [FRM], rodrigo tembiú [Coletivo Tembiú], Luis Fernando (Dixon) [Kizomba], Arthur Nunes [Banda da Calçada], Igone P2K, JR Metal [QG do Pensamento] | registro fotográfico: Ricarlos Melo [blog do Melo] | direção coletiva | produção colaborativa.

Figura 8 – Cenas da encenação e gravação do videoperformance
“Cortejo Crítico-fúnebre – Pêsames às Maracanãs”



Fonte: arquivo do autor

O videoperformance pode ser acessado através do link <https://tinyurl.com/5dhsudk7>.

c) Conferência Sobre o Processo Histórico das Lutas Pela Cultura: travessias para o presente

A Conferência sobre o Processo Histórico das Lutas pela Cultura foi uma iniciativa do Comitê de Cultura de Maracanaú com o objetivo de compartilhar narrativas e aprender com a História. Uma roda de conversa realizada para reunir e partilhar experiências vividas nas lutas pela afirmação da cultura na cidade. Nessa roda, agentes culturais de várias gerações de Maracanaú trouxeram suas histórias ou a dos movimentos culturais dos quais participaram

ou participam. Ao passo que as falas iam acontecendo, eu e algumas pessoas do Comitê de Cultura de Maracanaú íamos registrando sínteses das falas. Assim, a escuta se fez caminho para registro e compreensão do processo histórico e a reflexão coletiva ajudou a sedimentar a análise crítica do cenário contemporâneo da cultura em Maracanaú, no Ceará e no Brasil.

O encontro aconteceu na noite de 24 de maio de 2023, na sede do Grupo Garajal, em Maracanaú. Foi um encontro com cerca de 70 pessoas, que estiveram presentes em movimentações marcantes da história da cultura na cidade, a partir da década de 1980 até os tempos atuais. Nessa visada, integraram a roda artistas, professores, gestores, militantes, produtores, pesquisadores, ambos sujeitos ativos na história das lutas pela cultura em Maracanaú. Dentre eles representantes de movimentos pioneiros como a Associação TEMA (Teatro Maracanaense), a SOPOEMA (Sociedade dos Poetas e Escritores de Maracanaú), a primeira experiência do Conselho Municipal de Cultura (gestão 2009/2012), a Academia Maracanaense de Letras, representantes de movimentos de danças tradicionais que marcaram a ascensão das quadrilhas juninas na década de 1990; também dos coletivos que surgiram mais tarde, como o Grupo Garajal, o QG do Pensamento e o Fórum de Arte e Cultura de Maracanaú; e dos movimentos mais recentes, em atuação no presente, como o Estação Rap, o Cine Broca, a Maloka Ancestralidades, a Frente Revolucionária Maracanaense, o Comitê de Cultura de Maracanaú, dentre outros.

Naquele encontro de cerca de três horas, sujeitos históricos se revezaram nas falas e compartilharam desafios, estratégias e conquistas nos diversos períodos da cultura em Maracanaú. Um ponto de destaque no encontro, recorrente nas mais diversas falas, foi a relação sempre intrincada entre sociedade civil e sociedade política. Os coletivos e movimentos culturais e as diferentes gerações de gestores municipais enredam uma espinhosa trama ao longo dos 20 anos, evidenciando um desafio histórico que foi analisado sob diversos aspectos ao longo do encontro. Análise essa fundamental para compreender o contexto atual e as divergências vividas no presente.

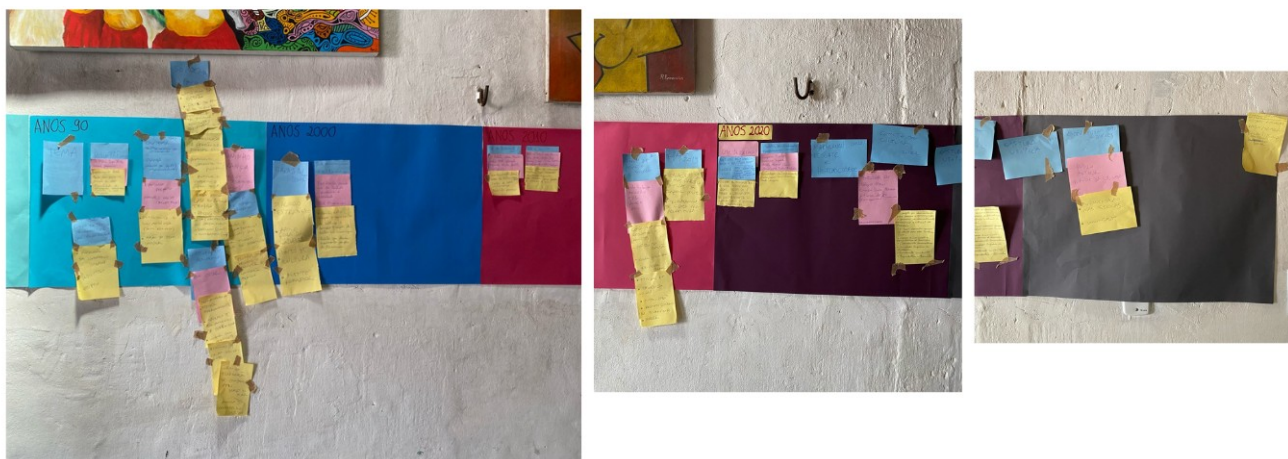
Ao longo da conversa, foram compartilhados relatos de experiências, denúncias graves, reflexões críticas e coletivas, encaminhamentos e dicas para as novas gerações de agentes culturais. Os registros das sínteses foram organizados por tarjetas coloridas, que traziam as seguintes informações: nomes dos movimentos culturais e/ou iniciativas de mobilização coletiva (azul); nomes das pessoas envolvidas naquela iniciativa (amarelo); contexto, desafios, dilemas, conquistas de cada iniciativa (rosa). As tarjetas iam sendo afixadas na parede, formando uma linha histórica que indicava desde os anos 1980 até a atualidade as iniciativas de lutas coletivas pela cultura em Maracanaú. Um exercício artesanal

e colaborativo que favorecia para a recontagem da história a partir de múltiplos sujeitos, tanto os que vivenciaram a experiência narrada, quanto os que ouviam a história na roda de conversa e anotavam nas tarjetas.

Desse modo, a parede da sede do Grupo Garajal se tornou uma grande lousa com a aula coletiva que todos ali ministravam e todos ali recebiam. Uma partilha que faz da história contada uma construção autoral polifônica e polissêmica, já que ficou reunido e expresso, pra todos verem, um conjunto de falas que se referem às lutas, às dificuldades, às potências e às realizações de diversos sujeitos culturais de quase quatro décadas.

Esse exercício colaborativo (Figura 9) foi organizado em texto e transferido para um documento compartilhado na internet, em uma plataforma que todos puderam acessar, observar, ajustar ou complementar algo. Assim é que até o momento final da elaboração desta dissertação o documento foi sendo atualizado e encontra-se na íntegra, em seu estágio atual, como apêndice nesta pesquisa (ver APÊNDICES A e B).

Figura 9 – Imagens do mural com a linha histórica gerada na Conferência



Fonte: arquivo do autor

Na abertura da Conferência houve a apresentação cultural do grupo de coco *Coqueirinhos da Mucunã*, uma experiência artístico-pedagógica desenvolvida no CRAS da Mucunã (bairro de Maracanaú) junto a crianças e adolescentes da comunidade, sob coordenação do músico e arte-educador Chico Cabôco. Com a roda aberta sob as bênçãos da ancestralidade e com a música e dança da criançada, ficou selado o caráter histórico e transgeracional da atividade.

Durante a Conferência foi lançada a primeira edição da Revista Rasura, publicação experimental já mencionada na seção que aborda a metodologia desta pesquisa, composta por

fragmentos do estudo desenvolvido durante o período que decorre esta pesquisa de mestrado e que conta com colaborações de outros agentes culturais de Maracanaú, o que faz dessa publicação um processo colaborativo, educativo e diverso.

Para mobilizar o público para a Conferência, o O Comitê de Cultura de Maracanaú preparou uma série de cartazes virtuais para divulgação em meio digital, aproveitando-se de imagens dos agentes culturais em assembleia. Foi também acionada a imprensa corporativa, o que gerou uma matéria no Jornal O Povo, edição de 23 de maio de 2023⁶³.

A conferência foi transmitida online na íntegra e ficou disponível⁶⁴ para consulta a qualquer tempo, por qualquer pessoa, ampliando o acesso do material gerado.

d) O objetivo como partilha e ponto de novas partidas: a Reativação do Conselho Municipal de Cultura de Maracanaú

O Conselho Municipal de Cultura de Maracanaú (COMCULT) é um órgão colegiado deliberativo, consultivo e normativo, que integra a estrutura básica da Secretaria de Cultura e Turismo e Maracanaú (SECULT/Mc). Com sua composição paritária entre poder público e sociedade civil, constitui-se, de acordo com a Lei Municipal 2.175/2014, como principal espaço de participação social institucionalizada, de caráter permanente, integrado à estrutura do Sistema Municipal de Cultura, que se completa, além do Conselho, pelo Plano Municipal de Cultura e pelo Fundo Municipal de Cultura, o chamado “CPF da Cultura” (Conselho, Plano e Fundo).

No entanto, o município de Maracanaú, até o presente, não aderiu ao Sistema Nacional de Cultura (SNC)⁶⁵ e, portanto não há Sistema Municipal de Cultura ativo no município. Também não há Plano e nem Fundo, instâncias fundamentais para gestão e promoção das políticas públicas de cultura dentro do que seria as condições adequadas de previsibilidade, transparência, exequibilidade e participação social.

Pela Lei Municipal 2.175/2014, regulamentada pelo Decreto 4.024/2020, o Conselho de Cultura de Maracanaú deve ser composto por 14 membros titulares e 14 suplentes, sendo sete titulares e sete suplentes representando o poder público, através dos seus órgãos:

63 Matéria disponível no link <https://tinyurl.com/3vx8b5st>.

64 Todo o conteúdo registrado em vídeo da Conferência, durante a transmissão ao vivo, pode ser acessado pelo link <https://tinyurl.com/2s7aaskh>.

65 Segundo o art. 216-A da Constituição Federal, o Sistema Nacional de Cultura (SNC) é um processo de gestão e promoção das políticas públicas de cultura democráticas e permanentes, pactuadas entre os entes da Federação (União, Estados, DF e Municípios) e a sociedade. Implementado a partir de 2012, o SNC é organizado em regime de colaboração, de forma descentralizada e participativa, tendo por objetivo promover o desenvolvimento humano, social e econômico com pleno exercício dos direitos culturais. Fonte: <https://tinyurl.com/yc2decav>.

Secretaria de Cultura e Turismo, Secretaria de Educação, Secretaria de Meio Ambiente e Controle Urbano, Secretaria de Infraestrutura, Secretaria de Assistência Social e Cidadania, Secretaria de Saúde e Secretaria de Esporte. E também por sete titulares e sete suplentes representando a sociedade civil, através dos segmentos destacados pelas linguagens artísticas: Artes Cênicas, Música, Artes Visuais, Literatura, Patrimônio Histórico e cultural, material e imaterial, Artes Plásticas e de Forma, Produtores e Gestores Culturais. Os membros do poder público serão designados pelo titular de cada órgão. Os membros da sociedade civil devem ser definidos através de eleição direta por agentes culturais do município.

De forma sintética, o SNC rege que cada município organizará seu respectivo sistema de cultura em leis próprias. Cada um dos sistemas municipais estará integrado ao Sistema Estadual de Cultura, que por sua vez integra-se ao SNC. Com essa rede de gestão e compartilhamento, municípios, estados e federação podem celebrar acordos de cooperação federativa dentre outros mecanismos de fomento, intercâmbio, articulação e fortalecimento da cultura em inúmeras dimensões. Até o presente, 14 estados brasileiros e mais o Distrito Federal já criaram suas leis de sistema de cultura, sendo o Ceará o pioneiro, com implementação do Sistema Estadual de Cultura (SIEC) em 2006.

Desde 2020, a Secretaria da Cultura do Ceará (SECULT/CE) vem sistematicamente estimulando os governos municipais a implementarem seus sistemas de cultura, com formações para gestores municipais, publicação de materiais com orientações detalhadas e assessoria técnica. Pelo que consta no portal da SECULT/CE⁶⁶, entre setembro e dezembro de 2020 e entre maio a setembro de 2021, o órgão realizou 73 encontros mobilizando diretamente 976 participantes das gestões municipais de diversos municípios do Ceará. Maracanaú não acompanhou esse processo e, por conseguinte, não implementou seu Sistema Municipal de Cultura. Em 2023, o governo estadual reabriu o Programa de Fortalecimento do Sistema Estadual da Cultura (Pro-SIEC) e retoma os estímulos aos governos municipais com vistas à implementação de seus sistemas. O estímulo também vem da esfera nacional através da Lei Paulo Gustavo, que determina que os Estados e Municípios devem fortalecer ou implantar os sistemas de cultura para estarem aptos para a execução da referida Lei.

Ainda outro tipo de estímulo para a gestão municipal de Maracanaú vem do setor cultural da sociedade civil. Por 12 anos (2011 a 2023), o município manteve desativado o seu Conselho de Cultura, o que gerou ao longo dos anos recorrentes reivindicações de agentes culturais junto ao poder público, tanto para reativação do Conselho quanto para implementação do Sistema Municipal de Cultura como um todo. Sendo essa pauta

66 Ver nota no Portal da SECULT/CE, em <https://tinyurl.com/2f2zaw68>.

estruturante para os sujeitos da cultura, o Comitê de Cultura de Maracanaú integrou o conjunto de atores sociais que exerceram com vigor pressão popular para que esse quadro fosse revertido. Desde sua criação, em agosto de 2022, esse ponto de pauta foi incansavelmente discutido com o aparato gestor em todas as oportunidades, além de ser esse um conteúdo marcante nas linhas editoriais do Comitê, cobrando resolutividade.

Para o dramaturgo, ator e diretor teatral França de Assis, uma das referências pioneiras nas lutas pela cultura em Maracanaú, as disputas políticas no município interferiram diretamente no processo histórico da cultura. O artista contou-me em entrevista que a mobilização dos trabalhadores da cultura como enfrentamento à hegemonia dominante fez parte da história do Conselho de Cultura de Maracanaú desde sua primeira experiência, entre 2010 e 2011. Para ele, a desativação do Conselho foi resultado de uma estratégia de desmobilização do poder público:

O município de Maracanaú sempre foi muito, como eu diria... tem muito aquela questão de força política. A política praticamente sempre deu o comando das coisas. Os políticos tinham e têm o domínio e sabem como manipular alguns companheiros nossos, que infelizmente, ao longo dos anos, entraram no jogo deles, né? Então, nesse decorrer, nesse espaço que ficou aberto, nós tivemos aquela luta... que nós resolvemos peitar mesmo, encarar os desafios. Mas uma das estratégias que foram utilizadas aqui pelos políticos de Maracanaú foi exatamente tentar fazer com que os próprios artistas brigassem entre si, o que ocasionou esse branco total que a gente tem durante esses 12 anos, período no qual a maior parte dos artistas de Maracanaú ficou na margem. Inclusive durante esses 12 anos, muitas coisas que eram tradições do município de Maracanaú deixaram de acontecer (informação verbal – fragmento da entrevista com França de Assis)⁶⁷.

O entrevistado desde o final dos anos 1980 atua como agitador cultural de Maracanaú tendo criado alguns grupos artísticos e participado intensamente de movimentos pela promoção da cultura. Ele ainda foi um dos conselheiros na primeira experiência do Conselho de Cultura de Maracanaú, entre 2010 e 2011, e acompanhou de perto a mobilização para a reativação do Conselho em 2023, como integrante da Comissão Eleitoral para o processo de eleição dos conselheiros da sociedade civil. Em entrevista, França destacou reiteradamente, que as novas gerações da militância se atentassem para a legislação em vigor e a forma como o processo fosse conduzido pela gestão, para garantir os princípios democráticos e de participação efetiva de agentes culturais atuantes na cidade. Recomendação de quem atravessa gerações de lutas pela cultura em Maracanaú e considera o processo histórico como esteio de aprendizados e compartilhamentos de saber.

67 Entrevista 21, concedida por França de Assis, ator, diretor teatral, integrante da Comissão Eleitoral para reativação do Conselho de Cultura, em 27/09/2023, por telefone, com gravação em áudio e posteriormente transcrita, com aprovação do texto pelo entrevistado.

Em outubro de 2022, houve dois encontros entre a equipe da SECULT/MC e os trabalhadores da cultura da cidade, para que a Lei do Conselho Municipal fosse analisada coletivamente. Os integrantes do Comitê de Cultura, já tendo lido e feito o debate dos atos normativos antes das reuniões, levaram problematizações focadas na implementação urgente do Conselho, evidenciando as lacunas normativas da Lei atual e do Decreto, que a regulamenta a constituição do Conselho, mas não orienta a formulação do processo eleitoral no detalhe. Desse modo, as colocações do Comitê foram no sentido de garantir para o processo o eleitoral o princípio democrático, a transparência e a ampla participação popular. Os tensionamentos e divergências que eram esperados foram conduzidos de forma marcar o posicionamento crítico e propositivo, demonstrando entendimento do objeto da discussão e preparo por parte dos agentes culturais. Abaixo, o trecho final da ata elaborada pelo Comitê e compartilhada por entre os agentes culturais da cidade, com síntese dos encaminhamentos da reunião do dia 20 de outubro de 2022, entre trabalhadores da cultura e equipe da SECULT/Mc, com a presença do Secretário de Cultura, da assessoria jurídica e áreas contábil, de comunicação e planejamento:

(...) Não faz sentido isolar o(a) agente cultural em uma área específica quando ela(e) é parte de uma complexidade cultural, de uma teia de relações que conecta produtora(e)s, gestore(a)s, pesquisadore(a)a e criadore(a)s que trabalham com diferentes códigos de expressão artística. Ele(a) deve ter o direito de escolher seus/suas representantes nas mais diversas áreas da cultura, justamente porque é essa a área de sua atuação e, nesse sentido, a política de representatividade do setor cultural no universo da sociedade civil deve garantir a cada agente cultural o seu amplo direito de escolha (trecho de ata produzida pelo Comitê de Cultura de Maracanaú em 20 de outubro de 2022).

E, nesse mesmo tom, foram elencados o que se poderia chamar de itens propositivos da luta que ia adiantada:

PROPOSTAS:

1. Que seja dado a cada eleitor(a) o direito de votar em um representante de cada linguagem artística, respectivamente, de acordo com os sete assentos destinados à sociedade civil;
2. Que o processo eleitoral ocorra em um único dia;
3. Que seja formada uma comissão eleitoral paritária, com representantes do poder público e da sociedade civil, além de um ou mais membros externo(s), de preferência do Conselho Estadual de Cultura do Ceará;
4. Que o processo eleitoral seja realizado através de urna eletrônica;
5. Que seja dada ampla divulgação ao processo eleitoral, sendo contemplada ampla diversidade de territórios e sujeitos que fazem parte do tecido cultural do município de Maracanaú;
6. Que seja disparado e coordenado pela Prefeitura um processo de estímulo à inscrição da(o)s agentes culturais no Mapa Cultural de Maracanaú, bem como que seja fomentado um processo de formação dessas pessoas quanto à importância dessa plataforma, seu funcionamento e sua conectividade com as políticas públicas de cultura em âmbito municipal, estadual e federal;

7. Que seja realizado um fórum municipal de cultura para que as pessoas interessadas em se candidatar ao conselho possam se apresentar, bem como as suas propostas;

8. A prefeitura deve garantir que o edital que regulamenta o processo eleitoral deve ficar um período disponível para consulta pública antes de se dar como definitivo, para que seja possível considerar as observações da(o)s agentes culturais e da sociedade civil organizada.

(trecho de ata produzida pelo Comitê de Cultura de Maracanaú em 20 de outubro de 2022).

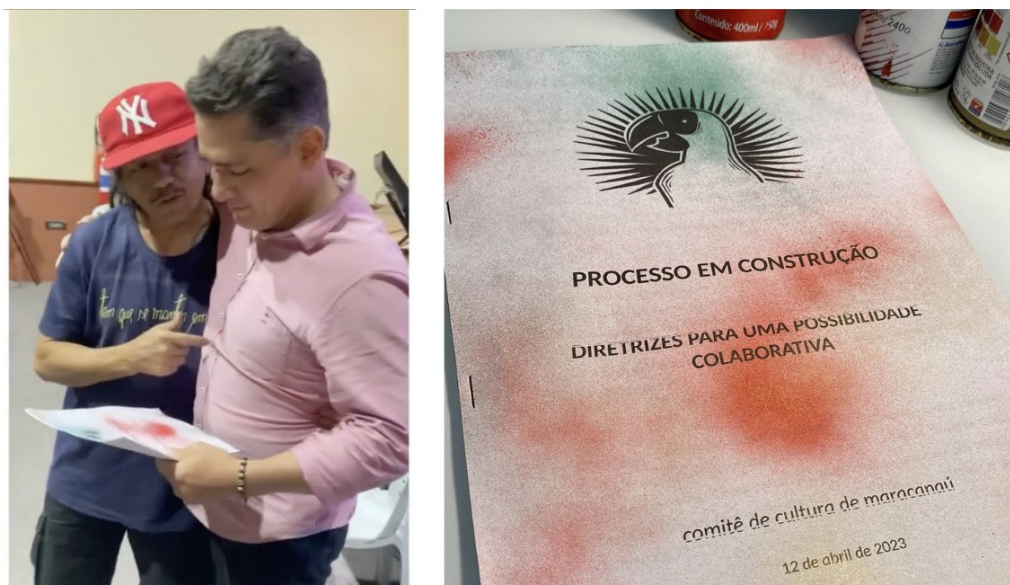
Depois desse acalorado debate, houve um hiato de cerca de seis meses em que a gestão municipal não demonstrou sinal algum de avanço no processo de reativação do Conselho, ainda que as cobranças do setor cultural se mantiveram por todo esse período, além de denúncias formalizadas junto ao Ministério Público, à imprensa cearense e articulações com quadros progressistas no legislativo estadual, buscando ampliar as bases e fortalecer a crítica. Somente em abril, com a implementação da Lei Paulo Gustavo, a SECULT/Mc voltou a convocar o setor cultural para debater a reativação do Conselho e outras pautas pendentes. Houve uma convocatória do órgão para que no dia 12 de abril agentes culturais da cidade se fizessem presentes numa reunião divulgada como “Fala & Escuta” e embalada com um novo tom no discurso institucional, que aparentava uma disposição para, finalmente, ouvir os trabalhadores da cultura de Maracanaú e criar um “novo tempo para as políticas culturais em Maracanaú”, expressão usada com frequência pelos gestores e consultores naquele momento. Seria o efeito da pressão popular? Seria a influência da SECULT/CE com seu direcionamento para a implementação do Sistema Municipal de Cultura? Seria o advento da Lei Paulo Gustavo que impunha em seu texto a participação da sociedade civil como elemento obrigatório para a gestão local aderir ao mecanismo e receber o recurso?

Nas reflexões coletivas dos agentes culturais, ao que pareceu, todos esses elementos interferiram, cada qual ao seu modo e intensidade. O mais importante naquele momento era ocupar aquele espaço de fala e reivindicar junto à gestão o avanço na resolutividade acerca das pautas da cultura, já tão sedimentadas pela sociedade civil e tantas vezes demandadas ao aparato gestor.

O Comitê de Cultura de Maracanaú organizou um documento com 33 ementas de programas para serem elaborados como política pública de cultura no município. Nos últimos meses, havia uma série de debates entre os trabalhadores da cultura sobre como seria o Plano Municipal de Cultura da cidade. Dentro disso, vinha-se estudando os processos de constituição de Planos de Cultura em outros municípios, como Itapipoca e Pacatuba, e portanto já se tinha algumas diretrizes apontadas. Quando foi anunciado esse encontro “Fala & Escuta”, o Comitê de Cultura tratou de mobilizar um processo colaborativo para construção

do que seria o embrião do Plano de Cultura de Maracanaú e durante o evento um dos artistas da cidade, o mestre da cultura urbana JR Metal, entregou oficialmente o documento nas mãos do Secretário Municipal de Cultura e Turismo, que se comprometeu em analisar e se dedicar para colocar em prática, como se pode ver na Figura 10:

Figura 10 – Artista JR Metal entregando ao gestor o documento colaborativo com o embrião do Plano Municipal de Cultura



Fonte: acervo do autor

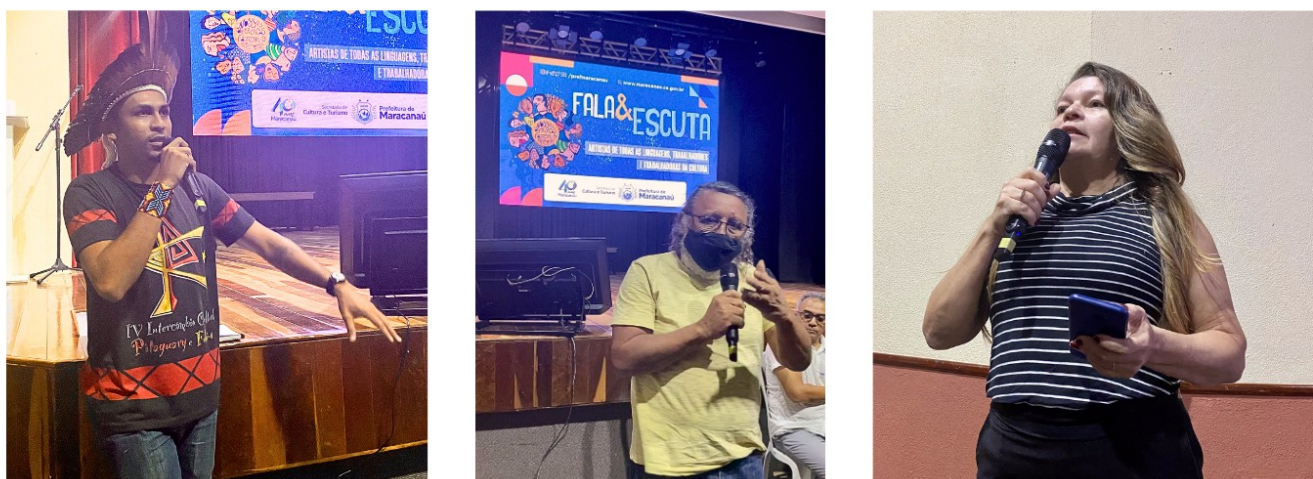
Ao longo do encontro, destacaram-se muitas falas de agentes culturais recontando uma história, enfrentando o silenciamento e afirmando que uma outra gestão cultural é possível e necessária (Figuras 11 e 12, à página 166). Construção coletiva, movida pela crítica e pelas proposições. Um contraponto histórico a uma gestão não muito inclinada a promover o diálogo sobre a cultura na cidade. Uma espécie de observatório das ausências, espelho da falta de escuta recorrente, por décadas. Uma verdadeira aula aberta, reconhecimento de pares, fortalecimento do *nós por nós*. Aprendizado amplo e sincero.

Figura 11 – Momentos de fala de diversos agentes culturais de Maracanaú durante o evento



Fonte: Acervo do autor

Figura 12 – Momentos de fala de diversos agentes culturais de Maracanaú durante o evento



Fonte: Acervo do autor

Cinco dias depois, dia 17 de abril de 2023, houve um novo encontro no Teatro Municipal, dessa vez para se tratar especificamente do Conselho Municipal de Cultura de Maracanaú. Em plenária geral da categoria com cerca de 80 trabalhadores da cultura de Maracanaú, debateu-se e foi deflagrada a necessidade de se criar uma Comissão Eleitoral para elaboração do regulamento de processo eleitoral do Conselho. Em instantes, foi disparado um processo eminentemente colaborativo em que se definiu a comissão. Foram indicadas quatro pessoas da sociedade civil para comporem o Conselho e mais quatro pessoas representantes do poder público municipal, que seriam indicadas pela SECULT/Mc.

Também houve uma série de debates em fóruns específicos de linguagens artísticas (artes cênicas, literatura, música, artes plásticas e de forma, artes visuais, produção e gestão cultural e patrimônio histórico-cultural, material e imaterial), com o objetivo de que cada

fórum indicasse duas pessoas que se dispusessem a participar do processo eleitoral como candidatos a conselheiros pela sociedade civil. Desse modo, a plenária final terminou com a definição de 14 agentes culturais de Maracanaú indicada(o)s democraticamente para composição do Conselho, contemplando as sete áreas de linguagens artísticas previstas na Lei do Conselho. Um importante passo a mais na direção da reativação do Conselho Municipal de Cultura de Maracanaú (Figura 13, página 167).

Figura 13 – Cena final da plenária geral da cultura, em 14/04/2023.



Fonte: Acervo do autor

Os representantes da sociedade civil que formaram a comissão eleitoral foram: Nívia Marques Monteiro (professora e sindicalista), Carla Elke Lopes da Silva (artesã Pitaguary), Francisco de Assis Silva (ator, diretor teatral), e MC Querubim (rapper e compositor). A comissão trabalhou por cinco meses na elaboração do processo eleitoral, fazendo a mediação entre os agentes culturais e a SECULT/Mc. Coube à comissão também a preparação do edital com as orientações para formalização das candidaturas, bem como a organização do dia da votação.

O período ainda foi marcado pelas plenárias específicas da Lei Paulo Gustavo, que geraram na cidade uma mobilização da cena cultural em função do processo de definição dos Planos de Trabalho com a organização das categorias e distribuição dos recursos concernentes aos dois editais previstos na Lei (o específico para audiovisual e o para as demais linguagens).

Esse processo foi um importante exercício para o pensamento coletivo e o aprimoramento do censo de resolutividade, visto que o que se definiu nas plenárias foi encaminhado para os Planos de Trabalho e contemplado na elaboração dos editais.

Tanto no caso dos editais da Lei Paulo Gustavo quanto no caso do edital para o processo eleitoral do Conselho de Cultura, os agentes culturais fizeram questão de que houvesse um período de consulta pública antes do lançamento de cada edital, para que os sujeitos pudessem avaliar os atos normativos, fazer suas críticas e sugestões e, depois desse tempo de consulta pública, as equipes técnicas avaliariam as indicações da cena cultural e atualizaram os documentos. Só então que seriam publicados e disponibilizados para as execuções. E assim se procedeu, de maneira inédita na história da gestão municipal da cultura em Maracanaú.

Com o processo eleitoral em curso e reativação do Conselho Municipal de Cultura se aproximando, o Comitê de Cultura de Maracanaú tratou de estimular alguns agentes culturais a criarem suas candidaturas, colaborando na composição do pensamento e das articulações para ampliarem as chances de serem eleitos conselheiros de fato ligados às lutas pela promoção da cultura em Maracanaú. A memória coletiva que se tem da primeira experiência do Conselho de Cultura de Maracanaú (2009 a 2011) aponta para o fato de que a maioria dos conselheiros representantes da sociedade civil que foram eleitos não tinha qualquer relação com o setor cultural e estavam ocupando os assentos do Conselho de Cultura para responderem aos interesses do governo municipal.

Na intenção de disparar um processo de tornar públicas as candidaturas para os assentos da sociedade civil que vão compor o Conselho, foi organizada uma série de encontros para que cada candidato pudesse se apresentar para o eleitorado e apresentar suas propostas, sua trajetória. Nesse sentido, foi formatado o *Ciclo de Debates Eleitorais* para promover esses encontros de reflexão coletiva e formação de opinião crítica que orientasse o voto de cada agente cultural de Maracanaú. Em cada dia, dois ou três candidatos puderam falar de si e de suas propostas para o Conselho, com mediação de pessoas da cultura (tanto de Maracanaú, quanto de outros municípios).

Com viés educativo, uma vez que estimula a formação de consciência crítica, o *Ciclo de Debates Eleitorais* foi realizado entre 21 a 25 de agosto de 2023, em formato virtual, com ampla participação do público e as *lives* ficaram gravadas⁶⁸, para consulta a qualquer tempo, por qualquer pessoa, ampliando o acesso do material gerado. Ao todo⁶⁹, foram cinco *lives*

68 O Ciclo de Debates Eleitorais para o Conselho de Cultura de Maracanaú pode ser acessado pelo link youtube.com/tembiu/maracanau.

69 A relação dos candidatos e mediadores participantes pode ser acessada em <http://tiny.cc/90tdvz>.

envolvendo 13 candidatos ao Conselho e nove mediadores. Para abertura do *Ciclo de Debates Eleitorais*, dia 16 de abril, foi convidada a Coordenadora do Escritório Estadual do Ministério da Cultura no Ceará, Andrea Vasconcelos, que até o mês anterior havia sido vice-presidenta do Conselho Estadual de Políticas Culturais do Ceará e pôde contribuir na compreensão geral do que se tratava esse processo local no contexto nacional de políticas públicas de cultura, promoção da democracia e participação popular no fortalecimento do Sistema Nacional de Cultura.

Acompanhou o *Ciclo de Debates Eleitorais* uma série de publicações no Instagram do Comitê de Cultura de Maracanaú apresentando o perfil de candidatos para o Conselho de Cultura (Figura 14), através da qual se destacou a trajetória de cada sujeito e sua relação com a cidade e com o ofício de trabalhar na cultura. Essa série provocou um significativo engajamento naquela rede, pois o público acessava os posts, interagiu com os candidatos e mobilizava suas respectivas redes para acessar esse conteúdo. Com isso, a comunicação digital a partir dessa rede social foi um dispositivo que reforçou a participação de agentes culturais no debate político e contribuiu para o esclarecimento das pessoas. Abaixo os cartazes digitais (*cards*) da série mencionada:

Figura 14 – Série de cartazes digitais para promoção dos nomes das candidatas ao Conselho



Fonte: Acervo do autor

A eleição foi realizada dia 02 de setembro de 2023, na sede da SECULT/Mc, sendo disponibilizada quatro urnas eletrônicas para a votação (Figura 15, página 170). Todo o processo de votação foi acompanhado pela Comissão Eleitoral definida em plenária. Pelo que

consta em ata lavrada por essa Comissão, ao todo 159 eleitores compareceram à votação, que se estendeu por nove horas (8h às 17h). Foram consideradas pessoas aptas a votar aquelas que estão cadastradas no Mapa Cultural de Maracanaú, que residem no município e possam comprovar sua atuação no setor cultural por no mínimo dois anos.

Figura 15 – Momentos da votação no dia da eleição do Conselho de Cultura



Fonte: arquivo do autor

As sete pessoas eleitas para o Conselho como titulares integram as movimentações do Comitê de Cultura de Maracanaú, sendo que três delas estavam naquele encontro seminal no quintal da Maloka. Todos os eleitos como representantes da sociedade civil foram:

- Artes Cênicas:
 - Tati Valente (titular) – 54 votos 33,96%
 - Danilo Fernandes (suplente) – 47 votos 29,56%
- Artes Visuais:
 - Ankh (titular) – 74 votos 46,54%
 - Jefferson Gonçalves (suplente) – 51 votos 32,08%
- Artes Plásticas e de Forma:
 - Virgínia Ramos (titular) – 71 votos 44,65%
 - Ricardo Fernandes (suplente) – 46 votos 28,93%
- Literatura:
 - Edna Martiniano (titular) – 82 votos 51,57%
 - Ivan Sobreira (suplente) – 59 votos 37,11%

- **Produção e Gestão Cultural:**
Aline Cavalcante (titular) – 84 votos 45,16%
Neto Holanda (suplente) – 56 votos 30,11%
- **Música:**
Lê Anderson (titular) – 54 votos 33,96%
Netinho Mariano (suplente) – 51 votos 32,08%
- **Patrimônio Histórico e Cultural Material e Imaterial:**
Paulo Sérgio Pitaguary (titular) – 77 votos 48,43%
Clésia Maria (suplente) – 57 votos 35,85%

A seguir o depoimento do artista e ex-Conselheiro de Cultura França de Assis, sobre o processo de reativação do Conselho de Cultura de Maracanaú:

Eu achei tão legal porque houve uma seriedade maior em cima dessa questão da eleição. Antes se fazia como se fazia em todas as associações aqui em Maracanaú, o fulano estava lá e “levanta, vamos contar com o dedo e tal”. Não! Foi negócio organizado, foi bonito. Eu já comecei a sentir a diferença aí, no processo eleitoral. Foi muito discutido, a gente debateu muito. A gente se reunia e sempre passava as coisas. Foi muito legal, porque houve diálogo.
A grande diferença também... Tenho que falar do pessoal que representou o governo municipal. Foram pessoas também que tiveram aquela possibilidade de conversar e a gente se entender, respeitar o pensamento e buscar uma solução, um ponto em comum com o outro, quando havia alguma divergência. E mostrando: “olha, poderia fazer assim”. E quando necessário ir atrás do jurídico... Enfim, é essa coisa que eu acho que seria interessante ressaltar no seu trabalho (informação verbal – fragmento da entrevista com França de Assis)⁷⁰.

Trata-se de um depoimento simbólico e ao mesmo tempo absolutamente concreto, porque vem de um sujeito do campo que tem acumulada a experiência de ter vivido a realidade do Conselho de Cultura há 12 anos, de ter lutado para sua reativação e de ter estado diretamente envolvido no processo que se faz no presente a nova realidade. Ele ainda reconhece um novo indicador em parte da equipe da gestão municipal, como disponível ao diálogo e à construção dessa etapa do processo em companhia de os agentes culturais.

Para Aline Cavalcante, uma das conselheiras eleitas, a reativação do Conselho é resultado diversas lutas históricas pela cultura na cidade e “2023 se torna um marco e uma marca no movimento cultural da cidade e a eleição e posse do Conselho é fruto de muita energia, muita luta” (informação verbal – fragmento da entrevista com Aline Cavalcante)⁷¹.

⁷⁰ Entrevista 21, concedida por França de Assis, ator, diretor teatral, integrante da Comissão Eleitoral para reativação do Conselho de Cultura, em 27/09/2023, por telefone, com gravação em áudio e posteriormente transcrita, com aprovação do texto pelo entrevistado.

⁷¹ Entrevista 28, concedida por Aline Cavalcante, dançarina folclórica, coordenadora na Cia. Dança de Raiz, Conselheira de Cultura de Maracanaú, em 30/10/2023. Depoimento recebido em texto, por *WhatsApp* e

Para ela, todas as conselheiras e conselheiros, eleitos representantes da sociedade civil ou indicados pelo poder público, têm o compromisso que “vai além da articulação, formação, participação, controle e construção das políticas públicas de nosso município” (*idem*); e completa: “temos de permanecer super-sensíveis, de olhos abertos aos fazedores de Cultura, nossa arte viva, sempre pautados com muito diálogo, respeito, democracia e de forma ascendente” (*idem*). Reativar o Conselho, de fato, tem a ver com ouvir os sujeitos da cultura, dialogar com eles e construir políticas culturais que façam sentido para eles e para a cidade como um todo.

Paulo Sérgio Pitaguary, também conselheiro eleito, se orgulha de ter sido escolhido para integrar o Conselho de Cultura de Maracanaú pois para ele essa conquista fortalece a luta enquanto povo indígena e também pode contribuir para a cidade como um todo. Nas palavras dele:

Estou dando continuidade à resistência dos meus antepassados que viveram em um outro contexto, agora me utilizando de ferramentas que os meus Troncos Velhos nunca tiveram acesso. Quero ser esse canal para o meu povo e tantos outros maracanauenses que veem com esperança essa nova gestão do Conselho de Cultura. Que os nossos Encantados, nossos seres de luz me guiem com sabedoria pelos caminhos que trilharei daqui por diante (informação verbal – fragmento da entrevista com Paulo Sérgio Pitaguary)⁷².

São múltiplos os códigos e sistemas de significados que coadunam em um processo histórico e democrático como esse da reativação do Conselho de Cultura de Maracanaú. Ter nessa formação a representação de uma população ancestral é significativo e diz muito sobre retomada do espaço de produção de discurso e para atuação social.

Faz-se oportuno destacar a sintonia entre essa movimentação em torno da reativação do Conselho de Cultura de Maracanaú com as diretrizes da política cultural orientada nas instâncias federal e estadual, através da construção que vem sendo feita pelo Ministério da Cultura e da Secretaria da Cultura do Ceará, respectivamente.

A partir de 2003, com Gilberto Gil à frente do Ministério da Cultura (MinC), tem início, segundo Alexandre Barbalho (2022), um processo único de politização do campo cultural a partir de dois movimentos principais. Para ele, “O primeiro refere-se à crescente incorporação, desde aquele ano, de setores da sociedade civil e suas agendas anteriormente pouco ou nada contemplados pelas políticas públicas de cultura, como, por exemplo,

posteriormente revisado, com aprovação do texto pela entrevistada.

72 Entrevista 22 – concedida por Paulo Sérgio Pitaguary, diretor do Instituto Asas & Raízes Pitaguary, agricultor, ativista socioambiental no Território Ancestral e conselheiro de cultura de Maracanaú, em 20/01/2023. Depoimento recebido em texto, por *WhatsApp* e posteriormente revisado, com aprovação do texto pelo entrevistado.

movimentos LGBTQIA+, negros, feministas, indígenas e das culturas populares” (BARBALHO, 2022, p. 226). Com a institucionalização das agendas culturais de movimentos populares, o governo passa a trabalhar políticas para o campo cultural com um novo repertório, que contempla os sentidos compartilhados pelos setores sociais que compõem a malha cultural. Desse modo, as políticas culturais passam a dialogar mais sensivelmente e comprometidas com a dinâmica dos sujeitos, territórios e pautas inerentes à cultura.

O segundo movimento, ainda pelo que nos diz Barbalho (*idem*) trata da linguagem trazida do campo político por agentes do campo cultural: “mecanismos, valores, repertórios e controvérsias tais como ‘eleição’, ‘representação’, ‘deliberação’, ‘participação’, ‘consulta pública’, ‘democracia direta’, ‘plebiscito’ etc., que passaram a circular no circuito interno ao campo constituindo uma nova *doxa*” (*idem*).

Essa mudança de cultura da política passou a interferir na construção de uma nova perspectiva de política de cultura no país, que vem marcando as tendências nacionais desde os anos 2000. A partir da instituição, pelo MinC, desse novo paradigma de pensamento e gestão cultural, pôde-se acompanhar a capilaridade desse novo modelo de se pensar e construir política cultural nos diversos horizontes do território nacional, caracterizado pela participação da sociedade civil através de dispositivos oficiais e institucionais e pela “distribuição do poder público e do uso legítimo dos recursos políticos daí advindos, incluindo o de promulgar atos de Estado que pretendem exercer efeitos sobre a sociedade, como é o caso dos diversos programas, ações e editais lançados pelo Ministério” (*idem*, p. 227).

Para o pesquisador baiano especialista em políticas culturais, Albino Rubim (2007), uma marca que destaca o legado do ministro Gilberto Gil na política cultural brasileira transparece em seus discursos sobre o novo paradigma da política cultural, nos quais o gestor-artista reivindicava um conceito de cultura mais alargado, dito “antropológico”, como nova escolha para ser adotada pelo Ministério. Para Rubim (*idem*), essa nova forma de pensar a política para o setor fomenta a ação dos agentes culturais (artistas, produtores, técnicos...), mas para além disso, oferece à sociedade brasileira acesso mais amplificado e diverso da própria cultura brasileira em sua multiplicidade. Um outro ponto que destaca Rubim na gestão Gil é a “retomada do papel ativo do Estado nas políticas culturais. O desafio de construir políticas culturais em um regime democrático (...) será enfrentado em plenitude. Gil irá assumir de modo perspicaz que [nos dizeres do próprio ministro] ‘formular políticas culturais é fazer cultura’” (RUBIM, 2007, p. 29). Essa perspectiva de politização do campo cultural, assim como esse viés antropológico que começa a marcar as diretrizes das políticas culturais no Brasil a partir dos anos 2000, ofereceu para o Sistema Nacional de Cultura (SNC), iniciado

em 2003 e ainda em curso, um caráter democrático e que garante, de forma sistemática, a participação da sociedade civil na construção das diretrizes da política cultural no país, especialmente nos processos de construção do Plano Nacional de Cultura e da I Conferência Nacional de Cultura, ambos em 2005. Para Barbalho (2022):

o SNC é um instrumento que objetiva estabelecer, em conjunto com a sociedade um sistema federativo de políticas públicas específico para a cultura, integrando as esferas federal, estaduais e municipais e que exige, dos entes que aderirem ao Sistema, a criação de mecanismos mínimos para o seu funcionamento (órgão gestor, conselho, plano e fundo de cultura). (...) Ocorreu uma ampla identidade dos agentes com esse instrumento por sua capacidade de articular a seu favor diferentes posições político-culturais em torno de valores como “participação”, “cidadania” e “democracia” (BARBALHO, 2022, p. 235-236).

Com o advento do SNC (e seus congêneres estaduais e municipais), as políticas culturais no Brasil começaram a ser institucionalizadas como políticas de Estado e não somente de governo. Esse paradigma de gestão, segundo o antropólogo Márcio Meira (2007), que liderou a Secretaria de Articulação Institucional do MinC na primeira gestão de Gil (2003-2006) e a realização da I Conferência Nacional de Cultura, representou, na esfera da gestão pública federal de cultura, o reconhecimento da “participação direta da sociedade para a formulação de políticas públicas e a formação e a consolidação de uma política cultural democrática” (MEIRA, 2007, p. XIV).

A institucionalização desse paradigma como política de Estado é tal, que mesmo depois do impedimento da presidenta Dilma Rousseff continuar na presidência da República, em 2016, identificou-se um “razoável consenso em torno do SNC entre os gestores públicos estaduais e municipais e agentes do campo cultural em todo o país” (BARBALHO, 2022, p. 236).

No Ceará, o reflexo desse processo transformador foi nítido. O governo do Estado aderiu ao esforço federalista estabelecido no MinC e em 2006 instituiu o SIEC – Sistema Estadual de Cultura (Lei 13.811/2006), primeiro sistema estadual a ser implantado no país. Com o SIEC, e em sintonia com as diretrizes da política nacional, o governo cearense sancionou essa nova legislação para o financiamento à cultura no Estado, que atualizou a Lei Jereissati, instituída em 1995 e responsável pela criação do Fundo Estadual de Cultura e do mecenato cultural, mecanismo de apoio a projetos culturais via dedução fiscal do ICMS recolhido por empresas cearenses.

Para a gestora cultural cearense e pesquisadora de políticas culturais Rachel Gadelha (2014), houve a partir do SIEC uma democratização do acesso às políticas culturais no Ceará, o que refletiu princípios como o da diversidade cultural e da inclusão. Na visão da gestora,

Além de ter como um de seus objetivos a integração ao Sistema Nacional de Cultura, o novo mecanismo traz em sua essência a ampliação da noção de cultura, englobando conceitos como diversidade e pluralismo, cidadania cultural, inclusão social, acessibilidade e participação da sociedade, dentre outros. Prevê ainda a realização de editais por parte do poder público a ser financiado, com recursos do Fundo Estadual de Cultura e como instrumento para assegurar a nova política de acesso democrático de toda a sociedade aos investimentos governamentais (GADELHA, 2014. p. 47).

Além da democratização do acesso e da promoção da diversidade cultural, como princípios de gestão pública para o setor, outro elemento para se compreender a evolução da política pública de cultura no Ceará a partir do SIEC é a continuidade no projeto político em meio à sucessão dos grupos que assumiram o governo do Estado. Desde a criação do SIEC, em 2006, o governo cearense garantiu na Secretaria da Cultura do Ceará (SECULT-CE) a manutenção das diretrizes de gestão, que foi se conservando em uma orientação marcada pelo incrementalismo, ou seja, pela continuidade e certa estabilidade na condução dos trabalhos.

No pensamento do economista e diretor do Instituto de Estudos Sociais e Políticos de Yale, Charles Lindblom (2000), “a política pública não se faz de uma vez por todas; se faz e refaz sem cessar. A elaboração de políticas públicas é um processo de aproximações sucessivas a alguns objetivos desejados, que também vão mudando à luz de novas considerações” (LINDBLOM, 2000, p. 219). No caso do SIEC, esse processo “sem sair do passo”, como diz Lindblom, orientou um esforço para aprimoramento do sistema, sua capilaridade nos municípios cearenses e a consolidação do alinhamento com a política nacional do MinC.

Recentemente, com a retomada do Ministério da Cultura, a orientação que vem sendo observada na comunicação institucional do MinC e em suas práticas executadas a partir de março de 2023, é reposicionar a cultura neste momento de reconstrução da democracia do país, considerando-a parte elementar no trabalho pela formação cidadã e promoção da autonomia nas pessoas. Em janeiro de 2023, ouvi a fala da Secretária Nacional dos Comitês de Cultura Roberta Martins em um seminário aqui no Ceará, e na ocasião ela disse que “é com a cultura que a sociedade faz o enfrentamento à subalternidade. A cultura deve estar na centralidade da reconstrução do Brasil” (informação verbal – fragmento de fala pública em seminário)⁷³. A fala de Martins indicou também que, nessa perspectiva formativa, a cultura deve ser tratada como uma dimensão que garanta a transversalidade entre as políticas

73 Fala pública de Roberta Martins, Secretária Nacional dos Comitês de Cultura, durante o Seminário “O Brasil vai renascer com o MinC e com a Cultura Brasileira”, em 27 de janeiro de 2023, em Fortaleza, no Ceará. Fala gravada em áudio e posteriormente transcrita pelo autor. Roberta Martins está à frente da secretaria responsável pela descentralização das políticas de cultura no país através da implementação de Comitês de Cultura em todos os estados brasileiros.

públicas, principalmente entre o Ministério da Cultura atual e do Ministério da Educação. Para a gestora, o Governo Federal tem como foco central o fortalecimento do Sistema Nacional de Cultura e, através dele, fortalecer relações. Segundo ela:

A gente quer estabelecer a cultura como parte integrante da formação humana, da formação cidadã das pessoas nesse país. Isso tem que ser sempre repetido e é fundamental. Estamos falando aí de formação para a autonomia das pessoas, para que as pessoas consigam estabelecer relações que não as submetam a uma subalternidade, que é uma subalternidade também é fruto de uma falta de investimento cultural.

São muitos dos espaços de estabelecer relações com a cultura e esses todos os espaços, essa multiplicidade de lugares, como os teatros, os bailes funk, os terreiros, o trio elétrico [dentre muitos outros], é que a gente tem que afirmar também a possibilidade de enxergar que esta coisa que a gente está construindo, fortalecendo o Ministério, fortalecendo o Sistema Nacional de Cultura, ela é, na verdade, fortalecer relações e possibilidades de que as pessoas exerçam suas práticas culturais e que outras pessoas vivam das suas práticas culturais, outras se divirtam com as suas práticas culturais. Enfim, a cultura se expressa de várias formas para cidadãos (*idem*)

No mesmo seminário, pude ouvir a fala da Secretária da Cultura do Ceará, Luisa Cela, que também evidenciou a importância de fortalecer o Sistema Nacional de Cultura a partir das mobilizações nos estados e municípios. Para ela, o processo de implementação da Lei Aldir Blanc foi um exercício para sociedade civil e para a sociedade política compreenderem sobre a construção colaborativa das políticas públicas em cultura.

O campo da cultura teve uma experiência muito interessante no sentido de aprofundamento da compreensão sobre construção das políticas públicas com exercício da Lei Aldir Blanc e que, inclusive esse exercício de mobilização de construção da Lei Aldir Blanc, inspira o pensamento sobre os Comitês de Cultura no país. Essa estrutura de mobilização em todos os municípios e em todos os estados – em um contexto onde nós estávamos todos impedidos de circular – e a força que isso se construiu numa mobilização e numa conquista importantíssima para o nosso Brasil fez se perceber de que sim, nós temos uma força que nós mesmos não conseguimos dimensionar o seu tamanho (informação verbal – fragmento de fala pública em seminário)⁷⁴.

A fala da gestora ainda destacou que essa aproximação entre campo cultural e suas políticas, inclusive com o parlamento e suas diversas tendências políticas, contribui para ampliar o diálogo e para se romper “essas barreiras e esses espaços, caso contrário a gente de fato terá mais dificuldade. Não vamos querer ter conquistas? Então vamos ter que dialogar sim com aqueles que são diferentes de nós. Inclusive, para trazê-los para a compreensão do debate” (*idem*).

74 Fala pública de Luisa Cela, Secretária da Cultura do Ceará, durante o Seminário “O Brasil vai renascer com o MinC e com a Cultura Brasileira”, em 27 de janeiro de 2023, em Fortaleza, no Ceará. Fala gravada em áudio e posteriormente transcrita pelo autor.

Essa aproximação entre antagônicos se faz elementar no trabalho político de articulação e efetivação de políticas públicas, porque elas precisam refletir os anseios da população. Como se pode observar na fala da artista visual Ankh, o Comitê de Cultura de Maracanaú, a partir da movimentação das pessoas que estão ao seu redor, busca fazer essa mediação e envolver os agentes culturais nesse posicionamento coletivo de reivindicações:

O Comitê tem vida própria, uma rede engajada que se percebe e saúda seus integrantes, além de realizar suas atividades internas, faz as cobranças à gestão e mobiliza os agentes a participarem dessas atividades e dos momentos de disputa de discurso com poder público. Nesse tom, foi e ainda é de suma importância ter o Comitê instigando este processo de reativação do Conselho de Cultura, onde estamos próximos da cerimônia de posse e início de mais uma bateria de trabalhos em relação a cultura local e seus desdobramentos (informação verbal – fragmento da entrevista com Ankh)⁷⁵.

A posse do Conselho de Cultura foi oficializada durante a *IV Conferência Municipal de Cultura de Maracanaú*, realizada dia 17 de outubro de 2023, no Teatro Municipal (Figura 16, à página 178). Esse evento integra o calendário da *IV Conferência Nacional de Cultura*, do Ministério da Cultura, a ser realizada em março de 2024. Até lá acontecem as conferências municipais e estaduais, como processo mais amplo de diálogo entre agentes culturais da sociedade civil e gestores do poder público, tendo em vista a afirmação democrática e de apontamentos para a construção de políticas públicas na área. Com o tema “Democracia e Direito à Cultura”, a Conferência Nacional debate a cultura como um dos elementos constitutivos da própria democracia e a (re)afirmação da cultura como um direito universal. Em Maracanaú, a Conferência Municipal foi uma oportunidade de afirmar direitos sociais e políticos, fundamentais para o fortalecimento da cultura democrática, além do desejo e a urgência de transformar o modelo de fazer a gestão pública de cultura na cidade.

75 Entrevista 15 – concedida por Maria Angélica (Ankh), artista visual, educadora social, produtora cultural e conselheira de cultura de Maracanaú, em 20/01/2023. Depoimento recebido em texto, por *WhatsApp* e posteriormente revisado, com aprovação do texto pela entrevistada.

Figura 16 – Momento da Posse de Conselheiras e Conselheiros de Cultura titulares e suplentes, representantes da sociedade civil, 17 de outubro de 2023.



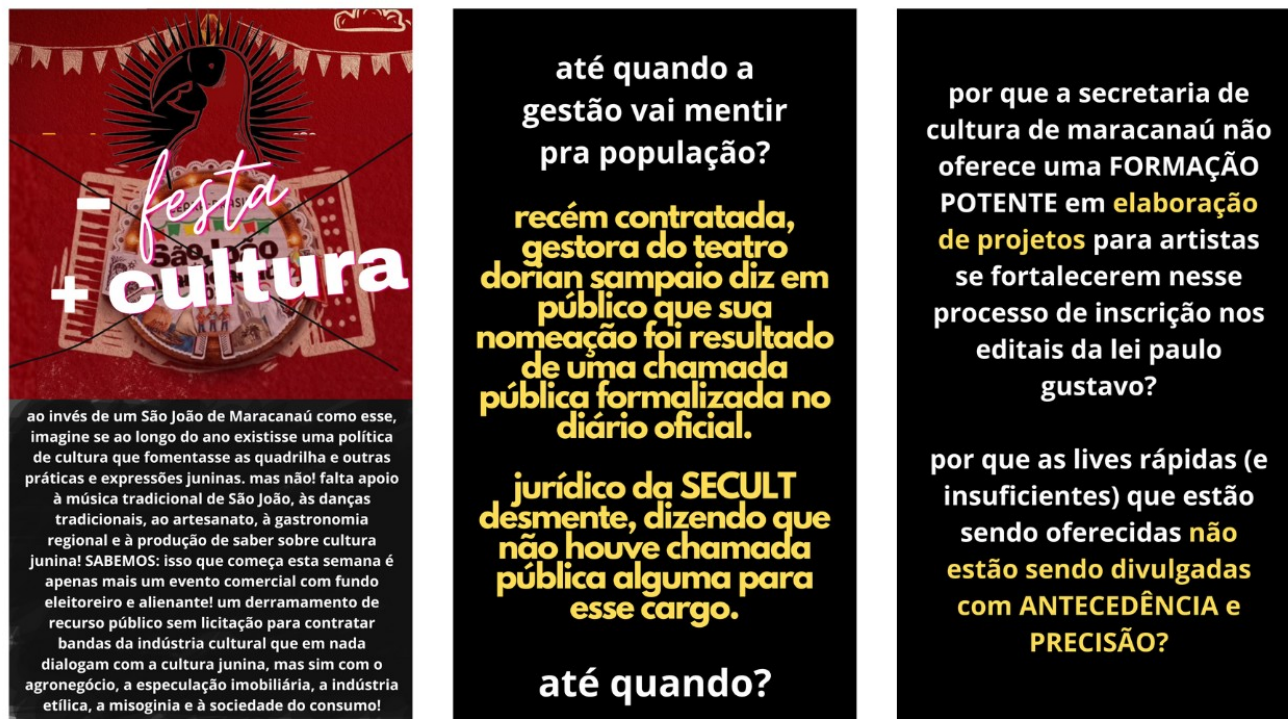
Fonte: arquivo do autor

Foi nesse contexto em que o Conselho de Cultura de Maracanaú foi reativado com seus conselheiros empossados, em uma plenária geral da cultura na cidade, tornando público o compromisso da gestão municipal em consolidar o diálogo com a sociedade civil e garantir o viés democrático e a transparência na condução das políticas públicas de cultura em Maracanaú, com a participação social de agentes culturais nesse processo.

e) Quando o incidente não é mero acidente: da comunicação afrontosa

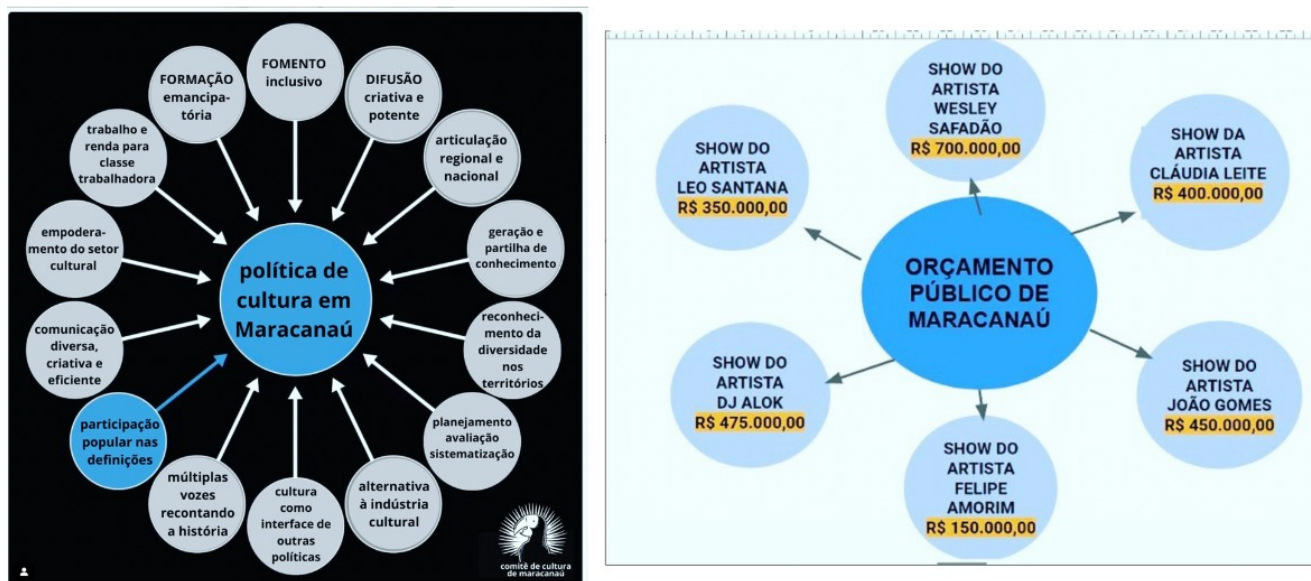
A partir do que Nancy Fraser (2022) propõe enquanto “arenas discursivas paralelas” ou, no termo original, “subaltern counter-publics”, o Comitê de Cultura de Maracanaú criou uma linha editorial para seu perfil no Instagram assumindo um discurso de enfrentamento à classe dominante, ao mesmo tempo que gera e difunde reflexões críticas sobre a organização da cultura na cidade. Ao passo que essa comunicação promove uma contestação discursiva, traz à tona as identidades e posicionamentos afrontosos que fazem ecoar a polifonia dissonante, produzida por sujeitos que estão ausentes das narrativas oficiais. Ao mesmo tempo, essa criação denuncia as limitações do aparato gestor e da própria esfera pública, uma vez que não garantem nem o direito desses públicos participarem efetivamente do debate político, nem tampouco realizam a política a contento desses públicos. A seguir alguns exemplos de publicações nessa perspectiva podem ser vistos nas figuras 17, 18 e 19, páginas 179 e 180:

Figura 17 – Críticas diretas sobre o desajuste entre as demandas dos trabalhadores da cultura de Maracanaú e o que é oferecido pelo aparato gestor



Fonte: instagram do Comitê de Cultura de Maracanaú⁷⁶

Figura 18 – Duas produções sobre a política cultural: uma delas expressando um registro do que é desejado pelo setor cultural (à esquerda); e outra um tipo de denúncia sobre o investimento do orçamento municipal em grandes cachês e eventos de entretenimento (à direita). Ambas construídas a partir da ironia em analogia ao chamado *caso do powerpoint*.



Fonte: instagram do Comitê de Cultura de Maracanaú⁷⁷

⁷⁶ [instagram.com/comitedeculturademaracanau](https://www.instagram.com/comitedeculturademaracanau)

⁷⁷ [instagram.com/comitedeculturademaracanau](https://www.instagram.com/comitedeculturademaracanau)

Figura 19 – Crítica elaborada a partir dos valores de cachês oferecidos para shows de famosos no evento *São João de Maracanaú*, enquanto se identificava parcos investimentos na produção cultural do próprio município. O Comitê elaborou um estudo com indicativos hipotéticos sobre como seria possível uma outra forma de investimento com esse recurso, tendo em vista a promoção da cultura na cidade.

sobre os cachês milionários do são joão de maracanaú



Só com o cachê do Wesley Safadão (700 mil reais) daria pra gente ativar em Maracanaú um mecanismo de **Fomento ao Audiovisual**, estimulando realizadores a produzirem, pelo menos 10 curtas-metragens de 70 mil reais cada.

Ou ainda seria possível pagar melhor: 175.000 reais para aquisição e manutenção de equipamentos de 4 produtoras de audiovisual da cidade, que ao receberem esse recurso, poderiam se comprometer a produzir diversos vídeos promocionais de artistas de Maracanaú ao longo do ano.

sobre os cachês milionários do são joão de maracanaú



Só com o cachê da Taty Girl (150 mil reais) daria pra gente oferecer 15.000 reais para 10 grupos culturais de expressão das negritudes (hip-hop, coco, afoxé, samba, choro, afro-empendedorismo...) desenvolverem suas iniciativas nos territórios da cidade.

Ou ainda seria possível pagar melhor: poderíamos implementar um programa de formação nas escolas e nos CRAS de Maracanaú, com foco no ensino de História e Culturas Afrobrasileiras (Lei 10.639/2003), tendo como objetivos uma nova compreensão da história e das expressões das africanidades, bem como o combate ao racismo e a afirmação das identidades negras.

sobre os cachês milionários do são joão de maracanaú



Só com o cachê do Alexandre Pires & Seu Jorge (580 mil reais) seria possível promover em Maracanaú o **Encontro Cultural dos Povos Indígenas do Ceará**, reunindo práticas culturais, sociais e esportivas das 15 etnias espalhadas em 20 municípios do estado. Um encontro de intercâmbio, reflexão coletiva e fortalecimento da articulação indígena no Ceará. Assim, o Povo Pitaguary acolheria em suas terras pajés, caciques, educadora(e)s e outro(a)s indígenas do Ceará e, a partir de uma ampla programação, apresentaria pra população maracanaúense a presença indígena na formação das identidades cearenses.

Ou ainda seria possível pagar melhor: abasteceria a casa de 580 famílias indígenas com uma feira ou outras urgências.

sobre os cachês milionários do são joão de maracanaú



Só com os cachês da Claudia Leite e do Xand Avião juntos (400 mil reais cada), mais o do João Gomes (450 mil) e mais o do Léo Santana (350 mil) teríamos o primeiro montante orçamentário para formar o **Fundo Municipal de Cultura de Maracanaú**. Com esse Fundo, iniciado com 1.600.000 reais, poderíamos ter recursos para financiar ao longo do ano projetos de pesquisas de patrimônio histórico-cultural, formação continuada nas áreas técnicas ligadas às artes (iluminação, sonoplastia, figurino, produção...) e fomento à produção artística da cidade.

sobre os cachês milionários do são joão de maracanaú



Ainda com os cachês da Claudia Leite e do Xand Avião juntos (400 mil reais cada), mais o do João Gomes (450 mil) e mais o do Léo Santana (350 mil) - que resulta 1.600.000 reais - poderíamos criar e botar pra rodar em Maracanaú a **Escola de Cultura e Emancipação Trilhas Maracanãs**, uma iniciativa para formação integral de jovens e adultos interessados em atuar profissionalmente nas áreas relacionadas à criação artística e produção/gestão cultural.

Um lugar em que a(o)s agentes culturais da cidade possam ensinar e aprender, sem precisar se deslocar de Maracanaú para Fortaleza ou outras cidades. Composta por um projeto político-pedagógico arrojado e inovador, essa Escola poderia se integrar à Rede de Escolas Criativas da Cultura do Ceará (SECULT/CE).

Sabemos:



Não é falta de recurso
 Não é falta de propostas
 Não é falta de demanda
 Não é falta de profissionais capacitada(o)s
 Não é falta de referências ou de inspiração
 Não é falta de conjuntura adequada
 Não é falta de apoio da população
 Não é falta de apoio externo
 Não é falta de aviso

É FALTA DE VERGONHA NA CARA E DE INTERESSE PARA ESSA GESTÃO SE DEBRUÇAR COM ATENÇÃO E FAZER UMA POLÍTICA MUNICIPAL DE CULTURA.

A SOCIEDADE CIVIL ESTÁ A POSTOS PREPARADA E MOBILIZADA PARA COLABORAR!

4 APOSTAS CONCLUSIVAS

Pode ser que sobre esse momento que vivemos com o Comitê de Cultura de Maracanaú, alguém o conote como furta-cor. Da colorimetria, furta-cor é a condição dada a um objeto que, de certo modo, furta da cor a rigidez de uma única tonalidade e oferece a essa cor transitoriedade. Cambiante, a cor apresenta a capacidade de mudar de tom, a depender de como processa a luz que recebe. O momento vivido agora pelo Comitê de Cultura de Maracanaú pode ser depreendido dentro dessa metáfora furta-cor de transitoriedade, não de coloração, mas quanto à dimensão temporal. O coletivo e o próprio papel do Comitê encontram-se entre as construções do passado e as do futuro. Um presente de elaboração a partir da memória e reflexão do que se viveu, que aponta para o futuro suas tonalidades esperançosas como fruto furta-cor de lutas coletivas, sensíveis e comprometidas com o redesenho da história.

Pode-se também pensar nesse momento como mais um período da história em que sujeitos da cultura de Maracanaú se esmeram para fazer de seu trabalho algo que os permita encontrar dignidade ou mesmo colaborar com o aparato cultural oferecido para a população da cidade. No entanto, o que vejo, depois de ouvir tantos trabalhadores e trabalhadoras da cultura, e viver junto dela(e) s nesse contexto específico, é que se trata de um momento único, devido à intensificação do sentido organizativo, propositivo, dialógico e formativo que a cultura ganha.

Essa centralidade da cultura – a que Stuart Hall (1997) se referia – ganha espaço como possibilidade de análise social contemporânea, o que é essencial para a cultura ser considerada como uma parte elementar da vida coletiva e das reinvenções necessárias ao presente.

Viu-se nesta pesquisa – que se apresenta como um mergulho inicial no percurso de investigação e construção de políticas culturais participativas – como as leituras do passado e do presente engendram devires, que reflexionam e animam um território pensante no sentido de criar contrapontos ao apagamento dos sonhos. Território esse apresentado pela pesquisa como um *espaço distorcido* e não aceito por moradores e moradoras de Maracanaú, que o rejeitam em detrimento do devir, do inédito-viável, da cidade possível, solidária e sensível. A ideia de *práxis emancipatória*, nesse sentido de negação da distorção, se faz como movimento de tomada de consciência e construção concreta da realidade almejada, a partir da reflexão crítica sobre o que se viveu. É desafiador pensarmos em reflexão crítica em um tempo como o de hoje, em que o que se estimula é a produção (e a reprodução), a entrega, o resultado, o

impacto... Ora, é justo esse o desafio! Dedicarmo-nos ao pensamento sensível sobre a experiência vivida e fazer disso uma projeção de aprimoramento para o futuro.

Desafio ainda maior é emprendermos essa construção de realidade almejada de forma coletiva, com nossos pares e também com o contraditório, afinal não estamos sós; e estarmos em vida social nos coloca de frente para um esforço de conjunção entre sujeitos alinhados na produção da vida transformada. Gramsci (1982) nos orienta a pensar dessa forma a partir da ideia de *organização da cultura* como exercício coletivo de se reorganizar os sistemas de significados construídos socialmente, ligados a interesses e classes sociais, tendo em vista fazê-los refletir o que faz sentido para nós. Acontece que há aí uma disputa! Ao passo que um grupo buscar “organizar a cultura” de um *jeito*, outro grupo busca de outro, ambos com seus sistemas de significados.

Nesse quadro de disputa, organizar-se implica compreender, comunicar-se e mobilizar-se em função de uma diretriz ideológica que conduz os sujeitos mobilizados rumo à emancipação e à construção de caminhos de afirmação. No campo dos sentidos, só se afirma aquilo que se conhece. Raymond Williams nos diz que “A crise humana é sempre uma crise de compreensão: só podemos fazer o que genuinamente compreendemos” (WILLIAMS, 2011, p. 442). Considerando que a *organização da cultura* que visa a emancipação e a afirmação dos sujeitos historicamente excluídos da política cultural (sendo esse o cenário distorcido), faz-se necessário que cada sujeito e cada coletivo assumam pra si a missão de negação da distorção e, através do exercício contínuo de tomada de consciência, construir concretamente a realidade almejada.

Williams, na conclusão de seu livro “Cultura e sociedade: de Coleridge a Orwell” (2011), nos convida a reconhecer e nomear quais caminhos que queremos tomar ou construir. Ele anuncia as “sementes da vida” e as “sementes da morte” como direções para que a gente se perceba e se posicione, assim:

Há ideias e modos de pensar que têm neles as *sementes da vida*, e há outros, talvez na profundidade de nossas mentes, que têm as *sementes de uma morte geral*. A medida de nosso sucesso em reconhecer esses dois tipos e em dar-lhes nomes, possibilitando assim seu reconhecimento coletivo, pode literalmente ser a medida de nosso futuro (WILLIAMS, 2011, p. 442, grifos meus).

Com esta pesquisa realizada sobre o Comitê de Cultura de Maracanaú, o que pude perceber é que o trabalho de reorganização da cultura celebra as reinvenções necessárias ao presente, como *sementes da vida* resultantes das diversas vozes em diálogo em cada território polifônico e polissêmico.

Compreender e dar nomes para essa construção, ou seja, ter e compartilhar a consciência de qual problema estamos a resolver, é o trabalho da cultura e quem nela atua comunga dessa responsabilidade. Pelo que se viu, o Comitê de Cultura de Maracanaú é uma experiência democrática e esperançosa que se impregnou dessa missão e vem se descobrindo, ao passo que se afirma, como dispositivo político e educativo de mobilização do sujeito coletivo de cultura em Maracanaú.

Pudemos observar que a reativação do Conselho de Cultura de Maracanaú se fez como um modo capaz de fazer cultura ao intervir na sociedade política e na cena da sociedade civil. Conhecemos estes espaços como antagônicos; no entanto, ao desvelar os antagonismos, pôde-se evidenciar as possibilidades do diálogo entre coletivos que se procuram para reinvenções de atuações e avanços também na esfera da efetivação e socialização das políticas públicas, sendo essas resultantes da expressão da deliberação e da soberania popular.

A leitura do passado de Maracanaú nos faz aprender que há uma forma de reler e recontar a história que indica caminhos múltiplos para o presente. Essa forma implica envolver múltiplos sujeitos nessa releitura e nessa reconstrução. Memórias apagadas e vozes silenciadas são formas de *uma morte geral* que não faz bem para presente algum e que, em coletivo a cultura luta para bani-la do futuro. Desse modo – e seguindo a provocação de bell hooks quando ela diz que “pensar é uma ação” (hooks, 2020) –, o trabalho da cultura passa também por refazer os processos políticos, considerando as estratégias de comunicação para uma inteireza maior no plano (inter)subjetivo, porquanto se faz valer assim uma produção de cultura como produção da vida coletiva. A comunicação aqui é entendida como meio de constituir diálogos, gerar e partilhar conhecimento, mobilizar paixões (*sementes da vida*, no dizer de Williams) e, em última instância, deflagrar o novo cenário constituído.

Finalmente, ao nos colocarmos ante os saberes e fazeres da cultura, foi possível também perceber no movimento socializante do Comitê a educação como cultura, segundo já apontava Carlos Rodrigues Brandão (2017). E é certamente percebido, pelo que se viu nas falas e propostas de agentes culturais mais velhos e mais novos, a educação pela cultura como construção intergeracional, uma vez que trata dos fenômenos de diálogo entre gerações, com suas partilhas de conhecimentos e práticas sociais no processo histórico de um contínuo reconstruir e ressignificar.

Lembro de uma conversa que tive com a Tati Valente, artista e professora de Maracanaú que me apresentou à cena cultural da cidade, e ela falando que o Comitê de Cultura, em seguida do Fórum de Arte e Cultura de Maracanaú, é a consolidação das tentativas como experiência do Fórum. E antes do Fórum tantas outras experiências de luta e

enfrentamento que valeram muito e deram esteio para o que se vem construindo hoje. Nesta conversa, a Tati falava que “a gente tem conseguido, com o Comitê, dar conta dessa continuidade da crítica, da reflexão permanente, da construção de novos pensamentos, de como que a gente coloca as técnicas e as tecnologias da comunicação – as habilidades da gente – em função desse empoderamento, dessa emancipação”⁷⁹.

Nesse passo, ao que depreendo dessas apostas conclusivas da pesquisa feita, penso que um coletivo com uma atuação como a assumida pelo Comitê de Cultura de Maracanaú desvendou para si a tarefa coletiva de construir caminhos e reinventar *possíveis*, referendando a cultura como lugar de afirmar as subjetividades e as identidades sociais plurais. E é no *lugar* (espaço re-construído) que a cultura vai ganhar sua dimensão simbólica e material, sendo ao mesmo tempo global e local, integrando sensibilidade e confronto. Nesse percurso, reitero, afirma-se o compromisso com uma polifonia dialógica de produções estéticas em consonância com a uma educação política, a partir do ciclo ação-reflexão-ação. Sendo a cultura esse lugar de sentidos compartilhados, a política deve ser construída como espelho que reflete e refrata essa multiplicidade furta-cor. Transitória, mas definitivamente transformadora.

Assim sendo, o Comitê de Cultura de Maracanaú faz e refaz seu papel crítico e propositivo, como instrumento coletivo de mobilização, que aprende, ensina, compartilha, denuncia, reivindica, propõe e realiza (Figura 20, à página 185). Um dispositivo que cria condições de uma permanente aposta na potência da mudança cultural e trabalha para que ela aconteça.

79 Entrevista 11, concedida por Tati Valente, artista e pesquisadora do movimento, educadora e conselheira de cultura de Maracanaú, em 03/01/2022. Depoimento gravado em áudio, recebido por *WhatsApp* e posteriormente transcrito, com aprovação do texto pela entrevistada.

Figura 20 – Muro como lousa; cidade como território discursivo; linguagem como afirmação criativa e como luta por significação. Compromisso de re-existir.



Fonte: Acervo do autor
(inscrição em muro na Av. VI, Jereissati I, Maracanaú, Ceará)

REFERÊNCIAS

- BAKHTIN, M. (V. N. Volochínov). **Marxismo e filosofia da linguagem**: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem. São Paulo: Hucitec, 1981.
- BARBALHO, A. **Política Cultural e Desentendimento**. Fortaleza: IBDCult, 2016.
- BARBALHO, A. Acerca de “fenômenos políticos curiosos”: a politização do campo cultural no Brasil contemporâneo. *In: PragMATIZES – Revista Latino-Americana de Estudos em Cultura*, v. 12, n. 23, p. 225-251, 1 set. 2022. Disponível em: <http://tinyurl.com/5f69mhe6>. Acesso em 17 out 2023.
- BONDÍA, J. L. Notas sobre a experiência e o saber de experiências. **Revista brasileira de educação**. n.19, 2002.
- BRANDÃO, C. R. A participação da pesquisa no trabalho popular. *In: BRANDÃO, C. R. (Org.). Repensando a pesquisa participante*. 3. ed. São Paulo: Brasiliense, 1987.
- BRANDÃO, C. R. Vocação de criar: anotações sobre a cultura e as culturas populares. **Cadernos de Pesquisa** (Fundação Carlos Chagas. Impresso), v. 39, p. 715-746, 2009.
- BRANDÃO, C. R. **A educação como cultura – memória dos anos sessenta**. Horizontes Antropológicos, Porto Alegre, ano 23, n. 49, p. 377-407, set. / dez. 2017. Online: <https://tinyurl.com/5edvsjzb>. Acesso em: 13 fev. de 2023.
- BRANDÃO, C. R.; CORRÊA BORGES, M. A pesquisa participante: um momento da educação popular. **Revista de educação popular**, Uberlândia, MG, v. 6, n. 1, 2008.
- CEARÁ, Secretaria do Meio Ambiente (SEMA), **Decreto nº 33.568 do Governo do Estado**, DOE, 30/04/2020, série 03, Ano 12, n. 089, p. 14, abr. 2020.
- CEARÁ, Secretaria da Cultura (SECULT), **Lei de criação do Sistema Estadual de Teatros**, 14/01/2013. Online: <https://tinyurl.com/kjjprmru>. Acesso em: 18 set. 2023.
- CEVASCO, M. E. **Dez lições sobre estudos culturais**. São Paulo: Boitempo, 2003. 188 p.
- CHAUÍ, M. Cultura política e política cultural. Conferência do mês do IEA-USP realizada em 6 de dezembro de 1994. **Estudos Avançados**, São Paulo, v. 9, n. 23, p. 71-84, 1995. Online: <https://tinyurl.com/bdhc2ajv>. Acesso em 13 fev de 2023.
- CORDOVA, T. Curtir, comentar e compartilhar: o uso do facebook na educação de jovens e adultos. **Revista E-Tech: Tecnologias para Competitividade Industrial**, 29 jul. 2016. SENAI ISC. Disponível em: <https://tinyurl.com/yc4r25au>. Acesso em: 30 mar. 2023.
- COSTA, I. K. Com vasta coleção de carnaúbas, a Fazenda Raposa, em Maracanaú, vira unidade de conservação. *In: Jornal O Povo*, abr. 2020. Disponível em <https://tinyurl.com/v4vstb9a>. Acesso em 22 mar. de 2023.
- CUSICANQUI, S. R. **Ch'ixinakax utxiwa**: una reflexión sobre prácticas y discursos descolonizadores. Buenos Aires: Tinta Limón, 2010.

DIÓGENES, G. **Cidade, arte e criação social: novos diagramas de culturas juvenis da periferia**. Portal Revistas da USP; Estudos Avançados, vol. 3, n. 99, ano: 2020.

DYE, T. R. **Understanding Public Policy**. Englewood Cliffs: N.J.: Prentice Hall, 1984.

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. 75. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2020.

FREIRE, P. **Extensão ou comunicação?** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 27. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, P. **Pedagogia da Esperança: um reencontro com a Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

FREIRE, P.; SHOR, I. **Medo e ousadia**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

FREITAS, A. Pedagogia do inédito-viável: contribuições de Paulo Freire para fortalecer o potencial emancipatório das relações ensinar-aprender-pesquisar. *In: COLÓQUIO INTERNACIONAL PAULO FREIRE, 5.*, Centro Paulo Freire de Estudos e Pesquisas, 2005. Recife. **Anais eletrônicos**. p. 1-15. Disponível em <http://tinyurl.com/yck8sdmn>. Acesso em 16 out. 2023.

FONSECA, J. J. S. **Metodologia da pesquisa científica**. Fortaleza: UEC, 2002. Apostila.

FRASER, N. Repensando a esfera pública: Uma contribuição para a crítica da democracia realmente existente. *In: Fraser, N. Justiça interrompida: Reflexões críticas sobre a condição “pós-socialista”*. São Paulo: Boitempo, 2022.

GADELHA, R. **O campo da produção cultural no Ceará: conformações, configurações e paradoxos**. Fortaleza, 2014. Dissertação (Mestrado em Políticas Públicas e Sociedade) – Universidade Estadual do Ceará. Disponível em: <http://tinyurl.com/26btde2w>. Acesso em: 16 out. 2023.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2007.

GIROUX, H. A.; FIGUEIREDO, G. O. **A importância de lutar pela esperança mesmo em tempos de autoritarismo bizarro**. Le Mond Diplomatique Brasil, São Paulo, 02 fev. 2022. Disponível em: <https://tinyurl.com/mrhdarrf>. Acesso em 10 set. 2023.

GOHN, M. G. Conselhos gestores na política social urbana e participação popular. **Cadernos MetrÓpole** (7), 2002, 9-31.

GRAMSCI, A. **Cadernos do cárcere**. Vol. 4. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 5. ed., 2015.

GRAMSCI, A. **Cadernos do cárcere**: Vol. 3 Maquiavel. Notas sobre o Estado e a política. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.

GRAMSCI, A. **Cadernos do cárcere**: Vol. 2. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.

GRAMSCI, A. **Os Intelectuais e a organização da cultura**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1982.

GRAMSCI, A. **Cartas do cárcere**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1991.

GUATTARI, F.; ROLNIK, S. **Micropolítica**: cartografias do desejo. Petrópolis: Vozes, 1986.

HABERMAS, J. **Direito e democracia**: entre facticidade e validade. Tradução de Flávio Beno Siebeneichler. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1997. 1 v.

HABERMAS, J. Três modelos normativos de democracia. *In*: HABERMAS, J. **A Inclusão do outro**: Estudos de Teoria Política, 1. ed., trad. Denilson Luís Werle, São Paulo: Editora UNESP, 2018.

HALL, S. **A centralidade da cultura**: notas sobre as revoluções culturais do nosso tempo. *In*: Educação & Realidade. jul/dez. 1997. p. 15-46.]

HALL, S. *et al.* **Da diáspora**: identidades e mediações culturais. 2. ed, Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2013.

HARDT, M.; NEGRI, A. **Declaração**: isto não é um manifesto. Trad. Carlos Szlak. São Paulo: N-1, 2012.

HOOKS, b. **Ensinando pensamento crítico**: sabedoria prática. Tradução de Bhuvli Libanio. São Paulo: Elefante, 2020.

INGRAM, H.; SCHNEIDER, A.L. Policy Analysis for Democracy. *In*: MORAN, M.; REIN, M.; GOODIN, R. E. (Eds). **The Oxford Handbook of Public Policy**. New York: Oxford University Press, 2008.

LASSWELL, H. D. **Politics**: Who gets what, when, how. Cleveland: Meridian Books, [1936], 1956.

LINDBLOM, C. E. La ciencia de “salir del paso”, Luis F. Aguilar Villanueva (org.), *In*: **La hechura de las políticas**, Cidade do México: Grupo Editorial Miguel Ángel Porrúa, 2000.

LINHARES, A. M. B. **O tortuoso e doce caminho da sensibilidade**: um estudo sobre a arte e educação. 2. ed. Ijuí: Editora da Unijuí, 2003.

LOPEZ-HURTADO QUIROZ, L. E. Trece claves para entender la interculturalidad en la educación latinoamericana. *In*: PRATS, E. (Coord.). **Multiculturalismo y educación para la equidad**. Barcelona: Octaedro-OEI, 2007. p. 13-44.

LOURAU, R. **René Lourau na UERJ**: análise institucional e práticas de pesquisa. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1993. 116p.

LUNA, S. V. de. **Planejamento de pesquisa**: uma introdução. 2. ed. São Paulo: EDUC, 1999.

MAGALHÃES, E. S. **Aldeia! Aldeia!:** a formação histórica do grupo indígena Pitaguary e o ritual do toré. 2007. 204f. – Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Ceará, Programa de Pós-graduação em Sociologia, Fortaleza (CE), 2007.

MARACANAÚ, Prefeitura Municipal. **Decreto nº 4.024 da Prefeitura Municipal de Maracanaú**, jul. 2020.

MARACANAÚ, Prefeitura Municipal. **Maracanaú 4.0:** história e memória (e-book). Pesquisa e Redação: Ilza Maria Grangeiro Xavier Lage, Marigel de Sousa Braga. Maracanaú: Secretaria de Educação, out 2023.

MARCUSE, H. **O homem unidimensional:** estudos da ideologia da sociedade industrial avançada. Trad. Robespierre de Oliveira, Deborah Christina Antunes e Rafael Cordeiro Silva. São Paulo: EDIPRO, 2015.

MARCUSE, H. **A dimensão estética.** Trad. M. E. Costa. Portugal: Ed. 70, 1999.

MARTINS, M. C. **Situando o uso da mídia em contextos educacionais.** Programa de formação continuada em mídias na educação. 2008.

MARTINIANO, E. M. **Visibilidade étnica e cultural:** um olhar da imprensa sobre os Pitaguary. Fortaleza, Arte Visual, 2012, 180p.

MAPA CULTURAL DE MARACANAÚ. **Fundação de cultura – FUNCULT**, nov. 2018. Plataforma colaborativa alimentada pelos próprios sujeitos, com informações sobre suas atuações no setor da cultura. Página inicial. Disponível em: <https://tinyurl.com/56srxr7s>. Acesso em 22. mar. 2023.

MEDINA, C. A. **Entrevista, o diálogo possível.** 4a ed. São Paulo-SP: Editora Ática, 2001.

MEIRA, M. Desafios para a cultura no Brasil. *In: I Conferência nacional de cultura.* Brasília, Ministério da Cultura, 2007. p. XVIII-XIV.

MINAYO, M. C. S. Técnicas de pesquisa: entrevista como técnica privilegiada de comunicação. *In: O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde.* 12. ed. São Paulo: Hucitec, 2010. p. 261-297.

MORIN, E. A entrevista nas ciências sociais no rádio e televisão. *In: MOLES, Abraham et al Linguagem da cultura de massas: televisão e canção.* Petrópolis: Editora Vozes, 1973. p. 115-135.

MOURA, A. F., & LIMA, M. A. A reinvenção da roda: roda de conversa, um instrumento metodológico possível. **Revista temas em educação**, 23(1), 98-106. 2014.

NASCIMENTO, F. C. **Raízes de Maracanaú.** Fortaleza, Premium, 2017, 72p.

OLIVEIRA, R. S.; LINHARES, A. M. B.; SAMPAIO, A. J. M. As práticas sociais comunitárias e a cultura como afirmação na educação emancipatória do MST, **Educação em Debate**, Fortaleza, ano 44, nº 89 – set./dez. 2022.

OLIVEIRA JUNIOR, G. C. **O conceito de hegemonia em Gramsci: possibilidades de compreensão a partir da educação.** ORG & DEMO, v. 21, p. 159-174, 2020.

PASSEGI, M. C. **Narrativas da experiência na pesquisa-formação: do sujeito epistêmico ao sujeito biográfico.** Roteiro, Joaçaba, v. 41, n. 1, p. 67-86, jan./abr. 2016.

PIRES, V. L.; TAMANINI-ADAMES, F. A. Desenvolvimento do conceito bakhtiniano de polifonia. **Estudos Semióticos**, [S. l.], v. 6, n. 2, p. 66-76, 2010. DOI: 10.11606/issn.1980-4016.esse.2010.49272. Disponível em: <https://tinyurl.com/yt35zz2d>. Acesso em: 30 set. 2023.

POLLAK, M. **Memória, esquecimento, silêncio.** Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol. 2, n.3, 1989, p. 3-15.

RUBIM, A. Políticas culturais no Brasil: tristes tradições, enormes desafios. *In:* BARBALHO, A.; RUBIM, A. (Org.). **Políticas culturais no Brasil.** Salvador: EDUFBA, 2007. p. 11-36.

SALES, C. de M. V., & AZEVEDO, L. A. (2020). A experiência do enfrentamento à violência contra as mulheres em Maracanaú-CE. **Revista de políticas públicas**, 24(1), 306–327. Disponível em <https://tinyurl.com/yt54k35h>. Acesso em 10 mar. de 2023.

SANTOS, B. S.; MENESES, M. P. (Org.) **Epistemologias do Sul.** São Paulo; Editora Cortez. 2010.

SANTOS, M. **Espaço e método.** São Paulo: Nobel, 1985.

SANTOS, M. **Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal.** Rio de Janeiro; São Paulo: Record, 2000.

SANTOS, M. **Por uma geografia cidadã: por uma epistemologia da existência.** Boletim Gaúcho de Geografia, Porto Alegre, v. 21, n. 1, p. 7-14, 1996.

SANTOS, M. O tempo despótico da língua universalizante. *In:* RIBEIRO, Wagner Costa (org.). **O país distorcido: o Brasil, a globalização e a cidadania.** São Paulo: Publifolha, 2002.

SANTOS, M. Um reordenamento global para o Brasil. *In:* RIBEIRO, Wagner Costa (org.). **O país distorcido: o Brasil, a globalização e a cidadania.** São Paulo: Publifolha, 2002.

SEMERARO, G. **Gramsci e os novos embates da filosofia da práxis.** Aparecida: Ideias & Letras, 2006.

SILVA, I. **Síntese da história de Maracanaú – 1648-1992,** Prefeitura Municipal de Maracanaú, 1992, 156p.

SOARES, I. O. Entenda a Educomunicação. **Revista geografia**, Edição 26, julho 2009, ISSN 977 1806 859 6, p. 45-49.

SOARES, I. O. (2000) Educomunicação: um campo de mediações. **Revista Comunicação & Educação** n. 19. São Paulo, Segmento/ECA/USP, ano 7, p.12-24, set./dez.

SOUZA, M. J. N.; ALMEIDA, L. Q. Análise Geoambiental como subsídio ao planejamento territorial de Maracanaú. **Revista saúde e ambiente** (UFMT), Joinvile-SC, v. 6, n.1, p. 7-19, 2005. Disponível em: <https://tinyurl.com/36tpu3tv>. Acesso em 22 mar. de 2023.

THIOLLENT, M. **Metodologia da pesquisa-ação**. São Paulo: Cortez, 2008.

THOMPSON, E. P. **A formação da classe operária inglesa**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, vol. I, 1987.

VIEIRA PINTO, A. **Consciência e realidade nacional**. Rio de Janeiro: Instituto Superior de Estudos Brasileiros (ISEB), 1960. 2 v. (Coleção Textos Brasileiros de Filosofia, 1).

WILLIAMS, R. **Marxismo e literatura**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1979.

WILLIAMS, R. **Cultura e sociedade: de Coleridge a Orwell**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011

WILLIAMS, R. **The long revolution**. Harmondsworth: Penguin, 1965.

**APÊNDICE A – INICIATIVAS CULTURAIS INDEPENDENTES
ENTRE 2022 E 2023**

Iniciativa / grupo / linguagem	Local / território	Frequência
Sarau Bota o Teu (literatura)	Praça do Restaurante Popular (Centro)	Mensal
Estação RAP (rap/hip-hop)	Praça da Estação (Centro)	Mensal
Cine Broca (audiovisual/cineclube)	sede do Cine Broca (Jereissati I)	Mensal
Cartografias Ancestrais Maracanaueses (ancestralidades/história)	Território Maracanã	Metodologia de mapeamento
Garajal de Portão Aberto (teatro/artes integradas)	Sede do Garajal (Jereissati I)	Frequência fluida
Palco Aberto (teatro/artes integradas)	Praça Waldemar Alcântara	Frequência fluida
Vem pro Mei da Rua / Garajal (artes integradas)	Circuito itinerante	Frequência fluida
Reisado (tradição/teatro de rua)	Sede do Garajal (Jereissati I)	Mês de janeiro (festa de reis)
Malhação do Judas (tradição/teatro de rua)	Sede do Garajal (Jereissati I)	Semana santa
MaraCanção (festival música)	Associação dos Moradores do Novo Maracanaú	Anual
Maracanaú Rock Fest (festival música)	Associação dos Moradores do Novo Maracanaú	Frequência fluida
Música de Calçada (música)	Pajuçara	Evento pontual
Semana Juventude Cultura Crítica Maracanaú (festival artes integradas)	Vários espaços da cidade	Anual
Cine Colônia (audiovisual/cineclube)	Bairro Antonio Justa	Mensal
Sarau Sonho Azul (literatura/audiovisual)	Sede do Instituto Antonio Justa –	Semestral
Feira de Mulheres (economia criativa)	Sede do Instituto Antonio Justa	Quinzenal
Justa Imagem (Curso Livre de Vídeo) (audiovisual)	Sede do Instituto Antonio Justa	Temporada
Circulação Desequilibrados: “Uma Ponte entre Territórios – Junto e Misturados”	Circuito municipal –	Temporada
Visita Guiada (patrimônio)	Sede do Instituto Antonio Justa	Semestral
Arruaça / Circo a Céu Aberto (circo)	Praça do Apê Cultural (Centro)	Mensal
Revista Sem Cor (Quadrinhos)	Publicação experimental impressa	Mensal
Revista Rasura (Cultura Crítica)	Publicação experimental colaborativa	Frequência fluida
- Almanaque “Escritos para uma História do Maracanaú” (História)	Publicação experimental colaborativa	Frequência fluida
Baile Preto (artes integradas/africanidades)	Quintal da Maloka Ancestralidades	Evento pontual
Terreirada do Quintal da Maloka (artes integradas/africanidades)	Quintal da Maloka Ancestralidades	Evento pontual
Ao Som Do Batuque (artes integradas/africanidades)	Quintal da Maloka Ancestralidades	Evento pontual

Okupação Maloka (artes integradas / africanidades)	North Shopping Maracanaú	Evento pontual
Feirinha Maloka Afirmando Ancestralidades	Quintal da Maloka Ancestralidades	Evento pontual
Frente Revolucionária Maracanaense (produção de conteúdo crítico)	Online	Diário
Ciclo de Debates Eleitorais para o Processo Eleitoral do Conselho de Cultura de Maracanaú (pensamento crítico)	Online	Temporada
Painéis de Graffiti (artes visuais/hip-hop)	Território Maracanã	Diário
A Rua Sabe 2023 (break/dança/hip-hop)	CEU Jereissati 3	Anual
A Rua Sabe 2022 (break/dança/hip-hop)	Praça da Estação (Centro)	Anual
II Agenda de Rua (encontro de graffiti/hip-hop)	Distrito Industrial	Frequência fluida
Ensaio Aberto (rap/hip-hop)	QG do Pensamento (Santo Sátiro)	Mensal
Roda da Vadição – Capoeira Cordão de Ouro (ancestralidades)	Espaço da Fé	Mensal
Encontro de Malabares (circo)	Praça Waldemar Alcântara	Semanal
Encontro das Aldeias do Povo Pitaguary (ancestralidades)	Escola do Povo Pitguary	Evento pontual
Escola de Cinema Pitaguary (audiovisual)	Território Pitaguary	Processo formativo
Ritos de Passagens dos Pajés e Festa das Caiporas	Museu Pitaguary – Monguba	Evento pontual
Ritual da Mangueira Sagrada	Território Pitaguary	Frequência fluida
Grupo Confiança Brasil Capoeira (ancestralidades)	Vila Buriti/Novo Oriente	Eventos regulares e formação diária
Batizado, Troca de Cordas e Formatura de Mestres do Grupo Confiança Brasil Capoeira (ancestralidades)	Teatro Dorian Sampaio	Evento pontual
Marapoeira: Formatura de Mestres, Contramestres e Professores (Grupo Confiança Brasil Capoeira) (ancestralidades)	Teatro Dorian Sampaio	Evento pontual
Sexta Green (música/africanidades)	Pajuçara	Frequência fluida
Movimentando a Cena (música)	Praça da Estação (Centro)	Evento pontual
Ensaio Aberto (música)	Jardim Bandeirantes	Anual
Feira MarArt (PROART) (artesanato)	Praça da Estação (Centro)	Evento pontual
Ensaio dos Xbreakers (break/hip-hop)	Pajuçara	Semanal
Ensaio dos Faca Cega Brothers (break/hip-hop)	CÉU Jereissati 3	Semanal
MovimentAção 2023 (graffiti/hip-hop)	Muro do Jereissati 2	Frequência fluida
Hardcore contra o Fascismo, a Homofobia, o Racismo e o Machismo	Associação dos Moradores do Novo Maracanaú	Evento pontual

APÊNDICE B – UMA LINHA HISTÓRIA CONSTRUÍDA COLETIVAMENTE SOBRE AS LUTAS PELA CULTURA EM MARACANAÚ

Abaixo o material produzido colaborativamente pelo Comitê de Cultura de Maracanaú ao longo de cinco meses a partir do que vivenciado na *Conferência Sobre o Processo Histórico das Lutas pela Cultura em Maracanaú*, em maio de 2023:

Em 27/05/2023, na sede do Grupo Garajal, foi realizada a *Conferência Sobre o Processo Histórico das Lutas pela Cultura em Maracanaú*, um encontro que reuniu agentes culturais que militaram e militam na luta pela cultura em diferentes gerações (entre 1980 e 2023).

O encontro mobilizou dezenas de artistas, produtora(e)s culturais, professora(e)s de artes, interessados por refletir sobre o processo histórico do qual fazem parte. Na abertura do encontro, houve a apresentação do grupo Coqueirinhos da Mucunã. Na sequência, houve uma longa roda de conversa entre o(a)s presentes. Cerca de 04 horas.

Durante a roda de conversa, foi se compondo coletivamente **uma linha do tempo** numa grande faixa de papel colada na parede. Cada fala era anotada em tarjetas coloridas e fixadas na grande faixa de papel e assim se ia compondo, ao longo do encontro, uma **sequência histórica** identificando fatos marcantes nas lutas pela cultura, nomes de pessoas e grupos envolvidos, movimentos, realizações e conquistas da cena cultural, além de características dos diferentes contextos históricos. A linha histórica foi dividida por décadas, dos anos 1980 até 2023.

O encontro teve cerca de 04 horas de duração e toda a atividade foi transmitida ao vivo pelo YouTube (<https://tinyurl.com/hz83fjmj>).

A seguir, uma síntese com as informações geradas durante esse encontro na *Conferência Sobre o Processo Histórico das Lutas pela Cultura em Maracanaú*. Essas informações geradas em maio de 2023 foram complementadas por agentes culturais da cidade ao longo dos meses até chegarmos agora em outubro com um painel evoluído, embora ainda incompleto... E será incompleto porque uma linha histórica será sempre incompleta, ainda que feita coletivamente. Sempre faltará um olhar em perspectiva, um dado, um nome, um fato. Ou mais que um. Nossa intenção aqui é colaborar para que ela seja o máximo representativa possível.

Portanto, sinta-se convidada(o) a colaborar e aprimorar nossa linha histórica. Perceba como a linha do tempo está formatada e o padrão de informação que ali consta. Considerando isso, insira as informações da sua memória. Converse com as pessoas e movimente a memória de mais gente para somar nesse processo colaborativo de composição da nossa própria história.

>>> ANOS 1980

1983 – Chegada do Pastoril Nossa Senhora de Fátima em Maracanaú

- fixou-se no bairro Conjunto Jereissati 1
- o grupo foi criado em 1946 no bairro Tirol, em Fortaleza, e teve como fundadores Antonio Costa, músico percussionista e a Mestra Rita Costa. O conhecimento dessa manifestação se deu por meio de herança cultural dos familiares de D. Rita.
- com D. Rita tendo se encantado, em 2004, assumem a condução do grupo seus filhos: Nisa Costa, Nete Costa, Neide Costa, Ivone Costa, Nonata Costa, Dylla Costa, Nilton Costa e Eudes Costa;
- em 2005 foi criada da Fundação da Associação Cultural Rita Costa, que se dedica à promoção das expressões das tradições culturais do Ceará, além de abrigar o acervo do Pastoril Nossa Senhora de Fátima;
- a fundação e o próprio pastoril funcionam de forma totalmente independente e, quando possível, proporcionam oficinas e troca de saberes entre as gerações de brincantes e pesquisadores da cultura tradicional, deixando-os aptos a serem agentes multiplicadores;
- manutenção do Pastoril Nossa Senhora de Fátima, considerado Tesouro Vivo do Ceará pelo Governo do Estado (SECULT/CE)

Reginaldo Alexandre Bezerra, conhecido como mestre Dourado começou a treinar capoeira em 1989 no município de Maracanaú ceará. Breve relato sobre o início da capoeira em Maracanaú Estudo realizado e em andamento feito por mim mestre Dourado, Maracanaú província sem relatos ou documentos que indique a capoeira, Maracanaú distrito relatos de capoeiras no município porém treinavam em município próximos ou vieram de outros estados mais não iniciaram aulas de capoeira no município de Maracanaú data 1983 ano também da emancipação de Maracanaú que passa a ser município,

1984 – Aulas de Capoeira em Maracanaú

- registro das primeiras aulas de capoeira em Maracanaú com Mestre Zé Buscapé (José Pacheco Sousa), no bairro Jereissati;
- na época, já existiam outros capoeiristas na cidade, mas não davam aula na cidade e treinavam em outros municípios;
- A partir desse período, outros bairros da cidade começaram a ter aulas de capoeira.

1987 – Fundação da Primeira Academia de Balé de Maracanaú

- Academia Arte e Movimento, fundada por Elioneide Pereira Damasceno, teve como prédio primeiro o endereço Rua João Andrade Filho, no Centro de Maracanaú, mantendo vários cursos destinados à comunidade em geral. Atualmente (2023), a Academia está situada no bairro Novo Maracanaú.
- Funcionamento ininterrupto desde 1987, oferecendo formações diárias em balé, jazz e iniciação a instrumentos musicais;
- Anualmente, a Academia apresenta, no fim do ano, um festival com a culminância das formações realizadas ao longo do ano, compartilhando com o público os resultados dos processos artísticos e formativos, no Teatro Municipal de Maracanaú;
- A academia gerou o Grupo de Dança Arte em Movimento, que estimula jovens talentos de Maracanaú a vivenciarem a prática artística em dança. Já montou dezenas de espetáculos e circulou por várias cidades do Ceará.

>>> ANOS 1990

1991 – Curso de Teatro da Prefeitura, coordenado pelo professor Oscar Rodrigues

- Secretário de Educação, Cultura e Desporto: Prof. Francisco Oscar Rodrigues;
- Mês de criação do Curso de Teatro: segunda quinzena de agosto;
- Havia muita individualidade na categoria artística do município;
- O curso motivou os alunos a criarem um grupo para se apresentar nos eventos da prefeitura;
- Chefe de Setor da Cultura: Francisco Sidney Sampaio Pontes.

1992 – GRUTEMA – Grupo de Teatro de Maracanaú

- Vianinha prefeito e Marcelo Farias Secretário de Educação
- Grupo criado na primeira quinzena de outubro
- O grupo prepara dois vídeos: um drama romântico para adolescentes e outro, de aventura e terror para as crianças: “Pelo Sangue dos Inocentes”. As propostas foram escolhidas pelos alunos e os textos e filmagens feitos por França de Assis.

1992 – GAMA – Grupo de Artes Maracanaueses

- Prefeito eleito: Vianinha
- Secretário de Educação, Cultura e Desporto: Prof. Marcelo Farias
- Começa a surgir a noção de “cena cultural” na cidade
- falta de autonomia e independência da pasta da cultura e sem recurso para política de cultura;
- O desprezo às ações do GRUTEMA, muito embora apresentassem como sendo da prefeitura, provocou o desligamento do mesmo;
- No dia 02 de novembro, o GRUTEMA passou a se chamar GAMA – Grupo de Artes Maracanaú e cortou os laços com o governo municipal, passando a sua sede para a residência de França de Assis, na Rua 49 – Conjunto Jereissati II.

1993 – Criação do grupo Sertão Rap

- JR Metal, Danniell Jogueiro, Tiger Black, PH Dasul
- referência e tronco velho do rap cearense
- afeto com parceiros, sentido de comunidade a partir do hip-hop
- sessão de rap
- dificuldade de compreender como executar as ações desafiadoras

1993 – início das aulas de capoeira do Mestre Dourado

- tendo começado a praticar capoeira em Maracanaú em 02/02/1989, Mestre Dourado (Reginaldo Alexandre Bezerra) começa a ministrar aulas de capoeira em 1993, pela Associação Brasileira dos Professores de Capoeira (ABPC), no Conjunto Cidade Nova;
- cerca de 30 participantes, a maioria crianças e adolescentes da área;
- a partir de 1995 começa a ministrar aulas de capoeira em outros territórios da cidade;
- em 1998 há o primeiro evento por ele realizado, envolvendo cerca de 300 pessoas, alunos, pais de alunos e amigos capoeiristas;
- entre 1998 e 2022 já foram realizados 19 eventos anuais de capoeira pelo Mestre Dourado.

1994 – DILEMA ÔXE

- surgimento na cena do rapper e produtor de música RAP, que contribuiu e continua contribuindo no desenvolvimento da cultura hip-hop em Maracanaú e região;
- projetos realizados: Programa de rádio “Sintonia do RAP”, competição de break dance “Hip-Hop Dont Stop”, shows “Hip Hop a Mil Graus”, até a 4ª edição, dentre outros em eventos parcerias na região metropolitana de Fortaleza.

1995 – Primeiros eventos com artistas locais

- Prefeito eleito: Júlio César – segundo mandato
- Criada a Secretaria de Cultura e Desporto: Prof. Francisco Oscar Rodrigues, titular da pasta.
- Criação da Expromix, evento da Secretaria de Indústria e Comércio, ação integrada com a Secretaria de Cultura e Desporto. O evento consistia em apresentações na Praça da Estação, com exposição de produtos do comércio e indústria local e números de dança, música, teatro, show de calouros e concursos artísticos. Era realizado às sextas-feiras e passou a ser conhecido como a “Feirinha da Praça da Estação”.

1996 – Festival da Globo Junino

- movimento muito forte das quadrilhas juninas, que gera uma efervescência cultural em diversos territórios da cidade;
- grandes shows que mobilizam pessoas de várias cidades do entorno;
- município investindo na cultura do entretenimento e, dentro disso, também nas expressões tradicionais, especialmente fomentando as quadrilhas;
- Presença de Regis Souza, formador de grupos, professor e importante entusiasta da dança tradicional na cidade.

1997 – TEMA – Associação Teatral Maracanaense

- Jorge Maninho, França de Assis, Nelson Albuquerque, Everton;
- eram 18 grupos cadastrados junto da associação;
- começaram as reivindicações e reuniões periódicas com o secretário de educação e cultura (Oscar Rodrigues);
- encontros e planejamentos intensos, mas não tinha apoio da prefeitura

1997 – Surgimento do grupo de Rap Elementos Suspeitos

- Diego Sono, DJ Ice Jay, W. Pity e Dino C
- além de produzir música autoral, organizava eventos culturais e ações formativas
- mobilização hip-hop em várias comunidades do Lado Sul (Maracanaú e Pacatuba)

1997 – Programa Cultura em Movimento (*)

- Elaborado por Raimundo Martins e apoiado pelo então Secretário de Cultura e Desporto, Professor Francisco Oscar Rodrigues, surgiu o Projeto Cultura em Movimento;
- Um programa que apoiou e divulgou a produção artística dos munícipes para os munícipes;
- A primeira apresentação se deu na Praça do Olho D'Água, em agosto. Entre as primeiras atrações destacam-se: Academia Arte e Movimento, da mestra Elioneide, e o humorista Tiãozin, hoje conhecido nacionalmente como Fêi Que Dói;
- Inicialmente a estrutura era um tablado e equipamento de som, um carro de propaganda volante, adquirido pela Secretaria de Cultura e Desporto;
- O evento ocorria aos sábados, em quatro localidades por mês. No decorrer dos anos, já atendia 12 localidades:
- A Secretaria de Cultura e Desporto, através de seu secretário, estimulou a criação de associações culturais. Surgiram então, SOPOEMA – Sociedade dos Poetas e Escritores de Maracanaú, TEMA – Associação de Teatro de Maracanaú, Associação das Quadrilhas Juninas de Maracanaú e Associação dos Homossexuais de Maracanaú, a frente Simone Rodrigues, que produzia eventos com os associados;
- Com o Instituto Dragão do Mar, a Secretaria de Cultura e Desporto, disponibilizou cursos de dança, arte circense, máscaras, montagem de espetáculos, produção e gestão cultural, enquanto, junto ao PROARES, iniciava a construção do Teatro Municipal;
- Apoiou a iniciativa da SOPOEMA no tombamento da Casa de Rodolfo Teófilo, lançou um livro sobre o vulto histórico e um registro de todos os artistas locais que participavam do projeto, num livro chamado “Perfil Cultural de Maracanaú”;
- No palco do programa Cultura em Movimento só se apresentava artista maracanaense;
- No último mandato de Júlio César, por volta de 2001, e ao que se sabe, os edís maracanaenses votaram pela extinção da Secretaria de Cultura e Desporto (voltando ao que era antes, mesclada à Educação), pondo fim no programa Cultura em Movimento.
- O Professor Marcelo Farias, volta a assumir a Secretaria de Educação, Cultura e Desporto.

() única iniciativa governamental que consta nesta linha histórica, porque foi mencionada inúmeras vezes, por diversos agentes culturais, como um programa que de fato considerava a participação de artistas e produtora(s) da cidade, tanto para compor a programação, quanto no reflexo da diversidade da programação apresentada. Informação levantada durante a Conferência de maio/2023.*

1998 – recurso do PROARES para formação e construção do teatro municipal
Plano Participativo Municipal

1999 – Galpão da Capoeira ou Galpão do Dourado

- Início das aulas de capoeira no galpão (Rua L, 16 – Vila Buriti);
- Desde sua fundação, já passaram cerca de 2.000 pessoas pelo Galpão do Dourado.

1999 – SOPOEMA – Sociedade dos Poetas e Escritores de Maracanaú

- cinismo da gestão
- falta de apoio e de diálogo
- desmobilização
- pressão da sociedade civil
- Desrespeito ao patrimônio
- reforma da Casa de Rodolfo Teófilo (2005)
- tombamento da Casa de Rodolfo Teófilo (2009)
- REALIZAÇÕES:
- 1a Antologia publicada em 2001
- 2a Antologia publicada em 2016
- Luta pela Casa de Rodolfo Teófilo
- Abraço à Casa de Rodolfo Teófilo

NO FIM DOS ANOS 90

- O Rapper Dilema Ôxe, com o seu grupo de RAP Hereditários MCs (que já não existe nos dias atuais), formado por Dilema Ôxe, Mr Fabio, Marcilio Back e dançarinos de Break Dance. Foi um dos primeiros grupos de RAP de Maracanaú a fazer apresentações nos eventos culturais da prefeitura de Maracanaú. Fazendo sua primeira apresentação no evento Ação Global no SESI/Pajuçara. Esse dia ficou marcante na vida dos artistas. A partir daquele dia, o grupo de RAP Hereditários MCs passou a ser chamado a fazer show nos eventos culturais da prefeitura nos bairros do município. Os Hereditários MCs tiveram todo apoio dado pela a secretaria de cultura para realizarem eventos de hip-hop em Maracanaú.

> > > ANOS 2000

2000 – grupo Elementos Suspeitos começa organizar programações de hip-hop

- organização de bailes/festas (Lado Sul Convida) de hip-hop, programas de rádio e campeonatos de dança de rua (breaking), em Pacatuba e Maracanaú desde o ano 2000 até os dias atuais.

2001 – Hip-Hop Dont Stop – Batalha de Break Dance

- Evento realizado na Escola Gustavo Barroso, com intervenções de grupos de RAP nos intervalos das batalhas dos grupos de Break Dance. Organizado pelo B.Boy Paulista, rapper Dilema Ôxe e DJ Demmi.

2003 – Fundação do Grupo Garajal

- diálogo estratégico
- apoio fora da cidade
- em 2010 torna-se Ponto de Cultura do CE
- agente formador

2004 – Giro Real Crew

- Foi uma crew (grupo de breaking dance) idealizada em 2004 pelo bboy Splinter, que reuniu bboys novos e veteranos, com o intuito de representar o Maracanaú e Pacatuba em eventos no estado do Ceará e fortalecer as competições de break dance no Lado Sul;
- Membros de Maracanaú e Pacatuba, com destaque para algumas pessoas envolvidas diretamente: Silvestre, Diel, Evandro, Pardal, Gerlim, Kid Monkey, Elaine, Splinter
- A partir de 2008, depois de realizar o primeiro evento de breaking dance no teatro Dorian Sampaio, a crew começou a se expressar de várias formas, além da competição.

2005 – PSOL Maracanaú

- prof Ernesto secretário do PSOL municipal
- mais união entre grupos progressistas de cultura e demais grupos de lutas no município
- ampliam-se os debates com demais movimentos sociais de Maracanaú

2006 – Programa de Rádio "Sintonia do Rap"

- Os rappers Dilema Ôxe, Dino C e os DJs Sinistro e Demmi colocaram na grade de programação da rádio FM Maracanaú o programa "Sintonia do RAP", com o objetivo de divulgar os grupos de RAP, promover os MCs e rappers cearenses, além de divulgar os eventos de hip-hop, como o "Hip-Hop a Mil Graus" e o "Lado Sul Convida", dentre outros eventos. O programa de rádio, também serviu de escola para a nova geração do RAP que se aproximava da equipe do "Sintonia do RAP" e aprendia a operar os equipamentos da rádio, até substituindo a falta de membros da equipe.

>>> ANOS 2010

2010 – Projeto do grupo Elementos Suspeitos em parceria com Banco Paju recebe prêmio do Ministério da Cultura

"Projeto Hip Hop – Empreender com Art's Break" recebe o Prêmio Cultura Hip Hop – Edição Preto Ghóez (categoria "Correria").

2010 – Movimento hip-hop de Maracanaú – LADO SUL

- O movimento hip-hop de Maracanaú, denominado Hip-Hop Lado Sul. Formado por grupos de RAP, B.Byos, DJs e grafiteiros. Com parceria com o banco comunitário Paju (Pajuçara), foi ganhador do prêmio Cultura Hip Hop – Edição Preto Ghoez, na categoria correria.
- Organizadores e executores do projeto: Elementos Suspeitos, Dilema Ôxe, DJ Demmi e Banco Paju.

2010 – Grupo Garajal é reconhecido como Ponto de Cultura pelo Governo do Ceará (SECULT/CE) e pelo Governo Federal (MinC)

- o que favorece a criação de várias iniciativas pelo grupo, como o "Garajal de Portão Aberto", Vem pro Mei da Rua", "Palco Aberto", dentre outras ações culturais de fomento e difusão das produções do grupo, sempre em contato direto com o público de Maracanaú e outros municípios da região.

2012 – Pastoral N. S. de Fátima e Fundação da Associação Cultural Rita Costa

- Reconhecimento pela Organização Internacional de Folclore e Artes Populares do Brasil, em parceria com a UNESCO para Educação, Ciência e Cultura, como contribuição para o Patrimônio Cultural Intangível.

2012 – fundação do Grupo Confiança Brasil Capoeira

- atualmente (2023) o grupo conta com cerca de 300 integrantes em Maracanaú, dentre alunos, monitores, instrutores, professores, contramestres e mestres de capoeira, e em diversos bairros do município como Novo Oriente, Novo Maracanaú, Timbó, Jereissati 1 e 2, Alto Alegre, Vila Buriti e Pitaguary.

2013 – Ateliê Nilton Costa

- Iniciativa de três pintores que concluíram um curso de Artes Plásticas e queriam mostrar seus trabalhos artísticos e pegar serviços. Eram eles: Nilton Costa, Gilberto Santana e De Assis;
- Realização de mostras coletivas envolvendo diversos pintores da cidade no antigo Shopping Maracanaú.

2015 – Criação da Academia Maracanaense de Letras

- iniciativa de 2001, com o nome sugerido inicialmente de Academia de Ciências e Letras de Maracanaú, mas que só se efetivou mesmo em 2015;
- 22 Acadêmica(o)s Fundadore(a)s nas 40 cadeiras existentes, sendo o seu primeiro presidente o professor José Geovane Gomes;
- Em 2018 a AML lança simultaneamente 3 antologias: "Liberdade do Pensar em Prosa e Verso, com a participação integral do colegiado; "Florescer Da Cultura", com a participação de 40 jovens escritor(a)s de escolas do município, como parte do projeto "Academia Maracanaense de Letras do Amanhã", que lhe valeu um elogio internacional da Cultive Genève Suisse; e "Academia por Elas", elaborada e produzida pela Ala Feminina da Arcádia;
- Ao longo dos anos, a AML vem sendo agraciada com placas de reconhecimento pela Assembleia Legislativa do Estado do Ceará, Câmara Municipal de Maracanaú, TV Maracanã e Secretaria Municipal de Cultura e Desporto;
- A Ala Feminina recebeu placa e diplomas da Câmara Municipal de Fortaleza
- Após o período da pandemia, a AML vem retomando paulatinamente suas atividades, para recuperar o tempo perdido e com ele partiram cinco do(a)s acadêmico(a)s para sempre: José Geovane Gomes, Luiz Eduardo Serra Azul Filho, Elma Morais, Gerson Benedicto Rhein e Maria de Jesus Rocha Moreira.

2015 – QG do Pensamento

- JR Metal, Dona Marilene, Sertão RAP, Danniel Jogueiro, OCDQ, Ankh, Cassino 12, PH Dasul
- Reconhecimento Local: Escola de Hip-Hop independente
- Falta de apoio institucional
- Afeto dos parceiros, sentido de comunidade a partir do hip-hop

2016 – Blog do Melo

- plataforma de comunicação alternativa à mídia corporativa, desenvolvida pelo jornalista Ricarlos Melo;
- o foco do trabalho está em investigações e denúncias, especialmente sobre a experiência de gestão pública em Maracanaú;
- as primeiras denúncias datam de 2005.

2016 – Grupo Desequilibradoz

- Fundado em 2016 por amigos apaixonados por circo, teatro e arte de rua, tem como missão promover a cultura através das práticas artísticas;
- O grupo realiza estudos e pesquisas para apoiar o desenvolvimento da cultura popular nordestina, do circo, teatro e do teatro de rua, destacando o papel das artes na sociedade como ferramenta de disseminação de conhecimento e fortalecimento cultural;
- Integrantes: Aldebaran Faustino, Dielan Viana e Rafael Melo.

2017 – Bota o Teu

- Jordana, Abü, Felipe, Sabrina, Amy, Ankh, Duda, Jeff, Dudu, Junior, Tina, Caleb Clarindo, Wesley.
- Garajal como inspiração (mentor)
- Ocupações da Praça do Restaurante Popular, lugar historicamente abandonado, esquecido.
- Ações voltadas para pessoas em situação de rua

2018 – Coletivo Mistura

- Caleb Clarindo, Naiara Marcelly, Fernando Cunha, Gaby Raulino, Junior Sales, Bruno Maciel, dentre outros (nomes de integrantes do coletivo)
- atividades culturais e assistenciais (distribuição de alimentos) em praças e eventos públicos
- promoção da cultura e das artes de Maracanaú
- realização de atividades como os Saraus Mistura, o Café Acústico e o Café com Poesia, na Praça da Estação (entre 2018 e 2019), e o Mistura em Casa (lives durante a pandemia, em 2020)
- Em agosto de 2018, realizaram o Aquarela Festival, em parceria com a prefeitura de Maracanaú, no Teatro Dorian Sampaio

2018 – Avoantes (coletivo de Artes Visuais)

- Coletivo que, entre 2018 e 2020, se movimenta em Maracanaú com produção, formação e pesquisa em artes visuais;
- Integrantes: Arnaldo, Léo Silva, Jordana, Ankh, Amy, Dudu, Jeff, Jeremias... Outros parceiros: Micael, Tati Valente, Germana Cavalcante, Vinicius...
- Intervenções urbanas individuais e coletivas, exposições em diferentes espaços de cultura independentes (Garajal, Apê Cultural, Associação de Moradores do Novo Maracanaú, Espaço Maravida - atual nova sede do Conselho Tutelar)
- Sessão de cineclubes

2018 – Fundação do Instituto Antônio Justa

- Principal objetivo, a luta pelo acesso a direitos básicos como moradia, saúde, cultura, assistência social e educação, tendo como público principal moradores do bairro Antônio Justa.
- Projetos realizados: Cineclubes "Cine Colônia", "Café com Lutas", "Visita Guiada", "Bingo Cultural Solidário" (realizado atualmente na "Feiras de Mulheres") e "Coletivo de Crianças" (atualmente renomeado como "Sexta das Artes").

2019 – Criação do Apê Cultural

- espaço no Jereissati I (centro da cidade) como sede de um coletivo de grupos culturais de Maracanaú;
- o espaço do Apê Cultural se ergueu em 2019, ampliando o cenário cultural de Maracanaú. Inicialmente focado em formação, criação de espetáculos e produção;
- grupos participantes: Coletivo Paralelo e Cangaias Coletivo Teatral (fundação); Coletivo Paralelo e Grupo Desequilibradoz (atual).
- nomes das pessoas envolvidas diretamente: em sua fundação: Carlos Shinoda, Gabi Gomes, Neto Holanda, Carlos Coreano, João Lucas Vieira e Venicius Gomes; e atualmente: Neto Holanda, Carlos Coreano, João Lucas Vieira, Venicius Gomes, Dielan Viana, Rafael Melo e Aldebaran Faustino.
- Evento "Arruaça" realizado pelo Grupo Desequilibradoz com apoio do Apê Cultural. Essa iniciativa é realizada de forma independente na cidade de Maracanaú, com artistas convidados e para novas cenas, uma oportunidade para jovens que desejam explorar sua criatividade e descobrir novos talentos.
- Cursos do Apê – Teatro e Circo perto de Você: realizados pelo Coletivo Paralelo e pelo Grupo Desequilibradoz. São formações em artes cênicas com módulos de iniciação teatral, ritmos e musicalização para cena, teatro de rua, técnica circense e palhaçaria.

2019 – Fórum de Arte e Cultura de Maracanaú

- Neto Holanda, Arnaldo, Tati Valente, Ankh, Abü...
- Gestão Municipal que não reconhece os artistas
- Política de balcão marcando a forma da Secretaria de Cultura e Turismo trabalhar
- indignação geral de agentes culturais com relação à gestão municipal
- Implementação da Lei Aldir Blanc
- Agentes culturais passam a estudar leis e mecanismos institucionais da cultura
- Denúncias no Ministério Público do Município
- Mobilização do setor cultural e pressão popular junto à gestão
- Reconhecimento da diversidade dentro da cena cultural
- Criação de formas participativas de fazer política em Maracanaú, por exigência da Lei Aldir Blanc
- Agentes culturais trabalharam "de graça" pra prefeitura

>>> ANOS 2020

2021 – Cine Broca

- fruto da inspiração do Garajal, do Bota o Teu e do Cine Clown
- Ankh, Dizio, Wesley (e mais gente que somou: Abü, Léo Silva, Desequilibradoz, Talita, Lahanna, Lu Nunes, Rayane, Angélica, João Paulo, Oziel, Marquinhos, Tati Valente, Adam Valente, Miljades, Akira, Johnes Paz, Bito)
- Vontade de movimentar a cena audiovisual local
- Ideias de e sobre a linguagem do cinema
- Romper com academicismo e elitismo da linguagem

2021 – Maloka Ancestralidades Maracanaueses

- Virgínia Ramos, Zwanga Nyack, Ankh, Miguel Cairo, Dona Ana, Rede Maloka
- Necessidade de movimentos preocupados com a ancestralidade e as origens da cidade
- Atividades regulares de promoção do pensamento crítico e afirmação das negritudes, compreensão das questões ligadas à racialidade, políticas afirmativas, cultura e história afro-brasileira e africana

2021 – Frente Revolucionária Maracanaense (FRM)

- Idealizada por membros da Revolução Brasileira (corrente interna do PSOL, à época)
- Sua primeira reunião teve a presença de MD (foi em sua casa), com a presença de Allison Duarte, Paulo Victor Damasceno, Gladson Santos e Faber Rodrigues.
- A motivação era política, tendo em vista a execução de uma crítica radical e de uma oposição sem barganhas ou concessões com os políticos locais. A medida que a página do Instagram ganhava seguidores, foi se agregando uma nova abordagem, no sentido de fortalecer uma revolução cultural e uma reapropriação da memória maracanaense, a partir de uma luta pela preservação de patrimônios materiais e imateriais da cidade;
- Em função dessa amplitude, surge uma tendência de produção de mídia revolucionária, a partir da webrádio e da publicação do almanaque “Escritos para uma história do Maracanaú” e antes de tudo
- A princípio a FRM se pretendia uma organização no anonimato, apenas vozes críticas e radicais. Mas a produção de mídia essa ideia foi transformada.

2021 – Biblioteca Comunitária Sonho Azul

- Idealizada pelo Instituto Antônio Justa e implementada com apoio de edital da Fiocruz, foi inaugurada em setembro de 2021 e sua manutenção se dá através de doações;
- A equipe da biblioteca é composta apenas por pessoas voluntárias;
- Atualmente (outubro/2023) possui cerca de 1.700 obras disponíveis para empréstimo, bem como acervo de quadrinhos e cordel para leitura local e promove atividades como mediação de leitura, contação de histórias, cine sonho azul (antigo cinebiblioteca), Sarau Sonho Azul e oficinas de artes. Cada projeto é direcionado para um público específico, para que as pessoas tenham um melhor aproveitamento das atividades;
- Destaca-se o projeto “Alfaletando” uma das ações mais potentes da biblioteca, pois trata-se de uma iniciativa de duas estudantes de pedagogia, direcionado para crianças de 6 a 11 anos, com o foco no desenvolvimento da alfabetização e letramento.
- Como qualquer biblioteca, se propõe a atender todo e qualquer público. De crianças a idosos, toda a comunidade que reside no bairro Antônio Justa, bem como as pessoas residentes da cidade de Maracanaú e quem mais desejar visitar. O acesso à biblioteca é livre!

2022 – Maracanaú Resgate e Historicidade

- Estudantes do Colégio Maria Carmem Vieira Moreira, turma do 1º ano de química
- Projeto com objetivo de compreender o processo de desenvolvimento socioeconômico e cultural de Maracanaú,
- foram separados grupos para cada temática (processo de emancipação e figuras históricas da cidade; desenvolvimento socioeconômico; comunidades originárias; levantamento geoambiental; infraestrutura e transportes)

2022 – MaraCanção – Festival de Música Independente

- O MaraCanção foi uma mostra de bandas autorais e independentes idealizado pelo músico, compositor e arte-educador Leanderson Nogueira e realizado com os membros das próprias bandas locais da cidade de Maracanaú e adjacências. O evento foi realizado em Setembro de 2022 na Associação dos Moradores (Rua Dez, 237 – Novo Maracanaú);
- O evento teve a participação coletiva das bandas em toda sua execução começando das 18h às 23h, contando com participação dos próprios membros das bandas na organização de equipamentos de som, locação de espaço, estrutura, mantimentos, segurança portaria, e todo o aparato técnico para a execução;
- Como evento colaborativo, sem fins lucrativos, houve uma boa circulação de um público da própria cidade e com pessoas de cidades vizinhas como Maranguape e Fortaleza;
- As bandas tocaram seu repertório todo autoral, o que trouxe uma novidade e dinâmica para a cultura musical da cidade, apresentando assim, uma proposta revitalizante e irreverente, já que um das marcas mais significativas da mostra é trazer ao público um repertório eclético, em que múltiplos estilos se encontram para dialogar com o que elas têm em comum, a Música. Tivemos do baião, ao hard rock e rock psicodélico numa única noite um encontro de culturas e diversidade.

2022 – Estação RAP

- Rival MC, Wilker Costa, Cristhyan Silva, Amanda Jéssica e Roni Flow
- batalha de MCs na Praça da Estação (frequência mensal)
- surge da necessidade de restaurar a cultura Hip Hop dentro do município de Maracanaú. Ter mais um fôlego pra batalhar pelos seus direitos de política pública e trazer arte e cultura aos cidadãos em situação de risco.
- atividades envolvidas na Estação RAP são: a produção de Batalha de MCs, a Batalha de Break, Poesia, Graffiti e pocket shows para oportunizar artistas locais.

2022 – Montagem do Espetáculo em Homenagem ao Povo Pitaguary

- Grupo de Dança Arte e Movimento realiza pesquisa sobre a cultura Pitaguary e, como resultado, monta o espetáculo “Salve a Natureza”, com participação de jovens Pitaguary. Espetáculo é apresentado no Teatro Municipal de Maracanaú.

2022 – Comitê de Cultura de Maracanaú

- Criado em assembleia oficial da Secretaria de Cultura e Turismo, dia 26/08/2022, no teatro Dorian Sampaio, como grupo de trabalho de representantes da sociedade civil que dialogariam com o poder público em colaboração para a implementação do Sistema Municipal de Cultura;
- Com o passar do tempo e a falta de diálogo com a gestão, o Comitê seguiu se encontrando, estudando e apresentando propostas para a cultura na cidade;
- Tornou-se tornou um coletivo informal, com uma formação fluida que se constitui a cada ocasião de acordo com a disposição e disponibilidade das pessoas em movimento, no entanto com uma coesão e um foco claro: posicionamento crítico e propositivo frente ao processo unilateral (sem diálogo efetivo) da gestão municipal de Maracanaú;
- Alguns dos nomes de pessoas envolvidas nas atividades do Comitê: Tati Valente, Virgínia Ramos, Ankh, Ivanilson Lima, rodrigo tembiú, Raquel Rocha, Paulo Victor Damasceno, Faber Rodrigues, Edna Martiniano, JR Metal, Roni Flow, MC Querubim, Allison Duarte, Anso Rodrigues, Madson Pitaguary, Jota Pinto, Igone P2K, Lê Anderson, dentre tantos outros;
- Sempre em atuação colaborativa e com diversos parceiros da cidade, o Comitê realizou:
- uma série de reuniões entre agentes culturais da cidade (todas com registro em ata e sistematização de relatos de participantes);
- provocação e mediação do processo colaborativo para elaboração do embrião do Plano Municipal de Cultura, com 33 ementas de programas para integrar a política municipal de cultura de Maracanaú para os próximos 10 anos;
- Semana Juventude Cultura Crítica Maracanaú;
- Ciclo de Debates Eleitorais para o processo eleitoral para reativação do Conselho de Cultura de Maracanaú;
- Publicação da Revista Rasura (edição 1, em maio/2023; e edição 2, em outubro de 2023);

2022 – Semana Juventude Cultura Crítica Maracanaú

- mostra cultural idealizada e realizada de forma autogestionada por artistas, produtor(a)s e educadora(e)s da cidade, entre 14 a 18/12/2022;
- programação artístico-cultural com mais de 80 artistas de Maracanaú, além de ações educativas envolvendo 16 educadores, em vários espaços da cidade). programação gratuita e aberta a todo o público.

2023 – Plenárias para a definição dos editais da Lei Paulo Gustavo

- encontros em abril, no Teatro Municipal Dorian Sampaio, para definir as diretrizes da implementação da Lei Paulo Gustavo em Maracanaú;
- dezenas de artistas e produtor(a)s participaram das definições de categorias dos editais, bem como da distribuição dos recursos que seriam investidos em cada categoria;
- mediado pelo Secretário de Cultura de Quixadá, Clebio Viriato, o encontro fez parte da agenda nacional de oitivas (momentos de definição coletiva) da Lei Paulo Gustavo em todo o país.

2023 – Conferência Sobre o Processo Histórico das Lutas pela Cultura em Maracanaú

- roda de conversa realizada em 27/05/2023, na sede do Grupo Garajal, que reuniu agentes culturais de várias gerações de Maracanaú, para compartilhar sobre o processo histórico das lutas da cultura na cidade, dos anos 1990 até o presente, apontando pra frente os horizontes que vamos compondo coletivamente;
- participaram da roda pelo menos 50 pessoas e dentre elas representantes de grupos, coletivos e movimentos que compuseram e compõem as lutas pela cultura em Maracanaú, como Academia Maracanaense de Letras, Associação Teatral Maracanaense, Sopoema, Conselho de Cultura de Maracanaú (primeira edição, 2010), QG do Pensamento, Grupo Garajal, Fórum de Arte e Cultura, Comitê de Cultura, dentre outros
- a roda de conversa foi transmitida ao vivo e ficou registrada no link: <https://tinyurl.com/2m6bctyr>

2023 – Lançamento da Coletânea de RAP do Coletivo Neblina Storm

- EP lançado em junho, com a participação dos artistas Asafe MC, MC Kavê, Marus Paz, Roni Flow, Miguel VRP, Hugo Chello, Rival MC, Taloy, Wilker Costa. Produção: Lucas Albuquerque, CRISSMATTOS. Direção: Gessy.

2023 – 20 anos do Grupo Garajal

- programações comemorativas em Fortaleza, no Cariri e em Maracanaú

2023 – Publicação da Revista Rasura

- Realizada sob princípios educacionais e através de um processo colaborativo, a Revista Rasura teve sua primeira edição lançada em maio/2023 e sua segunda edição, em outubro/2023;
- conteúdo da revista: assuntos ligados à educação emancipatória e fortalecimento do setor cultural em Maracanaú, além de divulgações de produções artísticas (poemas, ilustrações, crônicas) de agentes culturais da cidade. A partir da mobilização de trabalhadora(e)s da cultura, a revista traz o foco na rasura como metáfora para uma forma anti-hegemônica de se falar sobre a cultura em Maracanaú.
- as revistas foram impressas com apoio do Sindicato Unificado dos Profissionais em Educação no Município de Maracanaú (Suprema). O conteúdo das revistas pode também ser acessado de forma online, pelo link: issuu.com/comitedeculturademaracanau.

2023 – Ciclo de Debates Eleitorais para o Conselho de Cultura de Maracanaú

- durante o processo eleitoral para reativação do Conselho de Cultura de Maracanaú, foram realizadas 05 lives na intenção de colaborar na formação de opinião crítica do(a)s agentes culturais que vão votar dia 02/09 e escolher seus/suas representantes para o Conselho de Cultura de Maracanaú.
- as lives foram realizadas entre 21 a 25/08/2023, pelo YouTube (canal Tembiú);

- nas 05 lives foram envolvidos 13 candidata(o)s. Em cada debate havia um pequeno grupo de mediadores, que levantavam os questionamentos junto às/aos candidata(o)s. Ao todo, foram envolvidos 10 mediadore(a)s, de Maracanaú, Caucaia e Fortaleza. Além do público, que participava via chat do YouTube.

2023 – Reativação do Conselho de Cultura de Maracanaú

- eleições de agentes culturais da cidade para os 07 assentos representando a sociedade civil:
- Artes Cênicas: Tati Valente (titular), Danilo Fernandes (suplente)
- Música: Lê Anderson (titular), Netinho Mariano (suplente)
- Artes Visuais: Ankh (titular), Jefferson Gonçalves (suplente)
- Literatura: Edna Martiniano (titular), Ivan Sobreira (suplente)
- Artes Plásticas e de Forma: Virgínia Ramos (titular), Ricardo Fernandes (suplente)
- Produção e Gestão Cultural: Aline Cavalcante (titular), Neto Holanda (suplente)
- Patrimônio Histórico e Cultural Material e Imaterial: Paulo Sérgio Pitaguary (titular), Clésia Maria (suplente)

2023 – Conferência Municipal de Cultura

- orientação de uma agenda nacional, em função da 4ª Conferência Nacional de Cultura, disparada pelo Ministério da Cultura, a Conferência Municipal de Cultura aconteceu em Maracanaú no dia 17/10/2023, mobilizando agentes culturais no Teatro Municipal Dorian Sampaio;
- a partir dos 6 eixos determinados pelo MinC, foram criados 6 grupos de trabalho e cada grupo pensou coletivamente e encaminhou diretrizes para formulação de políticas públicas de cultura de Maracanaú, bem como indicativos para as gestões estadual e nacional de cultura; foram encaminhada(o)s delegada(o)s de Maracanaú para representar o município na Conferência Estadual de Cultura, que será realizada no final de novembro, no SESC Iparana;
- na semana anterior, dia 13/10, houve a Pré-Conferência de Cultura em Maracanaú, organizada pelos próprios agentes culturais da cidade, que se leram o documento-base da Conferência e se organizaram para o dia da Conferência.

2023 – Publicação do Almanaque “Escritos para uma História do Maracanaú”

- Trabalho de pesquisa e produção editorial da Frente Revolucionária Cearense (coordenação de Paulo Victor Damasceno);
- Principais objetivos da publicação: resgatar a história local e denunciar o descaso com a memória e a cultura maracanaense;
- lançamento do primeiro fascículo na Conferência Municipal de Cultura e distribuição gratuita

2023 – Aprovações de projetos de agentes culturais de Maracanaú em programações estruturantes ou mecanismos de fomento:

- Edital de Apoio ao Audiovisual Cearense – Difusão, Formação, Pesquisa: aprovados os projetos do Cine Broca, Cine Maria, Cine Jari e Cine Garajal (itinerante)
- Mostra SESC Cariri de Culturas: aprovado espetáculo “Mulambo”, do Grupo Garajal
- Temporada de Arte Cearense 2022 (execução 2023): Grupo Garajal
- Cultura Infância 2022 (execução 2023): Grupo Garajal
- Festival Nordeste de Teatro de Guaramiranga: aprovados os seguintes grupos: Coletivo Paralelo, Coletivo Bota o Teu
- Edital Mecenas do Ceará: Biblioteca Comunitária Sonho Azul (Instituto Antônio Juta), Semana Juventude Cultura Crítica Maracanaú (Coletivo Tembiú)
- Porto Iracema das Artes – Laboratório de Pesquisa em Artes Visuais: aprovado projeto “O Que Tem a Dizer uma Maracanã?”, de zwanga adjoa nyack
- Edital Ceará da Paixão – Judas do Garajal
- Credenciamento de Pareceristas – Secult Ceará: selecionado rodrigo tembiú
- Credenciamento de Pareceristas – Secult Paraíba: selecionado rodrigo tembiú
- Credenciamento de Pareceristas – Secult de Mairiporã (SP): selecionado rodrigo tembiú
- 11o Encontro Internacional de Artes Pão e Tinta – (Recife / PE): artista convidado: Jucá Jenipapeiro
- 5o. Festival Internacional de Graffiti Ruaz Crew (Teresina / PI): artista selecionado: Jucá Genipapeiro
- Festival Juazeiro em Cores (Juazeiro do Norte/CE): artista convidado: Jucá Jenipapeiro
- Temporada de Arte Cearense 2023: QG do pensamento Casa do hip-hop (resultado preliminar)
- Prêmio Pontos de Leitura 2023: Biblioteca Comunitária Sonho Azul (resultado preliminar)

2023 – II MaraCanção – Festival de Música Independente

- segunda edição do Festival MaraCanção, que é uma mostra de bandas autorais e independentes e foi idealizado e coordenado pelo músico, compositor e arte-educador Leanderson Nogueira, como apoio dos membros das próprias bandas locais da cidade de Maracanaú e adjacências. O evento foi realizado em Dezembro de 2023 na Associação dos Moradores (Rua Dez, 237 – Novo Maracanaú).

2023 – Pesquisa de Mestrado sobre as lutas da cultura em Maracanaú

- pesquisador rodrigo tembiú desenvolve uma pesquisa de mestrado em Educação Brasileira pelo Programa de Pós-Graduação da Universidade Federal do Ceará (PPGE-UFC) sobre as movimentações da cultura em Maracanaú especialmente em torno do Comitê de Cultura de Maracanaú, mas não só;

- processo histórico de reconhecer e difundir as diversidades e as potências de sujeitos da cultura;
- dezenas de depoimentos de artistas, produtores e professores de artes de Maracanaú (conhecimento colaborativo);
- processo colaborativo de escrita da dissertação tendo em vista a produção de conhecimento coletivo sobre a história da cultura, a partir de reflexões críticas em grupo;
- ao longo da pesquisa, muitas atividades culturais e de comunicação aconteceram na cena cultural, como laboratórios para a pesquisa em curso.



**comitê de cultura
de maracanaú**